

Águeda Bernadete Uhle

Comunhão Leiga:
O Rotary Club no Brasil

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

1991

Tese apresentada como exigência parcial para
obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na
área de concentração: Metodologia de Ensino
à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação
da Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação do Prof. Dr. Maurício Tragtenberg.

*Tragtenberg, Maurício,
1989 -*

D019103326

Comissão Julgadora:

10/14

Evaldo J. Pereira

Adelino Rodrigues

João

João

Aos meus pais

Alencar Bittencourt e

Ledovina Bittencourt

"in memoriam"

AGRADECIMENTOS

Ao professor Maurício Tragtenberg, orientador e amigo, à Maria Helena pela revisão do texto e aos funcionários do Rotary Club de São Paulo: Dn^ª Amélia, Nazaré, Dalva, Sonia e Sr. Duarte pela colaboração na coleta de documentos, ao Fundo de Apoio à Pesquisa - F.A.P. pelo apoio ao projeto, à Márcia e Viviane pela colaboração na fase final de datilografia.

Agradecimentos também aos colegas da Faculdade de Educação e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alimentação que com críticas e sugestões participaram deste trabalho.

Um agradecimento especial à minha família, especialmente ao Vitor, Ana Rita e Eduardo, meus filhos, pelo carinho e confiança sempre presentes ao longo desta trajetória.

ÍNDICE

- Introdução 01
- O Rotary Club visto pelos seus adeptos, por estadistas brasileiros e por alguns opositores 06

Iª PARTE

ROTARY CLUB UMA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL

- Um grupo de amigos reunidos pela estima social: A fundação do Rotary 28
- Rotary Pensamento Organização e Ação 47
 - . Verdades Forjadas: O pensamento rotário 52
 - . Rotary Club: uma organização secular 79
 - . Filantropia ou grupo de pressão de vocação ideológica..109

IIª PARTE

O ROTARY CLUB NO BRASIL:

O CASO DO ROTARY CLUB DE SÃO PAULO

- O Rotary Club de São Paulo 123
- Educação no Rotary: A formação de opinião 126
 - . Disciplina e controle da infância
 - A educação para a ordem 130
 - . Para cidadãos diferenciados, uma educação desigual ... 150
 - . Responsabilidade moral e interesse econômico 164
 - . A formação da elite e a segurança nacional 175

- Assistência e Filantropia: Um compromisso com a assepsia social	181
- Relações de Trabalho: A ordem pela harmonia	197
- Rotary Club, Estado e Governo	242
- Conclusão	297
- Bibliografia	306
- Anexos I	314
- Anexo II	318
- Anexo III	329

RESUMO

Iniciamos este trabalho apresentando uma série de opiniões sobre o Rotary e sua importância para a sociedade. São fragmentos de discursos ou de textos em sua maioria produzidos para ser apresentados aos próprios rotarianos. Com exceção dos textos de intelectuais os demais apresentam a opinião de interlocutores privilegiados do Rotary Club e expressam opinião, mais ou menos, generalizada sobre a organização.

A seguir dividimos o trabalho em duas partes: a primeira, com o objetivo de desvendar a organização, a partir de suas normas e regulamentos, expressão de uma instituição de caráter internacional; a segunda, com o objetivo de identificar o clube em atuação no Brasil tomando como base o Rotary Club de São Paulo.

1. Um grupo de Amigos reunidos pela estima social: A fundação do Rotary.

Analisa o surgimento do Rotary nos Estados Unidos (Chicago), as idéias do fundador do Club, Paul Harris, e as primeiras transformações diante da expansão do movimento rotário, principalmente no âmbito internacional; vai das idéias de Paul Harris, um profissional liberal, protestante, interessado em se proteger diante da concorrência e selvageria do mundo dos negócios de Chicago, no começo do século, à proposta do Club de difundir a ética e a moral para o bem do progresso capitalista do mundo. A similaridade do clube com as igrejas e seitas e as relações com o aparato do Estado estão presentes nas primeiras constatações.

2. Rotary Club: Pensamento, Organização e Ação.

Verdades Forjadas: o pensamento Rotário.

Uma organização internacional, cujo propósito é uma ação coordenada a partir de princípios únicos, faz com que o clube mantenha uma orientação segura quanto a "Fé" a ser professada pelos seus associados. Neste segundo capítulo analisamos as linhas principais do pensamento rotário, expressas em seus documentos e manuais. O Rotary International estabelece como fim a ser alcançado pela humanidade, a paz entre os homens e as nações. Para alcançar tal estado, fixa os "caminhos" a serem seguidos. Como pré-suposto da proposição geral aparece, no próprio fundamento das idéias de paz entre as nações e os homens, a afirmação do nacionalismo e do individualismo, em última instância. Os "caminhos da paz" estabelecem como instrumentos indispensáveis nesta luta, o patriotismo, a conciliação, a liberdade, o progresso, a justiça, o sacrifício e a lealdade.

Valores liberais e cristãos aliados a práticas de negociação política, como a lealdade e conciliação, compõe o quadro básico de orientação para o comportamento rotário.

Quanto à forma de praticar os ideais, elege-se a prestação de serviços ao nível local, nacional e internacional. Todavia, tais serviços devem ser expressos especialmente na propaganda e na divulgação do que é melhor para o homem e para a sociedade. Mais do que fazer, o Rotary deve fazer com que as coisas sejam feitas, deve ser inspirador e modelo, não necessariamente executor.

Rotary Club: Uma Organização Secular

Trata-se de um estudo da estrutura organizacional e da distribuição do poder, procurando apreender a dinâmica de funcionamento do clube, além da abrangência de suas ações. Esta parte da análise, centrada no estudo dos estatutos e regimentos internos, desvenda os processos de expansão de associados e de clubes, os métodos de escolha de representantes e dirigentes, além das normas básicas de funcionamento.

Chamam a atenção algumas características, tais como, o culto à hierarquia e o controle exercido pela organização sobre os

associados, especialmente expresso pela forma de seleção dos novos membros e pela tutela exercida pelos padrinhos dos novos associados fazendo uso do conhecido sistema de compadrio. A organização procura exercer também uma forma explícita de controle sobre o território onde se instala. O mapeamento do território e a organização dos clubes em forma de rede garantem o alcance maior do clube quanto aos indivíduos visados. O sistema de classificação profissional usado na composição das Unidades rotárias, mais o rigoroso controle de frequência às reuniões, marcam a fisionomia do clube.

Filantropia ou Grupo de Pressão de Vocação Ideológica

Tendo analisado a história, o pensamento e a organização do clube fazemos uma reflexão sobre suas características básicas para, a partir daí, propor algumas hipóteses a serem comprovadas na segunda parte do trabalho.

Das propostas oficiais retiramos as duas formas de ação mais significativas para nossa reflexão, a ação filantrópica e o exercício da pressão política, via divulgação de uma ideologia, ou mesmo, via expressão política direta sobre os poderes públicos.

Levantamos três hipóteses: - Que o Rotary Club é uma organização Internacional que visa contribuir para a reprodução das condições de expansão do capitalismo; - que o Club serve diretamente aos interesses do segmento social que o compõe; - que o Club se serve da mistificação (prestação de serviços) para encobrir seus reais objetivos.

Na segunda parte fomos buscar no Rotary Club de São Paulo, os elementos necessários à análise da ação do Rotary no Brasil. Priorizamos quatro áreas de atuação do clube, que se configuraram nos quatro capítulos da segunda parte:

a) Educação no Rotary: A Formação de Opinião

Para entender o trabalho da organização na área da educação é preciso saber que a divulgação das idéias do clube é uma questão fundamental para a organização, fazendo com que o clube atue na educação em diversos níveis. Desde os pri-

meiros anos, já na década de 20, o Rotary faz propostas aos poderes públicos, de programas conjuntos de educação. Curiosamente, não são educadores-rotarianos que defendem as propostas educacionais, mais sim, os médicos ou os empresários. Os médicos foram os entusiastas da educação do corpo para o aperfeiçoamento moral, que mobilizou o Rotary de São Paulo pela criação de Parques Infantis, nas décadas de 1920 e 1930, criados e mantidos pelo poder público. São ainda os médicos e alguns professores do ensino superior que lideram a campanha pela fundação da Universidade de São Paulo, no mesmo período. Mais adiante porém os rotarianos passam a criar e manter organizações educacionais próprias. São escolas para crianças pobres como também um colégio para os jovens de seu próprio grupo social. Enquanto se dedicam às suas próprias instituições educacionais não perdem de vista, porém, as demais instituições públicas ou privadas. É assim que promovem campanhas pelo aprofundamento da educação cívica ou procuram tutelar, propondo censura aos órgãos de comunicação de massa, como jornais e rádios, com vistas a garantir programações "moralmente corretas".

A educação do futuro trabalhador é o alvo que se define na década de 1940 e acaba por se concretizar numa escola para menores trabalhadores, o "Círculo do Menor Patrulheiro". Tais organizações paralelas somam-se ao próprio clube que se pretende uma escola livre. O rigoroso programa de palestras nas reuniões semanais do clube, objetiva formar a opinião dos rotarianos, encarregados de divulgar o pensamento próprio da organização. Nos anos 60 o Rotary International investe maciçamente na educação através de programas de bolsas de estudos e de intercâmbio de profissionais entre países amigos. Estes programas que já vinham sendo desenvolvidos, ganharam importância maior depois dos movimentos estudantis que marcaram o ano de 1968.

Completando as propostas educacionais do Rotary, ganha espaço a doutrina de Segurança Nacional, assumida e divulgada, em colaboração com os setores militares nas Escolas Superior de Guerra e Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra além dos eventos tradicionais do clube.

b) Assistência e Filantropia: Um compromisso com a Assepsia Social.

A filantropia acompanha a prática rotária em todo o tempo, confunde-se com as propostas de educação mas, acima de tudo, dirige-se às crianças, velhos e doentes. O ideal do clube é "normalizar" a sociedade de forma a garantir o avanço da produção. Neste sentido os setores não produtivos, do ponto de vista empresarial, devem ser confinados ou preparados para o ingresso na sociedade produtiva.

Dois fatores movem os rotarianos para o exercício da filantropia; o medo da estatização dos serviços de assistência social e a necessidade de legitimação da própria exploração capitalista.

c) Relações de Trabalho: A Ordem pela Harmonia.

As relações entre patrões e empregados aparecem como um tema obrigatório nas palestras e conversas dos clubes rotários. O próprio Rotary International sugere a formação de Comissões que se encarreguem de tratar do assunto.

Uma vez que a organização assume como o ideal a ser conquistado pela luta dos rotarianos, a harmonia em todas as relações sociais, não pode desconhecer e deve justificar o conflito entre patrões e empregados.

A atuação do R.C. de São Paulo no campo das relações de trabalho se deu nas três formas características da atuação rotária. Primeiro pensavam, os rotarianos, resolver as lutas entre patrões e empregados pela assistência aos trabalhadores. Programas de alimentação popular, restaurantes para trabalhadores, colônias de férias, férias obrigatórias, vilas operárias foram as principais iniciativas defendidas pelos rotarianos das décadas de 30/40. Paralelamente a estas propostas assistenciais, mantiveram sob sua mira a legislação trabalhista e atuaram junto aos seus representantes no parlamento, garantindo uma ordem legal de interesse das empresas. Não foi descuidado também o aspecto educacional tanto dos empresários como dos trabalhadores. As idéias centrais a serem divulgadas nestes programas de educação fixam-se no valor do trabalho e no progresso como um símbolo da felicidade de uma nação. Para se

alcançar o progresso apenas um caminho possível, as relações de amizade entre patrões e empregados, garantindo assim o sucesso da empresa e a realização dos objetivos comuns dos dois segmentos. A paz e a ordem compõem o cenário ideal para a consecução de tais objetivos. Todavia, não se trata de qualquer ordem mas sim da ordem capitalista, da livre iniciativa e da garantia da propriedade privada. Nos anos 50, os programas de educação de trabalhadores e patrões incorporam um elemento novo, o anti-comunismo. O medo da estatização da economia leva os empresários rotarianos a uma pregação ostensiva contra o comunismo e contra todos os países cuja economia vive sob o domínio do Estado.

d) Rotary Club, Estado e Governo.

As relações do Rotary com o Estado foram sempre de colaboração, em todos os níveis, do poder público local ao poder central. Através de diferentes mecanismos, esteve sempre, o Rotary, agindo em conformidade com o Estado, seguindo as recomendações do Rotary International, que orienta seus clubes à participação nas esferas do poder público para conseguir "benefício" para a comunidade. Esteve sempre pronto a aplaudir as iniciativas dos governos, porquanto seduzia os políticos, militares ou burocratas às suas causas.

A prática da homenagem e do culto às personalidades colocou o Rotary em lugar privilegiado na ótica dos governantes.

Tudo ia muito bem até que um governo ousou assumir compromissos com segmentos sociais não aliados aos empresários rotarianos. Quando João Goulart propõe as chamadas reformas de base que implicavam na distribuição da terra, pela reforma agrária e, portanto impunha limites à propriedade privada, pretendendo reduzir o custo social do desenvolvimento e melhorar a distribuição da renda, pela primeira vez os rotarianos se voltam contra o governo, para reconquistar o Estado.

Todo o poder de fogo do clube é mobilizado para impedir a realização dos planos de governo. Demonstra-se em toda a sua plenitude a capacidade e o poder político dos capitães de indústria e seus aliados que durante dois anos lideram as articulações do golpe militar de março de 1964.

Da derrubada do presidente à composição dos governos milita-

res que se seguiram estiveram presentes os rotarianos. Preservando de forma competente o nome do clube, os rotarianos, fizeram de sua organização o palco dos principais acontecimentos que envolveram o golpe militar. Contou, o clube, com o aval do Rotary International representando os interesses Norte-Americanos na América Latina.

Em nome dos ideais liberais e democráticos ajudaram a implantar uma ditadura que prolongou-se por vinte anos. Todavia, não se contentaram em impor um regime de força à sociedade brasileira, cuidaram ainda de divulgar pelos quatro cantos do mundo as vantagens da revolução que, sob a ótica de seus discursos, estaria colocando o Brasil entre os países mais desenvolvidos e livres do planeta.

Assim, o Rotary que descobrimos com esse trabalho é uma organização forte, ativa e poderosa. Com ideais fixos e uniformes, destinados a unificar a posição de uma classe social no plano internacional, o Rotary atua como um grupo de pressão, inicialmente com vocação ideológica, mas, se transforma em grupo de pressão direta quando sente ameaçados os interesses de seus integrantes. Os valores expressos em suas cartas e documentos oficiais podem, a qualquer momento, ser negados sempre que o interesse maior e não explícito, a reprodução capitalista, corra qualquer perigo.

INTRODUÇÃO

Diante da possibilidade de estudar o Rotary Club como organização e sua atuação no Brasil, uma multiplicidade de caminhos apareceram em nosso horizonte. Sabíamos de ante-mão que se tratava de um clube que reúne homens de negócios e profissionais liberais, que atua em quase todos os países capitalistas do mundo, e que é um clube de origem norte americana.

Havíamos convivido com o clube numa pequena cidade de Santa Catarina, durante muitos anos, e, dele havia ficado a imagem de um clube de homens ricos que promoviam jantares e homenageavam pessoas, reuniam jovens e mulheres privilegiados para ajudar aos pobres.

A primeira leitura sobre o assunto, o texto de Gramsci, Rotary Club, Maçonaria, Católicos (1), reafirmou nossa posição sobre a questão dos interesses de classe ou de grupos ou de nações que poderiam estar aí envolvidos. Definimos então, que o trabalho que ora apresentamos, seria um estudo cujo objetivo era compreender esta instituição para além de suas aparências. Como não havia nenhuma outra pesquisa, além da de Gramsci, nossa opção foi por explorar os documentos internos da organização. No Rotary Club de São Paulo encontramos à nossa disposição os documentos que registram a vida do clube desde 1924 até nossos dias.

(1) Gramsci, Antonio, Maquiavel, A Política e o Estado Moderno, 5ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1984, p.415 a 422

Os rotarianos de São Paulo, como também os funcionários do clube, se dispuseram a nos fornecer toda sorte de informações. Nossa pergunta inicial era simplesmente: Que interesses mantém um clube funcionando e se expandindo durante quase um século?

Dos primeiros estudos em atas de reuniões, boletins semanais e revistas surge a segunda pergunta: Por que a expansão só se dá nos países capitalistas e por que o clube se retirou de países que se tornaram comunistas como: Iugoslavia, Bulgária e Cuba?

Daí já a primeira hipótese, trata-se de uma instituição comprometida com os interesses do capitalismo. Com base nesta observação um amplo leque de possibilidades de estudos se abria à nossa frente. Poderíamos estudar o Rotary e as bases do pensamento liberal ou explorar as raízes do pensamento difundido pelo Rotary Club, suas ligações com o positivismo, com o pragmatismo, o utilitarismo e por aí a fora. Todavia, carregávamos uma preocupação, própria de nossa área de pesquisa, que se refere à forma de atuação das organizações. Queríamos saber como atua o Rotary Club, como defende seus interesses, como consegue seus resultados.

Seguimos, pois, no estudo da documentação com mais esta pergunta: Como atua o Rotary Club? perseguindo um caminho similar ao de Göran (2) que se perguntava "Como domina a classe dominante?" E não simplesmente quem compõe a classe dominante.

(2) Göran, Therborn, Como Domina La Classe Dominante?, 2ª edição, México, Siglo XXI, 1982.

O ponto seguinte foi a identificação das relações Rotary e Estado. Percebemos uma ligação muito estreita entre o Rotary e os poderes públicos, em todos os níveis. Fizemos então alguns estudos sobre associações voluntárias e grupos de pressão, priorizando as questões referentes aos interesses e formas de atuação. As ligações e semelhanças do Rotary com igrejas, religiões e seitas nos remeteram aos estudos sobre estes assuntos, especialmente a partir dos textos de Max Weber.

A medida que a pesquisa avançava fomos percebendo a importância da forma de organização para garantir uma atuação coordenada e uniforme, no âmbito internacional. Com o apoio dos escritos sobre burocracia de Weber, Tragtenberg e R. Bendix entre outros, procuramos compreender a estrutura organizacional do clube e a importância daquela na atuação do Rotary e dos rotarianos individualmente.

A partir desta etapa conseguimos delimitar as duas vertentes básicas que orientam este trabalho; primeiro analisar a organização internacional perseguindo seus propósitos, seu pensamento oficial, suas normas e regulamentos, sua organização e as formas de atuação propostas. A segunda se referia a atuação do Rotary Club no Brasil. Optamos então por realizar um estudo de caso sobre o Rotary Club de São Paulo. A escolha deste clube se deveu ao fato de ser este dos mais antigos e atuantes, pelo porte político e econômico de seus associados, pela importância de seu território, gerando uma forte influência da agremiação paulistana sobre as demais no país. Pensamos em definir um período histórico para tal estudo, o que fizemos fixando-o de 1924, data da fundação do Rotary Club de

São Paulo à 1945, data que marca o fim de um importante período da história brasileira. Imaginávamos que tal espaço de tempo seria suficiente para verificarmos as diferentes facetas da atuação rotária no Brasil. As lutas e transformações pelas quais passou a sociedade neste período eram de tal importância que, imaginávamos, o Rotary não teria vivido ao largo. No entanto a pesquisa nos mostrou uma outra realidade, o Rotary dos primeiros vinte anos no Brasil se preocupou mais com a sua própria estruturação e expansão do que com a sociedade na qual estava inserido. Percebemos que o período de maior intervenção do clube nas questões políticas só foi ocorrer nas décadas de 50 e 60. Decidimos então ampliar o período de estudos até meados da década de 70.

O passo seguinte foi a seleção dos temas que mereciam estudos mais aprofundados para responder às perguntas iniciais do presente trabalho. Usamos como critério, o grau de importância para o clube e para a sociedade em geral, de cada um dos temas. Como questões presentes em quase toda a história da organização estiveram: educação, saúde, família, relações de trabalho, industrialização, assistência e filantropia, Estado e formas de governo, relações internacionais, civismo e nacionalismo, entre outros. Destes, selecionamos quatro que nos pareceram os mais importantes, inclusive porque tiveram interferência mais forte do Rotary Club de São Paulo: educação, assistência e filantropia, relações de trabalho, Estado e formas de governo.

Deixamos, por exemplo, de analisar as propostas e interferências do Rotary quanto à política de industria-

lização no Brasil, não porque estas apresentassem um grau de importância menor que os outros temas selecionados mas, sim porque não encontramos com clareza tais propostas ou intervenções. Existe uma certa oscilação nas manifestações do clube quanto ao assunto. Ora são defensores de uma política de industrialização nacionalista, ora defendem a entrada de capital estrangeiro, solicitam a proteção do Estado para a indústria nacional, exigem subvenção para a produção e liberdade na fixação dos preços, assim como, pedem controle policial da força-de-trabalho mas rejeitam a tutela do Estado nas questões salariais.

Portanto, concluimos este trabalho pensando que o Rotary Club, pela sua composição, pelas relações que mantém com outras instituições, pelo seu caráter local e internacional carece de mais estudos. O papel desempenhado pelo pensamento rotário no âmbito das empresas dos rotarianos é uma questão a merecer análise. Assim também o desempenho da "bancada" rotariana no Congresso Nacional ou nas Assembléias Legislativas estaduais em momentos específicos da história merecem ser estudados. O comportamento dos médicos rotarianos por ocasião das lutas na área de saúde pública, defendendo os privilégios de hospitais privados de caráter filantrópicos é outro dos muitos exemplos que poderiam ser aqui arrolados.

Priorizamos as questões relativas à educação, assistência e filantropia, relações de trabalho, e Estado e formas de governo, para compor um primeiro estudo sobre a instituição.

Estas áreas demonstram a ação integrada e coesa de um projeto de dominação que penetra o interior da sociedade.

O ROTARY CLUB VISTO PELOS SEUS ADEPTOS;
POR ESTADISTAS DO BRASIL, POR MEMBROS DA
IGREJA E POR ALGUNS OPOSITORES

Acreditamos ser interessante colocar o que se pensa sobre Rotary Club em alguns setores da sociedade, e para tanto levantamos as opiniões, de quatro grupos distintos: políticos, representantes da Igreja Católica, intelectuais, rotarianos e usamos discursos, textos ou referências já escritas. Os dois primeiros grupos foram selecionados por serem interlocutores privilegiados do Rotary, os intelectuais por fazerem já uma primeira análise da instituição e os membros do clube por apresentarem a versão oficial da mesma.

Quanto ao poder público selecionamos discursos de estadistas de diferentes períodos históricos. Tais discursos foram proferidos em datas comemorativas do Rotary e dirigem-se aos associados do clube, neles estamos privilegiando as referências ao Clube, seu caráter e sua importância. Um deles proferido pelo presidente Getúlio Vargas, no Rotary Club do Rio de Janeiro, em sete de setembro de 1934, foi publicado em outubro do mesmo ano e voltou à Revista Rotária em 1944 (1) como matéria de divulgação da nação brasileira.

O texto do Presidente pode ser dividido em três partes: a primeira faz observações sobre o Rotary; a segunda é uma exaltação ao Brasil e a terceira uma mensagem aos rotarianos.

(1) -"Discurso do Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República" , Brasil Rotário, nº 72, R.J. Out/34, pag.30/31.

-"Brasil, Un Messaje de Fé en el Futuro del Brasil" De. S.E. el Dr. Getúlio Vargas Rev. Rotária, nº 4, Tomo XXII, Abril, 1944.

Sobre o Rotary, o presidente destaca a sua "cruzada pela paz entre as nações e os homens de todo o mundo", o aspecto nacionalista da organização, que valoriza as tradições e a história de cada povo. Ressalta ainda o patriotismo dos rotarianos que segundo ele "avigora-se no contacto com a classe de todos os países do mundo". (2)

Sobre o Brasil, o presidente pinta um quadro com cores vivas e brilhantes onde destaca o progresso e o desenvolvimento econômico, a grandeza do território, a natureza pacífica de seu povo e a ausência de preconceitos.

Conclui sua fala solicitando aos rotarianos que divulguem o Brasil entre seus companheiros de outros países, que façam de sua palavra uma profissão de fé no Brasil, demonstrem aos estrangeiros serem aqui todos bem-vindos e que "os capitais estrangeiros terão seguras garantias, largas e compensadoras remunerações". (3)

O presidente Vargas não limita sua demonstração de confiança no clube apenas à palavra. Em 1938 quando, logo após o fracasso da "Intentona Comunista" proibiu todas as organizações internacionais no Brasil, preservou o Rotary Club que para isso operou pequenas modificações em seus Estatutos adequando-se ao decreto presidencial sem mudar a sua natureza.

(2) Idem, pág. 30.

(3) Idem, pág. 31.

Para preservar o R.C. o governo Vargas apoia uma mudança no regimento dos clubes, tornando o movimento rotario, no Brasil, ligado ao internacional pela via de cooperação, não mais como clubes filiados a Rotary International.

As palavras elogiosas do presidente ao Rotary e ao Brasil se fazem acompanhar de uma mensagem explícita a ser passada pelos rotarianos aos capitalistas de outros países. Interessava ao governo da época a expansão industrial e para tanto a entrada de capital estrangeiro, apesar do conhecido nacionalismo do presidente. O Rotary Club, para Getúlio Vargas, constituía-se em importante canal de comunicação com setores ligados ao capital internacional. O presidente fez dele seu porta-voz.

Por outro lado, pacifismo, nacionalismo e patriotismo se configuravam como importantes fundamentos ao modelo de desenvolvimento buscado pelo governo Vargas.

Na década de 50 um outro presidente do Brasil visita o Rotary Club, por duas vezes, no Rio de Janeiro, quando ainda era o governador de Minas Gerais e em São Paulo no final de seu governo como presidente. O Dr. Juscelino Kubitschek, no R.C. do Rio de Janeiro em 1954, fala sobre a importância da Organização das Nações Unidas e exalta a busca do entendimento entre os homens. Sobre o Rotary Club, enaltece a bela atitude humana expressada pelo ideal de servir (lema do Rotary). Afirma que o clube vem contribuindo potentemente para a aproximação entre os homens. Vê o Rotary como "um dos mais belos cortes da nação, pelo alto teor mental e moral dos brasileiros que o compõem. É uma instituição notável esta, porque composta de cidadãos esclareci

dos". (4)

Em seu discurso, em 1960, (5) o então presidente faz um balanço de seu governo, apresenta e justifica suas principais obras num gesto de prestação de contas e pedido de compreensão pelas opções de seu governo. Exalta a indústria, a criação e especialmente a ambição dos homens que no seu entender é fonte de progresso.

Quanto ao Rotary Club, que nesta ocasião está inaugurando o Colégio Rio Branco, o presidente expressa seu agrado pela colaboração entre a iniciativa privada e o poder público. Conclama os capitães da Indústria a ajudarem a suportar o peso do desenvolvimento nacional.

As palavras de J.K. dão a impressão de que, estão frente a frente, duas forças que se respeitam e que são interdependentes. O presidente presta contas de seu governo e por outro lado reconhece o poder dos capitães da indústria, chega a citar nominalmente o Sr. José Ermírio de Moraes como exemplo de construtor de nossas grandezas.

Sua mensagem final é para os jovens estudantes do Colégio Rio Branco para que sejam ambiciosos e conquistem o futuro. Não pede nada explicitamente aos rotarianos mas deixa no ar uma preocupação e um alerta: "Ou nos integramos nas angústias e problemas do mundo moderno, aceitamos

(4) - "Homens Novos Para Novos Dias", J. Kubitschek, Brasil Rotário, nº 300, Ano XXVI, fev. 1954, p.22

(5) - "Oração do Sr. Presidente da República", Vida Rotária, nº 126, Ano XII, Out. 1960, p. 6 a 9.

do as críticas, quando justas, às classes a que pertencemos, ou sacrificaremos no futuro, diante da onda revolucionárias, o que nos é realmente essencial - a nossa própria liberdade". (6)

J.K. que no final de governo foi alvo de críticas, especialmente pela ambição expressa nas suas metas de governo e pelo alto custo de suas obras faraônicas, pede expressamente aos rotarianos que entendam a necessidade de modernizar o país para colocá-lo ao nível dos países desenvolvidos.

Jânio Quadros, governador de São Paulo e futuro presidente do Brasil, participa no R.C. de São Paulo de uma cerimônia em 1958. Seu discurso não foge à regra, enaltece a entidade rotária pelos altos serviços prestados à São Paulo, ao Brasil e ao mundo. Jânio identifica os propósitos do R.C. com os do governo. Ambos se pautam pelo ideal de servir. Para ele o que distingue os rotarianos é seu aprimorado espírito público. São suas palavras: "Jamais cruzei com um rotariano que não se caracterizasse pelo seu aprimorado espírito público". (7)

Como Jânio, estiveram no R.C. o governador de São Paulo Laudo Natel (8) e o governador da então Guanabara, Chagas Freitas.

(6) - Idem à Pag.7

(7) - Discurso do Governador Jânio Quadros, Vida Rotária, Nº 94, Ano X, Fev.58, pag. 11 e 12.

(8) - Oração do governador do Estado Laudo Natel, Brasil Rotário, Abril 1974, Pag. 13/14.

Para o primeiro, o Rotary é uma instituição sol
idificada nos seus princípios, pois, colabora extraordina
riamente para o aprimoramento de nossa própria coletivida
de. Rotary dispensou o paternalismo e ofereceu continua
mente ao Estado a sua contribuição.

Chagas Freitas apresenta seu reconhecimento "pe
 los relevantes trabalhos de dedicação da entidade que du
 rante quase meio século, com justiça, tão nobres labores
 vem prestando à vida social e cultural da terra carioca".(9)

Nos discursos dos três governadores apenas pala
 vras de louvor aos serviços prestados pelos homens de negó
 cios à comunidade e ao Estado. A aproximação entre o Estado
 e Rotary Club é a marca destas declarações.

Na década de 80 o Rotary recebe novamente a figu
 ra da autoridade política máxima da nação às suas solenida
 des. Trata-se do presidente João Batista Figueiredo que pre
 side a abertura da Convenção Internacional realizada em São
 Paulo (10).

O discurso do presidente Figueiredo se distingue
 dos demais, em certo aspecto, embora também reconheça a im
 portância da organização e seus relevantes serviços. Fi
 gueiredo aproveita a Convenção que reúne líderes empres
 ariais de todo mundo para mandar seu recado aos países ricos. O
 presidente não exalta a riqueza do Brasil, como Getúlio Var

(9) - Discurso do governador Chagas Freitas, Brasil Rotário, agosto ,
 1971, pag. 5 e 6.

(10) - Mensagem do Presidente João Figueiredo, in Brasil Rotário, nº 709,
 Ano 57, junho 1981. Pag. 19.

gas, mas, ao contrário, apresenta o país como uma nação sufocada pela pressão da dívida externa.

"Como nação preocupada em melhorar a qualidade de vida do seu povo, o Brasil, em particular, só terá a lucrar com a suspensão do tratamento discriminatório que o mundo desenvolvido continua dispensando, sob tantos aspectos, aos países em luta pela conquista de um lugar ao sol.

Mais do que nunca, o ideal comunitário e a promoção do entendimento, da boa vontade e da paz nas relações entre os indivíduos e os povos, consubstanciados nos objetivos da entidade, é requisito essencial à solução dos graves problemas que entravam a caminhada do homem em direção ao anseio de confraternização universal, à margem das diferenças de raça, credo político, religião ou nacionalidade." (11).

Figueiredo, como Vargas, faz dos rotarianos seus porta-vozes. Cada um, oferecendo sua visão da realidade do país, em seu tempo, reconhece no Rotary Club uma organização com força para "representar" os anseios do governo brasileiro. Para os mandatários do Estado brasileiro, portanto, o Rotary Club se apresenta como uma organização sólida, digna de respeito e consideração, uma vez que tem como objetivo servir à sua comunidade. Acima de tudo é uma organização de homens responsáveis e poderosos, capazes de colaborar nos projetos do Estado.

(11) Idem, p. 9

Além dos representantes do Estado, outra poderosa instituição se manifesta sobre o clube - a igreja católica que ao longo da história do Rotary assumiu posições contra ditórias.

Na década de 20 a igreja espanhola manteve larga polêmica com o clube através dos artigos do Pe. Felipe Alonso Bârcena, S.I. publicados na revista Razón y Fé, entre outros católicos também preocupados com a natureza da asso ciação rotária. Os ecos da polêmica chegam ao Vaticano e este através de seus órgãos oficiais de imprensa: L'Osservatore Romano e La Civiltà Cattolica (12), expõe suas preocu pações.

Pe. Bârcena acaba escrevendo o livro "Los Rotârios", onde procura divulgar suas idéias sobre o clube. O livro é um alerta aos católicos contra o Rotary Club, visto pelo Pe. como uma organização secreta, de natureza análoga à Maçonaria, com o objetivo precípuo de americanização do mundo e divulgação do protestantismo. O que se extrai das palavras do Pe. Bârcena é especialmente a preocupação com a concorrência entre as igrejas, a igreja protestante, através do Rotary ameaçando a hegemonia católica. Todo o discurso demonstra a semelhança dos objetivos e fundamentos do R.C. com a igreja católica. A questão colocada pelo Pe. católico se refere a existência do clube e não aos seus princípios.

(12) - Conforme Pe. Bârcena, F.A. "Los Rotârios", 4ª edição, Editorial Razón y Fé, Madrid, 1929, Pag. 166.

Os rotarianos por seu turno respondem com o livro "Rotary, Rotarismo e Rotarianos", (13) no qual o autor rebate as diferentes críticas feitas pelo Pe. demonstrando o que deve ser o R.C.: aberto e transparente. Há também a partir daí um convite explícito não só aos católicos leigos mas às próprias autoridades da igreja para participarem efetivamente do R.C. Padres espanhóis, de outros países, também do Brasil, se manifestam à favor da instituição e a polêmica prossegue.

Na década de 50, mais precisamente em 1951 a Santa Sé publica, no "L'Osservatore Romano", um decreto proibindo a entrada e participação do clero católico em Rotary Club em todo o mundo. Novamente as discussões se multiplicam. Os rotarianos procuram as autoridades eclesiásticas e estas se manifestam esclarecendo e minimizando os efeitos do decreto do Vaticano.

Desta data em diante as discussões com a igreja católica são mais amenas. Todavia, os rotarianos se mostram incansáveis na sua luta para a conquista de setores resistentes da igreja católica.

O fim da década de 50 e começo da década de 60 são marcados, no Brasil, pela permanente presença de padres, bispos, cardeais da igreja no Rotary. Tanto se fazem presentes como sócios dos clubes como também convidados para fazer palestras sobre assuntos de sua competência.

(13) - Guell, José Ros y e James, Norman J. Cinnamond, "Rotary, Rotarismo e Rotarianos", Réplica ao Pe. Felipe Alonso Bârcena, Gráfica Paulista, S. Paulo, 1936.

As presenças mais constantes são de padres ligados a obras sociais: orfanatos, asilos, comunidades pobres. Vêm estes em busca de apoio financeiro às suas obras sociais sempre deficitárias.

A pregação, encetada pelo R.C., contra o comunismo, no fim da década de 50 e começo da década de 60 pode ter sido o elemento determinante na consolidação do entendimento entre as duas instituições.

Em 1965, por ocasião do Congresso Único dos Distritos da Itália, uma delegação de 1600 rotarianos visita o Papa Paulo VI e recebe deste palavras de apoio. O Papa menciona as incompreensões havidas entre a igreja e o clube: "Não podemos ignorar o desenvolvimento que os RCs adquiriram no mundo. É isto sinal de que a fórmula associativa era boa; amizade cultural; e bom o método: o periódico encontro convivial, coroado por um discurso rigorosamente informativo sobre alguma questão de atualidade. Bons, portanto, também os objetivos: infundir nas diversas profissões dos sócios uma exigência de sociedade e de honestidade, e favorecer o progresso da cultura e das relações amistosas entre os homens e entre as nações.

Tudo isso é belo e faze-vos honra. A vossa atividade contribui para a formação e para a coesão das classes divergentes da sociedade" (14)."

(14) - Osservatore Romano, "Sócios Italianos do Rotary Club", Boletim Servir, nº 1660, Ano XXXIV, de 30/04/1965, pag. 175/176.

A posição da igreja católica com relação ao Rotary Club se transformou com o passar do tempo. Se nos primeiros tempos foi hostil e combateu o sectarismo do clube, questionou a sua legitimidade e fez principalmente para se proteger. Temia o crescimento do protestantismo, pela origem americana do R.C., por outro lado, temia a semelhança do clube com a igreja, o que poderia constituir-se em ameaça contra ela.

Por seu turno, os rotarianos não aceitavam ser combatidos, uma vez que a crítica não condiz com seu ideal de paz e serviço. Nesta dinâmica a melhor política era a conquista dos setores resistentes da igreja e os rotarianos foram incansáveis nesta luta. O resultado foi a aceitação, e até a valorização do Rotary pela igreja católica.

Nas palavras dos representantes da igreja católica o Rotary aparece então como uma instituição humana e humanizadora que segue os princípios do cristianismo pois se apresenta contra os conflitos, as disputas e tem como objetivo o ideal de servir, interpretado como solidariedade entre os homens, É portanto a realização do mandamento da igreja : "Amai-vos uns aos outros".

O clube aos olhos de seus sócios aparece em traje de gala.

Aos olhos do fundador, Paul Harris (15), em seu livro de memórias, a instituição se apresenta imbuida do no

(15) - Harris, Paul P., O Fundador do Rotary Club, S. Paulo Rotary International, 1954.

bre objetivo de prestar serviços à comunidade. Ela, contudo, não surgiu para servir mas, como uma organização de auto-proteção a um grupo de profissionais liberais da cidade de Chicago.

No relato de Paul Harris, a cidade era repleta de negociantes sem ética e sem moral cujo objetivo único era o enriquecimento fácil e rápido.

O clube por ele fundado em 1905 teria como finalidade congregar profissionais liberais e homens de negócios que além de "amigos comerciais" seriam também "amigos sociais". Pensou, depois, que poderia ser vantajoso se cada sócio do clube fosse representante exclusivo do seu ramo de negócios, pois, ficaria facilitado o ideal de ajuda mútua e abolida a concorrência.

Segundo o autor, passado o primeiro ano de vida da agremiação junta-se ao ideal de ajuda mútua o ideal de servir à comunidade. Desde os primeiros dias do Rotary está presente a preocupação com a moralização dos negócios numa sociedade em processo de industrialização.

O fundador traz para dentro da organização princípios da moral própria de sua formação. A preservação da família, o respeito às leis e às autoridades constituídas, a disciplina, a austeridade, honestidade e probidade nos negócios. (16)

(16) - Paul Percy Harris, nascido em Racine, Estado de Wisconsin, 19 de abril de 1868, passou sua infância com os avós, frequentou a igreja em Wallingford, Vermont. Estudos nas Universidades de Vermont, Princeton e de Iowa. Formou-se em Direito, viajou durante 5 anos depois de sua formatura, foi repórter, vendedor e ator até se estabelecer como advogado em Chicago em 1896.

No Brasil, o Rotary de hoje é conceituado de di versas formas. J. Silvano Portes, elaborou uma Cartilha Ro tária, por ocasião dos 75 anos de fundação do Rotary Club (17).

Para o autor "Rotary Club é uma entidade para prestação de serviços à comunidade local e mundial sem fito de lucro.

Não é secreto, filantrópico, social, esportivo ou literário, porque sendo um Clube de Serviço, o seu programa e objetivo diferem totalmente do objetivo e programa das demais associações. (18)

Numa síntese afirmativa, o clube de serviço se apresenta, para S. Portes, como uma "agremiação de homens dispostos a servir a comunidade, onde vivem e trabalham, através de sua profissão e colaborações individuais ou coletivas, com iniciativas próprias ou auxiliando outras entidades, visando a melhoria do meio ambiente, do bem-estar social, não somente no campo restrito à localidade em que habitem, mas também de modo universal, considerando a família humana como um todo e cada ser humano como um irmão, todos merecedores de igual respeito e consideração, sem pre

(17) J.S. Portes, é rotariano de Brasília, D.F., já foi rotariano em Minas Gerais, fundador de vários clubes. Está no R.C. desde 1949. É personalidade respeitada nos meios rotários por seus conhecimentos de Rotary. Esta obra "Cartilha Rotária", foi traduzida para o espanhol e é usada na América Latina, e Portugal, além do Brasil.

(18) Portes, José Silvano, "Cartilha Rotária", 2ª edição, Rotary Internacional, Distrito 453, Brasília, Janeiro 1983, Pag.15:

conceitos de raça, cor, religião ou política." (19)

Poderíamos relacionar aqui uma centena de definições ou mesmo pareceres sobre a natureza e características do R.C. expressas pelos membros da associação, mas parece-nos que o autor acima sintetiza a maioria das definições.

De um outro ângulo pode ser o Rotary apresentado pelos rotarianos, agora não como clube de serviço mas como uma "filosofia de vida". Clóvis E. Chenand (20), inicia seu artigo afirmando ser "Rotary essencialmente uma filosofia normativa e prática, atuante e inspiradora de ética profissional". (21)

Para o autor, ao se expandir, o Rotary sentiu a necessidade de "estabelecer uma personalidade de "base", coletiva, um sentido de vida uniformemente ético para todos os seus componentes". (22)

Os pontos fundamentais da ética rotária se expressam na chamada prova quádrupla, que segundo os rotarianos é um meio de medir o que se pensa, diz ou faz, e consiste em quatro interrogações:

(19) Idem.

(20) Chenand, Clóvis E., "Rotary - Uma Filosofia ?", em Rotary Club de São Paulo 55 anos servindo - 1924/1979, edição única comemorativa do aniversário do R.C. de SP, São Paulo, fev. 1974, pag. 37.

(21) Idem.

(22) Idem.

- 1 - É verdade?
- 2 - É justo para todos os interessados ?
- 3 - Criará boa vontade e melhores amizades ?
- 4 - Será benéfico para todos os interessados ?

Desta forma, o Rotary aparece para todos os rotarianos como um movimento de prestação de serviços, uma associação de homens de boa-vontade, íntegros, dispostos a fazer amizade, e cuja função precípua é a moralização dos negócios e da sociedade em geral, pelo aprimoramento do indivíduo.

Além destes três grupos: representantes do Estado, Hierarquia da igreja católica e rotarianos, um quarto grupo tem algumas referências sobre o Rotary Club, são intelectuais de diferentes tendências.

Antonio Gramsci, (23) já na década de 30, faz referência ao Rotary Club quando estuda o problema da difusão ao "americanismo" no mundo.

Gramsci, parte das observações feitas pelos jesuítas espanhóis sobre o Rotary, os quais, ligam o Rotary, sua filosofia e forma de organização à Maçonaria. Todavia para o autor, o Rotary não se identifica com a Maçonaria,

(23) Gramsci, Antonio, "Maquiavel, A Política e o Estado Moderno", 5ª edição, Civilização Brasileira, RJ, 1984.

trata-se de uma organização mais moderna cujo "programa essencial baseia-se na difusão de um novo espírito capitalista, na idéia de que a indústria e o comércio, antes de serem um negócio, são um serviço social, ainda mais, são e podem ser um negócio na medida em que representam um "serviço". (24).

Na percepção de Gramsci, Rotary deseja a superação do "capitalismo de rapina" e a implantação de princípios de honestidade e lealdade nos negócios. Quanto ao seu código de ética expresso nos lemas: "dar de si antes de pensar em si, quem serve melhor ganha mais", o autor destaca a clareza dos interesses que aparecem concretamente na organização rotária.

O clube aparece para o autor, como uma organização das classes altas voltando-se para o povo apenas indiretamente.

Sobre o Rotary na Itália, um destaque importante é a sua composição tendo como um dos primeiros rotarianos o príncipe herdeiro, de vinculação católica clara, o que, portanto, garante certa tolerância por partes da igreja católica.

No que tange à ideologia do Rotary, Gramsci sugere uma pesquisa perseguindo as doutrinas do americanismo e o saint-simonismo nas propostas filosóficas do Rotary Club.

(24) Idem p. 415/416

Como se pode observar Antonio Gramsci, embora não tenha realizado estudos exaustivos sobre a instituição, faz algumas indagações e deixa transparecer a sua hipótese a respeito da natureza do clube. Observa a sua vinculação de classe e o seu posicionamento favorável a um tipo de capitalismo moderno que supere as relações selvagens do capitalismo do final do século XIX.

O pesquisador americano Peter H. Rossi (25) estudando a organização de uma comunidade escolhe a cidade de Mediana, pequena cidade do interior dos Estados Unidos e se detém na análise das forças que compõem o poder local. No seu entender, são fundamentais na composição do poder local as organizações voluntárias entre as quais o autor cita o Rotary Club. Para entender a participação dos administradores comerciais e industriais na vida da comunidade, faz-se necessário observar que o interesse destes nas associações voluntárias vão desde os prazeres gregários até o contato de recém-chegados à cidade com os líderes da comunidade. Todavia, o ponto mais forte parece ser o contato dos líderes comerciais com os líderes políticos para a troca de favores.

Enquanto os comerciantes nas associações voluntárias e clubes de serviço dedicam-se à organização cívica da comunidade, os administradores políticos facilitam o desempenho das empresas.

(25) Rossi, H. Peter, "A Estrutura da Organização de uma Comunidade Americana", in Etzione, Amitae, Organizações Complexas, Atlas S.A., S. Paulo, 1973.

Desde o perdão de impostos até a cessão de terrenos para novos empreendimentos são citados como benefícios auferidos. Enquanto os serviços prestados são da ordem de pequenas doações para projetos públicos, a contrapartida é a aceitação da comunidade em relação ao empreendimento comercial, pois, para estes a reputação é fundamental.

Outro aspecto destacado pelo autor é que os administradores comerciais conseguem através das associações voluntárias, das quais fazem parte, e dos clubes de serviço um melhor acesso aos meios de comunicação.

Os comerciantes, no caso estudado por Rossi, veem os políticos como párias, se consideram melhores administradores do que estes, não demonstram interesse em assumir cargos públicos para não se contaminarem, no entanto, não dispensam um bom relacionamento com aqueles nem mesmo as facilidades para influírem nas opções políticas locais.

Quanto ao apoio a projetos políticos, os administradores comerciais, ou empresários sô apoiam aqueles que estão a priori livres de conflitos e com comprovadas chances de sucesso, jamais projetos de risco.

Nos E.U.A. a quantidade de associações voluntárias e clubes de serviços é abundante, superando em muito o número existente no Brasil. Estas atingem diferentes segmentos da sociedade americana. No caso da cidade de Mediana a hierarquia das associações é muito clara: "O gerente comercial distrital está no Rotary Club, o gerente comercial local no clube Kiwanis e os chefes de fábrica e de

tráfego estão em clubes de menor categoria como o Sertoma e Optimists". Há um ditado em Mediana, que diz: o "Rotary possui a cidade, Kiwanis a controla e os Jaycces fazem todo o trabalho". (26)

Neste estudo o autor demonstra pelo menos duas características do Rotary Club, das quais, uma coincide com os apontamentos de Gramsci. São elas: o Rotary enquanto um Clube de elite ligado ao comércio e indústria, e por outro lado o seu caráter de interferência na vida política local.

Entre os estudos de intelectuais brasileiros, não associados ao Rotary, encontramos um artigo do Prof. M. Debrun onde o autor faz uma breve referência ao clube. (27)

Neste artigo, o autor, analisando a sociedade brasileira dos anos 80, discute a pretensão dos "donos do poder" de orientar, convencer, de enfim exercer a hegemonia, dando a direção moral e intelectual à sociedade. A análise se prende aos mecanismos usados, pelo que o autor chama de "sistema" (condução política), no momento da abertura política, no final dos governos militares. Neste contexto o Rotary Club aparece ao lado da Escola Superior de Guerra e do Lions Club como "terminais entre a sociedade civil e o Estado" (28). Estas instituições da sociedade civil teriam o encargo de divulgar a ideologia do Estado, embora não sejam órgãos diretamente ligados ao aparelho de Estado. Debrun, vê portanto no Rotary Club uma característica educacional e formadora de opinião.

(26) Idem, pag. 300

(27) Debrun, Michel. "Um Sonho Hegemônico", in A Conciliação e outras Estratégias, Editora Brasiliense, S.Paulo, 1983.

(28) Idem, pag. 67

Uma breve referência a Rotary Club aparece também no romance "Olga" de Fernando Moraes. Embora o autor não se dedique ao estudo no clube é possível extrair da citada referência uma certa imagem da organização.

O romance Olga(29) traz a vida da líder que participou no Brasil do movimento comunista da década de 30 culminando com a fracassada "Intentona Comunista" de 27 de novembro de 1935.

O Rotary Club é apresentado como a instituição que seis meses depois de 27 de novembro se insere nas comemorações cívicas do fracasso do levante ocorrido no Rio de Janeiro.

O autor expõe: "Os jornais notificavam que a sede nacional do Rotary Club dedicaria a sua reunião-almoço da aquele mês, marcado para o dia 27, "ao estudo do problema da defesa contra o extremismo, havendo o capitão Miranda Correia, delegado de segurança pública e social, para fazer uma conferência sobre o assunto". Como convidados de honra, da justiça, o general João Gomes, da Guerra, o contra-almirante Aristides Gulhen, da Marinha, e o Chefe de polícia , capitão Filinto Strumbling Muller".(30)

Dois elementos da característica do Rotary Club podem ser extraídos desta referência de Fernando Moraes: o

(29) Moraes, Fernando, Olga, a vida de Olga Benário Prestes, Judia comunista, entregue a Hitler pelo governo Vargas, 4ª edição, Editora Alfa-Omega, SP, 1985.

(30) Idem, pag. 190

primeiro é o caráter anti-comunista do clube e o segundo as ligações, ou pelo menos, a política de boa vizinhança do Rotary Club do Rio de Janeiro com o Estado, no período Vargas.

F. Moraes se refere a uma sede nacional do R.C., todavia nossos estudos nos levam à conclusão de que seria o R.C. do Rio de Janeiro, uma vez que, uma representação de caráter nacional do R.C. no Brasil só vai aparecer com a instalação do Escritório Sucursal o que ocorreu muito recentemente na década de 80.

A partir destas opiniões a cerca do clube e das observações que fizemos ao longo da pesquisa de campo procuraremos caracterizar o Rotary Club em atuação no Brasil.

Iª PARTE

Rotary Club, Uma Organização Internacional

UM GRUPO DE COMERCIANTES
REUNIDOS PELA ESTIMA SOCIAL:
A FUNDAÇÃO DO ROTARY CLUB

O surgimento do Rotary Club nos Estados Unidos, no princípio deste século, deve ser visto através da compreensão da cultura e do pensamento de seu tempo. O clube pode ser a expressão da resistência de pequenos industriais e comerciantes diante das transformações rápidas, marcadas pelo surto industrial americano do fim do século XIX.

A associação - Rotary Club - contempla em seus princípios as raízes religiosas e culturais próprias da vida de comunidade das pequenas cidades e aldeias que compõem uma sociedade de produtores rurais organizada através de famílias e seitas religiosas.

Esta sociedade gerada pela colonização, pautada pelo estabelecimento de um poder local forte e independente, de onde se formam os Estados que compõem a União, revela o espírito independente do colonizador e é responsável pela força das pequenas comunidades, como revela Tocqueville:

"Os colonos que se estabeleceram nas costas da Nova Inglaterra pertenciam todos às classes mais independentes de seu país de origem. Sua união no solo da América apresentou, imediatamente, o fenômeno singular de uma sociedade não contendo

senhores, nem povo comum, e quase podemos dizer, nem ricos nem pobres." (1)

A organização do poder nas cidades americanas parte então da idéia de soberania do povo, ou direito do cidadão, e mesmo quando uma lei era estabelecida para toda a União a implementação decorrente da lei era de caráter local.

No plano econômico, os E.U.A. do século XIX tem como base a produção agrícola, especialmente aquela gerada pelos pequenos proprietários rurais. A grande maioria dos produtores rurais até a 2ª metade do século XIX era proprietário de um pedaço de terra. As grandes propriedades só se verificaram no sul do país, assim como a própria escravidão não se expandiu nos Estados do norte. O agricultor cultivava e mantinha sua propriedade com seu trabalho e o de sua família. Só no final do século, quando começam a ocorrer problemas de mercado, com as exportações limitadas e a mecanização das granjas e fazendas, é que, como decorrência, vai se dar a concentração da propriedade da terra.

W. Mills (2), demonstra que a catástrofe rural ocorre com a necessidade, por parte do agricultor, de agregar mais terra às suas propriedades para tornar viável economicamente a mecanização da produção. Este processo, paralelo ao cresci

(1) Tocqueville, Alexis de, "Democracia na América", São Paulo, Editora Nacional, 1969, p. 52/53.

(2) Mills, W., "Las Clases Médias en Norteamérica", Madrid, 1961, Aguilar.

mento da industrialização, empurra para as cidades os pequenos agricultores descapitalizados e sem terras. Estes levam consigo o ideal de liberdade e independência de quem sempre foi dono de seu trabalho e dos instrumentos para execução do mesmo.

Na cidade tornam-se empregados ou montam pequenos negócios, mas a ideologia é a mesma que persiste por longos períodos, como se nada tivesse mudado na estrutura da produção desde meados do século passado.

"Durante los cien últimos anos, los Estados Unidos han pasado de ser una nación de pequenos capitalistas a ser una nación de empleados contratados; pero la ideologia adecuada para la nación de los pequenos capitalistas persiste como si el mundo de la pequena propiedad fuese una entidad todavia en marcha." (3)

O pequeno empresário urbano sobrevive como o melhor exemplo do homem bem sucedido, que se fez pelo seu próprio esforço, é o símbolo da competência e do esforço recompensado numa sociedade onde a "igualdade é garantida" ou pelo menos defendida.

Para Tocqueville (4), o imigrante que colonizou os E.U.A. fez da moral o fator de aproximação e da disciplina um elemento capaz de sustentar a organização democrática. A não existência de uma aristocracia rural, fundada no poder de propriedade da terra e na dependência dos trabalhadores em relação

(3) Mills, W. Op. Cit. pag. 58.

(4) Tocqueville, Op. Cit.

ao senhor, levou os anglo-americanos a estabelecer sua sociedade com base nas normas da ética e da moral protestante. O resultado, portanto, é uma sociedade onde o Estado e a Igreja se mantêm separados, mas, é a moral religiosa que garante a organização do Estado, em moldes muito diferentes da monarquia ou do feudalismo, onde a ligação Igreja e Estado é umbilical.

O cidadão americano, responsável pela organização da sociedade, é um indivíduo independente, mesmo quando ainda colônia inglesa, e a igualdade é, sem dúvida, um dos mais reconhecidos valores desta sociedade.

Como dizíamos, a construção da sociedade americana se assenta sobre a moral puritana das diferentes seitas protestantes. O significado do uso da ética protestante na organização da sociedade foi analisado por Weber (5), que percebeu como as seitas protestantes, nos E.U.A., melhor que em qualquer outra sociedade, funcionavam como congregações e desempenhavam o papel de avalista de seus membros nos negócios. Um indivíduo que não fosse aceito em algumas das congregações (Batista, Metodista ou outras) não oferecia qualquer segurança aos seus "negociadores" quanto à sua moral e honestidade nos negócios. A seita americana é muito diferente da Igreja Católica no Brasil. Nesta os indivíduos se integram pelo nascimento, são levados pelos pais desde criança. "A seita é, porém, uma associação voluntária, apenas daqueles que, segundo o princípio, são religiosamente qualificados. Quem encontra a recepção voluntária da sua participação em virtude da aprovação religiosa, ingressa na sei

(5) Weber, Max, "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, 5ª edição, S.P., Pioneira, 1987.

ta voluntariamente." (6)

Por outro lado a exclusão, a perda do direito , de uma igreja ou seita, por motivos de ofensas morais tem um significado econômico determinante, é a perda de crédito e, socialmente, a perda da classe. As associações religiosas (seitas) representam elementos eficientes de controle social. As normas são feitas pelos próprios associados e portanto, o rigor no cumprimento das mesmas é de interesse de cada um. Como elas servem para a proteção da comunidade, refletem o cuidado de cada um em relação à própria sociedade. Essas associações, feitas pelos homens, expressam os interesses terrenos. Portanto, no lugar do dogma está a ética, em lugar dos "filhos de Deus", estão os cidadãos íntegros que só depois de examinados e comprovadas as suas virtudes são votados e admitidos como membros do protestantismo de moral puritana.

Uma das características da democracia americana é que ela não se constitui em um amontoado de indivíduos pulverizados, mas numa trama de associações responsáveis pela formação dos aglomerados rurais ou urbanos. É através destas associações, em geral religiosas, que o cidadão americano garante a sua ascensão à classe empresarial média ou alta.

Até o final do século XIX, especialmente no norte dos E.U.A. a cidadania plena tinha como condição preliminar a cidadania na congregação religiosa. Não é, pois, surpreendente que nos primeiros anos deste século 94% dos cidadãos americanos declarassem alguma filiação religiosa (7).

(6) Weber, Max, "Ensaio de Sociologia", 5ª edição, Zahar editores, R.J. , 1982, pág. 351.

(7) Idem, pág. 347 e seguintes.

À medida, porém, que o processo de secularização, crescente neste século, vai avançando, as associações voluntárias de caráter secular substituem ou se justapõem às seitas religiosas, garantindo a manutenção e cultivo da ética tipicamente burguesa.

Os princípios postulados pelos protestantes de origem puritana podem ser sintetizados nas proibições dos metodistas em relação à vida prática de seus congregados.

Eram proibidos os metodistas de:

- " 1- Conversar enquanto compravam e vendiam (regatear);
- 2- Negociar as mercadorias antes de pagos os tributos aduaneiros sobre elas;
- 3- Cobrar juro mais alto do que o permitia a lei do país;
- 4- Amontoar tesouros na terra (significando isso a transformação do capital de investimento em "riqueza consolidada");
- 5- Tomar empréstimo sem ter certeza da capacidade de pagar a dívida;
- 6- Luxos de todos os tipos." (8)

Estes seis pontos norteadores do comportamento dos metodistas nos negócios evidenciam a ética que garantiu a expansão do capitalismo. Na realidade, os seis pontos se resumem em três normas fundamentais do "espírito capitalista": o respeito às leis nacionais, garantindo assim os acordos que regem a concorrência; o reinvestimento do capital gerado pelos negócios, o que vai significar a permanente expansão de capital e dos negócios; e, como corolário, a proibição do luxo de toda ordem, incentivando uma vida ascética e voltada inteiramente ao trabalho, fator fundamental para a organização da sociedade capitalista.

(8) Idem, pág. 359/360.

Todavia, as invenções que marcaram o início deste século possibilitaram profundas transformações políticas e sociais na sociedade americana. A eletricidade, a descoberta do petróleo, a facilidade nas comunicações a longa distância, através do telefone e do automóvel, além do aperfeiçoamento na produção de motores de diversos tipos, balançaram a antiga organização rural. A concentração da população nas áreas urbanas, aliada ao surto imigratório e à febre dos negócios, com a formação de "trusts", e a corrida desenfreada pelo lucro levam a sociedade, liderada pelo presidente Theodore Roosevelt, a buscar uma série de reformas.

A palavra de ordem era a moralização dos negócios e a garantia do interesse público. Políticas de controle dos "trusts", de proteção ao povo contra as indústrias alimentícias que não cuidassem da qualidade dos produtos, além de uma legislação especial para a conservação das reservas naturais, foram algumas das medidas tomadas pelo presidente e exigidas pela sociedade.

Do ponto de vista político, reformas eleitorais vinham sendo processadas em diferentes estados objetivando maior poder aos eleitores. Neste sentido vale destacar o papel de organizações voluntárias e suas lutas pela igualdade da mulher e do voto feminino. Luta esta que obtém sua primeira vitória em 1890 quando o território de Wyoming entrou para a União como o primeiro Estado a conceder a igualdade de direitos a homens e mulheres (9). Enquanto algumas reformas são viabilizadas internamente no país, os americanos não esquecem dos seus interesses no exterior. Interessam-se especialmente pelos países vizinhos.

(9) Conforme Nichols, Roy F., Bagley, W.C., e Beard, C.A. "Os Estados Unidos de Ontem e de Hoje", SP, Com. Editora Nacional, 1941, p.298.

As relações internacionais demonstram uma permanente disputa de influência com países da Europa, a questão do mercado e da defesa nacional são os argumentos que sustentam as investidas internacionais. O grande desafio do período é a construção de um acesso fácil por mar entre o Atlântico e Pacífico, a construção do Canal do Panamá. Para concretizar tal projeto o governo americano, apoiado pela sociedade procedeu a intervenção em vários territórios da América Central. Embora o interesse fosse basicamente comercial e de defesa, os americanos divulgavam seus compromissos com a liberdade e a democracia para os países sob a sua influência. É assim que no final da década de 10 já os americanos começam a sentir a reação dos países, especialmente da América do Sul, preocupados com a expansão do domínio americano no continente, conforme atestam as palavras que seguem :

" Os Estados Unidos possuíam Porto Rico, Ilhas Virgens e Zona do Canal. Além disso havia certo controle em Cuba, Panamá, São Domingos, Haiti, Nicaragua e Honduras. Tropas americanas haviam sido mandadas para o México. Muita gente começou a falar sobre o mar das Caraíbas como um Lago Americano. Desgraçadamente, toda esta interferência, envio de navio de guerra e desembarque de fuzileiros não serviram para promover amizade com os nossos vizinhos da América do Sul. Não viviam bem com os americanos do Norte e sempre nos viam com suspeição, na crença de que os Estados Unidos queriam dominar todo o Hemisfério Ocidental. "(10)

A fase seguinte será marcada pelo esforço americano de não interferência internacional, mas sim de negocia-

(10) Idem, página 326.

ções e pactos de paz. A tentativa de neutralidade no conflito mundial 1914/1918 é o melhor exemplo desse período.

O Rotary Club surge na cidade de Chicago, em 1905, e representa a concretização de um tipo de organização cívil bastante típica da sociedade americana. Seus objetivos expressos no momento de fundação se inserem no bojo das lutas do seu tempo. A moralização dos negócios e a auto-proteção dos profissionais associados mobilizam os pequenos comerciantes e industriais, além de profissionais liberais de origem rural. O fundador, Paul Harris, é um advogado de classe média cujo objetivo se expressa pelo sucesso profissional através de um trabalho moralmente digno. Suas preocupações com os valores religiosos resultam nos princípios adotados pelo clube. A moral do trabalho e a ética profissional ascética fazem parte do quadro de valores propostos aos associados, e demonstram a proximidade dos objetivos do clube com a expansão e aprofundamento das relações capitalistas.

A preocupação do fundador do Rotary Club com a expansão do capitalismo pode-se perceber especialmente em sua obra, escrita em meados da década de 30 quando o autor faz uma avaliação dos primeiros 20 anos do clube. O Rotary aparece como uma espécie de tábua de salvação para uma sociedade "contaminada" pelos vícios próprios de seu tempo. Alia-se a fé no capitalismo com a ética ascética de combate aos prazeres mundanos.

Falando sobre a situação de Chicago no fim do século XIX, Paul Harris diz :

" O espírito de comunidade foi levado pela maré vazante. Os milionários não tendo um alvo altruísta deixavam suas fortunas aos filhos que, não estando habilitados para manter as responsabilidades relativas ao patrimônio, não tiveram dele nenhum proveito e não beneficiavam as comunidades em que viviam. Os pseudo-beneficiários esbanjavam a riqueza com vinho , mulheres e música (...) . Para utilizar-se do lazer é necessário um preparo mais metuculoso do que o treino exigido pelo comércio. Um cérebro vazio é uma oficina preparada para as tentações. Para o moço americano do século dezenove havia pouco a escolher : ou era o comércio, ou a destruição. Mesmo que escolhesse o comércio pouco ganhava moralmente. Foram registrados treze suicídios numa pequena cidade e setenta e cinco divórcios realizaram-se, num ano, em outra. Os jovens ricos abriram os caminhos para a perdição."(11)

Já se pode perceber neste pensamento a visão de empresa como um "serviço à comunidade" e os empresários ou homens ricos como beneficiários e em certa medida tutores daqueles não detentores de posses.

Todavia dentro do espírito do "Rotary Club", fundado nos E.U.A. da América, outro fator importante das seitas protestantes foi absorvido. É, como mostrava Weber, o caráter de avalista nas relações econômicas que as seitas emprestavam aos seus membros. No Rotary Club também o associado garante seu crédito nos negócios e o uso do distintivo na lapela se justifica pela identificação imediata de um cidadão íntegro em suas transações, segundo as palavras dos associados

(11) Harris, P., Esta Era Rotária, São Paulo, Rotary International, 1939, p.49.

do clube. Mas, nos primeiros tempos, o Rotary Club também se serviu das seitas e religiões para selecionar os futuros companheiros e, quando Paul Harris fala do 1º Presidente do Rotary Club, Silvester Schielle, não lhe poupa elogios ao caráter e faz referência à sua vida na igreja.

" Silvester preenche um lugar honroso, e sua vida torna-se útil com o correr dos anos. Ele é o centro das atividades e do trabalho da igreja, a pessoa por excelência nos empreendimentos caritativos. Muitos rapazes lhe são agradecidos pelos sábios conselhos que dele receberam e muitos infelizes reconhecem nele a sua rehabilitação. "(12)

As igrejas e seitas emprestam ao clube seu ideário, seus objetivos e também a sua forma de organização e atuação. Ainda hoje quando um "estranho" ao Rotary assiste a uma típica reunião rotária não poderá deixar de fazer uma associação desta cerimônia com uma cerimônia religiosa. A dinâmica da reunião começa com a recepção de associados e convidados, segue-se uma abertura formal da sessão, pelo presidente do clube, uma palestra pelo orador convidado, almoço, agradecimentos e despedidas (13). Tanto quanto uma cerimônia religiosa, cada parte tem um significado especial. Em alguns momentos em certas regiões, e até no Brasil usou-se em Rotary o canto ou a música de instrumentos. Paul Harris faz sua avaliação desta medida :

" Um dos melhores diretores do cõro afirma, que, há quatro bons motivos para o canto ser incluído nos grupos

(12) Idem, pág.159.

(13) As partes que compõe uma missa católica : a recepção, evangelho, ofertório (consagração), comunhão, despedida.

de Rotary. Primeiro, promove a amizade; segundo, diverte; terceiro, estimula o interesse; quarto, se os cantos escolhidos forem apropriados ao assunto da reunião, prestar-se-ão a preparar os espíritos dos membros para a palestra que irão ouvir. " (14)

Com esta dinâmica, além das duas regras básicas de funcionamento, a reunião semanal, rigorosamente estruturada e a frequência obrigatória, o clube foi ganhando espaço no território americano. Outros clubes idênticos ao de Chicago foram criados e em cinco anos já eram 14 clubes.

O primeiro clube fundado fora dos E.U.A. foi instalado no Canadá. Em 1912 já haviam clubes também na Grã-Bretanha. Antes, porém, da expansão internacional do Rotary Club, chegou-se à decisão de que os clubes existentes deveriam unir-se para formar uma organização coletiva. Esta "serviria de escritório intermediário para intercâmbio de idéias proveitosas concebidas nos clubes". (15)

Estes primeiros sete anos da vida do Rotary consolidaram a organização e permitiram uma proposta de expansão que se mantém até os dias de hoje e só se esgotará quando todos os cidadãos visados forem atingidos.

O problema da expansão levou o clube a apoiar-se em outras forças externas à própria organização, no Estado, especialmente nas Embaixadas e Consulados.

(14) Harris, Paul, Op. Cit, pág.62.

(15) Harris, Paul, "O Fundador de Rotary", São Paulo, Rotary International, 1954, p. 97.

Quanto às características, ganhou importância a divulgação do que o fundador chamou de "doutrina da liberdade religiosa", característica esta que se destacou desde os primeiros dias de existência do clube, permitindo o alcance do maior número de homens em todas as nações e culturas.

O contato com as autoridades públicas estatais se beneficiou muitas vezes com as facilidades das relações pessoais, próprias dos indivíduos ligados às camadas sociais mais privilegiadas e, como o clube se pretende independente, o "capital de relações humanas" desempenha um importante papel.

O caso de Jorge W. Harris se inscreve nesta linha.

" Vários são os exemplos do espírito de sacrifício de rotarianos demonstrados de modos diversos e individuais. Encabeçando o rol destes individualistas está o nome de Jorge W. Harris, da capital de Washington, amigo de todos os presidentes dos Estados Unidos da América do Norte. Nos últimos 30 anos, Jorge, espontaneamente, escolhe o serviço de diretor de protocolo de Rotary International nas Assembléias Internacionais. Anos seguidos viaja por conta própria para a cidade onde se há de realizar a Assembléia, levando frequentemente a família. Já é personagem conhecido de todos. Com a sua dedicação, torna digno de honra, o posto que poucos escolheriam. "(16)

Estes personagens-chave serão encontrados nos diferentes clubes e regiões. Quanto aos embaixadores ganharão classificação livre, tanto quanto os religiosos e jornalistas,

(16) Harris, Paul, Esta Era Rotária, p. 239.

como veremos no próximo capítulo.

A colaboração do cônsul americano James Wheeler Davidson para o crescimento do Rotary demonstra a magnitude dos serviços prestados por esta categoria de cidadãos ao movimento, desde os primeiros tempos.

" A expansão de Rotary na Ásia é um testemunho magnífico da dedicação de seus membros porquanto sacrificam os seus mais importantes negócios, ao interesse do movimento. James W. Davidson, no ano de 1928, com sua esposa Lilian Dow Davidson e sua filhinha Marjory, convidados pelo conselho de Rotary International, fizeram uma viagem pelo Levante e Oriente, visando os interesses rotários. Pensaram ausentar-se por oito meses, entretanto, na sua jornada gastaram dois anos e meio, indo à Grécia, Egito, Turquia, Palestina, Iraque, Síria, Pérsia, Índia, Ceilão, Burma, Malásia, Índias Holandesas e Sião e de lá para China, Mandchúria, Korea, Japão e Ilhas Philipinas.

Em muitas localidades persuadiu os mais altos funcionários públicos a participarem ativamente na organização de clubes rotários com a finalidade de aproximarem europeus e nativos. Em geral o sentimento de casta cedia diante da sua genial personalidade ao mostrar que Rotary representaria as classes comerciais e profissionais, sem se preocupar com diferenças religiosas, políticas e sociais." (17)

Todavia, a importância dos serviços consulares não se limita à divulgação da Instituição ou à sedução dos ho-

(17) Harris, P. "Esta Era Rotária", p. 137.

mens de todo o mundo à idéia do Rotary. À medida que a organização se expande, os consulados serão, cada vez mais, levados a colaborar na facilitação dos deslocamentos de grandes grupos de homens de negócios em atividades rotárias.

A expansão em Rotary sempre esteve entre as prioridades do clube. Encontramos momentos em que as finalidades parecem se resumir ao crescimento e fortalecimento da organização. Os objetivos-fins perdem-se e têm-se a impressão de que a organização é um fim em si mesma.

ROTARY CLUB CHEGA AO BRASIL

Após dez anos de atuação nos E.U.A., os homens de negócios do Rotary buscam organizar seus pares na América Latina. Os países mais visados são Cuba, Uruguai, Argentina e Brasil. Já transcorre o ano de 1916 e a primeira guerra mundial toma conta dos debates políticos em todo o mundo. Lentamente e com certa dificuldade são instalados clubes em Havana, Montevideu, Panamá e Lima.

No Brasil, os rotarianos americanos passam três anos tentando instalar o Rotary Club do Rio de Janeiro e só vão conseguir atingir este objetivo em 1922. O principal problema, encontrado pelos americanos que aqui estiveram, para fundar o clube foi sensibilizar homens de negócios brasileiros. O cônsul americano no Brasil, Richard P. Moursen, em 1919 conseguiu reunir doze importantes empresários estrangeiros (ameri

canos), radicados no Rio de Janeiro, mas estes não aceitam participar do clube, pois, segundo eles, já fazem parte de muitas associações (Câmara do Comércio, Club Central, Country Club, Associação Cristã dos Moços, Hospitais, Seaments Mission, Patriotic Society, entre outras).

Não conformado com o fracasso desta tentativa o Rotary envia ao Rio um emissário especial que tenta arregimentar empresários brasileiros e estrangeiros. Isto ocorre em 1920. O representante do Rotary é o presidente da Gill Manufacturing Company, com interesses comerciais no Brasil. Ele escreve no jornal "A Noite" um artigo sob o título "Está em organização o 1º Clube Internacional Rotante no Rio". O objetivo é, mais uma vez, conquistar os empresários à causa do Rotary. Além do artigo, foram feitos vários contatos e em 1921 é convocada nova reunião, na qual esperava-se a participação de brasileiros e estrangeiros.

Estiveram presentes catorze estrangeiros e dois brasileiros, número suficiente para iniciar o movimento. Foi então pedido filiação ao Rotary International do 1º clube brasileiro. A resposta do Rotary International foi negativa e a justificativa foi que não interessava um clube no Rio, constituído de sócios estrangeiros. O movimento "Rotante" deveria atingir os brasileiros e não tornar-se uma organização estrangeira no Brasil. Contudo, este mesmo grupo reuniu-se mais uma vez e pela relação de nomes dos candidatos a sócios fica difícil saber quais eram os dois brasileiros que integravam o grupo (18). Depois desta segunda reunião o clube desapareceu.

(18) Extraído do livro de Alberto Pires Amarantes, "Contribuição à História do Rotary no Brasil", Cooperativa Editora Brasil Rotária LTDA, RJ, 1973, p. 14.

Lista dos sócios e seus negócios(classificações)

A. Costa Pires - Importador de carvão
 C. A. Sylvester - Bondes
 Col. C. H. Grawford - Material Ferroviário
 F. A. Huntress - Luz e Força
 Frank M. Garcia - Material de Construção
 H. L. Dale - Equipamentos Hidráulicos
 H. M. Sloat - Equipamentos Ferroviários
 Herbert Moses - Advogado
 J. D. W. Snowden - Aço
 T. P. Stevenson - Navegação
 J. R. Haney - Óleos Lubrificantes
 P. C. Cothran - Seguros
 R. W. M. Govern - Engenharia
 R. P. Monsen - Advogado
 T. L. Wright - Automóveis
 W. C. Holmes - Pneumáticos
 W. C. Stevens - Máquinas de Costura

Para uma nova tentativa de construção do clube no Rio de Janeiro, o Rotary muda sua estratégia e passa a agir através de elementos já estabelecidos no Brasil ou em seus vizinhos mais próximos. Esta nova tentativa destaca três nomes que batalharam pela organização. Foram : Heriberto Percival Coates, Secretário do Rotary Club de Montevideu, Lichtwardt, Secretário Executivo da Associação Cristã de Moços e Roberto Shalders, Gerente da S. K. F. no Rio de Janeiro.

A reunião de fundação do clube ocorreu no Jô-quei Clube em 5 de dezembro de 1922. Estavam presentes na reunião dezoito candidatos a sócios do novo clube, dos quais dois não chegaram a compor o quadro de associados. Pela lista de nomes pode-se perceber que enfim conseguiu-se arregimentar uma quantidade maior de brasileiros (18), tendo, portanto, o clube sido aceito pelo Rotary International.

A 1ª diretoria composta de cinco membros tem a seguinte distribuição :

Presidente : João Thomé de Saboya

Engenheiro, Senador da República e ex-Governador do Ceará

1º Vice-Presidente : Fernando de Magalhães

Médico-cirurgião

2º Vice-Presidente : Lewis Wendel Hackett

Saúde Pública

(18) Composição do Primeiro Rotary Club brasileiro filiado ao Rotary International, dados extraídos de Amarantes, Op. Cit. p. 22

João Thomé Saboya e Silva - Importador de Acessórios para Automóveis

Fernando de Magalhães - Medicina-cirurgião

Lewis Wendel Hackett - Saúde Pública

Roberto James Shalders - Máquinas-acessórios

Henry Herman Lichtwart - Associações

Herbert Moses - Advogado

Frederick Charles Brown - Diversões-Desportos

José Simão da Costa - ignorada

Horácio Cartier - Imprensa

David Bell - Perito em contabilidade

Ismael de Oliveira Maia - Material de Construção-Importação

Renato da Rocha Miranda - Carvão-Mineração

Archimedes Memória - Construções-arquiteto

Alfredop Mosqueira - Importação de automóveis

Major Ernest Mc Coll - Representante diplomático - Canadá

Willian Schurz - Adido comercial (embaixada americana)

Arthur Azevedo e Sebastião Sampaio (não chegaram a se associar)

1º Secretário : Roberto J. Shalders

Máquinas-acessórios

2º Secretário : Henry Herman Lichtwardt

Associações (A.C.M.)

Começa assim o movimento rotário no Brasil com o primeiro presidente do clube sendo um político de carreira e não um "homem de negócios", como ocorreu tradicionalmente nos E.U.A. Este é, pois, o primeiro ponto que merece análise neste trabalho, uma vez que se instala aqui um clube com uma tradição diferente da tradição brasileira.

ROTARY CLUB : PENSAMENTO, ORGANIZAÇÃO E AÇÃO

No capítulo anterior fizemos uma breve exposição do surgimento do "Rotary" nos Estados Unidos até sua instalação no Brasil. Aqui, nos interessa observar as idéias, a organização e as formas de atuação do clube, propostas oficialmente pela direção internacional da instituição. Isto porque partimos do fato de que o clube se estabelece no Brasil a partir de interesses externos. Tanto é assim que os primeiros momentos são marcados por dificuldades de toda ordem. Foram necessários oito anos para que se instalassem os primeiros onze clubes e quinze para que chegasse a cinquenta clubes e mil sócios. O auge da expansão só foi alcançado nas décadas de 1950/1960. As atas e boletins publicados na época demonstram o esforço empreendido pelos associados brasileiros e estrangeiros para garantir a expansão e o aprofundamento do movimento rotariano. Boa parte das atividades dos clubes foi dedicada, nos primeiros anos, à compreensão dos objetivos e da dinâmica da própria organização. Ora, este fato só se justifica, porque o Rotary se propõe a ser um canal de transmissão de valores próprios, gerados numa dada sociedade, para outra, cuja história e cultura são de natureza diversa.

O Rotary, que chega ao Brasil pelas mãos dos embaixadores americanos, traz consigo um modelo ideal de

sociedade, ou seja, a sociedade norte-americana.

As dificuldades de adaptação, não do clube ao seu novo "habitat", mas dos novos integrantes à agremiação, estão expostas em várias falas dos rotarianos da América do Sul. O rotariano Ross White, de Buenos Aires, dá a dimensão dos problemas de adaptação ao lastimar não poder dar muito boas notícias sobre o funcionamento do seu clube. " Tanto mais para lastimar era essa situação, porque os elementos componentes do clube são bons. Os seus sócios ainda não apreenderam o espírito rotário, tal qual ele é compreendido nos Estados Unidos, e por isso ainda não levam muito a sério a posição que, como sócios, deveriam ocupar (...) O atual presidente é professor da Universidade de Buenos Aires e pode trabalhar com 35 sócios hoje existentes. Acha que não foi possível conseguir uma frequência satisfatória às reuniões devido ao fato de o espírito do Rotary ainda não ter sido suficientemente compreendido pelos sócios. Nas visitas que fez a diversos Rotary Clubs nos Estados Unidos, teve ocasião de verificar o enorme entusiasmo com que todos os sócios tomam parte nas reuniões. Causou-lhe também impressão ver o grande poder que esses 'clubs' tem para o bem estar das cidades em que estão organizados. Em Moline, Rock Island e Davenport, teve oportunidade de saber que, quando uma questão de importância está preocupando os dirigentes da cidade, eles submetem o assunto ao Rotary Club antes de deliberarem. " (1)

(1) Shalders, Roberto - Ata da Reunião do Rotary Club de São Paulo, dia 17/10/1924

A afirmação de que o clube se propõe a transmitir valores se fundamenta no fato de se estabelecerem normas de procedimentos, lemas, objetivos, símbolos permanentes e uniformes, para todos os clubes filiados. Estas marcas ou símbolos funcionam como a identidade da organização e resistem através do tempo. A influência da história e da cultura local só transparece na execução da política rotária, não em suas normas, pensamento oficial ou estrutura da organização.

O lema que identifica o primeiro momento do clube : " Mais se beneficia quem melhor serve ", teve vida oficial efêmera; os primeiros rotarianos logo perceberam não ser prudente afirmar de maneira tão clara o egoísmo individualista que motivava a criação da agremiação. O novo lema escolhido : " Dar de si antes de pensar em si ", permanece até hoje, um apelo altruísta, porém mistificador das reais aspirações dos seus associados.

O objetivo, publicado durante anos a fio nas revistas e boletins, é o mesmo desde os primeiros tempos. Uma mudança registrada na década de 1940 se restringe à forma de apresentação do objetivo, não ao seu conteúdo. Mesmo esta mudança de forma foi debatida durante doze anos até que os rotarianos de São Paulo obtivessem ganho de causa na Convenção Internacional.

O objetivo explícito do Rotary é " estimular e fomentar o ideal de servir, como base de todo empreendimento digno, promovendo e apoiando :

Primeiro : O desenvolvimento do companheirismo como elemento capaz de proporcionar oportunidade de servir;

Segundo : O reconhecimento do mérito de toda ocupação útil e a difusão das normas de ética profissional;

Terceiro : A melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública e privada;

Quarto : A aproximação dos profissionais de todo mundo, visando a consolidação das boas relações, da cooperação e da paz entre as nações. "(2)

Tal objetivo sintetiza as chamadas "avenidas de serviço" que orientam a atuação dos clubes. Elas são : Avenida de serviços internos (avenida da sociabilidade), Avenida de serviços profissionais (avenida da sinceridade), Avenida de serviços à comunidade (avenida da solidariedade) e Avenida de serviços internacionais (avenida da fraternidade). (3)

Além do lema e do objetivo, servem como identidade do clube os símbolos oficiais : roda dentada, sino, distintivo, bandeira e a prova quádrupla :

" Do que nós pensamos, dizemos ou fazemos

1) É VERDADE ?

2) É JUSTO para todos os interessados ?

3) Criará BOA VONTADE e MELHORES AMIZADES ?

4) Será BENÉFICO para todos os interessados ? (4)

(2) Conforme Estatuto do Rotary Club, modelo publicado no Manual de Procedimentos, Rotary International, 1978, p. 319.

(3) Portes, José Silvano, "Cartilha Rotária", 2ª ed., Brasília, 1983, p.45-49.

(4) Estatutos do Rotary Club, op.cit. p.227/228.

Dos símbolos, o mais importante - a roda dentada - foi idealizado no ano de fundação do clube e teve como inspiradora uma roda de carroça. Em 1920, sofreu as modificações que a adequaram ao seu tempo, e permanece até hoje. Trata-se "de uma roda de engrenagem, com seis raios ou braços, 24 dentes ou projeções e um rasgo de chaveta". (5) As cores da roda são o azul real e o dourado.

Como a roda de engrenagem é também o símbolo da indústria, isto nos assegura a ligação muito estreita entre o clube e os empresários industriais.

Os 24 dentes da roda podem ser interpretados, segundo S.Portes, como as 24 horas do dia. Para um clube que prega o valor do trabalho, a ascensão social pelo trabalho e o valor maior da utilidade, o tempo não deixa de ser um fator importante.

As cores também não parecem ter uma escolha aleatória. O dourado resplandecente com sua associação ao ouro simboliza riqueza, opulência, fartura. O azul real, cor preferida pelos monarcas, liga-se à exaltação.

A roda dentada, além de estar presente na bandeira, flâmulas, crachãs ... é usada como distintivo na lapela de cada associado. Este distintivo, como afirmam os rotarianos, além de ser motivo de orgulho é um importante instrumento de identificação do associado pelos seus pares; pode ser uma chave para abrir portas para negócios, facilitar via-

(5) Portes - Op. Cit., p. 131.

gens e obter ajuda. Trata-se de um estigma positivo no mundo dos negócios.

O sino, usado como distinção ao clube ou ao rotariano com desempenho exemplar, é o símbolo da disciplina pregada pela instituição. É usado nas reuniões para marcar o início e fim da sessão, auxiliar no cumprimento rigoroso dos horários e da plena utilização do tempo. Ele ganhou seu lugar no Rotary em 1922, por ocasião de um concurso de frequência. O clube vencedor - Rotary Club de Nova York - foi brindado com um sino de navio, lembrando a ordem e a disciplina como condições para o êxito no trabalho.

Todo este aparato : lema, objetivo, símbolos e normas que fazem a identidade do Rotary existem em função das metas da organização. Dissemos acima que o clube chega ao Brasil para satisfazer interesses externos; todavia, à medida que se expande, configura também os interesses específicos do grupo que representa, no âmbito local.

Para chegar mais próximo dos interesses em jogo, faz-se necessário identificar : o pensamento que embasa as propostas do clube e quem o defende; a forma de organização que permite a concretização das propostas; e a forma específica de atuação rotária.

Verdades Forjadas : O Pensamento Rotário

O pensamento do Rotary, como o de uma igreja, parte de mandamentos, verdades e dogmas, que são difundidos e a

tualizados, de três em três anos, numa publicação chamada "Manual de Procedimentos", editada pelo Rotary International. Tudo o que um rotariano ou a diretoria de um clube filiado precisa saber está cuidadosamente definido no mesmo Manual. Estão ali arrolados desde assuntos internos do clube, até o tratamento a ser dispensado a questões internacionais.

Valores ou ideais rotários ligados a assuntos internacionais são chamados de "caminhos da paz". São sete e expressam um conjunto de normas de conduta. Não se pode, pois, desconhecer que o Rotary é considerado pelos seus membros como um grupo de ação.

No que se refere às responsabilidades do Rotariano destacam-se três pontos fundamentais :

- "- Espera-se que cada rotariano preste a sua contribuição pessoal (ã causa da paz internacional) (...)
- Espera-se que cada rotariano conduza a sua vida particular diária e as suas atividades comerciais e profissionais, de tal forma, que se torne um cidadão leal e servidor de sua própria pátria.
- Cada rotariano, onde quer que resida, trabalhando como um indivíduo, deve ajudar a criar uma opinião pública bem informada . Essa opinião afetará inevitavelmente a o-

rientação governamental concernente à com
preensão e boa vontade universais para com
todos os povos ..." (6)

Destes três pontos se extrai a arma funda-
mental de atuação do clube. Este deverá estar sempre preser-
vado, não podendo, enquanto instituição, ser envolvido em as
suntos polêmicos, em questões de conflito. Apenas o rotariano
preparado, instruído, formado pelas normas do clube é que de
ve atuar diretamente nas questões políticas, em qualquer ní-
vel.

O Manual de Procedimentos traz a observação
relacionada à preservação do clube nos seguintes termos : "Os
Rotary Clubs não deverão empreender qualquer esforço coleti-
vo para influenciar governos, causas universais ou diretri -
zes internacionais, mas deverão devotar as suas energias pa-
ra informar o rotariano individualmente a respeito destes im
portantes assuntos, de modo que ele adquira uma atitude men-
tal esclarecida e construtiva." (7)

O clube, assim resguardado, estará sempre a-
cima de qualquer suspeita, mantendo aparente neutralidade po
lítica e garantindo lisura às negociações políticas em
didas por seus associados.

Encabeçando a lista dos "Sete Caminhos Pa-
ra a Paz", apresenta-se o PATRIOTISMO. O texto, falando aos

(6) Sete Caminhos da Paz, Rotary International, S. L. Edição
em português, 1965, p. 4. Estas normas foram sistematizadas pelo
Rotary International e publicadas originalmente em 1959.

(7) Manual de Procedimentos, Op. Cit., p. 211.

rotarianos, propõe : "Os seus interesses irão além do patriotismo nacional e compartilhará da responsabilidade para a melhoria da compreensão, boa vontade e paz internacionais. Resistirá qualquer tendência para agir em termos de superioridade nacional ou racial." (8)

A questão que preocupa o clube e o leva a afirmar o patriotismo como um caminho para se alcançar a paz universal está nos conflitos entre Estados Nacionais, Religiões e Etnias. Todavia, afirmar o patriotismo significa afirmar a nação e por extensão o nacionalismo. O próprio texto do Rotary, entretanto, já traz uma tentativa de defesa contra tal sentimento, e se reporta a uma crítica contra o mesmo. No entanto, o que ocorre é que a afirmação do patriotismo significa, como já dissemos, afirmar a nação. (9)

A nação nada mais é do que um conceito de unificação; ela traduz o "nós" representado por aqueles que coexistem num mesmo território e que se diferenciam do "eles" de outros territórios. O conceito de nação obscurece a realidade da sociedade concreta e dividida. Na nação todos são iguais - brasileiros. A nação é o referencial do Estado - ela paira sobre as classes. A invocação dos interesses nacionais justifica decisões que penalizem determinados segmentos sociais, pois os interesses nacionais traduzem uma homogeneidade a ser preservada.

(8) Sete Caminhos da Paz, Op. Cit., p. 9.

(9) Ver a discussão feita por O'Donnell em "Anotações Para uma Teoria de Estado II", in Revista de Cultura e Política, nº 4, Paz e Terra, fev/abril/1981, São Paulo, p. 75/80.

O patriotismo surge associado ao nacionalismo. Este último designa a ideologia nacional. Surge com a Revolução Francesa e a unificação dos Estados Nacionais . "Trata-se de uma ideologia unificadora elaborada intencionalmente para garantir a coesão do povo no Estado." (10)

Bobbio ressalta o surgimento do nacionalismo como decorrência da constituição dos Estados Nacionais. Uma vez estabelecidos, estes precisam se armar para sobreviver num mundo de Estados armados. Daí também decorre a aceitação da segurança nacional como sendo o objetivo último do Estado, argumento que será usado fartamente pelos rotarianos nas décadas de 50 e 60.

Da afirmação rotária de se atingir a paz através do patriotismo resta a indagação : é este o caminho buscado, ou na realidade se tenta ocultar o verdadeiro objetivo de expansão do capitalismo, uma vez que os estados capitalistas tendem a ser estados nacionais ?

As palavras do abade Barruel escritas em 1798 e citadas por Bobbio podem servir de alerta ou resposta à nossa indagação. "O nacionalismo, escreve o abade Barruel, ocupou o lugar do amor geral ... Foi, assim, permitindo desprezar os estrangeiros, enganá-los e ofendê-los. Esta virtude foi chamada patriotismo." (11)

Pelo segundo "Caminho", o da CONCILIAÇÃO,

(10) Bobbio, Norberto, Dicionário de Política, Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, Brasília, 1986, p. 800.

(11) Idem, p. 803.

o rotariano "procurará encontrar e desenvolver bases comuns para chegar a um acordo com os povos de outras nações." (12)

Coerente com sua proposta de trabalho individual, o Rotary faz, aqui, do seu associado um negociador. O rotariano é por excelência um cidadão acima de qualquer suspeita, um indivíduo em posição neutra; deve desempenhar o papel de diplomata, buscando soluções aos conflitos, porém sem ter um território a defender. Os conflitos, por sua vez, são apresentados como fruto da vontade dos litigantes; basta, pois, convencer este ou aquele de que o conflito é desnecessário e tudo estará resolvido. Como os conflitos são voluntários, suas causas estão no caráter dos homens; portanto, Rotary significa a solução a longo prazo, uma escola que prepara os dirigentes da paz.

A conciliação representa uma estratégia política, pela qual fazem acordo indivíduos ou grupos, atores de peso mais ou menos igual. Se o pressuposto da conciliação está na igualdade, o negociador externo é desnecessário. Todavia, como bem demonstra M. Debrun, estudando fatos políticos da história brasileira, "a conciliação não se desenvolveu para evitar brigas incertas ou custosas entre contendores de força comparável. Mas, ao contrário, para formalizar e regular a relação entre atores desiguais, uns já dominantes e outros já dominados." (13)

A conciliação como estratégia privilegiada pelo Rotary serve à causa da paz não pela solução das desigualdades mas, sobretudo, pelo ocultamento delas.

(12) Sete Caminhos da Paz, Op. Cit., p. 21

(13) Debrun, M. "A Conciliação e outras estratégias", São Paulo, Editora Brasiliense 1983, p. 15.

O Rotary defende a conservação e a permanência - ele já chegou à verdade, seu modelo de sociedade está pronto e acabado. Por isso defende os mesmos princípios e as mesmas estratégias ao longo de quase um século. Neste sentido a conciliação aparece como estratégia privilegiada, capaz de apaziguar ânimos exaltados sem transformação da realidade.

Outro caminho que levaria à Paz e que tem espaço assegurado nos discursos rotários é a LIBERDADE. Diz o mandamento do clube que o rotariano "defenderá o império da lei e da ordem para preservar o direito do indivíduo de sorte que ele possa desfrutar da liberdade de pensamento, palavra e reunião, liberdade de aspirações materiais, ausência de perseguição e medo." (14)

A liberdade acima de tudo, aqui, é sinônimo de ordem. Vista a liberdade como proteção dos direitos do indivíduo, converte-se em liberdade legal.

Mais adiante aparece, no mesmo texto, uma observação aprovada na Convenção do Rotary International, em 1940, em Havana, que diz: "quando não existir liberdade, justiça, verdade e cumprimento da palavra empenhada e respeito pelos direitos humanos, Rotary não poderá subsistir e nem é possível que os seus ideais prevaleçam." (15)

Antes de comentar o significado da afirmação da liberdade enquanto respeito aos direitos humanos que

(14) Sete Caminhos da Paz, op. cit p.33

(15) Idem, p. 35.

aparece neste segundo trecho citado, convém lembrar, só a título de ilustração, pois analisaremos cuidadosamente este assunto nos próximos capítulos, que o Rotary jamais interrompeu suas atividades no Brasil, mesmo nos períodos em que os direitos humanos foram mais desrespeitados. Períodos, aliás, em que os Rotary Clubs do Brasil estiveram mais concordes com o governo.

A liberdade como parte das normas e procedimentos a serem cultivados pelo Rotary distingue, pois, dois aspectos que a caracterizam : 1) a liberdade como proteção dos direitos básicos e 2) a liberdade como respeito à lei e preservação da ordem.

Estes dois pontos expressam definições persuasivas de liberdade; servem como artifícios retóricos para apresentar as diferentes ideologias políticas. Rousseau, ao afirmar que "obedecer as leis estabelecidas pela sociedade é ser livre" está simplesmente convidando os cidadãos a seguirem as leis. E esta é uma das linhas de pensamento defendidas pelo Rotary. Esta concepção de liberdade não significa a obrigação do Estado de satisfazer a vontade do cidadão mas, ao contrário, a obrigação do cidadão de obedecer as decisões governamentais. (16)

O outro ponto que define a liberdade para o Rotary é a proteção dos direitos do cidadão, que neste caso aparecem especificados : "liberdade de pensamento, de palavra e reunião, liberdade de aspirações materiais e ausên -

(16) Rousseau, J.J. "Do Contrato Social". Trad. de Lourdes S. Machado, 2^a ed., São Paulo. Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores)

cia de perseguição." Como vemos, são liberdades políticas, que podem ser desfrutadas ou não, dependendo de outros aspectos da vida social.

Na concepção do Rotary, portanto, é livre o indivíduo que cumpre a lei e tem protegidos seus direitos básicos. Isto, mesmo quando possa não ser livre por outros motivos e com respeito a outros agentes sociais e do governo, por exemplo, por razão de exploração econômica ou pressão social.

A questão da liberdade aparece aqui no seu aspecto mais jurídico, como direitos e deveres, todavia, separados de seu componente estrutural o aspecto econômico.⁽¹⁷⁾

Mesmo não sendo expreso, o conceito de liberdade como defesa dos direitos básicos do indivíduo tem como corolário a igualdade. Se colocada a liberdade no plano político a igualdade é dada por suposto. Todavia, o pensamento rotário privilegia a liberdade qualitativa, aquela que se assenta sobre as características de personalidade de cada um. Defender a liberdade apenas através de ações individuais, pois o clube deve ser apolítico, significa converter a questão da liberdade em assunto privado e subjetivo, deixando o aspecto político subordinado ao princípio da ordem e disciplina.⁽¹⁸⁾

Pensar a liberdade associada à preservação da ordem social significa a negação de uma ou outra. São con

(17) Ver a crítica à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em Marx, K. A Questão Judaica, SP, Editora Moraes.

(18) Mannheink. Conservative Thought, in Essays on Sociology and Social Psychology, London, Ed. Routledge and Kegan Paul - Ltda, 1959.

trários, a ordem e a liberdade. "A busca de ordem social expressa um impulso por fixar e sujeitar as coisas desde um lugar exterior a elas, se não por cima delas. Buscar ou preferir a ordem é buscar ou preferir 'estruturas' : a estrutura e não o processo da ação social." (19)

A defesa da ordem evoca como seu contrário a desordem; tal argumento busca fazer da primeira um valor inquestionável. Insistir na preservação da ordem significa manter a ordem existente com a distribuição de vantagens materiais tal qual ela se apresenta. Todavia, o argumento para a preservação da ordem é moral ou espiritual. Valores morais e espirituais defensáveis sem qualquer custo, daí porque a liberdade, a bondade e a conciliação sempre colocadas no plano pessoal.

A ordem quando defendida como um valor maior não se contrapõe a uma "nova-ordem", mas sim à desordem, ao imoral. Na realidade o apelo à ordem é a negação do novo, de um outro processo possível, com posições concretas diferentes para os diferentes grupos sociais. Por conseguinte, "fazer da ordem social uma preocupação fundamental é ser, na verdade, conservador, e não no mero sentido metafísico; é sê-lo politicamente." (20)

Sérgio Barelo,⁽²¹⁾ Presidente do R.C. São Paulo/Sul, afirma que o Rotary Club é conservador. Entende por conservadorismo "a manutenção dos mesmos ideais através dos séculos." Diz ainda que "mesmo que o Rotary opere de maneira mais aberta continua sendo conservador."

(19) Gouldner, Alvin, La Crisis de la Sociología Occidental, Buenos Aires, Amarrortu Editores, 1979, p. 233.

(20) Idem, p. 235.

(21) Entrevista de 24/1/89, na sede do R.C. em São Paulo.

Aliado à preocupação com a ordem e a disciplina o clube propõe o Caminho do PROGRESSO, com a seguinte prescrição : "Apoiará a ação orientada no sentido de melhorar os padrões de vida de todos os povos, compreendendo que a pobreza em qualquer lugar ameaça a prosperidade em todos os lugares." (22)

O progresso que o Rotary deseja apoiar é o progresso econômico, o progresso da opulência . Tal progresso se baseia na eficiência econômica conseguida através da liberdade em todas as esferas sociais.

O Rotary acredita que os pobres se beneficiem com a competição econômica e a riqueza que deve advir dela, como se pode ver na citação acima.(23)

Mas os rotarianos não estão alheios ao seu tempo e demonstram acreditar no progresso baseado na ciência e no conhecimento, como fizeram Saint-Simon e Augusto Comte.

Para os rotarianos, "se considerarmos que a ciência está constantemente contribuindo para aumentar o conhecimento humano, podemos esperar um progresso que simplificará o problema da raça humana, desde que o homem derrube as barreiras que ele próprio ergueu entre as nações." (24)

Saint-Simon construiu uma utopia, segundo a qual a sociedade deveria ser governada pelos industriais , sábios e cientistas. Com este governo estaria assegurado o

(22) Sete Caminhos, da Paz, ,op. cit 47

(23) Ver sobre essa questão : Nisbet, Robert. História da Idéia de Progresso. Trad. Leopoldo J. Collor Jobim. Brasília. Ed. UNB. 1985.

(24) Sete Caminhos, op. cit., p. 50.

fim da fome, da miséria, da doença e da guerra. De certa forma, o Rotary também aposta neste clube de homens escolhidos e, portanto, capazes de solucionar os mais diferentes problemas sociais.

Todavia, as preocupações rotárias são absolutamente concretas e se referem aos povos ou nações pobres. Problemas como : investimento internacional para o desenvolvimento das nações mais pobres; garantia destes investimentos; sistema de governo e a estabilidade do mesmo, entre outras questões, ⁽²⁵⁾ são objeto de tais preocupações.

O ponto de partida do Rotary, no que tange ao progresso, é a tendência da humanidade de unificar-se devido ao avanço da tecnologia.

" Este é o mundo das comunicações rápidas; pela automatização, pelo transporte por aviões a jato e pelo tempo livre para distrações. Este é o mundo que conduziu a humanidade à Era Espacial. Deve-se reconhecer, também, que este mundo produziu Amor e Caridade; Liberdade e Compaixão ; Visão e Interesse pelos demais. Conquanto o 'espaço interior' não esteja ainda completo, o processo continua. Os rotarianos são chamados a se interessarem pelo 'nível de vida' de outros povos, porém reconhecem que a pior pobreza é a pobreza espiritual. " (26)

(25) Sete Caminhos da Paz, Op. cit p.60

(26) Idem, p. 61.

O discurso do clube é marcado por esta capacidade de tocar os problemas reais mas, no momento em que o sócio pode comprometer-se com as questões colocadas, a saída do clube passa para o campo do ideal.

O próprio documento do clube analisando as "desigualdades entre as nações" propõe questões como :

" Quais são alguns desses problemas ?

Um dos maiores é a questão do investimento (...)

Qual seria a fonte desse capital ? " (27)

A pergunta fica sem resposta, mas os rotarianos têm uma função : "Espera-se que os rotarianos, como homens de negócios, saibam proporcionar esclarecimentos sobre essa matéria e conselhos ao público quando respostas específicas forem esperadas." (28)

Assim, o clube quer garantir o espaço do rotariano para dominar a cena política sem que este domínio signifique qualquer custo material. A mola mestra acaba sempre sendo informação, educação, formação de opinião pública ou, em última análise, aconselhamento.

Além dos caminhos já citados, os rotarianos devem trilhar ainda o caminho da JUSTIÇA, nos seguintes termos:

(27) Sete Caminhos da Paz, Op. Cit, p.60

(28) Idem, p. 60

" Sustentará os princípios da Justiça para com a humanidade, reconhecendo que são fundamentais e de cunho universal." (29)

Os mecanismos propostos pelo Rotary para alcançar a justiça entre os povos são a boa vontade, a amizade e a camaradagem. A proposta formulada de maneira prática traz duas condutas para o rotariano : analisar os problemas do ponto de vista do outro, e submeter os problemas à prova quadrupla. (30)

Permanece, entretanto, no ar, a pergunta :
- Qual é o significado da justiça ? O que afinal é justo ? Tal qual aparece aqui, "como princípios fundamentais de cunho universal", a justiça é não só abstrata, sobretudo, um conceito normativo não passível de descrição ou constatação.

A preocupação com a justiça acompanha o pensamento humano desde os antigos, passando pelos pensadores cristãos e modernos. O termo foi adquirindo diferentes significados, podendo ser tomado como equidade, retidão, excelência ou virtude completa, como queria Aristóteles. Foi, ainda, ao longo da tradição filosófica, tomado como : ética, moral, associado à idéia de bem comum e de utilidade.

Todavia, o que encontramos de mais palpável é a justiça formal, na qual as ações justas restringem-se à -

(29) Sete Caminhos da Paz, op. cit., p. 63.

(30) Conforme página 50.

quelas que se adequam às leis pré-existentes.

Marx e Engels, usando o conceito de justiça formal, abominam-na, considerando-a como simples máscara da exploração capitalista, da hipocrisia do capital. Não se pode falar em justiça numa sociedade organizada sobre a desigualdade.

Marx alertava para o papel conservador da justiça, que pode contribuir para disfarçar as desigualdades mantendo o sistema de exploração ao invés de transformá-lo. Para ele, o equilíbrio proposto pela justiça burguesa desconhece a contradição básica da sociedade capitalista.⁽³¹⁾ No pensamento de Marx, a justiça aparece associada ao conceito de igualdade sendo, portanto, consideradas justas apenas as leis igualitárias.

No caso do Rotary, a proposta para a garantia da justiça passa pelas primeiras perguntas da prova quádrupla: "É verdade? - É justo para todos os interessados?...". Considerando a dificuldade em definir também o que é verdade, e sobretudo, o fato de que a definição do que é justiça e verdade são decisões pessoais dos rotarianos, pode-se inferir uma posição intuicionista do clube diante da questão. "Os intuicionistas afirmam que pode ser demonstrada a verdade de determinados princípios morais de uma maneira geral e de justiça substancial em especial com base na intuição, quer moral (Platão), quer religiosa (Santo Agostinho), quer ainda racional (São Tomás de Aquino)."⁽³²⁾

(31) Marx, K., op.cit., p.41 e seguintes e Lefort, C., "A Invenção Democrática", SP, Brasiliense, 1983, p.39 e seguintes.

(32) Bobbio, Norberto, op.cit., p.664.

Ora, a questão da verdade é tão complexa quanto a própria questão da justiça e, portanto, vem sendo tratada pelos pensadores de todos os tempos. (33)

Não vamos aqui refazer esta discussão que acumula quase três séculos de filosofia. Apenas destacamos uma colocação recente feita por Foucault (34) a propósito da verdade. Ele afirma que as verdades são produzidas, e produzidas pelos centros de poder. Na sua interpretação existe uma economia política da verdade. Cada sociedade escolhe seus mecanismos de produção da verdade, acolhe discursos que considera verdadeiros e os divulga.

Para Foucault, a "economia política" da verdade se caracteriza por cinco aspectos importantes: "a verdade está centrada na forma de discurso científico e nas instituições que a produzem, está submetida a uma constante incitação econômica e política, é objeto de formas diversas de uma imensa difusão e consumo, é produzida e transmitida sob controle não exclusivo, porém, dominante de alguns grandes aparatos políticos e econômicos, enfim, é o núcleo da questão de todo um debate político e de todo um enfrentamento social." (35)

Ora, se a verdade é produzida e divulgada sob o controle de núcleos de poder e se reflete o enfrentamento social, ela está carregada de interesses e não pode ser universal, ou demonstrada com base na intuição.

(33) ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de Filosofia, SP, Mestre Jou, 1970, distingue cinco conceitos de verdade: "1) verdade como correspondência, 2) verdade como revelação, 3) verdade como conformidade a uma regra, 4) verdade como coerência, 5) verdade como utilidade" p.557 e seguintes.

(34) Foucault M., Verdad y Poder, in Microfísica Del Poder, Madrid, La Piqueta, 1978

(35) Foucault M., Op.cit., p.187/188.

No caso da prova a que submetem os rotarianos as questões de justiça, o ponto de partida são verdades universais e de julgamento individual.

Os preceitos propostos não se assentam sobre análises políticas ou econômicas da situação concreta dos homens ou das nações no mundo contemporâneo. A saída é o julgamento individual, o que coloca o rotariano acima de qualquer comprometimento político.

A segunda pergunta da prova quádrupla : " É justo para todos os interessados? " dá por suposto uma sociedade harmônica e livre de contradições, cujos interesses são comuns a todos. Só assim então é possível tornar qualquer medida justa para todos, ao mesmo tempo.

O uso da prova quádrupla reflete o utilitarismo próprio do pensamento rotário. A determinação dos fins é uma questão individual e para alcançá-los usa-se a prova. A quarta pergunta da prova mostra bem esta questão : "Será benéfico para todos os interessados?" Quem define o que é benéfico ? Esta é a nossa questão.

Em um certo momento da história brasileira, os rotarianos decidiram que era verdade, era justo, gerava boa vontade e melhores amizades, além de ser benéfico para todos os interessados, a derrubada do governo e para isso lutaram, como veremos mais adiante.

A própria origem da prova mostra sua utilidade. Diz o rotariano Silvano Portes, "a prova quádrupla foi ideada pelo rotariano Herbert Taylor, de Chicago, em 1933, como uma medida para salvar um negócio que estava por falir. O resultado de sua aplicação foi de tal sucesso que o Rotary International a adotou como parte de Serviços Profissionais. Em 1954, Herbert Taylor transferiu os direitos autorais para o Rotary." (36)

Ainda em relação a quem deve estabelecer os fins a serem alcançados, as "Normas rotárias" deixam bem clara a questão na passagem que segue :

" (...) o esboço das Normas encoraja o rotariano a fazer uma contribuição prática. A fim de sustentar os princípios de justiça e difundí-los mundialmente, o rotariano deve estar informado e informar os demais, não somente sobre a situação atual do direito internacional e as suas perspectivas de progresso, como também sobre os sacrifícios que poderão ser necessários no estabelecimento do preceito da lei. " (37)

Aqui aparece uma outra questão, a da informação. Os rotarianos tratam-na como se fosse livre a própria expressão de uma verdade revelada, ou seja, despojada de interpretações e interesses.

(36) Portes, Silvano, op. cit., p. 183.

(37) Sete Caminhos da Paz, Op. cit. p. 73

Ainda dois caminhos são propostos para se alcançar a paz, um deles é o caminho do SACRIFÍCIO. O rotariano "esforçar-se-ã sempre para promover a paz entre as nações e estará disposto a fazer sacrifícios pessoais por esse ideal".

A paz neste contexto é comparada a uma noiva que carrega sobre os ombros a responsabilidade pelo trabalho em prol da harmonia, para o sucesso do casamento.

Como a sistematização das normas do clube ocorreu na década de 50 traz, portanto, a marca dos traumas deixados pela Segunda Guerra Mundial. Neste ponto, quando se analisa a necessidade de fazer sacrifício, a questão de fundo é evitar a guerra, a destruição da humanidade.

Os rotarianos se mostram contrários ao armamentismo, à paz conseguida pelo medo ou pela guarda exercida pelas potências internacionais. Neste campo o papel do rotariano é o de informar a população e pressionar os governos. Ressalta-se aqui o papel político do empresário, que deverá se envolver nesta luta, não deixando as responsabilidades todas aos políticos. Cabe ao rotariano trabalhar para que os povos continuem a ter esperança, e, para isso, a sugestão do clube está no investimento em pesquisas, não apenas no plano tecnológico mas, com igual vigor no plano espiritual.

Parece, neste ponto, que o Rotary acredita na paz acima das condições objetivas de vida, assim como acredita na possibilidade de inculcação de valores nos indivíduos. Tanto isto é assim, que propõe como orientação das ações rotárias, o cuidado com a "vida interior do homem" . "Isso significa que devemos criar um novo ambiente de aventura nas relações humanas que capture a nossa imaginação e entusiasmo de modo tão intenso como as viagens espaciais. Isso significa que a busca de vínculos de união entre os homens e as nações deve ser tão urgente como o desejo de ligar a terra à lua." (38)

Esta proposta pressupõe a disposição de "sacrifício" pessoal do rotariano para se dedicar à causa da paz desde seu mundo doméstico até no plano das relações públicas. O alvo a ser atacado são os milhões de "homens livres e úteis que devem ser auxiliados, a fim de que possam conquistar seus direitos legítimos de dignidade, autonomia e amor próprio." (39)

A conclusão a que o texto leva está diretamente ligada aos resultados ou aos benefícios que este "sacrifício" traz aos homens de negócios. Afinal, "são os que tem mais a perder nesse vendaval que nos arrasta em direção à guerra e à revolução e os que mais se beneficiarão com o estabelecimento de uma nova ordem baseada na liberdade, progresso e justiça." (40) Esta conclusão é hoje bastante questionável quando se sabe que a economia das grandes potências, especialmente dos E.U.A., está baseada na indústria bélica.

(38) Sete Caminhos da Paz, Op. cit p.86

(39) Idem, p. 91.

(40) Idem, p. 92/93.

Para fechar o quadro ainda um caminho deve ser trilhado pelo rotariano. Este, é o caminho da LEALDADE.

O rotariano "promoverá e cultivará um espírito de compreensão das crenças de todos os outros homens, como um passo na direção da boa vontade universal, reconhecendo que há certos padrões morais e espirituais básicos que, quando praticados, assegurarão uma vida mais nobre e mais completa." (41)

O desenvolvimento deste preceito rotário liga-se em primeiro lugar à questão das crenças e religiões. Desde a fundação do clube, a religião tem sido uma questão tratada com todo cuidado. Talvez pela semelhança de objetivos e formas de atuação, o Rotary teve problemas com as igrejas, especialmente a igreja católica. Desde então, não são poupados esforços no sentido de afirmar o respeito aos diferentes credos, para que se possa garantir a expansão do clube.

A lealdade, para o Rotary, não se esgota, entretanto, no respeito mútuo às diferentes convicções religiosas : estende-se, entre outras, às posições políticas, a ponto de ter sido proibida a discussão durante as reuniões do clube, até a década de 70, assim como são proibidos, ainda hoje, o tratamento de assuntos polêmicos.

Como lealdade é um conceito de relação - se é leal a alguém ou a alguma coisa -, o discurso do clube privilegia as instituições. Além da lealdade à igreja e à pá

(41) Sete Caminhos da Paz, Op. Cit., p. 95.

tria, fica destacada a lealdade ao companheirismo mundial e às amizades e, por extensão, às idéias (verdades) do clube.

Como veremos, a própria organização do clube se fundamenta na lealdade quando privilegia as relações pessoais e de compromisso. (42)

Além dos "caminhos para a paz" que, como já apontamos, se referem aos assuntos internacionais, o Rotary fixa as normas para o tratamento de assuntos nacionais, serviços à comunidade e serviços profissionais.

Quanto aos serviços nacionais, além dos já citados compromissos com a lei e a ordem, sendo patriota e cidadão exemplar, cabe ao rotariano, por indicação do clube, manter "um interesse ativo, pessoal e constante em indivíduos recém-chegados, que possam se tornar futuros cidadãos, através de um trabalho junto aos departamentos de educação de seus países e unidades governamentais locais, a fim de promover facilidades educacionais a esses indivíduos em perspectiva de cidadania, se essas facilidades ainda não existirem." (43)

Este interesse do clube nas questões pertinentes à educação está presente durante toda a sua história, e não poderia ser de outra forma, uma vez que uma das bases do pensamento rotário é a moralização da sociedade. Nenhum mecanismo parece ser mais eficiente para garantir uma certa moral - neste caso a moral própria da sociedade capitalista, do trabalho e do êxito, da família nuclear - do que a educação

(42) Sobre a questão da lealdade no exercício do poder e do crime, ver Pantaleone, Máfia 1943-1962, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1962.

(43) Manual de Procedimentos, Op. Cit., p. 226.

desde a infância.

Os rotarianos se dedicam à educação em todos os níveis, da infantil à educação superior, através de projetos próprios ou junto ao poder público, como veremos no capítulo específico sobre a educação.

É através do objetivo de formar o cidadão responsável, dedicado ao trabalho, capaz de respeitar a lei e buscar a ordem, além de estar protegido dos perigos do mundo, que se justificam programas de internamento de menores ou deficientes e programas especiais de formação para o trabalho sob a direção dos cidadãos íntegros e exemplares do "Rotary Club".

Como o Rotary não possui uma organização nacional, é a nível local e pessoal que as normas vão se concretizando em "serviços". Quanto aos serviços à comunidade, o clube alerta para a importância da coordenação internacional. O Rotary International, instância responsável por esta coordenação, existe para, entre outras funções, "por meio de sugestões úteis, mas sem coação, (fazer) a padronização de suas práticas e de tais atividades cívicas, e somente tais atividades cívicas, que já tenham sido largamente experimentadas com êxito por muitos clubes e que se enquadrem dentro do objetivo do Rotary conforme estabelecido nos Estatutos do Rotary International e que não tendam a deturpá-lo." (44)

(44) Manual de Procedimentos, Op. Cit., p. 204.

Apesar deste alerta, mais adiante o mesmo texto afirma a absoluta autonomia dos clubes para escolher as atividades de serviços à comunidade que mais lhes convier. Sugere a ação coletiva do clube, sempre que não se refira a projetos de governo que apresentem controvérsias. E lembra também aos rotarianos para que não invadam searas alheias. Não dupliquem esforços, quando já existirem outras organizações patrocinando com eficiência algum empreendimento. Neste caso, a sugestão do clube é para que o rotariano individualmente se dedique ao empreendimento junto a outra organização.

De modo geral, são desaconselhadas pelo Rotary International as grandes obras, como a construção de um hospital, por exemplo. É preferível ampliar um já existente, diz a norma. Aí se colocam duas preocupações: a primeira é com as finanças - Rotary International não ajuda economicamente projetos locais - e a segunda liga-se ao próprio objetivo do clube, que não é o de resolver diretamente os problemas da comunidade. A afirmação do objetivo deixa clara a forma de atuação: "Os serviços à comunidade, no Rotary, objetivam encorajar e fomentar a melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública ou privada." (45)

Se o problema é melhorar a comunidade e esta melhoria se apresenta mais no plano moral do que no plano material, mais duas proposições se encadeiam coerentemente nas normas do clube: "O Rotary é uma concepção de vida que se propõe a solucionar o eterno conflito entre o desejo de lucro pessoal e o dever e conseqüente empenho de auxiliar o próximo." (46)

(45) Manual de Procedimentos, Op. Cit., p. 204.

(46) Iden.

Aqui, mais claro do que nunca, se confirma a nossa hipótese inicial de que o objetivo do clube, que não está explicitado, é a preservação de um tipo de dominação- a dominação capitalista. Solucionar o conflito entre o desejo de lucro e o auxílio ao próximo - ora, aí não existe conflito, são, na realidade, ações que se complementam. O auxílio ao próximo serve exatamente para legitimar o desejo de lucro, além de legitimar a ideologia do sucesso e da competência.

Mas as normas do Rotary International se guem orientando os clubes para que escolham as formas de atuação mais adequadas. Por exemplo : quando um clube descobrir uma medida necessária e que deve ser tomada pela comunidade como um todo, mesmo que o clube tenha condições de resolver o problema, não deverá fazê-lo. "O 'Rotary Club' trabalha me lhor e alcança maior sucesso em todas as suas atividades a gindo como divulgador ou propagandista." (47) Aliás, neste sentido, o rotariano apresenta semelhanças com a atuação do "agitador comunista" (48), cuja função é estimular o trabalho e garantir uma imagem favorável do Estado.

A propaganda ou a sensibilização da opinião pública aos projetos que o clube considera prioritários deve vir também no sentido de publicidade do clube. O Rotary International recomenda que, embora não seja o objetivo primordial, a publicidade deve ocorrer sobre os projetos de sucesso empreendidos pela organização "como um meio de estender a influência do Rotary" (49)

(47) Manual de Procedimentos, Op. Cit., p. 205.

(48) Tragtenberg, Maurício - Burocracia e Ideologia, 2^a reimpressão, SP, Ática, 1977, p. 86/87.

(49) Manual de Procedimentos, op. cit., p. 205.

A quarta e última linha de atuação se expressa por meio dos Serviços Profissionais. Nesta linha destacam-se dois aspectos importantes da ideologia do clube. Por um lado, a profissão e os negócios são considerados como serviços prestados à sociedade, e a moralidade, expressa através de regras de conduta, define o trabalho profissional digno. Por outro lado, é também através da linha de serviços profissionais que o Rotary prega as normas para o bom relacionamento patrão-empregado.

O Conselho Diretor do Rotary International na gestão 1942/43 aprovou a declaração "Servir Através dos Negócios", distribuída aos sócios e clubes e que funciona como uma espécie de "Mandamentos do Profissional". Tal documento ainda se mantém como referência, nos clubes.

A declaração, para ser emoldurada e pendurada na parede do escritório do rotariano, diz o seguinte :

" Como rotariano, proponho-me a :

- Considerar meu negócio ou profissão como minha oportunidade de aplicar-me na prestação de serviços à sociedade, bem como um meio de obter proventos materiais.

- Manter a dignidade e o valor de minha ocupação, aceitando e promovendo elevadas normas de conduta e eliminando atividades duvidosas.

- Considerar meu êxito profissional como uma ambição digna, quando conseguida como resultado de um serviço prestado à sociedade; mas não aceitar lucros nem distinções que advenham de vantagens injustas, abusos de privilégios ou violação de confiança.

- Reconhecer que qualquer transação legítima deve reger-se por normas que tragam satisfação a todas as partes interessadas, e considerar como um privilégio, em minha profissão ou negócio, servir além dos limites marcados pelo meu dever ou pela minha obrigação. " (50)

Esta declaração revela o esforço dos empresários, no Rotary, por legitimar seus negócios e fazê-los aceitos pela sociedade. A idéia de considerar a empresa como um serviço não é original. Desde os escritos de Taylor e Fayol já a tentativa de conseguir produtividade máxima aliada à harmonia no trabalho afirmava os interesses comuns entre patrão e empregado, ou seja, o bem estar social através da abundância e do progresso.

A legitimação, contudo, não se esgota na natureza da empresa, exploradora da mão de obra, mas se estende à forma de direção empresarial. É a direção dos empregados, pela empresa e pelo empresário, que interessa legitimar. Daí a afirmação de empreendimento útil e do êxito profissional como símbolo de dignidade. O que sustenta esta afirmação é a moral do trabalho, a crença de que foi através do trabalho honrado que se construíram os grandes impérios econômicos.

(50) Manual de Procedimentos, Op. Cit., p. 227.

Constrói-se assim uma imagem de dignidade e excelência do empresário que o torna merecedor de sua posição, tanto de proteção como de mando em relação aos trabalhadores.⁽⁵¹⁾

Como mecanismo de preservação e divulgação desta idéia, o Rotary propõe atividades específicas junto aos empregados, como veremos em capítulo posterior.

Em linhas gerais, estas são as idéias que o Rotary espera que os clubes e seus associados divulguem por todo o mundo. Contudo, a direção internacional - Rotary International não se limita a propor "verdades": estabelece também a forma de organização que deve viabilizar a consecussão de seu objetivo.

Rotary Club : Uma Organização Secular

Para compreender o alcance das idéias e práticas rotárias em todo o mundo precisamos entender a organização que viabiliza a ação coordenada dos homens de negócios.

O Rotary aparece como uma organização centralizada e hierárquica, onde o acesso aos postos de decisão é rigorosamente controlado pela cúpula do movimento, embora a sistemática de escolha dos dirigentes siga o modelo de eleição representativa. São três as instâncias de poder no Rotary : Rotary International; Governadoria Distrital

(51) Sobre Ideologias Empresariais, Ver Bendix, R. "Trabajo y Autoridad en la Industria, Eudeba, Buenos Aires, 1966.

e Clube . As principais decisões referentes à política do movimento emanam do Rotary International, são repassadas pelas governadorias e chegam aos clubes e associados.

Como já vimos, a autonomia do clube afirmada pelo Rotary é fictícia, só se refere à execução da política definida na coordenação central do movimento, e também exime o Rotary International de qualquer responsabilidade econômica para com os clubes. Estes últimos, sim, possuem compromissos econômicos com a organização, por exemplo, pagam uma jóia (em dólares) quando de seu registro como clube filiado . O Rotary não possui compromissos com seus clubes, a ajuda econômica que em certos momentos ele oferece aos clubes depende do reconhecimento da conveniência ou não de apoio previamente estabelecido.

A organização do Rotary sofreu apenas pequenas alterações ao longo destes mais de 80 anos de funcionamento. Desde a década de 1920 as mudanças são mais conjunturais do que estruturais, feitas em função da expansão havida ao longo do tempo.

Começemos, pois, por analisar como se dá a organização do Rotary a partir de sua estrutura internacional.

O órgão máximo na hierarquia do movimento é representado pelo Rotary International, instância de união

de todos os Rotary Clubs do mundo. São sócios do Rotary International todos os Rotary Clubs, não os rotarianos individualmente.

A função do Rotary International " é estimular, fomentar, propagar e fiscalizar o movimento rotário pelo mundo inteiro " (52), tendo ainda como objetivo manter a unidade de propósitos e ação de todos os clubes a ele filiados. Para isso, o Rotary International processa uma rigorosa inspeção nos clubes recém-criados antes de lhes garantir o registro na organização, bem como depois da aceitação do mesmo registro, uma vez que este pode ser cassado. O registro no Rotary International simboliza o passaporte para a entrada na "confraria dos escolhidos". Dá direito ao uso das insígnias (distintivos, agendas, etc) e garante foruns de relacionamentos privilegiados no mundo dos negócios.

Para assegurar a ação coordenada e uniforme o Rotary International estabelece os estatutos e Regimento Interno de cada clube obedecendo uma padronização geral, permitindo pequenas modificações para melhor adaptação às realidades regionais, uma vez que o Rotary adota como princípio o respeito às diferenças culturais das nações onde se estabelece.

Apenas para ilustrar o grau de controle e exercido pelo Rotary International sobre os seus filiados, basta dizer que assuntos aparentemente corriqueiros, como data, horário ou local de reunião de cada clube existente no mundo são registrados em uma publicação própria, chamada "Official Direc

(52) Filizola, N., in Rotary sem Mestre, São Paulo, Edição do Rotary Club de São Paulo, 1968, p. 20.

tory" que é atualizada e distribuída anualmente a todos os clubes. Isto, para uma organização com mais de 20.000 clubes e 1.000.000 de associados, espalhados por quase 200 nações.

No clube este fato é tido como eficiência organizativa e até motivo de orgulho para os associados. A a ceitação do controle parece ser inquestionável.

O Rotary International possui dois poderes distintos, o executivo personalizado no Conselho Diretor, e o legislativo chamado Convenção Internacional.

Convenção Internacional

A Convenção Internacional, como órgão legislativo máximo, é a responsável pelos Estatutos e Regimento Interno do Rotary International e dos Rotary Clubs; nenhuma modificação destes documentos pode ser estabelecida sem que seja aprovada na Convenção. Existe uma série de instâncias menores encarregadas de filtrar as sugestões à Convenção; contudo, as decisões pertencem a esta.

As Conferências Distritais, órgãos legislativos a nível de distrito, podem encaminhar sugestões de mu danças nos estatutos; todavia, estas sugestões passam pelo Conselho de Legislação, que é um órgão de assessoramento, encarregado de estudar as propostas e fazer recomendações à Convenção.

Outro órgão legislativo auxiliar à Convenção Internacional é o Conselho de Propostas para Presidente, instância encarregada de receber sugestões e escolher o candidato à presidência do Rotary International a ser aclamado ou eleito na Convenção. Neste caso, de posse das propostas dos clubes, o Conselho de Propostas faz sua escolha após análise de curriculum, e envia aos clubes o nome que irá à Convenção. Caso algum clube não concorde com a escolha pode enviar um outro nome e, após novas discussões no Conselho de Propostas, se ambos os lados mantiverem suas escolhas, os dois nomes vão à Convenção e dá-se a eleição.

É importante observar, entretanto, que a época que antecede a escolha do presidente é um período de negociações. Um clube não envia, como sugestão, à Convenção um nome que não esteja exhaustivamente articulado com um bom número de clubes, os quais, por sua vez, estão com representação garantida na Convenção.

Quanto à Convenção Internacional, reúne-se anualmente em maio ou junho, data que marca o final do ano rotário, conforme o ano civil americano.

São três as suas atribuições básicas : a) rever a legislação da organização, a cada 2 anos; b) eleger os administradores do Rotary International; c) fixar um programa comum para os Rotary Clubs para o ano seguinte, além de promover o encontro dos empresários e profissionais liberais, com o fim de estreitar laços de amizade ou negócios.

A composição da Convenção se dá através de no mínimo um representante por clube, sendo que os clubes maiores possuem mais do que um, pois é permitido um representante para cada 50 sócios. A Convenção tem reunido a cada ano um número maior de participantes. O evento configura-se em importante acontecimento social, servindo como prova do status que a organização transfere ao associado e à sua família.

A Convenção Internacional tem à sua disposição infra-estrutura para realizar ampla programação atendendo aos interesses dos diferentes grupos presentes a ela. São realizadas reuniões para as diversas categorias profissionais ou de negócios, reuniões especiais para senhoras e jovens, além da programação turística.

As reuniões chamadas de "ocupação profissional" são tradicionais nas Convenções e se configuram em encontros profissionais de empresários do mesmo ramo de atividades ou atividades afins que usam a oportunidade para troca de idéias e informações de interesse comum. Nesta oportunidade, os homens de negócios aproveitam para estabelecer contactos, verificar oportunidades de mercado, expansão de seus negócios, entre outros assuntos. Estes contactos ganham maior importância pelo fato de as Convenções ocorrerem, a cada ano, em um local diferente do globo.

Antes da realização da Convenção ocorre um

outro evento que é a Assembléia Internacional. Dela fazem parte todos os administradores do Rotary International (53). Sua importância é determinada pelo papel que exerce na continuidade da organização. O objetivo desta assembléia é o planejamento do trabalho para o ano seguinte, e o treinamento dos administradores e governadores indicados para assumir os cargos na próxima gestão. Trata-se de uma reunião restrita aos elementos convidados do Rotary International. A finalidade da Assembléia, conforme texto publicado no Manual de Procedimentos, " é proporcionar a esses administradores e aos presidentes de comissões a oportunidade de estudarem e planejarem, em conjunto, o trabalho e as atividades do Rotary International e seus clubes para o ano seguinte. Além disso, proporcionar aos presentes a aquisição de conhecimentos rotários e de instrução quanto aos deveres administrativos, ao mesmo tempo que estabelece maior companheirismo entre os participantes. " (54)

A citação mostra a permanente preocupação do Rotary com a formação de seus sócios e dirigentes dentro do espírito da instituição. Logo a seguir, no mesmo Manual de Procedimentos, encontra-se uma nota esclarecendo ser a literatura usada na reunião apenas aquela publicada e distribuída pelo Rotary International, não sendo permitida a distribuição de materiais de outras fontes. O rigor, quanto à defesa das idéias produzidas pela direção do movimento rotá -

(53) São considerados administradores do Rotary International o Presidente, Vices-Presidentes, Diretores, Administradores indicados, Governadores de Distrito indicados, Presidentes de Comissões do Rotary International e outros designados. Conforme Filizola, Rotary sem Mestre, op.cit., p.25.

(54) Manual de Procedimentos, Op. cit., p. 47.

rio, aparece também na exigência de disponibilidade de tempo e recursos para participar do treinamento, condição para ser indicado e aceito.

Conselho Diretor do Rotary International

O Conselho Diretor do Rotary International, responsável pela execução da política aprovada na Convenção, apresenta uma composição, com pequenas alterações através dos tempos. Em 1983 faziam parte deste Conselho dezesseis membros, sendo: o Presidente do Conselho; o Presidente eleito para a gestão seguinte; seis Diretores dos E.U.A., Canadá, Bermudas e Porto Rico; um Diretor da Grã-Bretanha e Irlanda; dois Diretores da região da Europa Continental, Norte da África e Mediterrâneo Oriental; dois Diretores da Ásia; dois Diretores da Ibero-América; um Diretor da Austrália, Nova Zelândia, região Sul-Africana e de outras partes não incluídas em nenhuma região; um Diretor adicional de uma das regiões acima mencionadas, conforme determinação e designação do Conselho Diretor do Rotary International. (55)

Esta composição tenta manter uma certa proporcionalidade com relação ao número de clubes de cada região. O que vale observar no quadro abaixo é a superioridade da representação norte-americana, o que, sem dúvida, garante a orientação do programa rotário para todo o mundo.

Ano	Região	UCB	GR&I	CENAEM	SACAMA	ANZAO	ÁSIA	ADIC.
1966		05 + 1	01	02	01	01	01	01
1978		06	01	02	02	01	02	01
1983		06	01	02	02	01	02	01

(55) Filizola, Nicolau, "A Estrutura do Rotary International" in Rotary sem Mestre, op. cit. p. 20 a 28.

O Conselho Diretor do Rotary International tem como responsabilidade desenvolver os propósitos do Rotary para o cumprimento de seus objetivos; estudar e divulgar os princípios fundamentais, preservar seus ideais, sua ética, suas características singulares de organização e sua disseminação no mundo inteiro⁽⁵⁶⁾. Reúne-se pelo menos duas vezes por ano rotário e pode constituir uma Comissão Executiva para funcionar no período entre uma reunião e outra. É ainda função deste Conselho o controle e a superintendência geral sobre todos os administradores e Comissões do Rotary. Seu poder chega até ao nível da destituição de Diretores eleitos na Convenção. Suas decisões, porém, podem sofrer recurso na ocasião da Convenção Anual.

Merecem, ainda, destaque os requisitos para candidato a Presidente ou Diretor do Rotary International. Como em toda estrutura do Rotary, o sócio ao ser indicado para um cargo deve dispor de um curriculum rotário. Isto significa a existência, quase que, de um quadro de carreira no clube. Um sócio não poderá ser indicado para o cargo de Presidente se antes não tiver sido Diretor e, para chegar a Diretor, deverá ter sido governador de distrito, cargo possível somente após o exercício da função de presidente de um clube por gestão completa.

(56) Conforme Regimento Interno do Rotary International in Manual de Procedimentos, Op. cit., p. 264.

Um cargo de singular importância é o de Secretário Geral, o único remunerado do Conselho Diretor, e também o único com duração de cinco anos. Seu ocupante é responsável não só pela gerência do Rotary International, como também pela compatibilidade e gestão dos fundos do Rotary, sob a superintendência do Conselho Diretor.

Comissões

Ligadas ao Presidente do Rotary International funcionam nove ⁽⁵⁷⁾ comissões permanentes, encarregadas de garantir a política do Rotary para o conjunto de seus associados. Estas comissões possuem atribuições específicas e suas decisões estão submetidas à aprovação do Conselho Diretor. Os Presidentes e demais membros das comissões são nomeados pelo Presidente do Rotary, sendo este membro *ex-officio* de todas elas.

As comissões permanentes se compõem conforme o serviço que prestam. Possuem maior número de membros : a Comissão de Expansão, encarregada de viabilizar a expansão do Rotary no mundo, através dos distritos, com doze componentes e a Comissão de Desenvolvimento do Quadro Social, com função similar à primeira mas encarregada da expansão do quadro social dos clubes já existentes no movimento. Pode-se observar que as duas maiores comissões se fixam na preo-

(57) Conforme Manual de Procedimentos, 1978, p. 6.

cupação básica do Rotary - sua própria expansão, ou seja, a cobertura de todo o território do chamado mundo livre, sob a sua ação. A expansão deve ocorrer tanto a nível de clubes como a nível de sócios nos clubes já existentes.

Outras comissões permanentes são : Comissão de Planejamento, que revisa constantemente o programa do Rotary e acompanha o cumprimento do mesmo; Comissão da Convenção, encarregada da realização da Convenção Anual; Comissão de Publicações, responsável pelas publicações oficiais, especialmente da "Revista Rotária", em língua espanhola e "The Rotarian", em língua inglesa; Comissão de Finanças, que prepara e recomenda o orçamento do Rotary e orienta o Conselho Diretor sobre todos os assuntos relativos às finanças ; Comissão de Estatutos e Regimento Interno, que tem a obrigação de rever as normas e processos legislativos do Rotary e também orientar o Conselho Diretor; Comissão de Distritamento, que estuda a formação de novos distritos rotários e desmembramento dos já existentes; e, por último, Comissão de Relações Públicas, encarregada de aconselhar o Conselho Diretor quanto às relações públicas.

O Presidente do Rotary pode ainda nomear comissões especiais para desenvolvimento de projetos e com duração limitada.

Analisando a administração do Rotary International pode-se perceber claramente que a instituição vive voltada para ela mesma. A maior parte do tempo e do esforço des

pendido prende-se à própria preservação. Os programas de prestação de serviços são organizados por Comissões Especiais, ou pela Fundação Rotária (58).

O Rotary possui uma sede central, um ponto de referência para todos os rotarianos : trata-se da Secretaria Geral, localizada na cidade de Evanston, Estado de Illinois, nos E.U.A. Esta Secretaria se compõe de um escritório local , um escritório em Zurique, na Suíça, e um escritório em Londres. A partir de 1980 foram ainda abertos o Escritório Nórdico, em Estocolmo (Suécia), Sucursais da Secretaria em São Paulo (Brasil), Sidney (Austrália) e Tóquio (Japão). Sob a responsabilidade da Secretaria Geral está a execução das decisões do Conselho Diretor, com relação à administração de recursos e todo apoio administrativo ao mesmo Conselho.

Distritos

Como já foi exposto, o Rotary International compreende todos os Clubes espalhados pelo mundo; todavia, estes encontram-se organizados em forma de distritos. Os distritos têm como objetivo facilitar a administração . São territórios geográficos que agrupam um certo número de clubes, passíveis de serem dirigidos e controlados por um governador.

Para a formação de um distrito são consideradas as afinidades dos clubes, a região onde se localizam, a

(58) Sobre a Fundação Rotária, ver os capítulos seguintes deste trabalho.

cultura, a língua e as condições de acesso, entre outros pontos.

Um distrito pode ser internacional - o importante é que nenhum clube pode estar não distritado. Na realidade, todas as regiões do mundo onde o Rotary se mantêm estão mapeadas em forma de distrito. Em 1983 o Brasil se encontrava assim subdividido em regiões rotárias : (59)

Quantos Distritos rotários existem no Mundo e no Brasil?

Existem, nesta data, 403 Distritos rotários no Mundo, sendo 24 no Brasil. O Distrito 447 tem um clube internacional: Ponta Porã (Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Amambay, Paraguai).



JANEIRO 1983

Os distritos não possuem uma estrutura administrativa e nem é recomendado pelo Rotary que a possuam. O governador do distrito trabalha individualmente e/ou com a colaboração de ex-governadores e presidentes de clubes. Todavia, as atribuições da governadoria são, na realidade, atribuições do governador do distrito.

Espera-se de um governador que ele se dedique à supervisão e organização de novos clubes no seu distrito, uma vez que o grande objetivo do Rotary (não explícito) é sua própria expansão. Deve ainda publicar uma mensagem - carta mensal - aos seus clubes filiados, na qual estão as informações sobre as doações à Fundação Rotária, sobre a frequência aos clubes, além de convites para Conferência e Convenção e o tradicional incentivo à expansão. O governador possui também o compromisso de visitar todos os clubes do distrito durante a gestão e, por ocasião da visita, contribuir para a formação rotária dos seus governados. Quanto à Direção Geral do Movimento, o que se espera do governador é que transmita prontamente todas as informações solicitadas pelo Rotary e que se submeta à orientação do Conselho Diretor do Rotary International, pois o governador é considerado um administrador do Rotary no distrito. Grande parte do tempo do governador é dedicada à orientação, instrução e motivação dos governadores entrantes.

A escolha do governador segue a sistemática geral de eleições no Rotary. O candidato é indicado pelos clubes do distrito e eleito pela convenção do Rotary. Contudo, o Rotary orienta a indicação dos candidatos solicitando que se leve em conta o seguinte :

" A seleção do governador indicado pelos clubes do distrito deve ser conduzida de maneira dignificada e responsável, de acordo com os princípios rotários. As atividades referentes ao apoio de candidatos para o cargo de governador de distrito devem ser consistentes com a importância e seriedade da função de um governador de distrito. O texto do impresso referente ao apoio de um candidato para o cargo de governador de distrito deve se limitar a uma declaração de suas atividades rotárias, cívicas e profissionais e a uma fotografia, sem haver nada mais para promover a sua candidatura. " (60)

O candidato indicado pelos clubes será em seguida avaliado pela Secretaria Geral e Conselho Diretor do Rotary, através da documentação enviada e somente se aprovado nesta instância será encaminhado o nome para eleição na Convenção Internacional do Rotary.

A avaliação do candidato será processada tendo em vista, entre outros, os requisitos abaixo :

- Deve ser sócio, em pleno gozo de seus direitos, de um clube do distrito para o qual foi indicado e que esteja funcionando em boa situação;
- deve ter sido sócio do Rotary Club durante um período não inferior a 5 anos;
- deve ter sido Presidente ou Secretário de um Rotary Club;

(60) Manual de Procedimentos, Op. cit., p. 16.

- deve comparecer à assembléia internacional por todo o período de sua duração, antes da sua eleição, é desejável que compareça à Convenção Internacional;
- deve contar com a estima e confiança do seu próprio clube;
- deve ser uma pessoa de boa reputação profissional ou comercial, com aptidão executiva demonstrada na direção do seu próprio negócio ou profissão;
- deve ser um homem cuja conduta, e a conduta dos membros da sua família imediata, seja impecável. (61)

O governador de distrito ao assumir esta função necessita de disponibilidade, de tempo e de condições físicas para uma dedicação quase que exclusiva ao Rotary durante um ano rotário (de julho a junho).

Isto se deve ao fato de que, como já dissemos, as atribuições são pessoais do governador. O Conselho Diretor do Rotary recomenda enfaticamente que o governador promova o que se chama "Concursos Distritais de Freqüência", concursos estes baseados nos relatórios mensais dos clubes do distrito. Mais adiante veremos a importância dada no Rotary às questões da freqüência às reuniões semanais.

Além desta atividade existe uma outra reco

(61) Idem, p. 18.

mendação que explicita exatamente o que é o movimento rotário:

" Para que o Rotary possa exercer a sua mais ampla influência, deve ser salientada a responsabilidade do governador na execução, em seu distrito, do programa que inclui três aspectos equivalentes de atividades :

a) Organização de um Rotary Club em toda a comunidade onde quer que se possa esperar manter um clube com sucesso.

b) Preenchimento do maior número possível de classificações em cada clube, procurando sobretudo conseguir o melhor candidato para qualquer classificação vaga. Em igualdade de condições, escolher-se-á o mais moço de dois candidatos, a fim de conservar baixa a média de idade no clube.

c) Acentuar a importância do desenvolvimento do rotariano individualmente dentro do programa do Rotary International e objetivo do Rotary. " (62)

Enfim, de todas as atribuições do governador a principal ou pelo menos a de maior vulto é a Conferência Distrital, cuja programação e realização é de sua inteira responsabilidade - desde a escolha de local, data e duração, até a programação. Todavia, o Conselho Diretor do Rotary fixa normas para a realização desta conferência, além de fazer também recomendações. Poder-se-ia dizer que administrar o Rotary em qualquer ins

(62) Idem, p. 27.

tância requer a habilidade fundamental de saber seguir normas, ser disciplinado e saber ler a cartilha ou a "bíblia rotária" - o Manual de Procedimentos.

Vejamos as recomendações do Conselho Diretor para a realização da Conferência Distrital :

O local deve ser central no distrito; os as assuntos tratados devem ser os chamados "assuntos rotários"; a du ração deve ser mínima de dois dias e máxima de três dias; devem ser econômicas, ou seja, que não envolvam grandes gastos; devem omitir diversões e concursos desnecessários; devem favorecer a participação das senhoras nas sessões plenárias e promover o entretenimento para elas em horários não coincidentes com as ci tadas sessões. Aos homens cabem os trabalhos e à mulher as ame nidades. Destacamos mais duas recomendações do Conselho Diretor aos governadores ao programarem as Conferências Distritais: sempre que possível, realizem uma atividade social, banquete , almoço ou recepção destinada aos rotarianos residentes no distrito que tenham sido administradores do Rotary e às suas se nhoras.

O culto à hierarquia está sempre recomendado. Uma vez rotariano ilustre, porque investido de algum cargo na organização, será sempre ilustre e, portanto, merecedor das honras da casa.

A última recomendação refere-se a um meio pa ra melhorar a publicidade do Rotary e para tanto sugere-se que

se incluam nos programas das conferências distritais uma ou mais personalidades de renome, cuja postura ou aparência façam notícias e cuja mensagem se relacione às atividades e ao objetivo do Rotary.

É permitido ainda aos distritos atribuir título de Governadores Honorários e Patronos, porém, estes são destinados apenas aos chefes executivos dos governos ou aos membros da realeza.

Quanto às publicações distritais, elas são desejáveis, desde que atendam a certas exigências do Conselho Diretor do Rotary International como, por exemplo : todos os aspectos da publicação devem estar sob a supervisão direta do governador ou governadores de distritos interessados; o conteúdo da publicação deve ser 50% sobre o Rotary ou tópicos relacionados; deve manter uma aparência atraente em conformidade com a dignidade e a natureza do Rotary, entre outras.

Rotary Club

Na estrutura do Rotary os clubes são as unidades de execução da política rotária. É no âmbito do clube que se espera a concretização dos objetivos e metas. Cada clube possui uma organização simples, porém, padronizada como toda instituição controlada pela cúpula.

Um Rotary Club é dirigido por um presidente eleito entre seus sócios representativos ou veteranos. A eleição se dá normalmente por consenso, uma vez que a escolha é feita através de consultas informais entre os sócios antes do lançamento do candidato. As condições necessárias para ser candidato são, primeiramente, a experiência como rotariano, os conhecimentos a respeito do movimento rotário, sua filosofia, princípios e normas; deve o candidato ter servido no Rotary como secretário ou membro do Conselho Diretor do Clube; deve também ter comparecido à uma ou mais conferências distritais. Como o Rotary International, o Clube também possui um Conselho Diretor e diversas comissões.

Para entender o funcionamento de um Rotary Club é necessário que se perceba primeiro como este se constitui - é uma agremiação de profissionais e homens de negócio, situados em um dado território geográfico. É fundamental que se destaque também o aspecto do território geográfico do clube, uma vez que é através deste fator que se dá a expansão. O território do clube e o sistema de classificação dos sócios é que asseguram a natureza da constituição dos clubes. Quanto ao território, as cidades são mapeadas. De acordo com a maior ou menor concentração de empresas fundam-se mais ou menos clubes. Um clube não deverá abranger um território maior do que aquele que pode assistir.⁽⁶³⁾ O Rotary recomenda avaliações anuais e no caso de um clube estar com território muito grande, deverá ceder parte dele para a fundação de uma outra unidade rotária.

(63) Sobre esta questão o Manual de Procedimentos é explícito: "Pede-se aos clubes cujos territórios são indefinidos, ou maiores do que possam necessitar a considerar o ajustamento e/ou a redução de seus limites territoriais, de modo que a disseminação dos ideais e princípios rotários a outras comunidades possam progredir de forma sistemática e regular (p.165).

A definição do território não se dá pela demanda de serviços, mas sim, pela demanda de candidatos a sócios. O importante é não perder qualquer um dos possíveis aliados. É aqui que aparece o sistema de classificação, com base no qual os rotarianos se consideram um clube de profissionais. O Rotary fornece um quadro de classificações bastante extenso e a partir dele os rotarianos estudam o seu território, e definem o quadro de classificação, que por sua vez indicará as vagas existentes. Pelas normas rotárias, cada clube deverá manter um representante de cada profissão ou ramo de negócios que atue no seu território. Com isso procura-se garantir a diversidade na composição da agremiação, além de se evitar que um clube passe a funcionar como um grupo de interesse de uma dada profissão ou ramo de negócios.

Esta norma, porém, permite o "jogo" de classificação, de maneira que nenhum candidato que interessa ao Rotary fique de fora da organização. Por exemplo : numa cidade que concentre empresas de um ramo de negócios, como máquinas agrícolas, como o Rotary recomenda que se tenha apenas um sócio representativo mais um adicional de cada ramo, e se as principais empresas (maiores, de maior faturamento, etc) forem relacionadas com a mesma produção de máquinas, os rotarianos serão classificados de formas diversas. Vejamos algumas opções de classificação : Indústria de Máquinas Agrícolas, Máquinas Agrícolas-Comercialização, Máquinas Agríco-

las Exportação, Engenharia Industrial, Economia e Administração e assim por diante. É possível, como vemos, abrir classificações diferentes para abrigar o número, que interessar ao clube, de representantes do mesmo tipo de negócio. O que, em última instância, vai pautar a captação de sócios é o grau de poder econômico ou político que cada um detém no âmbito geográfico do clube. (64)

O importante para o "Rotary Club" é formar uma rede da qual não escape nenhum elemento de peso na vida política local. Desta forma o clube garante sua influência política em todos os níveis. (65)

Se os rotarianos de Limeira, Crato ou Joaçaba não possuem acesso ao centro de poder a nível nacional, eles garantem sua influência ao nível dos seus municípios. Todavia, os rotarianos de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, etc. farão o seu papel ao nível estadual e nacional, como veremos em capítulo posterior. O que importa é que se aglutine uma forte rede de sustentação para as pressões políticas em todos os níveis.

(64) Manual de Procedimentos, Op. cit., p. 239.

(65) "O sócio representativo de um Rotary Club será uma pessoa adulta, do sexo masculino, de caráter ilibado e de boa reputação comercial ou profissional,

- a) que seja proprietário, sócio, diretor ou gerente de qualquer negócio ou profissão útil e idônea; ou
 - b) que desempenhe importante função executiva, com ampla autonomia, em qualquer negócio ou profissão útil e idônea; ou
 - c) que atue com plenos poderes, na qualidade de gerente local ou gerente de filial, de qualquer negócio ou profissão útil e idônea, tendo sob a sua responsabilidade a administração de tal agência ou filial, em função executiva; e
 - d) que se dedique pessoal e ativamente ao negócio, ou profissão, ao qual deverá ser classificado no clube, tendo o seu local de trabalho, ou de residência, situado dentro dos limites territoriais do clube."
- Conforme Silvano Portes - Op. cit., p. 81.

Ao estabelecer o quadro de classificação dos clubes os rotarianos demonstram que para toda regra existe a exceção; e no caso do Rotary as exceções ficam por conta de três classificações que são consideradas livres, podem ser preenchidas por quantos sócios for possível alcançar. As classificações são : Serviços Diplomáticos, Religião e Meios de Comunicação. Para cada uma destas profissões há uma razão especial que justifica o interesse do clube. Como se sabe, os Serviços Diplomáticos são instância privilegiada do aparato de poder estatal. Através dos Serviços Diplomáticos fica facilitado o acesso ao poder governamental, bem como o trânsito internacional que é fator chave na atuação do Rotary Club. Não só os membros dos Serviços Diplomáticos são convidados a se associarem ao clube, como são também constantemente homenageados como representantes de seus países. Com o pretexto de buscar as boas relações internacionais, os rotarianos garantem um capital de relações sociais importante na sua vida particular e na facilitação de seus negócios. Quanto às religiões, elas aparecem como um dos apoios mais visados pelo clube. Por um lado, graças à similaridade de objetivos entre as igrejas e o Rotary, e por outro pelo reconhecido poder que as igrejas detêm no que se refere à formação de opinião. O bom relacionamento entre Rotary e igrejas assegura ao clube a legitimidade da instituição e contribui na atribuição de legitimidade aos negócios privados dos rotarianos.

Durante toda sua história o Rotary tem primado pela sedução de padres, pastores e rabinos, seja através de homenagens, seja pela ajuda econômica a obras sociais patrocinadas pelas igrejas ou por projetos conjuntos entre as instituições. É preciso lembrar que, como as igrejas, o Rotary também está interessado em inculcar a sua moral e seus princípios éticos à sociedade. Portanto, o confronto ou a disputa com as igrejas não interessa ao clube. Especialmente, como se poderá ver mais adiante, o Rotary procura se associar aos segmentos mais conservadores das igrejas (66).

A Imprensa, também com classificação livre, é um instrumento de poder na sociedade contemporânea capaz de mudar os rumos da história de uma dada comunidade. Os rotarianos não desconhecem este fato. Especialmente, para o cumprimento dos objetivos do clube, a imprensa significa um aliado dos mais disputados. Qualquer esforço para atrair a imprensa parece válido para a direção geral do movimento, que no seu "Manual de Procedimentos" faz a seguinte recomendação aos seus clubes:

" (...) o Conselho Diretor recomenda aos "Rotary Clubs" os seguintes meios a fim de assegurar uma publicidade favorável para o Rotary:

1) Promover a admissão de proprietários, agentes e redatores de jornais, de estações de rádio e televisão ,

(66) Ver a atuação do clube e das Igrejas no Movimento de 1964, no último capítulo deste trabalho.

e proprietários de publicações comerciais e profissionais para sócios do clube;

2) Aproveitar todos os meios de comunicação, inclusive o rádio e a televisão, para a difusão de informações sobre o objetivo do Rotary;

3) Realização de uma reunião anual em cada clube para representantes dos meios de comunicação da localidade e, sempre que possível, para representantes de fora do território do clube, nas quais reuniões a organização e o objetivo do Rotary sejam amplamente explicitados." (67)

Com esta citação fica clara a perspectiva de utilização da imprensa, não para cumprir o seu papel de produzir informação, mas, para fazer propaganda de uma organização.

O papel da imprensa ao informar o seu público deve refletir o compromisso com a verdade e não com interesses de determinados grupos. Esta política do Rotary em relação à imprensa demonstra a tentativa de corrupção dos meios de comunicação, justo por parte de uma instituição que se atribui o papel de moralizadora dos negócios.

O Rotary International, quando orienta a forma de seleção dos membros da associação já indica as diretrizes de funcionamento e o tipo de relação própria aos membros do clube e dos clubes entre si. Também regulamenta o processo

(67) Manual de Procedimentos, op. cit., p. 202.

formal de admissão de sócio com etapas rigorosamente definidas. Um novo sócio só poderá pertencer a um clube se dispu - ser de um padrinho ou proponente, alguém que no clube assuma a responsabilidade do novo membro da "confraria". Este, aliás, é o primeiro passo do processo de admissão.

Ao propor um sócio o rotariano não deverá comunicar ao proposto que seu nome está em exame no clube. Tu do será feito com o mais absoluto sigilo. O proponente preen che, pois, uma proposta e encaminha ao secretário do clube . Em seguida o Conselho Diretor analisa a proposta e não haven do objeções, encaminha à Comissão de Classificações, cuja fun ção é classificar o candidato e verificar se existe vaga na referida classificação. Se a resposta desta comissão for po sitiva a proposta passará para a Comissão de Admissão respon sável por realizar uma sindicância sobre o candidato. Nesta etapa a vida do futuro sócio será vasculhada em todos os ní veis - pessoal, familiar e profissional. Começa-se pela anã lise da ficha bancária do candidato - não se admite um rota riano que tenha tido títulos protestados ou processos de mes ma natureza. Quanto à vida familiar, avalia-se a constitui ção da família e o que se considera uma vida doméstica harmo niosa. Também a vida dos membros da família (esposa e filhos) é estudada, a moral familiar é um gabarito de julgamento não dispensável.

No âmbito profissional são ouvidos concor rentes, clientes, fornecedores, colegas de profissão. É ne -

cessário constatar a importância do negócio ou profissão e, acima de tudo, o reconhecimento público do candidato. "Aconselha-se ainda que se verifique a receptividade por parte da esposa do candidato, porquanto a influência da mulher na vida do rotariano é muito significativa." (68)

Ultrapassada mais esta etapa o processo volta para o Conselho Diretor, que, em segunda apreciação, vota a entrada ou não do novo sócio. Se a resposta for positiva a secretaria expedirá uma circular chamada "circular dos dez dias" a todos os sócios, os quais podem vetar a admissão. Um único veto pode desqualificar um candidato. Ele só será admitido se houver unanimidade em torno de seu nome. Caso ele seja eleito, o seu padrinho será comunicado e juntamente com o Presidente do clube e das Comissões de Companheirismo e Informação Rotária visitam, em comissão, o novo sócio para informá-lo de sua eleição, direitos e deveres de um rotariano. Uma vez admitido, o novo sócio estará sob a tutela do padrinho que o introduziu no seio da organização. Como em qualquer relação de compadrio, o compromisso do padrinho para com o afilhado e a organização é o de "enquadramento" aos padrões estabelecidos. Por esta razão a formação rotária do novo sócio fica sob o encargo do padrinho. Isto vale para os novos sócios como também para os novos clubes filiados ao Rotary International.

A fundação de um novo clube só pode ocorrer

(68) Portes, op. cit., p. 82.

rer a partir de proposta de um clube mais antigo que assuma a nova organização como afilhada e, portanto, prepare um programa de educação rotária, o estudo do quadro de classificações e se responsabilize pelos primeiros passos do "recém-nascido".

Toda vez que um rotariano novo comete alguma infração às normas do clube, seu padrinho é advertido para que encaminhe seu afilhado para os padrões exigidos. Esta tutela, que por um lado garante a dominação dos mais antigos e conserva os valores da organização, por outro assegura um "regime" de lealdade capaz de fortalecer cada vez mais a direção dos clubes, as governadorias e o próprio Rotary International. Não é pois de surpreender que nos 85 anos de funcionamento do clube não se tenha registrado qualquer cisão no movimento.

Com exceção da contestação feita pela Igreja Católica e que acabou absorvida pelo Rotary, um segundo movimento de confronto ocorreu no ano de 1988, liderado pelas mulheres da Califórnia. Elas acabaram por ganhar na justiça o direito de acesso, como associadas, aos clubes de seu Estado. Novamente o Rotary absorve a polêmica e com orgulho anuncia a entrada das mulheres nos Rotary Clubs de todo mundo, a partir de 5/7/1989. A paz e a harmonia voltam a reinar entre os "homens e mulheres de boa vontade". Observe-se que estes dois movimentos de contestação ao clube são exteriores a ele. Internamente reina o consenso.

Ainda um dos pontos de sustentação do clube merece estudo. Trata-se da freqüência às reuniões e atividades rotárias.

A ação dos clubes se concretiza basicamente nas reuniões periódicas, chamadas reuniões de serviço, que ocorrem semanalmente em horário e local determinado. O horário considerado apropriado é o do almoço ou jantar. Uma forma de garantir a presença dos sócios sem prejudicar o horário de trabalho das empresas.

O Rotary afirma sua meta de criar companheirismo entre profissionais, o que nós traduzimos aqui por gerar solidariedade de classe. Solidariedade, aliás, que já se garante pela seleção dos membros do clube. Para a organização, só a freqüência constante às reuniões semanais pode assegurar o companheirismo e propiciar amizades sólidas. Nós verificamos que o rigoroso controle de freqüência, capaz de expulsar aqueles faltosos do seio da organização, está em consonância com a proposta de difundir as concepções rotárias. O clube, nesta perspectiva, cria mecanismos para garantir que seus membros possam ter maior índice de freqüência. Existe a chamada recuperação de freqüência que o sócio pode fazer assistindo a reunião de outros Rotary Clubs, quando não consegue, por qualquer razão, se fazer presente ao seu clube, na reunião semanal.

Isto prova que a questão não é companheirismo ou a consecução de um trabalho coletivo, mas sim a formação de opinião.

A expectativa do movimento é de que seus sócios mantenham um índice de 100% de frequência; todavia, um número razoável de rotarianos consegue manter frequência acima deste índice frequentando outros clubes além do seu próprio. A importância atribuída à frequência se mostra na preocupação constante dos administradores em promover concursos nos clubes, entre os sócios, e nos distritos, entre os clubes. Os clubes e sócios campeões de frequência recebem homenagens e são tidos como exemplo para os seus companheiros.

Mendonça explicita a expectativa do Rotary Club em relação aos seus sócios quando afirma que ao exigir a presença física no clube o que se "quer é a presença 'consciente', efetiva, real, do indivíduo que se propôs, numa espécie de contrato por adesão, a viver a verdade rotária" (69).

A frequência, a tutela do apadrinhamento, bem como o estabelecimento de verdades a serem seguidas não são elementos soltos nesta história: são peças de um mesmo sistema, cujo ponto de culminância se expressa numa rigidez disciplinar interna ao clube e que se projeta nas propostas defendidas para a sociedade em geral.

A busca da paz internacional ou nas relações de trabalho se mostra possível aos rotarianos pela moral e disciplina aliadas às verdades rotárias.

(69) Mendonça, F. Xavier de, Frequência e Recuperação, in Rotary Sem Mes - tre, Op. Cit., pág. 139.

Filantropia ou Grupo de Pressão de Vocação Ideológica ?

Vimos até aqui, o que pensa e como se organiza o "Rotary Club". Resta a pergunta, talvez mais importante : o que faz este clube que pretende servir ? Os discursos e documentos oficiais são claros ao afirmar que não se objetiva fazer filantropia, como também afirmam os discursos que o Rotary não é uma associação de homens ricos, uma agremiação cultural ou de lazer.

Todavia, se o clube afirma não ser uma instituição filantrópica, toda a sua trajetória demonstra o contrário. Os rotarianos, na verdade, agem como filantropos no sentido mais moderno do termo - não apenas como caridosos, como eram identificados os filantropos até o século XVIII. (70)

A filantropia do Rotary é aquela do "socorro útil" - é preciso dar, antes de tudo, conselho em lugar de bens materiais. É necessário moralizar e normatizar mais do que tutelar. Quando se pensa no "socorro útil" se pensa em investimento, daí porque a grande maioria dos projetos apoiados pelo Rotary se destinam à criança e à mulher e estão ligados à educação e à saúde.

Uma temática que não aparece explicitamente nas normas e procedimentos recomendados pelo Rotary, mas que está presente de forma muito forte nos clubes brasileiros é a preocupação com a família, o casamento monogâmico e a habita-

(70) Donzelot, J. - A Polícia das Famílias. 2a. edição, Rio de Janeiro, Graal, 1986.

ção da família nuclear.

Ao longo do período que estudamos, as idéias defendidas pelos rotarianos refletem as discussões dos filantropos de cada época. Na década de 1930, por exemplo, vários clubes propuseram organizações complexas de proteção e punição à infância. Na década seguinte se dedicaram a educar a família para o alcance de eficiência no lar e no trabalho. O ponto de união entre uma década e outra está no controle que o clube se dispõe a exercer sobre a vida privada das crianças e dos adultos para garantir a moral e a ordem.

A filantropia, destinada a aplacar a consciência e garantir prestígio, mais utilizada pelo Rotary dos primeiros tempos, foi pouco a pouco sendo substituída por outras formas de atuação, à medida em que se criavam organizações paralelas para cuidar diretamente da filantropia. São estas organizações: a Fundação Rotária, a Associação das Famílias de Rotarianos, os Clubes da Amizade, além do Rotaract e Interact.

O clube, deixando um pouco de lado as obras filantrópicas, se dedica à função para a qual foi criado - fazer política - de uma forma mais específica. Aliás, a história do Rotary mostra essa evolução, que vai da assimilação das idéias centrais defendidas pelo clube à filantropia e desta à ação política junto ao poder público. Mas, o que se está chamando aqui de ação política junto aos poderes públicos ?

A participação política de setores da sociedade civil junto ao Estado, no caso brasileiro, é uma questão polêmica. Alguns historiadores apontam o Estado como sendo, ao longo de toda a história, um Estado forte e autoritário (71) e tendo como contrapartida uma sociedade civil fraca e desorganizada, o que significa o Estado como o condutor da reprodução e das transformações sociais. Outros cientistas sociais, embora reconhecendo a natureza autoritária do Estado demonstram que setores da sociedade civil têm participação significativa na determinação das políticas do Estado em momentos determinados da história. Este é, por exemplo, o caso de F. H. Cardoso, quando estuda o papel do empresariado, na América Latina e especificamente no Brasil. (72)

Este trabalho não se propõe a entrar na polêmica para discutir quem detém maior poder - se o Estado ou a Sociedade Civil - mas sim, pretende esclarecer como uma parcela da classe dominante e seus aliados (empresários e profissionais liberais) se relaciona com o Estado. Como este setor da sociedade defende seus interesses junto aos poderes públicos, que mecanismos utiliza e quais os resultados conseguidos - enfim, como exerce o poder.

Assim é preciso dizer que, como Therborn, entendemos estarem em jogo quatro componentes básicos da dinâmica social: a classe dominante, as classes dominadas, o Estado enquanto instância reguladora da relação entre as classes e as estruturas sociais a serem reproduzidas (73).

(71) Faoro, R., Os donos do poder, 7a. ed., Porto Alegre, Globo, 1987 e Schwartzman, Simon, Bases do Autoritarismo Brasileiro, 3a. ed., Rio de Janeiro, Campus, 1988.

(72) Cardoso, F.H., Ideologias de la burguesia industrial en sociedades dependientes, 2a. edicion, México, Siglo XXI, 1972, e Dean, Warren, A Industrialização de São Paulo, 3a. edição, São Paulo, Difel, S.D.

(73) Therborn, Göran - Como Domina la Classe Dominante, 2a. ed., México, Siglo XXI, 1982.

Entendemos que os empresários compõem a classe dominante; não nos propomos, todavia, a entrar na discussão de que parcela da classe dominante foi mais forte, nos diferentes momentos da história do Brasil - se empresários industriais ou fazendeiros de café, etc. Se a classe dominante como um todo é aquela que garantiu a reprodução das estruturas da sociedade num processo de ajuste e de modernização do modo de produção capitalista, os empresários, sem dúvida, fazem parte dela. A classe dominante, que por definição se encarrega de garantir a reprodução e as transformações sociais o faz através do Estado. Pretendemos demonstrar aqui como o Rotary contribuiu como organizador de uma parcela desta classe no desempenho de sua função.

Já dissemos que nos primeiros tempos os associados brasileiros se dedicaram a compreender as idéias e a forma de atuação do clube. Isto agora fica mais claro, pois o clube surge numa sociedade onde o Estado é representativo democrático e é transplantado para uma sociedade cuja tradição é marcada pela cooptação. Talvez este fato explique a demora ocorrida entre o surgimento dos primeiros clubes e o seu amadurecimento, expresso na ação coletiva do movimento, que só vai ocorrer na década de 60.

Enquanto nos E.U.A. o Estado mantém um formato de representação democrática ao longo de duzentos anos, com eleições regulares para escolha de seus dirigentes, e com regras claras de participação da sociedade civil, no Brasil, a oscilação do formato burguês de representação, ao

longo do período republicano apresenta a substituição do governo de notáveis na primeira república para um governo burguês estatista (Estado Novo e pós 64) e liberal burguês (1945/64). Estes ajustes na forma de governo têm reflexos na forma de representação da classe dominante no Estado.

O Rotary surge nos E.U.A. com a perspectiva de atuação como grupo de pressão, modalidade coerente com aquela sociedade. No Brasil sua atuação terá um longo percurso até chegar a funcionar como tal.

O empresariado brasileiro que vai constituir o Rotary Club detém posições junto ao Estado, através do capital de relações sociais, das ligações familiares com dirigentes políticos, como demonstram os estudos sobre famílias de políticos. (74)

Afirmamos que o Rotary surge com a perspectiva de atuar como grupo de pressão. Esta afirmação se justifica porque o clube congrega um conjunto de indivíduos agrupados para defender interesses comuns (valores morais e vantagens materiais). Todavia este poderia ser apenas um grupo de interesses, se, em dado momento, não se utilizasse da "ação sobre o aparelho governamental a fim de fazer triunfar as suas aspirações ou reivindicações". (75)

Os estudos sobre "grupos de pressão" expressam uma heterogeneidade muito grande entre aqueles existentes. Há agrupamentos que se formam com um fim

(74) Pinto, Luís de Aguiar da Costa, Lutas de Famílias no Brasil, S. Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1980. Vianna, Oliveira, Problemas de Política Objectiva, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1930.

(75) Meynaud, Jean - "Os Grupos de Pressão", Publicações Europa-América, França, 1960, p. 13.

específico e desaparecem no momento em que o objetivo é alcançado; há grupos profissionais que defendem interesses corporativos e ainda "agrupamentos que apelando, antes de mais, para os princípios morais, contam assegurar aos seus aderentes vantagens materiais". (76)

Meynaud distingue uma outra categoria que ele chamou de "agrupamentos de vocação ideológica" cuja característica básica se define pela ambição moralizadora. Nesta categoria se encontram as Ligas anti-tabagismo, Liga anti-alcoólica, Liga das Senhoras Católicas, entre outras.

Todavia, qualquer classificação para os grupos de pressão, especialmente aqueles de vida prolongada, não pode ser rígida. No caso do Rotary, vamos registrar atuações típicas de um "agrupamento de vocação ideológica", especialmente na década de 50, quando se dedica à preservação da moral e do civismo, bem como ações nos moldes de um grupo profissional, na busca de vantagens materiais, quando atua junto ao aparato estatal para evitar a regulamentação da distribuição de lucros entre os empregados, norma constante da Constituição Brasileira de 1946.

O que parece ser comum nos grupos de pressão e particularmente no "Rotary Club" é a manipulação sistemática das ideologias no sentido de favorecer a busca de vantagens materiais.

(76) Idem, p. 20

Os "grupos de pressão" se distinguem também quanto ao seu poder de intervenção na vida pública. Este poder pode advir de um grande número de adesões e nesta categoria estão os grupos de pressão ligados aos trabalhadores; ou pode advir da capacidade financeira. Neste segundo caso, um pequeno número de interessados pode significar uma força incomparavelmente maior do que o primeiro. No caso do "Rotary Club" este poder garantido pela capacidade financeira do grupo pode explicar boa parte do êxito obtido em projetos que interessam diretamente a um pequeno grupo social, chegando a penalizar a maior parte da sociedade. Para se ter uma idéia do poder econômico da agremiação basta citar alguns exemplos de cidadãos poderosos associados do Rotary Club de São Paulo, que mantêm em seu quadro cidadãos da envergadura de Antonio Ermírio de Moraes- Grupo Votorantim, Mário Amato- FIESP, Guilherme Afif Domingos - Ex-Candidato a Presidência da República, José Veríssimo - Hipermercado Eldorado, entre outros.

A organização e o estatuto social são determinantes no sucesso de um grupo de pressão, e o Rotary não subestima estes dois fatores. A rigidez da organização em forma de rede e a necessária flexibilidade na interpretação dos Estatutos e Regimentos garantem, por parte da organização, uma atuação diferenciada, de acordo com as exigências locais e de cada momento político.

Quanto ao Estatuto Social, o uso da filantropia, de uma ideologia moralizante e a divulgação permanente pela imprensa dos "serviços sociais" prestados pelo clube objetivam assegurar o Estatuto Social necessário.

O poder de um grupo de pressão pode ainda ser detectado pela sua capacidade de somar forças com seus congêneres. O leque de cooperação intergrup^{al} realizado pelo Rotary varia de acordo com a gravidade da situação. Uma relação amistosa, preservada em tempos de paz, se mostra de grande valia em situação de crise. Nesta perspectiva se inscrevem as relações entre Rotary e FIESP em São Paulo, Rotary X A.C.M., Rotary X Cavaleiros da Cruz de Malta, ou Rotary e Igrejas em geral.

As atividades típicas de cada grupo de pressão, se de certa forma ajudam o estudo dos mesmos, por outro lado também dificultam-no, visto que raramente um grupo duradouro elege alguma atividade como definitiva .

Tomamos por empréstimo a classificação de Meynaud ⁽⁷⁷⁾ quanto às formas de atividades dos grupos de pressão. No que tange à política, a situação mais comum é a afirmação do apoliticismo e, no Rotary, esta questão é estatutária. O Rotary Club não pode defender ou atacar governos, não pode ter ligações partidárias; não pode assumir projetos de governo que apresentem contradições marcantes. No entanto, suas intervenções sobre o aparelho governamental são freqüentes, os contactos entre os representantes privados e públicos constantes. Restam, pois, para o analista, duas possibilidades para explicar o apoliticismo : miopia ou mistificação.

A natureza do Estado com suas funções econômicas e sociais comporta intervenções nas discussões de

(77) Meynaud, Jean - Op.Cit., p.59 e seguintes.

princípio e ao nível das execuções, de decisões concretas, que envolvem interesses específicos. Isto faz com que a dificuldade de identificação das intervenções cresça. O Rotary faz intervenções nestes dois momentos, seja participando no Congresso Nacional ou em Congressos Constituintes, com seus representantes eleitos, seja na aplicação de uma lei menor como, por exemplo, para liberação de importação de um dado produto. O complicador maior aparece pelo fato de que estas intervenções, em geral, são feitas pelos sócios ou diretores em nome próprio, não envolvendo a organização. Todavia, a discussão ocorre dentro do clube e as estratégias também se definem no âmbito da organização.

Quanto aos partidos políticos, ao Rotary é proibido qualquer apoio. O sistema partidário brasileiro favorece o cumprimento desta norma, dado a semelhança dos programas dos partidos e a própria indefinição quanto à representatividade das classes que caracteriza a história dos partidos políticos no Brasil. Com exceção dos partidos comunistas e mais recentemente do Partido dos Trabalhadores, os demais partidos possuem entre seus políticos um número considerável de rotarianos. Mas as atividades políticas dos grupos de pressão não se esgotam nas intervenções junto ao aparelho governamental. Outra forma de ação política se refere à opinião pública. Neste caso, os setores privilegiados pelos grupos são os "elementos-chaves" na formação de opinião, educadores, igrejas, jornalistas, entre outros. Ganhando a opinião pública, um grupo conquista indiretamente os favores governamentais de uma maneira mais fácil. Quando o público simpatiza com uma causa, a tendência dos governantes é abraçá-la. E, como vimos anterior

mente, o Rotary privilegia entre os seus focos de intervenção a educação, a imprensa e a igreja.

A intervenção governamental, contudo, é a atividade de pressão mais clara e explícita exercida pelos grupos. O Estado, por sua vez, possui diferentes esferas de poder, fazendo com que a pressão sofrida ocorra nos diversos aparatos.

No Brasil, o poder legislativo manteve sempre um poder menor do que o executivo no que se refere às políticas públicas; não se desconhece, porém, o poder individual dos deputados e senadores junto ao executivo. Interessa, pois, aos grupos de pressão manter estreitos contatos com estes políticos ou colocar representantes seus nas Câmaras e Senado. Apenas um exemplo para mostrar a força do Rotary nestes casos é suficiente aqui. Durante a Constituinte de 1987/1988 eram 164 os rotarianos de todo o país nos diferentes partidos a votar a Carta Magna do Brasil.⁽⁷⁸⁾ É bom lembrar que os rotarianos brasileiros não ultrapassam a marca dos 150.000 associados - uma representação das mais fortes, por conseguinte.

A circulação da informação fica facilitada quando a representação é direta. A participação dos parlamentares nas assembléias é alimentada pelas discussões e propostas feitas nos clubes.

É sabido que entre os poderes não explícitos dos parlamentares, no Brasil, está o poder de negociar car

(78) Este dado foi colhido em conversas com rotarianos; não pudemos, todavia, comprová-lo.

gos do poder executivo, como Ministros, Secretários Estaduais, Diretores de Empresas Estatais, entre outros. Aí também o Rotary mantém seus representantes em cargos-chave. São exemplos importantes Adib Jatene, rotariano do Rotary Club de São Paulo na Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo no Governo Paulo Maluf, ou Murilo Macedo, rotariano do Rio Grande do Sul, no Ministério do Trabalho no Governo João Figueiredo e hoje compondo o 19º escalão do Governo do Estado de São Paulo.

Ainda quanto ao poder executivo, a prática de troca de técnicos entre as empresas e os governos é um fator facilitador do trânsito de empresários na máquina do Estado.

No Brasil, ao longo da história republicana, a sociedade tem convivido com o poder das Forças Armadas, mais ou menos ostensivo dependendo do governo e do jogo de forças que se estabelece. Os momentos em que os militares se assenhoreavam do poder estão intercalados por períodos de tutela mais discreta ao poder civil. Os rotarianos não desconhecem este fato e mantiveram estreitas relações com os membros da alta hierarquia militar. As formas de sedução dos militares não são diferentes das aplicadas às demais instâncias de poder. Como se conquista embaixadores homenageando os seus países, conquista-se militares cultuando seus ídolos. Entre as figuras mais lembradas no Rotary Club de São Paulo, até hoje, está o Marechal Deodoro da Fonseca, patrono do exército. Toda vez que este é homenageado, em geral no Dia do Soldado, as altas patentes do exército local são convidadas para o almoço no clube e para proferir pa-

lestras. Desta forma, a política de boa vizinhança e a troca de favores recíproca fica garantida - e em momentos de crises no poder estas relações de cordialidade podem se transformar em alianças, como ocorreu durante as décadas de 60/70.

Toda essa discussão em torno dos "grupos de pressão" pode levar a uma visão de que os grupos é que de terminam os rumos da vida política. Todavia, o ritmo da luta política tem determinações recíprocas; tanto os grupos agem sobre os fatos políticos como são também condicionados por eles. Sem sombra de dúvidas, a organização de grupos com longa duração con corre para a interferência política, mesmo quando o objetivo inicial não é este. Como afirma Meynaud, "os grupos concorrem pa ra a formação geral da opinião e da orientação política com uma intensidade que depende das circunstâncias e dos problemas : é igualmente função da audiência e do apoio que obtém dos diversos segmentos da máquina governamental (administração, exército...). Um dos resultados mais seguros das suas negociações man têm-se indireto e involuntário : o desmantelamento da noção de interesse público, mais exatamente o descrédito que a afeta jun to aos membros da comunidade." (79)

Um último ponto, que de certa forma, é aque le pelo qual iniciamos esta discussão, merece referência : o ca ráter internacional do Rotary e a sua ação como grupo de pressão.

O Clube age como um grupo de pressão jun to ao poder público local, estadual e nacional; todavia, os inte resses mais gerais são de caráter internacional. A solidarieda-

(79) Meynaud, J - Op. cit., p.139/140.

de internacional aparece em geral nos momentos mais graves, indo desde a orientação ideológica como no caso do anti-comunismo, até a ajuda econômica como são exemplos programas como a "Aliança para o Progresso" na década de 50, que teve os rotarianos como assessores diretos.

Esperamos na segunda parte deste trabalho demonstrar, tomando como exemplo o Rotary Club de São Paulo, a ação do Rotary e dos Rotarianos para a realização de seus interesses.

Fica como hipótese a ser comprovada nos capítulos seguintes :

- que o "Rotary Club" é uma Associação Internacional que visa contribuir para a reprodução das condições de expansão do capitalismo;
- que o clube serve diretamente os interesses da camada social que o compõe;
- que o clube se serve da mistificação - prestação de serviços - para encobrir seus reais objetivos.

IIª PARTE

O Rotary Club no Brasil:

O caso do Rotary Club de São Paulo

O ROTARY CLUB DE SÃO PAULO

Nesta segunda parte do estudo escolhemos um clube dos mais antigos e mais atuantes no Brasil para servir de base para nossa análise. Trata-se do "Rotary Club de São Paulo", fundado em fevereiro de 1924, clube este que detém uma liderança incontestável no movimento rotário brasileiro e quiçá de toda a América Latina. Seja pelo porte político-econômico de seus associados, seja pela sua história de quase setenta anos de atuação ininterrupta, seja ainda pelo grande número de associados, ou pela importância de seu território no que se refere ao quadro econômico do país, o Rotary Club de São Paulo pode ser considerado como o ponto de referência mais forte para o rotarismo brasileiro. Embora o "Rotary Club do Rio de Janeiro" tenha sido o primeiro instalado no país e durante trinta e oito anos o clube da capital do Brasil, suas realizações não superam aquelas empreendidas pelo Rotary Club de São Paulo, nem tão pouco a influência da agremiação paulistana sobre as demais.

A medida da importância de cada clube dentro do movimento é dada pelo número de obras escritas, pelo número de representantes na direção do movimento internacional e pelo número de projetos ou "serviços" realizados. Todos estes indicadores mostram o Rotary Club de São Paulo como destaque

dentro do movimento nacional.

E, à proporção em que os dados da pesquisa permitirem, procuraremos estabelecer as generalizações necessárias. Dentro do elenco de preocupações e de projetos desenvolvidos selecionamos quatro temas para aprofundamento neste trabalho: a) Educação, b) Relações de Trabalho, c) Saúde e Filantropia, d) Política e Forma de Governo. Estes quatro temas aparecem nesta segunda parte.

" Tudo se submeterá ao exame da criança e nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade e crédito. Que nenhum princípio, de Aristóteles, dos estóicos ou dos epicuristas, seja seu princípio. Apresentem-se-lhe todos em sua diversidade e que ele escolha se puder. E se não o puder fique na dúvida, pois só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião. "

(Montaigne, "Ensaio I", Da Educação das Crianças, Os Pensadores, S.P., Abril Cultural, 1980, p. 77/78).

EDUCAÇÃO NO ROTARY : A FORMAÇÃO DE OPINIÃO

A abrangência da atuação do clube, na educação, requer uma visão cuidadosa da percepção que os rotarianos têm do próprio clube, percepção esta muito claramente exposta pelo seu fundador e constantemente repetida pelos seus seguidores.

" Um movimento que interessou a quarenta e três nações, aproximadamente, na metade deste número de anos, deve estar destinado a subsistir até o momento em que tenha alcançado a todas; e quando já não haja nações que conquistar, terá chegado o momento de promover um cultivo mais intenso do território já em atividade; sempre haverá bastante que fazer (...). Rotary não deve conformar-se com ser algo menos que um movimento que afete as vidas de todos os homens; suas exigências são tão simples, suas doutrinas são tão universalmente aceitáveis, que seus responsáveis não têm visões ao pensar em Rotary como sendo uma influência completamente penetrante. " (1)

Com esta proposta de "afetar as vidas de todos os homens" o Rotary elege a educação como a forma privilegiada de atuação. A educação é tomada aqui não apenas no seu aspecto escolarizado, mas de uma forma mais global, alcançando as diferentes instituições que a desenvolvem.

(1) Paul Harris, "O Fundador do Rotary", SP, Edição do Rotary Club de São Paulo, 1954, p. 116, 117.

A interferência do clube se dá de maneira direta com a criação e manutenção de escolas próprias, através de campanhas junto às escolas já existentes, à imprensa, a professores e dirigentes da educação pública, ao governo, e internamente no clube.

Do período de sua fundação até o momento atual o Rotary Club de São Paulo manteve propostas para a educação em todos os níveis, da mais tenra infância ao ensino superior, da educação dos pobres e desamparados à educação da "elite dirigente". Para fins de estudo, vamos separar em dois os projetos extraídos das propostas e realizações do clube : 1) a educação dos pobres, representada pela assistência, tutela, higiene e princípios de saúde, e formação para o trabalho; 2) a educação da elite, ensino superior, formação rotária e instituições paralelas. Esta classificação serve apenas para facilitar a exposição uma vez que os dois "projetos" compõem uma proposta única respaldada por um ideal de sociedade e de homem sempre presente no âmago do movimento rotário.

O homem, conforme o conceito produzido pelo pensamento cristão e assumido pelo Rotary, é idealmente perfeito e igual (perante Deus) mas, concretamente diferenciado. Esta idéia de homem, essencial na formulação do conceito de sociedade como um todo harmônico e regulado, orienta a ação rotária. A percepção das lutas e contradições sociais desloca a questão da harmonia para o terreno das metas, e a ação do

clube centra-se na busca do culpado pela desarmonia social. O homem deslocado de sua possibilidade - a perfeição - configura-se como responsável pela não concretização da sociedade harmônica. Onde se identifica o culpado, identifica-se também o redentor, capaz de regenerar e reconduzir os desviantes ao plano do ideal. O redentor é aquele que seguiu o caminho correto, o de boa-vontade, o esclarecido, a elite, no caso, os rotarianos.

O auto conceito dos rotarianos os coloca no papel de redentores da sociedade corrompida, e de saída como gente diferenciada e boa por natureza, conforme se pode verificar nas palavras que seguem : "Hã dias tive a oportunidade de dizer a companheiros de um clube que se instalava, que o seu ingresso no Rotary lhes daria uma nova dimensão de vida e um prisma diferente pelo qual a partir de então enxergariam o mundo. Não porque o rotariano seja um homem melhor que os demais, pois em cada rua e em cada casa, existem criaturas tão boas ou ainda melhores que nós mesmos. Rotary existe há pouco mais de meio século, e os homens bons do mundo sempre existiram. Assim não deve haver nenhum sentimento de superioridade em sermos rotarianos, o que existe sim, é uma diferença de atitude devida às oportunidades de atuar que nos são proporcionadas pelos nossos clubes. Não somos melhores mas somos diferentes no sentido de que somos aqueles que, sempre iguais aos demais, damos um passo a mais. É esse passo a mais que nos distingue. O Rotariano é aquele que "acende a vela em lugar de maldizer a escuridão." (2)

(2) Morbin Jr., Hermenegildo, "Mais vale um bom cidadão que uma boa lei", in Brasil Rotário, julho de 1971, p. 17.

Com esta perspectiva a educação, no melhor estilo do otimismo pedagógico, saneadora de todos os males, apresenta-se como o campo por excelência de atuação rotária. Se o problema social é de responsabilidade individual, a educação se configura na mais poderosa arma a ser empunhada.

Do Brasil, os rotarianos têm uma imagem de sociedade pobre, por falta de educação e de trabalho, por falta de esforço dos filhos da terra. No exterior, Europa e E.U.A., estão os modelos de desenvolvimento a serem imitados. Embora o Brasil seja ainda um país atrasado, possui uma elite responsável, forjada no seu próprio trabalho e portanto capaz de orientar os destinos da sociedade.

Sob este prisma o Rotary Club delineia as suas propostas de educação, diferenciadas pela população que deve atingir. Por um lado varrer a miséria e a sujeira pelo extermínio da ignorância, via educação dos pobres; por outro, instrumentar a elite, via educação superior.

Nas duas primeiras décadas do movimento rotário, este binômio se concretizou através da campanha para a fundação da Universidade de São Paulo e pela criação dos Parques Infantis para Recreação Ativa. O envolvimento dos rotarianos nos dois projetos é diferente. No primeiro - fundação da USP - o clube faz campanha, publica artigos, responsabiliza o Estado pelo caro investimento para educação da elite; no segundo, os rotarianos assumem diretamente, mas não sem o apoio econômico oficial, a direção do projeto. Nos dois casos os modelos

européu e americano se alternam como legitimadores da qualida de da formação que se está propondo.

Disciplina e Controle da Infância - A Educação para a Ordem

Uma proposta, aprovada em janeiro de 1929, mostra bem como o Rotary se dispõe a participar da educação dos pobres e qual é a meta. Trata-se da proposta de utilização dos terrenos baldios, na cidade de São Paulo, que não tenham projeto de utilização nos dois anos subsequentes. Os procedimentos seguintes são : a prefeitura isenta o proprietário dos impostos sobre o imóvel; o Estado facilita a instalação de água e luz e o Rotary Club administra as praças visando maior cultura física, higiene e saúde, com inspeção médica semanal, contando com a ajuda do pessoal do serviço público sanitário. (3)

A viabilização desta proposta foi garantida através de convites e contatos com as autoridades públicas . O acesso dos rotarianos aos poderes públicos é imediato e a comprovação disso aparece, por exemplo, na reunião de 7 de junho de 1929 quando é empossado um novo sócio, o Dr. Luiz Anhaia Mello, prof. da Escola Polytechnica e Presidente do Instituto de Engenharia. O recém-chegado faz uma palestra sobre "Parques de Recreio", que aliás já é a descrição do projeto do primeiro parque a ser construído em São Paulo por iniciativa do Rotary e sob a sua direção técnica. A argumentação quanto à importância do projeto para São Paulo se fundamenta na ação ofi

(3) Conforme ata da reunião do Rotary Club de São Paulo, realizada em 18 de janeiro de 1929.

cial verificada na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos . O orador cita uma série de editoriais publicados pela revista "Times" da Inglaterra, "combatendo o abuso dos esportes, que monopoliza as energias inglesas". A opinião pública respondeu unanimemente ao inquérito, com a seguinte frase : " Devemos a nossa supremacia aos esportes " (4) .

Pela argumentação pode-se inferir a disposição dos rotarianos em investir no cultivo de um povo fisicamente forte, na esperança da supremacia nacional pela força física.

Vejamos, pois, qual o modelo do parque a ser instalado em São Paulo : "O primeiro parque paulista para crianças e que ocupará uma grande área constará de : a) área reservada para crianças até 5 anos, com caixa de areia; b) área para crianças de 5 a 12 e 12 a 14 anos com balanças, gangorras, deslizadores e o centro reservado para jogos organizados, como de peteca, bola, etc; c) uma piscina rasa, ou "wading-pool", circular de 20 metros de diâmetro, com 0,40 m de água; d) um edifício central para a direção, com dois grandes abrigos laterais para a criançada em caso de chuva repentina, cansaço, etc; e) um teatro ao ar livre, com palco de verdura e ambiente limitado com arvoredo." (5) Esta era a configuração do ambiente ideal para a prática do recreio ativo de crianças.

A exposição sensibilizou o prefeito, presente à reunião, Dr. Pires do Rio, que se comprometeu a autorizar o aproveit

(4) Ata da Reunião do Rotary Club de São Paulo, 07/6/1929, p. 48 verso.

(5) Idem, p. 48 verso.

tamento de parte do parque D. Pedro II para esse "play-ground".

As propostas do Rotary Club de São Paulo, no campo da educação física, não estão isoladas no período. Uma forte corrente de educadores, liderados por Fernando de Azevedo e apoiados por médicos higienistas vêem na educação física a possibilidade de salvação nacional. Entre os médicos higienistas destaca-se Geraldo de Paula Souza que é rotariano e lidera as propostas dos Parques Infantis organizados e dirigidos pelo clube. (6)

A influência internacional, neste caso, vem da Alemanha, toda voltada para a cultura física aliada à higiene, moral e patriotismo. A meta da educação pelo fortalecimento físico e moral dos cidadãos se expressa na formação de soldados prontos a entrar em ação na defesa da pátria, na guerra, ou no trabalho em tempos de paz.

Esta visão aparece, por exemplo, quando Paula Souza, depois de visitar quatorze países, em viagem de estudos, destaca especialmente dois para justificar suas propostas no Rotary Club.

Sem esquecer de frisar a importância dos preceitos científicos da moderna higiene, ressalta os benefícios auferidos pela Alemanha com a redução de seu poderio militar imposto pelos aliados no período pós-guerra. "Reduzido o número de seus soldados a Alemanha envidou todos os seus esforços para dobrar-lhes a capacidade física e intellectual, fazendo de cada um delles um verdadeiro official, cuja tarefa nestes tempos de paz

(6) Uma boa amostra do pensamento higienista é dada por Mello, B. Vieira de, A Hygiene na Escola, S. Paulo, Typografia do Diário Official, 1902. "De facto, as faculdades intellectuaes e physicas da creança só podem ser harmonicamente desenvolvidas, se o educador basear o seu método de ensino nas leis que regem o crescimento, procurando concurrentemente desenvolver todas ellas, com especialidade os sentidos, a vontade e a sensibilidade." p.29

é precisamente pugnar pela educação física de seus compatriotas temperando-lhes os músculos e a energia em escolas especiais." (7)

Por esta conquista o rotariano afirma que a Alemanha não perdeu a guerra mas, antes sim, encontrou o caminho para a construção da nação forte e sadia. Alguns anos mais tarde a história provou os efeitos desta educação que gerou os mais trágicos episódios vividos por um povo - no período nazista.

Aliado ao fortalecimento e "militarização do corpo" humano (8), o preceito indissociável do culto à pátria, e por extensão aos seus dirigentes, está presente na Alemanha e é proposto como uma necessidade para o Brasil. No caso alemão, são citadas pelo autor, como atividades das mais importantes, para os alunos, as excursões pelo país para, além de gozar férias nos campos, ao ar livre, adquirir conhecimentos sobre sua pátria e assim amá-la e estar pronto para defendê-la, se necessário.

O contraponto à Alemanha não poderia ser outro, se não a Espanha, que segundo Paula Souza, nada tem feito para resolver os problemas de alta mortalidade infantil concorrendo assim para colher as conseqüências mais desastrosas para o futuro da raça. (9)

Não deve ser por acaso que na década seguinte a Espanha deu ao mundo a demonstração da força (não física), mas de organização de um povo que experimentou a liberdade e resis

(7) Paula Souza, Geraldo - Ata da Reunião do Rotary Club de São Paulo, 7 de junho de 1929, p. 55.

(8) Ver sobre este assunto a brilhante análise do período getulista feita por Lenharo, A., "Sacralização da Política", 2ª edição, Campinas, Papirus/UNICAMP, 1986.

(9) Idem, p. 54 verso.

tiu bravamente à dominação que lhe foi imposta ⁽¹⁰⁾.

Os rotarianos de São Paulo demonstram todo seu empenho em solucionar o problema da mortalidade infantil, a partir do diagnóstico que aponta como causa *mórtis* mais séria a ignorância quanto aos princípios básicos de higiene e puericultura.

Esquecem-se os filantropos do momento de analisar as condições de vida, de trabalho e especialmente a situação salarial dos trabalhadores que contribuem com a maior proporção de filhos mortos na infância ⁽¹¹⁾. Enaltecem a si mesmos, os senhores rotarianos, por ter um de seus sócios, o médico Wladimir Piza, escrito uma obra especializada para orientação das mães, no trato de seus filhos recém-nascidos, o " Livro das Mãezinhas ", obra esta editada sob o patrocínio do Rotary Club de São Paulo.

O autor Wladimir Piza consegue, em 1939, como Diretor da Secção de Propaganda e Educação Sanitária do Departamento de Saúde do Estado, realizar uma 2ª edição da obra para ser distribuída gratuitamente a todas as mães nos cartórios de Registro Civil do Estado, no momento em que fosse assentado mais um nascimento.

O Rotary, por sua vez, distribui exemplares do livro a todos os clubes do Brasil para incentivar iniciativas semelhantes ⁽¹²⁾.

(10) Lara, M. Tuñon de, *La España del Siglo XX*, Barcelona, Editorial Laia, 1974.

(11) Ver sobre o assunto, Rago, Margareth, "Do Cabaré ao Lar, A Utopia da Cidade Disciplinada, Brasil 1890-1930, 2ª edição, SP, Paz e Terra, 1987.

(12) Conforme Boletim Servir, SP, 27/10/39, p. 2.

É curioso notar que o mesmo boletim trazendo a notícia da 2ª edição do "Livro das Mãezinhas" publica a palestra do Dr. Pinto Serva, que denuncia índices de analfabetismo alarmantes, da ordem de 80% em algumas regiões do país.

Se a população e especialmente os trabalhadores são analfabetos, resta indagar qual a probabilidade de se melhorar os índices de mortalidade infantil pela distribuição do livro de higiene e puericultura a quem não sabe ler. Isto, partindo da aceitação do diagnóstico que aponta a ignorância e não a miséria como a causa principal do problema.

Mas, falávamos da formação moral e do patriotismo associado à educação física e a assistência às crianças desamparadas.

As propostas do Rotary Club espalham-se por todas as instituições da sociedade. Se por um lado vão pressionando o poder público para institucionalizar a educação física, por outro advogam o direito e o dever de assistência à infância por parte do Estado e de associações privadas. O importante na concepção do Rotary é manter a sociedade limpa, disciplinada e ordeira. Neste sentido todo apoio é dado ao Estado quanto à construção de abrigos para menores, escolas para deficientes e Institutos disciplinares.

Quanto a este último é ilustrativa a palestra de A.C. Pacheco e Silva⁽¹³⁾, psiquiatra defensor da entrada de

(13) Conforme Boletim Servir, de 23/8/1929.

grupos privados, associações, clubes etc. no trato do problema do menor infrator. Segundo o psiquiatra, os menores devem ser acompanhados nas instituições e fora delas para que possam ser a elas reconduzidos sempre que se fizer necessário.

Aqui encontramos a ligação direta entre a proposta do médico Paula Souza, sugerindo que as crianças sejam examinadas periodicamente nos parques infantis públicos e a proposta de Pacheco Silva sugerindo o controle do comportamento dos menores dentro e fora de instituições disciplinares.

Ora, a questão da educação, nesta altura, se revela restrita ao controle, ou melhor, ao policiamento ostensivo dos movimentos das crianças das camadas populares. A pretexto de proteção, vemos advogado o direito de administração da vida privada das crianças.

O problema, no entanto, não se restringe ao controle das crianças, infratores ou não, é extensivo a todas aquelas simplesmente pobres. No mesmo ano de 1929 o Rotary acolhe uma proposta de organização de uma casa de estudantes em São Paulo, cuja razão de ser não é outra senão aquela advogada por Dona Ana Amélia Mendonça, que conclama o Rotary a "participar da fundação da Casa do Estudante (que) mostrou múltiplas vantagens que nos advirão dessa altruística organização, que cuidará da eugenia⁽¹⁴⁾ e do aproveitamento de moços valorosos destinados ao fracasso pelo facto de não contarem com um auxílio senão o próprio esforço." (15)

(14) "A eugenia é uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas. Ela tem por fim proteger a espécie pelo melhoramento e pela proteção das boas sementes e de seus portadores (...) A eugenia é a ciência do aperfeiçoamento físico, psíquico e mental do gênero humano tendo em conta as disposições hereditárias da semente e as medidas que a beneficiem através das gerações." Kehl, Renato, Por que sou eugenista, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, S.D.

(15) Conforme Boletim Servir, SP, 13/12/1929.

Além da assistência, da preservação da saúde e da luta pelo melhoramento genético, um componente novo é ressaltado - o "uso produtivo" daqueles destinados ao fracasso.

Aliás, no que se refere ao valor do trabalho, as décadas de 40 e 50 serão as mais fartas com relação a este discurso. Todavia, uma das maiores lideranças do movimento rotário brasileiro, Armando de Arruda Pereira, antecipa tal temática nos idos da década de 30. "Todo bom brasileiro deve trabalhar de forma a que todos pensem collectivamente, isto é, a que se trabalhe com o pensamento no bem de nossa pátria, e não no interesse de nossa própria família, nosso partido, de nossa cidade ou de nosso Estado." (16)

O conceito abstrato de pátria ou nação serve perfeitamente para legitimar a exortação ao trabalho, tão cara aos representantes do empresariado. Pelo trabalho garante-se também a ordem e a grandeza da nação, fatores capazes de assegurar a felicidade de cada um, na imensidão do todo.

A preocupação com a educação das crianças e jovens de famílias pobres, sempre de caráter assistencial, expressa, além da disciplina, como já dissemos acima, o interesse pela separação daqueles que demonstrem mérito na sua vida estudantil. O mérito, avaliado pelo boletim de notas, e mais importante, pelo comportamento exemplar e dócil, deve ser premiado, assegurando uma política adequada à legitimação do pensamento clássico liberal, segundo o qual o trabalho e o esforço resultam em êxito econômico e social, além de oferecer oport-

(16) Boletim Servir, São Paulo, 22/10/37, p. 2.

tunidade para a encenação dos atos de bondade dos poderosos senhores das empresas.

Nesta linha, o Rotary Club cria então "o fundo de reserva para auxílio ao estudante pobre", faz doações de cadernetas de poupança da Caixa Econômica aos estudantes mais destacados e, mais tarde, com a criação da Fundação de Rotarianos de São Paulo, esta forma de atuação se expande, como veremos mais adiante.

Mas, nem só de escola vive a educação e o club sabe disso; por esta razão, desde os primeiros tempos, tem estado atento ao desempenho da imprensa.

Foi por proposta do Rotary Club de São Paulo que, a partir de 1937, o programa oficial "Hora do Brasil" começou a irradiar as primeiras estrofes do Hino Nacional como abertura da programação⁽¹⁷⁾. Com a valorização da disciplina e controle do trabalho, o patriotismo do Rotary vem servir de bandeja aos propósitos do Estado Novo liderado por Getúlio Vargas.

O clube, entretanto, presta também outros serviços à ditadura nascente, especialmente no que se refere à imprensa. Esta é, sem dúvida, um instrumento poderoso que outorga poder a quem a submete. Daí, porque ser a imprensa a primeira inimiga dos governos arbitrários - cabe a ela informar e a informação revelar a política do governo. O Rotary procurou sempre se servir da imprensa

(17) Conforme Boletim Servir, SP, 02/6/1937.

para sua própria propaganda, porém, foi defensor da censura a pretexto de preservar as inocentes crianças. Duas propostas ainda na década de 30 mostram esta posição. A primeira feita por Armando de Arruda Pereira para que o Rotary fizesse empenho para impedir que as rádios mantivessem em sua programação "canções carnavalescas cheias de intenções maliciosas e absolutamente licenciosas"⁽¹⁸⁾. O rádio para Arruda Pereira, era deseducativo, pois, a partir de tais programações todos cantavam, até as crianças. Para o autor da crítica, o exemplo de radiofonia de qualidade eram as rádios argentinas, severamente fiscalizadas, que só tocam músicas finas, com a exclusão do que era tocado nos cabarês e restaurantes.

Na mesma linha o clube fez gestões junto à imprensa local e junto ao poder público para que fossem censuradas notícias "sensacionalistas" em torno de crimes e desastres. Mais uma vez a preservação da infância inocente é invocada⁽¹⁹⁾.

A programação adequada e enaltecida aparece na Rádio Educadora. São programas de música clássica, que o Rotary ajudou a divulgar viabilizando a instalação de alto-falantes nas escolas e asilos, para que as crianças fossem alcançadas por tal programação. A ação benéfica de tal medida é relatada por Heribaldo Siciliano, dizendo: "professores têm testemunhado espontaneamente que as crianças outrora insubordinadas nas horas do recreio são hoje apenas quietos meninos atentos ao alto-falante do aparelho de rádio"⁽²⁰⁾.

(18) Boletim Servir, São Paulo, 24/02/38

(19) Boletim Servir, São Paulo, 25/09/36

(20) Ata da Reunião do RC. de S.P., 06/08/1929

Esses três relatos da posição do clube em relação à imprensa denotam um único objetivo, a educação pelo e para o silêncio. O carnaval, uma das mais fortes manifestações populares no Brasil⁽²¹⁾, marca um momento de completa subversão da ordem, embora já institucionalizado, deve ser, segundo os rotarianos mantido no escuro dos cabarês. Os crimes e desastres não devem vir a público, nos seus detalhes, certamente para não serem julgados pela consciência popular. O rádio deve transmitir uma programação calmante, que pacifique os espíritos e relaxe os corpos. A harmonia social buscada deve ser expressa pela programação radiofônica.

Tendo a harmonia social como meta, o Rotary se que pregando o controle das emoções e buscando a fórmula mágica de educação capaz de superar as contradições próprias de uma sociedade organizada com base nas injustiças sociais de toda ordem, na dominação ostensiva de instituições sobre indivíduos, e na dominação de classe. O padrão harmônico idealizado para a sociedade deve ser encontrado primeiramente no indivíduo, uma vez que, para o clube, não existem interesses de classes.

Erlindo Salzano, prof. de Cinesiologia da Escola de Educação Física da Força Policial de São Paulo, empresta sua argumentação aos rotarianos, pregando contra o

(20) Da Matta, Roberto, Carnavais Malandros e Heróis, 4a. edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978 (c).

egoísmo e a favor da lei de Deus.

"Quantos narcisos não passaram a vegetar no mundo, apenas porque a vaidade elogiada de um belo rosto abafou-lhes na alma o desenvolvimento das virtudes"⁽²²⁾ A tese implica em cuidado com o físico, com o desenvolvimento harmônico do corpo para se chegar ao desenvolvimento intelectual e moral. Sua visão aponta para duas forças que deverão estar aliadas na construção do homem: a mulher e o Estado, elevados à condição de responsáveis pela produção e reprodução dos corpos necessários ao mundo do trabalho.

"(A mulher) ela é que modela, dentro dos dotes herdados a personalidade da criança nos primeiros anos de vida. Por isso mesmo, a mulher deve estar voltada para o lar qualquer seja sua função fora dele, se não quiser iludir a missão para a qual nasceu"⁽²³⁾.

Ao Estado cabe garantir a Educação Física, pois, para o autor, educando convenientemente o corpo, a via do espírito se torna mais acessível podendo este melhor desenvolver os seus dotes, ao mesmo tempo que à sua disposição colocamos um instrumento dócil e perfeito, "dado que um corpo forte obedece enquanto um corpo fraco comanda"⁽²⁴⁾. Mas, Salzano não pára por aí.

A educação, que já se mostrou poderoso instrumento para o desenvolvimento da docilidade, da obediência, da força-física, aparece também como lugar privilegiado de observação e seleção constituindo-se em poderoso fator de eu

(22) Salzano, E., "O Físico e o Moral - Educação", in Boletim Servir, São Paulo, 18/02/44, p. 3.

(23) Idem p. 3

(24) Idem p. 3/4

genia, pois, através dos jogos e competições cabe aos professores anotar dotes negativos e positivos dos estudantes. Com estes dados e graças à ação do Estado colocando cada um no seu devido lugar, o autor vê a possibilidade de: "a desigualdade que existe entre os homens, desde o berço, transformar-se em motivo de solidariedade, buscando o forte amparar o fraco, e não escravizá-lo; o mais esclarecido guiar o menor, e não explorá-lo" (25).

Advogando a assistência aos pobres, a educação física garantida pelo Estado, a Higiene e puericultura ou o controle dos meios de comunicação de massa, o Rotary vai consolidando a sua posição em defesa da moral e da ordem.

O Rotary, assim como procura interferir nas demais instituições da sociedade política e da sociedade civil, também é procurado para apoiar campanhas de outras instituições ou movimentos e nestes momentos também revela seus interesses e táticas de ação.

O clube acolheu vários discursos em defesa da educação básica, do ensino público, contra o analfabetismo, etc, porém seu envolvimento nestes casos aparece em plano diferente.

Dr. Mário Pinto Seiva faz "um apelo aos rotaria nos brasileiros" para que se dediquem a uma campanha de salvação nacional via a extinção do Analfabetismo. Para o autor, adepto do otimismo pedagógico, a campanha pela alfabe

(25) Idem p. 4

tização e educação do país, como a campanha abolicionista , poderia se concretizar numa lei", a ser decretada com uma penada só, pelo Governo nacional, e que promulgasse apenas duas linhas : "Todas as Municipalidades brasileiras são obrigadas a criarem tantas escolas quantas forem necessárias" (26) .

Trata-se aqui de alfabetização compulsória, com vistas novamente a transformar o país em grande potência junto aos E.U.A., Alemanha, França e Inglaterra. Esta potência deve ser forjada pelo trabalho que, para o autor, apresenta deficiências de qualificação profissional geradas pelo analfabetismo generalizado entre os operários paulistas. Mas, acolher um discurso não implica necessariamente realizar uma campanha ou simplesmente usar seu poder de pressão junto aos poderes públicos. Não encontramos registros que demonstrassem tal empenho do Rotary Club de São Paulo.

Uma outra solicitação feita ao clube vale para ilustrar o interesse dos rotarianos de S.P. nas questões concretas da educação nas escolas públicas. Por sugestão do Rotary Club de Ribeirão Preto, o Rotary Club de São Paulo discutiu a possibilidade de realizar uma reunião para tratar do problema dos vencimentos dos professores, ameaçados de corte pelo governo do Estado. A sugestão

(26) Boletim Servir, São Paulo, 27/10/39, p. 3.

vinda de Ribeirão Preto consistia em demonstrar ao poder público a inviabilidade da medida e os danos que sofreria a educação no Estado. Para tanto deveria ser realizada uma palestra proferida na presença do Secretário de Educação, convidado especialmente para o evento. O Rotary Club de São Paulo não concordou em convidar o Sr. Secretário sob a alegação de que o Rotary não deve chamar alguém para, em sua reunião, ouvir "assuntos desagradáveis".

Todavia, nesta mesma reunião os rotarianos aprovaram a proposta de distribuir 100 caixas de brinquedos pedagógicos com o alfabeto, na Semana da Criança, para, desta forma, contribuir com a educação, diminuindo o analfabetismo (27). De acordo com as prioridades colocadas pelos rotarianos fica evidente que preferem praticar uma filantropia de efeito demonstração de bondade, a empreender uma luta em prol da qualidade do ensino através do apoio às reivindicações dos trabalhadores do setor. Entre apoiar as lutas pela educação pública geral, pela dignidade dos profissionais, pela generalização da educação básica ou realizar demonstrações de caridade, contribuindo para a manutenção da pobreza e da dependência do sistema educacional, o Rotary fica com a segunda opção.

Ao longo das décadas de 40 e 50 a agremiação, seguindo orientação internacional, dará especial atenção às questões de educação para a paz através do chamado Rearmamento

(27) Conforme registros no Boletim Servir, São Paulo, 23/09/1931.

Moral. Ganham especial ênfase, como veremos no capítulo seguinte, propostas de qualificação profissional, racionalização do trabalho e a busca da harmonia entre patrão e empregado.

No que se refere à educação para os pobres, menores abandonados, as propostas não diferem daquelas geradas e implementadas nas décadas anteriores. Um bom exemplo da conservação desses ideais é a manutenção do apoio à criação de Parques Infantis⁽²⁸⁾, palestras realizadas no clube sobre o assunto e a fundação do "Lar Escola Rotary" em 1947, uma escola que abriga menores, filhos de famílias pobres da região de Cotia, São Paulo. Esta é uma escola iniciada e mantida pela Fundação de Rotarianos de São Paulo.

Na década de 70 vamos encontrar o Clube novamente envolvido em um projeto com vistas a se expandir pelo Brasil todo. Tal projeto se mostra como a continuidade, agora "aprimorada", da proposta da Educação pelo desenvolvimento da Cultura Física. Estamos falando do Patrulheirismo. Embora o Rotary Club de São Paulo só tenha assumido o projeto em 1979, a idéia começou a ser implantada por outros clubes já na década de 60, como são exemplos a experiência do R.C. de Santos e a do pai da idéia R.C. de São Carlos (1961/62).

O patrulheirismo nos reporta à experiência dos

(28) "O objetivo após 38 anos de experiência dos Parques Infantis além de dar a prontidão escolar e desenvolver personalidades íntegras e sadias, proporcionando às crianças oportunidades de alcançarem pleno desenvolvimento em suas dimensões físico-motora, sócio-cultural, afetivo-emocional e intelectual". Conforme Jorge, Cláudio Pereira, Parques Infantis, in Vida Rotária, ed. Comemorativa 50 anos de RC. de São Paulo, S.D., p.82.

parques infantis por ser uma proposta específica para as crianças pobres e pela ambição de generalização que traz implícita, além da própria justificativa do projeto.

O trabalho empreendido em prol da educação física como uma questão do Estado era, nas décadas de 30/40, apoiado fortemente pelos médicos e militares, além dos educadores, que acorriam ao clube, fazendo palestras e oferecendo seu saber "científico", capaz de afastar qualquer dúvida quanto à validade da idéia⁽²⁹⁾. No caso do patrulheirismo, o apoio veio da A.C.M. - Associação Cristã dos Moços, e dos juizados de menores. Aliás, é importante registrar que a idéia inicial partiu de um juiz de menores, Dr. Mariano da Costa Terra, rotariano de São Carlos, São Paulo⁽³⁰⁾. A ligação Rotary - aparelhos de Estado estava, portanto, garantida desde o início.

O pressuposto que embasa a necessidade desta ação dos rotarianos se expressa pela "crença" de que os menores que habitam a periferia das cidades, menores desassistidos, "provêm de lares nem sempre bem ajustados", e que, conseqüentemente, necessitam de reparação para "lhes organizar no espírito o sentimento de segurança, próprio do convívio salutar com seus instrutores, professores e companheiros de corporação"⁽³¹⁾. O objetivo é educar menores de ambos os sexos, cujas idades estejam entre 7 e 17 anos, "preparando o menor para os embates da vida, armando-o dos meios de defesa necessários à sua sobrevivência honesta, sadia e equilibrada"⁽³²⁾. A

(29) Ver sobre esta questão, Salzano, Erlindo, Op.Cit.

(30) Conforme Plano de Atividades do Rotary Club de São Carlos, Ano Rotário 1966/1967.

(31) Idem.

(32) Idem.

idéia central que sustenta o patrulheirismo é de reformar a sociedade partindo da reforma dos menores - estes formam um quisto a ser tratado para que a sociedade possa funcionar regularmente. O quisto, na realidade, não é formado apenas pelos menores, mas por toda a sua família. A família do trabalhador é que precisa ser tratada. Os remédios recomendados são : o aprimoramento da personalidade e a formação do caráter "num regime de disciplina consciente, de liberdade, de elevado civismo e de acentuado amor a Deus, à Pátria e à família"⁽³³⁾. Isto, acrescido de um forte sentimento de responsabilidade, de lealdade e abnegação.

Nada mais adequado à formação do trabalhador para a empresa capitalista do que a disciplina, a lealdade e abnegação. Com este equipamento, qualquer futuro trabalhador estará apto a atuar na empresa retratada pela ideologia da Organização como uma grande família, das quais é um bom exemplo a "família Bradesco", entre outras⁽³⁴⁾.

Disciplina e liberdade, postuladas num mesmo objetivo, são conceitos excludentes. A disciplina é o mais poderoso instrumento de dominação. Disciplinar significa estabelecer normas de condutas, seguir padrões e normas pré-fixadas. A liberdade está ligada ao gosto e ao desejo de cada um. No patrulheirismo a afirmação da liberdade é apenas uma peça decorativa, pois o estabelecimento do trinômio ideal para a instituição, "educação bem dirigida, recreação e trabalho bem orientados, não contempla espaço à liberdade".

(33) Idem.

(34) Sobre a disciplina na formação do trabalhador, ver : Segnini, Liliana, "A Liturgia do Poder, Trabalho e Disciplina", São Paulo, EDUC, 1988.

Pior ainda para a liberdade é a afirmação da imposição do menor pelo mérito, no seio de sua família e no meio social em que vive. O objetivo maior da organização é, como se vê, a retirada da criança de seu meio social para receber novos padrões de comportamento e se tornar um instrumento de transformação de seu meio de origem. Isto está claramente expresso como segue : "A meta imediata é o menor; a mediata é sua família. O menor é o mensageiro da orientação da instituição junto de sua família, que, frequentemente é visitada por instrutores e professores, que ajudam a solução de alguns problemas (35) .

Aí está, mais uma vez, a tentativa de interferência direta dos patrões na vida privada dos trabalhadores fora de seus horários e locais de trabalho.

A abrangência do projeto, considerado pelo Rotary como uma obra social não se esgota, pois, na educação das crianças - pretende abarcar toda a sociedade. Para tanto, porém, os rotarianos não dispõem qualquer recurso econômico. A instituição é auto-suficiente economicamente. As formas de geração de recursos são específicas em cada instituição. No caso do Patrulhismo de São Carlos, por exemplo, "os meios para manutenção dessa obra social são conseguidos pelo trabalho dos menores nas oficinas da organização que mantêm uma indústria moderníssima de artefatos de plásticos laminados, fornecendo para indústrias locais e repartições públicas, além de colégios e estabelecimentos comerciais, os seus produtos" (36).

(35) Plano de Atividades do Rotary Club de São Carlos, Op. cit.

(36) Idem.

Já no Rotary Club de São Paulo, o Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro - CAMP se mantêm através de estágios remunerados dos menores como "office boys" nas empresas, especialmente de rotarianos. Os menores realizam o estágio e pagam 50% do valor do seu trabalho à instituição que lhe dá a formação e a oportunidade do emprego, o "CAMP". Quando o Rotary Club de São Paulo criou o CAMP, baseado nas experiências de São Carlos e Santos, contou com o apoio das instituições já citadas, das autoridades municipais e ainda do comando do IIº exército. Este último contribui na instituição com "a diligência necessária à educação pré-militar que, em nível de educação moral e cívica pretendemos dar aos jovens", conforme as palavras de Marcos Paulo de Almeida Salles⁽³⁷⁾.

A ironia maior neste caso está no fato de que o projeto CAMP, em São Paulo, foi elaborado como uma homenagem ou um serviço especial, lançado no Ano Internacional da Criança. Homenageiam as crianças, os senhores rotarianos, oferecendo-as ao empresariado de São Paulo, como mão-de-obra barata, especialmente aos empresários rotarianos, a título de oportunidade de ingresso no mundo do trabalho. A garantia da legalidade do projeto que envolve exploração do trabalho de menores foi assegurada pelo Ministério do Trabalho, que na época tinha como titular um rotariano gaúcho chamado Murilo Macedo.

(37) Rotary Club de São Paulo : 1924-1979 - 55 Anos Servindo, São Paulo, 13 de fevereiro de 1979, edição única comemorativa do aniversário do Rotary Club de São Paulo, pág. 76.

Paralelamente ao cuidado com a formação e disciplina das crianças e famílias pobres, trabalhadoras, o Rotary não deixou de cuidar também da educação de seus próprios filhos, ou seja, da educação da "elite" (38).

Para cidadãos diferenciados, uma educação diferente

Desde a década de 20, o Rotary Club de São Paulo es teve envolvido com as discussões acerca do problema universiti tário no Estado e também com os temas referentes ao ensino secundário. As discussões em torno do problema da Fundação da Universidade de São Paulo - USP, animaram várias reuniões du rante os anos de 1929/1930. Isto ocorreu num período em que o clube promovia o debate entre seus associados. Especialmente neste caso, formaram-se grupos que, embora concordes quanto à validade do projeto de estabelecimento da Universidade, apresentavam discordâncias quanto aos seus objetivos e sua forma de organização. Os registros feitos nas atas das reuniões deste período dão conta da formação de um grupo de estudos para tratar do " problema universitário em São Paulo " (39) . Os resultados dos estudos se converteram em palestras e debates. Numa destas palestras, Geraldo de Paula Souza, mem-

(38) O termo elite aqui utilizado pode ser considerado sinônimo de classe dominante. Só optamos por sua utilização porque a literatura rotária usa-o fartamente.

(39) Participaram da comissão os seguintes rotarianos : Geraldo de Paula Souza, Ernesto de Souza Campos, José Joaquim Cardoso de Mello Netto, Plínio Barreto, Francisco Emygdio de Fonseca Telles e Theodoro Ramos. Conforme : Moreira, H. Gomes, Resumo Histórico do Rotary Club de São Paulo, 1924-1955, São Paulo, S.E., 1955, p. 34.

bro do grupo de estudos, fala sobre o espírito norteador de uma universidade. Apoiado em exemplos de instituições estrangeiras, observa que não se concebe uma universidade se "ela não conseguir despertar, antes do mais, o gosto da investigação ou pesquisa original nos diversos ramos da ciência. Acha que (se deve) criar para ponto de partida, uma faculdade de filosofia e letras e uma faculdade de ciências, ambas modeladamente organizadas" (40). No aspecto concreto da criação da USP, Paula Souza não desprezou a possibilidade de aproveitamento das escolas superiores já existentes.

O contraponto às propostas feitas, pela comissão formalmente montada pelo clube para o estudo, foi dado pelo Dr. Victor Freire, que alimentou durante um semestre as discussões, tendo como principais interlocutores, Paula Souza e Fonseca Telles. Embora o registro nesta época deixe a desejar quanto aos detalhes, pois as palestras são sintetizadas nas atas das reuniões, pode-se destacar como sendo a base das idéias defendidas por Victor Freire o que ele chamou de tríplice missão da Universidade.

" (...) Uma universidade tem três missões :

- 1º) uma missão científica, de pesquisa desinteressada e progresso da sciencia;
- 2º) uma missão profissional; e
- 3º) uma missão de vulgarização e de formação do espírito público" (41).

(40) Idem, p. 34.

(41) Conforme ata de 27/9/29, p.76, verso.

Não esquece de destacar, o Dr. Freire, a importância da formação da elite na sociedade moderna, dada a sua responsabilidade social, fruto da influência por ela exercida sobre a sociedade como um todo⁽⁴²⁾.

Não encontramos registros da participação mais direta do Rotary Club de São Paulo na fundação da USP; todavia, além do debate ocorrido no clube e publicado nos jornais, seus associados individualmente estão ligados ao grupo de O Estado de São Paulo, jornal que efetivamente conduziu a campanha pela criação da USP. Um exemplo é o nome de Plínio Barreto, rotariano e editor-chefe de "O Estado de São Paulo".

Por outro lado, vários entre os nomes que se destacaram nos debates, tão logo se deu a criação da USP, passaram a compor seus quadros de docentes. Só para dar dois exemplos, citamos Victor Freire e Geraldo de Paula Souza.

As questões afetas à Universidade, formação de técnicos e de quadros dirigentes estão sempre presentes nas discussões e projetos do Rotary Club. Neste sentido torna-se necessário compreender o que o clube concebe como sendo o ideal desta formação.

Duas instituições aparecem para concretizar os objetivos específicos de formação de jovens. Em nível internacional, foi fundada em 1931 a Fundação Rotária (The Rotary Foundation) com o objetivo de "fomentar a compreensão e relações amistosas entre os povos de diferentes nações, através da pro

(42) Sobre a importância da iniciativa do Rotary Club de São Paulo na fundação da USP, ver Cardoso, Irene, "A Universidade da Comunhão Paulista", SP, Cortez e Editores Associados, 1982, especialmente p. 66/67.

moção de projetos tangíveis e eficientes, de caráter filantrópico, caritativo e educacional" (43).

É através da Fundação Rotária que se efetivam os programas de intercâmbio internacional de jovens, com bolsas de estudos de pré-graduação; intercâmbios para jovens profissionais de todas as áreas e programas especiais como: bolsas para professores de excepcionais e jornalistas.

Os programas de intercâmbios de jovens pré-universitários têm através da Fundação Rotária o custeio de passagens internacionais; quanto à estadia no país escolhido pelo intercambiado, este recebe hospedagem em residência de rotariano. O estudante mora durante um ano com uma ou mais famílias de rotarianos ou não rotarianos selecionados e a sua família de origem se compromete a receber um jovem do país para o qual viajou o seu filho, por igual período. Esta é a contrapartida da família cujo filho foi beneficiado com o intercâmbio. As famílias que recebem intercambiados se comprometem também com uma "mesada" estipulada no contrato e que é repassada ao estudante através do Rotary Club intermediário ou anfitrião. Mais importante que a educação oficial recebida pelo intercambiado é o relacionamento entre as famílias de rotarianos dos diferentes países.

Todo o processo de seleção dos jovens se pauta pelo desempenho escolar e pelo "comportamento exemplar" estabelecido dentro do código moral rotariano. São credenciais importan

(43) Mello, Ernesto Imbassahy, "Fundação Rotária e Título Paul Harris", in "Rotary Club de S.P. 55 Anos Servindo" : 1924-79, Op.Cit., pág.13.

tes para aprovação no processo de seleção: não fumar, não consumir bebidas alcoólicas, não namorar, demonstrar amplo conhecimento dos assuntos de seu país, amor à Pátria, ter um credo religioso... Estes pré-requisitos são considerados indispensáveis para o cumprimento do objetivo que o intercâmbio se propõe: "que os bolsistas sejam embaixadores da boa vontade e que contribuam, durante o seu ano de estudos e após o seu regresso, para uma melhor compreensão entre as pessoas do seu país de origem e as do país visitado" (44).

Se no papel os objetivos estão claramente expostos, a efetivação deste programa não se dá com igual tranquilidade. Os problemas de adaptação dos jovens e das famílias que os recebem são os mais variados. As diferenças culturais são seguidamente mencionadas. Todavia, o grande problema, que pudemos verificar pelos relatos que acompanhamos na Secretaria do Rotary Club de São Paulo, advém do controle da sexualidade dos jovens que está na base da moral familiar do Rotary. O controle dos horários, dos locais de circulação e das companhias dos jovens do intercâmbio se destacam como os problemas mais frequentes.

A pretexto de ampliar seus conhecimentos em termos de famílias e pessoas, o Rotary decidiu que os jovens troquem de família a cada quatro meses, durante o ano que passam no Brasil. Todavia, este parece ser o período que se mostrou suportável para a convivência pacífica. Graças a estas observa-

(44) Idem, pág. 13.

ções, pode-se perceber que o objetivo central do intercâmbio de jovens não é o estudo, mas o convívio familiar que dele resulta, mantendo a representação de bom moço e família feliz.

Quanto ao intercâmbio de profissionais ou grupos de estudos, que passam de 30 a 60 dias viajando por algum país, por conta da Fundação Rotária, o objetivo é a divulgação do país que sedia o programa e do país de origem. Para isto o Rotary Club tenta garantir que o grupo conheça, no país, o sistema de governo, de justiça, de educação, de saúde, de assistência social e de pesquisa. Mas, sobretudo, deixa claro que "os membros do grupo devem compreender bem sua missão. Devem lembrar-se, sempre, que estão viajando sob os auspícios do Rotary, devendo, portanto, ter uma conduta exemplar, de maneira a refletir crédito em favor do país e do Rotary" (45).

O clube anfitrião, por sua vez, também procura apresentar as instituições de seu país de forma a garantir a "boa impressão" ao visitante. Segundo depoimento de um ex-governador do distrito Nº459 na Convenção de Maio/1990: o distrito recebeu uma delegação sueca, em 1989, da qual fazia parte uma policial feminina que insistia em visitar as delegacias de polícia em São Paulo. O rotariano responsável por acompanhar a sueca não encontrava coragem para atender à solicitação da visitante, pois envergonhava-se de acompanhá-la aos distritos policiais locais. Acabou por solucionar o problema marcando uma reunião com os homens da polícia fora de seus lo-

(45) Bomusel, Pery, "Intercâmbio de Grupos de Estudos", in Vida Rotária, Edição nº 251, p. 77.

cais de trabalho, assim acreditando ter cumprido plenamente com o objetivo do programa de intercâmbio sem macular a imagem das instituições do país, impedindo que a realidade fosse revelada.

Os profissionais viajam acompanhados por um rotariano representando o distrito rotário que os enviou e cumprem programação estabelecida pelo distrito que os recebe . Fazem palestras nos clubes e viajam usando uniforme com o emblema do Rotary Club. Conseguem assim, mais do que o intercâmbio de experiências, realizar a propaganda dos ideais da instituição rotária, divulgando os valores - pátria, família, trabalho, esforço individual, mérito ...

Os Rotary Clubes do Brasil participam das atividades da Fundação Rotária graças às contribuições de seus associados, especialmente através do "Título Paul Harris". Este Título, que torna o indivíduo um "Companheiro Paul Harris" é adquirido pelo valor de 1.000 dólares junto à Fundação Rotária.

O Rotary Club de São Paulo, porém, fundou uma outra instituição paralela aos clubes e encarregada de cuidar especificamente de Educação : trata-se da Fundação de Rotarianos de São Paulo, criada em 1946. Surgiu a instituição com proposta de oferecer cinco tipos de serviços diferentes : Revista Vida Rotária, Lar Escola Rotary, Colégio Rio Branco, Escola de Educação de

Adultos e Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis José Ermírio de Moraes, futura Universidade Rotary. Destes cinco programas, quatro estão em funcionamento. Apenas o último - Universidade Rotary - ainda não foi viabilizado.

É justamente nestes programas educacionais que se afirma a postura do clube quanto à educação. A Fundação de Rotarianos, embora esteja longe de esgotar a prática política dos clubes no setor da educação, pode ser vista como a concretização das idéias dos rotarianos, uma vez que suas atividades atingem os diferentes segmentos da sociedade. A proposta diferenciada de educação para pobres e privilegiados aparece na Fundação com a ousadia própria de quem acredita ser portador da verdade.

Dos cinco programas, dois se destinam aos pobres-são: A Escola de Educação de Adultos aos trabalhadores ou filhos de trabalhadores; O Lar Escola Rotary aos chamados menores desassistidos; três são propostos para a chamada elite - são : O Colégio Rio Branco e Universidade Rotary, destinados aos filhos e parentes de rotarianos e a Revista Vida Rotária para os rotarianos.

a) A Revista Vida Rotária circulou com o nome de "Realidade Rotária" a partir de 1949, tendo como objetivo mostrar aos rotarianos e não-rotarianos em que consiste a realidade rotária. Trata-se de um veículo aberto a publicações de rotarianos ou não, que se dediquem à "causa da harmonia entre

os homens". Revista bimestral, coordenada pelos rotarianos do município de São Paulo, e que retrata a linha política adotada pelo Distrito Rotário 461. Seus Editoriais "Palavras da Redação" traduzem o pensamento defendido pelo movimento rotário.

A importância das publicações oficiais no movimento pode ser medida pela obrigatoriedade da assinatura de, pelo menos, uma por rotariano. Todas as publicações oficiais tem percentuais obrigatórios para assuntos rotários, o que faz com que se convertam em verdadeiros catecismos do clube. Vida Rotária é uma revista oficial. Analisando esta publicação, observa-se a repetição infinita de artigos sobre os assuntos clássicos do pensamento oficial, liberdade, progresso, paz entre as nações, harmonia entre patrão e empregado, a mulher no lar, família e educação moral das crianças, ética nos negócios ... além do enaltecimento constante das atividades dos clubes, mensagens de presidentes, governadores ou outros membros da hierarquia rotária. Esta é, pois, a linha editorial da revista em "tempos de paz". Converte-se em poderoso instrumento de propaganda ou mobilização de classe sempre que os interesses dos rotarianos (empresários e aliados) correm algum risco. Foi o que pudemos constatar nos anos de 1961 a 1964 mais enfaticamente e nos seguintes, como forma de manutenção do êxito alcançado.

Se durante toda a década de 50 a revista publicou matérias defendendo a livre iniciativa, o caráter de prestação de serviços das empresas, a defesa da propriedade como um sa-

grado direito, a liberdade política como símbolo da civilização contemporânea, o início da década de 60 será marcado na Revista pela preparação do "estado de guerra" em defesa da pátria ameaçada.

No período de 1961/62 a revista dedicou longo espaço à publicação dos documentos da "Campanha Cívica" encabeçada pelo Rotary Club de São Paulo, com o intuito de restabelecer a ordem, ameaçada pelos movimentos populares e de trabalhadores "permitted" pelo governo de João Goulart. São os "Cardeais" do Rotary fazendo pregações e conclamando os seus companheiros à luta pela manutenção do "status quo"⁽⁴⁶⁾. Não satisfeitos com os efeitos da pregação, investiram os diretores da Revista, durante todo o ano de 1963 e parte de 1964, no que se converteu em uma sessão obrigatória no período, sob o título "O que é o Comunismo". Trata-se da publicação de um ou dois capítulos, em cada número da revista, do livro organizado por Richard M. Ketchum, sem referência quanto à sua publicação anterior ou tradução. São textos fartamente ilustrados e comprometidos com o mais puro terrorismo anti-comunista. São relatados e ilustrados a miséria do povo soviético e chinês, o autoritarismo e as arbitrariedades de Lênin e Mao, recheados de apelos emocionais respaldados pela fé cristã.

A partir de 1964, o terrorismo cedeu lugar ao "ufanismo revolucionário" e à glória do regime militar. Foram divulgados os programas do governo e a colaboração que os rotaria

(46) A análise destes documentos encontra-se no último capítulo deste trabalho.

nos podiam e deviam prestar para o fortalecimento da paz nacional. Embora o golpe militar tenha alcançado êxito, graças à colaboração dos empresários paulistas (rotarianos) contra a imaginária instalação do comunismo no país, a Revista Vida Rotária não abandona sua pregação. Em 1986,⁽⁴⁷⁾ quando a própria guerra fria já havia sido superada, a revista trazia ainda na "Palavra da Redação" um discurso fora de época, neste momento revelando o temor pela "redemocratização" pregada até pelos generais presidentes.

A veemência com que os rotarianos expressam seu terror pelo autoritarismo dos regimes comunistas esconde a conivência através da qual não só aceitam como até participam dos períodos mais autoritários e arbitrários dos governos brasileiros. A formação dos rotarianos não se restringe apenas à formação de opinião, mas se estende à formação de comportamento, de formas de atuação, segundo as quais o mérito aparece aliado à maior capacidade de representação, atingindo o limite da hipocrisia. "Vida Rotária" não é um órgão isolado dentro do movimento rotário em São Paulo - configura-se numa câmara de ressonância das idéias e fatos gerados pelos clubes.

(47) "As Américas, cuja doutrina democrática se encontra profundamente arraigada, como afirmação de moralidade e respeito inegáveis, não podem permitir, de forma alguma, a infiltração cada vez mais crescente e perigosa, da ideologia exótica imposta pelo imperialismo esquerdista, negação de tudo o que há de mais nobre e generoso no ser humano - sua liberdade e sua generosidade". "A Palavra da Redação", in Vida Rotária, nº 327, S.P., julho/agosto 1986.

b) O Lar Escola Rotary, escola criada para abrigar crianças pobres, assume o compromisso de que : "crianças carentes dos menores recursos, (sejam) atendidas com todo carinho, recebendo instrução primária, orientação para o trabalho, uniforme, calçados, agasalhos, alimentação, assistência médica e odontológica" (48).

A proposta revela uma educação travestida em assistência, uma escola que faça o papel da família, dilapidada pelas condições de vida e de trabalho dos pais, um local onde melhor se treina o comportamento social adequado para assumir um lugar no mercado de trabalho do que um ambiente onde a informação e a criação possam ser associadas no sentido de produzir a educação voltada para a autonomia. A disciplina novamente aparece como a pedra de toque, a disciplina da higiene, do uniforme e da própria formação para o trabalho e não se trata apenas de disciplinar as crianças, é preciso atingir as famílias. A disciplina que os rotarianos desejam estende-se a toda a sociedade. No Lar Escola existem profissionais encarregados de tratar também das famílias dos alunos, usando todos os mecanismos necessários para o enquadramento dos assistidos.

"Aos alunos e suas famílias é dada assistência médica e dentária. Visitadores sanitários ensinam princípios de higiene.

Não foi esquecida a administração religiosa, tão necessária para a formação da consciência e salvação das almas.

(48) Moraes Filho, J. Ermírio, "Fundação de Rotarianos de São Paulo", in Rotary Club de São Paulo 55 Anos Servindo, 1924-1979, São Paulo, p. 33.

Os problemas domésticos das famílias dos alunos também são encarados com carinho e geralmente resolvidos a contento. Muitas uniões clandestinas foram sacramentadas pelo casamento. Enfim, às famílias dos alunos é dada toda a assistência para as tornar mais "felizes."

A alimentação dos alunos também foi objeto de estudos e está sendo distribuída mediante as mais modernas técnicas nutricionistas" (49).

Mistificada como proposta de educação de crianças, surge a mais completa administração da vida das famílias, seu tempo, sua fé, sua saúde e sua alimentação.

c) Quanto ao Colégio Rio Branco, destinado aos filhos e amigos dos rotarianos, a proposta é de informação e orientação. Destaca-se a qualidade dos professores, a riqueza dos laboratórios e bibliotecas, o departamento de educação física. J. Ermírio de Moraes Filho, falando sobre o mérito do Colégio, ressalta a qualidade ou talvez a excepcionalidade do corpo discente, capaz de auferir notas acima da média - em 1978, 45,8% do corpo discente foi aprovado com notas acima de 7,0. Acresce-se a este dado os índices de aprovação nos exames vestibulares, por parte dos egressos do Colégio. Daí se conclui que o Colégio é dos melhores de São Paulo e os alunos candidatos ao sucesso. Ora, a única coisa que se esqueceu de salientar é que os estudan -

(49) Arruda Pereira, Herbert, "Fundação de Rotarianos de São Paulo", in Vida Rotária, edição nº 251, São Paulo, p. 122.

tes do Colégio Rio Branco são estudantes privilegiados, com acesso garantido à cultura socialmente valorizada pelos programas oficiais de ensino.

Não existe mérito especial do Colégio ou dos estudantes que já estão destinados às Universidades pela família, ou, como diria Bertaux⁽⁵⁰⁾, pelo nascimento.

As escolas, Colégio Rio Branco ou Lar Escola Rotary, simplesmente concluem um enquadramento que já está dado pela sociedade de classe.

d) É para cumprir plenamente seu papel de enquadramento que a Fundação de Rotarianos mantém a Escola de Educação de A dultos que atende gente simples, de origem humilde, visando proporcionar aos seus alunos "além da formação elementar, orientação moral e cívica e sentido real dos valores sociais, a fim de que melhor possam entender o mundo em que vivem, com todas as suas dificuldades, e assim melhor possam tornar-se elementos úteis a si e à comunidade"⁽⁵¹⁾.

Educação para a adaptação social, para o cumprimento dos deveres cívicos, complementada pela busca do comportamento moral adequado ao cidadão útil. Esta fórmula traduz o ideal de trabalhador que os empresários esperam receber em suas empresas. Cidadão útil significa indivíduo que trabalha; e aceita as condições de trabalho que a sociedade oferece.

(50) Bertaux, Daniel, "Destinos Pessoais e Estrutura de Classes", Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1979.

(51) Moraes Filho, J.E., Op.cit., p. 34.

Os princípios morais tendo como base a família e a religião convertem-se em instrumentos de obediência, docilidade; civismo, respeito às leis e à ordem, e conseqüente conservação do modo de vida próprio das sociedades capitalistas.

Desta forma, completa-se o ideário educacional dos rotarianos, especialmente voltado para a fixação de cada um no seu devido lugar. Lembrando a célebre máxima de F. Taylor - A indústria precisa colocar "o homem certo no lugar certo" em benefício da produtividade. Graças a este ideário, o Rotary consegue desqualificar as análises estruturais da sociedade, valorizando o discurso centrado no indivíduo e no conceito abstrato da nação. Somente ignorando os conceitos de classe social torna-se possível visualizar os homens de boa vontade imbuídos do ideal de servir.

Responsabilidade Moral : Interesse Econômico

Toda a atividade voltada à educação empreendida pelos rotarianos se legitima pelo discurso da responsabilidade moral da elite diante da sociedade ignorante e atrasada que cabe resgatar. Consideram-se, os rotarianos, a elite da sociedade, especialmente quando se trata da competência para tomar decisões políticas e que dizem respeito à maioria da po-

pulação. Atribuem-se responsabilidade quanto à condução do povo (trabalhadores ou pobres). Mas, acima de tudo, acreditam ser o reduto moral e a elite cultural a quem cabe zelar pelo bom desempenho da sociedade.

Um discurso proferido pelo desembargador Percival de Oliveira, em 1956, reflete o que até hoje se considera ser a elite cultural rotariana. Por cultura se entende "a soma de conhecimentos das técnicas de uma determinada época"⁽⁵²⁾. Enquanto no Rotary se encontram os homens que produzem em todos os campos, indústria, comércio, lavoura, letras, artes e ciência, e mais, de todas as "classes", são homens que trabalham debaixo de uma ética determinada, logo, o Rotary se configura na elite cultural por excelência e, como tal, possui responsabilidades quanto à educação da juventude, pois é exatamente esta juventude - filha da elite - que deve assumir amanhã o papel do rotariano de hoje.

É notável como o discurso vai sendo construído de forma a incluir ou excluir setores da sociedade de acordo com interesses em questão. Senão vejamos : o orador considera que os rotarianos representam todas as classes porque trabalham nos diversos ramos da produção (comércio, indústria, serviços). Portanto, há aqui um entendimento próprio do conceito de classes sociais, associando-as aos setores produtivos.

Mais adiante, o discurso trata do governo da sociedade

(52) Discurso proferido por Percival de Oliveira, a convite de João Baptista Figueiredo, na reunião dedicada a homenagear os presidentes dos grêmios universitários de São Paulo in Boletim "Servir", nº1247, São Paulo, 14/2/56, p. 70.

de e aqui também se aplica um **entendimento** "próprio" do que seria o governo em uma sociedade democrática.

Diz P. Oliveira : "Toda esta juventude, que vem frequentando bancos acadêmicos, numa preparação para serem os homens de amanhã, na direção dos negócios do país, não somente nos postos de governo - porque não é somente deles que se governa - mas, também em outros, pois cada um de nós participa do governo de seu país pela maneira porque procede, ou pela qual desenvolve as suas atividades. Todos nós colaboramos para isso"⁽⁵³⁾. Ora, a idéia consagrada neste trecho bem poderia ser traduzida pela máxima "Democracia Governo de Todos", porém aqui estão excluídos aqueles que não chegam às Universidades, a quem os letrados devem tutelar, orientar, conduzir e educar. Pois é o mesmo orador que ao se referir ao "povo" considera ser "uma grande multidão (...) de homens que não tiveram a fortuna de cultivar o seu espírito; de homens muitas vezes analfabetos, outros meio alfabetizados, pensando que sabem alguma coisa, desorientados no meio de problemas sociais, acompanhando rumos condenáveis para eles próprios e que não sabem que assim estão procedendo"⁽⁵⁴⁾.

A partir desta idéia de "povo", bom e ignorante, que lembra o bom selvagem de Rousseau, o Rotary justifica o uso das armas que dispõe para a dominação. São suas armas a fé religiosa, com suas verdades eternas e a fé nacional concretizada no culto à tradição e à moral herdadas da cultura portuguesa.

(53) Idem, p. 70

(54) Idem, p. 70

Com estas idéias o Rotary procura contornar a questão que está no cerne dos problemas sociais, a própria desigualdade social, de origem econômica e que é resultante do modelo político-econômico defendido pelo clube. Do ponto de vista econômico, o clube defende o liberalismo, a livre iniciativa, a propriedade privada. No aspecto político temos um conceito de democracia "sui generis", com um governo escolhido pelos cidadãos esclarecidos. Logo, um tipo de democracia que descarta a igualdade, embora afirme a liberdade. Um clube de filantropos não poderia mesmo postular a igualdade.

O modelo ideal de governo expresso aqui pelo pensamento rotário se identifica com o que Göran Therborn chamou de Governo de Notáveis (55). Com representantes saídos da classe dominante, porém, maquiados e legitimados por sua expressão na sociedade. Daí o cultivo do mérito e do êxito individual.

A responsabilidade da elite para com a educação, todavia, não é apenas moral. E é aqui que entra a segunda questão: o interesse do poder econômico, privado, no sistema de educação.

O Rotary Club demonstra especial competência na escolha de seus oradores no que se refere à tradução de seu pensamento e à expressão de seus interesses; este é, por exemplo, o

(55) "En el formato clasico de representación burguesa, los dirigentes políticos surgen como personalidades sobresalientes de entre um público burgués, informalmente organizado, compuesto de miembros de la classe dominante y de sus estratos aliados, abogados y en ocasiones burócratas". Therborn, G. - "Como Domina la Classe Dominante", 2ª edição, México, Siglo XXI, 1982, pág.225.

caso do Dr. Jairo de Almeida Ramos (56) quando proferiu a palestra: "Da Necessidade do Auxílio Privado ao Ensino e à Pesquisa", também na década de 50. Fala o professor sobre as dificuldades financeiras pelas quais passam os pesquisadores e os institutos de pesquisa e ensino no Brasil, como também sobre as consequências da falta de recursos, fator de entrave ao progresso da ciência pura e desinteressada desenvolvida no país. Chama em seguida a atenção dos empresários rotarianos para as responsabilidades da indústria, comércio e lavoura para com o desenvolvimento da ciência. Até aí, o orador transmite uma visão de pesquisa autônoma e comprometida com o desenvolvimento da sociedade. Mas, ao solicitar a proteção do capital para o ensino e a pesquisa retrata os compromissos de ambos os setores.

"Das elites intelectuais é que advém o progresso da nação. País sem elite intelectual que conduza a massa adestrada para realizar, está fadado à estagnação. Compete ao Estado adestrar e instruir a massa; à fortuna particular compete instruir e proteger as elites intelectuais. A proteção das elites intelectuais, em todas as suas atividades, é fator de progresso e concorrerá, não só para aumentar a fortuna particular, como para fazer progredir a Nação através de sua indústria, de seu comércio e de sua lavoura" (57).

(56) Jairo de Almeida Ramos, Presidente da Associação Paulista de Medicina, Livre Docente da USP e Diretor do Hospital São Luiz Gonzaga.

(57) Ramos, J. Almeida, "Da Necessidade do Auxílio Privado ao Ensino e à Pesquisa", in Boletim Servir, nº 956 de 06/10/1950.

Desta concepção decorre o papel a ser desempenhado pelos diferentes segmentos da sociedade. O intelectual, o cientista é colocado como um aliado do capital, da iniciativa privada. O Estado, um prestador de serviços a este mesmo Capital, pois, "adestrando a massa", prepara-a para, através da condução da elite, servir de mão-de-obra às empresas. Enquanto Estado, intelectuais e trabalhadores prestam serviços, o Capital, investido na Educação, Ciência e Pesquisa, será o grande beneficiário do "projeto coletivo". Portanto, longe da reunião de homens de boa vontade, desinteressados e comprometidos com o ideal de servir, aparece aqui o capitalista comprometido com a expansão de seu próprio capital.

Esta mesma idéia reaparece em diversos momentos. Em 1963, Pedro Calmon, falando em nome do verde-amarelo, da bandeira da Pátria, põe em evidência a velha idéia da elite, suas responsabilidades e seus interesses. O argumento aqui é um pouco diferente, mas os interesses e estratégias são os mesmos. O que Calmon propõe é que cada empresário assuma os custos da formação de um técnico. A palavra de ordem é: "agarre o seu técnico"⁽⁵⁸⁾, o pretexto, a realização das "vocações" desprivilegiadas. Sugere o orador que: "através dos órgãos competentes - o diretor de uma escola, o professor encarregado de um serviço, o chefe de um ambulatório - mande saber das jovens vocações cujo mérito é contrariado pelo infortúnio, e cada um seja o padrinho industrial desse indivíduo, (...) Que cada um de nós tenha idéia disto - eu posso formar o meu técnico, porque este homem, este rapaz vinculado a esta proteção dará mil por um como na parábola

(58) Calmon, Pedro, "Técnicos para o Brasil, in Brasil Rotário, nº 413, julho 1963, p. 27.

la evangélica, a remuneração não procurada desse capital fecundo, desse capital generoso" (59).

Aliás, o argumento da vocação, tão caro aos rotarianos como ao próprio pensamento pedagógico brasileiro, serve para justificar as injustiças e desigualdades praticadas e mantidas largamente na sociedade brasileira.

É graças à ideologia da vocação e das aptidões naturais que se procura desconhecer a importância das condições sociais para a realização dos destinos pessoais. A afirmação das aptidões naturais, concretamente explícitas pela vocação, "implica acreditar que as desigualdades sociais não são relativas a uma ordem social criada pelo homem, mas dependem de uma ordem transcendental de natureza biológica, irreduzível e determinante" (60).

A não ser por alguns programas de bolsas de estudos, que mais tarde se institucionalizaram no programa do CIEE - Centro de Integração Empresa-Escola, não se tem notícias de que os empresários-rotarianos tenham assumido a formação de técnicos ou o desenvolvimento da pesquisa no Brasil. Seus esforços continuam voltados para a assistência e formação do trabalhador, mas isto não significa que abandonaram a questão universitária. Como na década de 20, com a criação da USP, na década de 60 os rotarianos participaram ativamente do debate a respeito da crise provocada pelo movimento estudantil nas principais universidades brasileiras.

(59) Idem, p. 27

(60) Ver sobre a Ideologia das Aptidões Naturais o artigo de Bineret, Nöelle, in Durand, J.C. Garcia, "Educação e Hegemonia de Classe", R.J., Zahar Editores, 1978, p. 31 a 67.

Certos de que, embora não assumam diretamente os custos da educação no país, são os verdadeiros responsáveis pela política a ser desenvolvida no setor, os rotarianos chamam a si o papel de normalizar a vida acadêmica conturbada dos anos 60. Em meio a uma vasta soma de discursos criticando as Universidades brasileiras, pela desordem da organização, pela indisciplina dos estudantes e pela falta de autoridade e competência dos professores encontramos um, de autoria do "Leão" (associado do Lions Club) Oscar de Oliveira (61), proferido no Rotary Club que dá bem a posição dos dois clubes de serviço - Lions e Rotary - sobre a Universidade brasileira.

Depois de afirmar que o Brasil não possui uma só universidade que mereça tal nome, na sua mais alta expressão, chama a "elite" a si a responsabilidade de trabalhar pelo espírito universitário. Oliveira se reporta ao documento publicado pela Universidade do Brasil em 1962, "Diretrizes para Reforma da Universidade do Brasil", como também aos movimentos estudantis que geraram a Carta do Paraná também em 1962 e qualifica as concepções contidas nesta última de subversivas e pretensiosas, pois tensionavam os estudantes a governar a universidade.

Para o orador a reforma da Universidade pouco poderia esperar dos estudantes, "não só porque lhes falta maturidade, embora lhes sobre entusiasmo e espírito de realização, mas

(61) Oliveira, Oscar de, "Universidade Na Sua Mais Alta Expressão", Palestra proferida no Rotary Club do Rio de Janeiro em 19 de março de 1965.

também porque estão numa idade eminentemente emotiva entre 20 e 30 anos. Aquilo que a Universidade deve ter por definição, que é a racionalidade dos métodos na conquista dos seus objetivos, não pode valer-se só da juventude (...). Depois de anos de observação, chegamos à conclusão - quiçá triste, e talvez mereça explicação fora da exposição - de que também a reforma universitária muito pouco pode esperar dos professores".

(62)

O orador, além de "Leão", é também Diretor da Escola Nacional de Engenharia e em 1965 Diretor da Companhia Vale do Rio Doce. É como professor universitário que atribui aos seus companheiros do Rotary e Lions Club o papel de representantes da sociedade, capazes de imprimir à Universidade o papel social que ela deve desempenhar.

Como estudantes e professores estão desacreditados, e o poder público, neste discurso concretizado pelo DASP-Departamento Administrativo do Serviço Público, trata os professores universitários como massa, todos iguais, independente de seu valor individual, diz Oliveira, "só podemos esperar alguma coisa, nós, dentro da Universidade, de homens como aqui presentes. (...) É o meio social que deve exigir da Universidade uma extensa produção para o desenvolvimento, para as grandes realizações que o país espera." (63)

O orador-professor segue mostrando aos seus companheiros que o povo simples, analfabeto, não pode compreender os fins da Universidade - cabe, portanto, àqueles que alcança-

(62) Idem, p. 35.

(63) Idem, p. 36.

ram a maturidade cumprir o seu papel de guardiães das insti
tuições. Em suas palavras, cabe aos rotarianos e seus alia-
dos "a responsabilidade de zelar pela Universidade, de desa-
fiar a Universidade, obrigando-a quase, a dar o que o meio
social, industrial, comercial, cultural do país exige." (64)

Finaliza seu discurso convocando os rotarianos a,
em nome da sociedade, interferir para, com o peso de sua
opinião, dar novos rumos à Universidade Brasileira. Este
discurso retrata bem a visão do empresariado e a força de
sua posição, capaz de garantir, três anos mais tarde, não
só a interferência do governo militar nas principais univer-
sidades do país, mas a realização do maior expurgo de inte
lectuais no interior das mesmas Universidades e foi graças
ao apoio dos empresários e de professores universitários ,
seus aliados, que o governo conseguiu desmantelar projetos
populares como aqueles executados pela UNE nos "CPC" - Cen-
tros Populares de Cultura, ou grupos de resistência às arbi-
triedades do governo militar, dos quais as Universidades
foram os mais seguros baluartes.

Este tipo de discurso preparou o caminho para o re-
rudescimento nas relações universidade x governo militar .
Mas, foi nos documentos referentes ao período mais crítico
da vida universitária - 1968 - que encontramos um discurso
falando sobre educação e responsabilidade moral dos rota-
rianos, no qual o orador se coloca também como pai de qua-
tro filhos que lhe cabe educar, em meio ao burburinho das
relações que caracterizaram aquela década.

(64) Idem, p. 36.

Neste discurso, o papel de pai ascende sobre o de rotariano, guardião da ordem. As mudanças que a juventude (filhos) exige faz com que o pai prepondere sobre o rotariano e o que aparece é sobretudo uma crítica ao comportamento hipócrita que marca as ações da geração adulta. Sem deixar, porém, de considerar os rotarianos como indivíduos diferenciados, por que responsáveis pela guarda da moral e da ordem, chama a atenção para sua própria experiência. "Tive ocasião, como representante do comércio, em comissão diretora de partido político, de assistir ao comportamento de companheiros meus que estareciam os estudantes nossos companheiros porque o nosso comportamento, dos mais velhos que ali estávamos credenciados para dar exemplo, dávamos sim exemplos de um pragmatismo absolutamente irreconciliável com a moral. Daí, então, todo esse recrudescimento de desentendimentos entre as duas gerações." (65)

Denuncia, o orador, a hipocrisia da religião e da moral e conclama seus companheiros a coadunarem seus atos às suas palavras, não para violar a moral e os costumes, mas, antes para contribuir com a evolução dos mesmos.

A lucidez do discurso se apresenta como uma voz solitária, quase um desabafo, mais um discurso paterno que parece antever o desastre que ronda as instituições educacionais brasileiras.

(65) Almeida Prado, J. Ulpiano de, "O Comportamento dos Rotarianos na Edificação Educacional dos Filhos e Circunvivalentes", in Brasil Rotário, março 1968, pág.42.

Formação da Elite e a Segurança Nacional

Assim como se mostram atentos na crítica às instituições educacionais, são os rotarianos muito prontos para emprestar seu apoio àquelas instituições que julgam necessárias, em dado momento histórico. Foi assim que no início da década de 60 ajudaram a reforçar a Escola Superior de Guerra - ESG, e a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - ADESG, organizações destinadas à formação política das camadas dirigentes, nos diversos setores da sociedade.

Embora criada em 1948, pelo Governo Dutra, a Escola Superior de Guerra e seus diferentes cursos ganham importância especial na década de 60. A ação conjunta civil e militar que resultou no golpe militar de 31/3/1964 deve em certa medida o seu sucesso, anterior e posterior a 64, ao poder de aglutinação dos programas da Escola Superior de Guerra. Os rotarianos de São Paulo foram, em grande número, alunos ou estagiários da Escola.⁽⁶⁶⁾ O apoio do Rotary de São Paulo, entretanto, não se restringe à participação aos cursos, foi o Rotary Club de São Paulo que sediou, no seu próprio prédio o "1º Ciclo de Estudos Nacionais" da Escola Superior de Guerra. Muitos dos rotarianos colaboram com a ADESG. Um exemplo é o nosso entrevistado, Barelo, que afirma ter coordenado debates na ADESG durante 10 anos - de 1969 a 1979, tendo sido estagiário no ano de 1968.⁽⁶⁷⁾

A Escola Superior de Guerra, pela importância a ela atribuída no movimento rotário, especialmente de 1960 em diante,

(66) Conforme palavras do Dr. Barelo, Presidente do Rotary Club SP/Sul, gestão 88/89, em entrevista de 24/1/89.

(67) Idem.

e pela similitude de objetivos Rotary x ESG, configura um forum privilegiado de formação dos rotarianos ao lado do programa de Instrução Rotária.

A convergência de objetivos pode ser percebida pela análise das propostas do Rotary desde seus primeiros tempos, na busca da supremacia nacional pelo fortalecimento físico dos indivíduos, aliado ao patriotismo e culto à moral e à disciplina. Tudo isso, tendo em vista a preservação da ordem econômica e social. Rotary e ESG trabalham com indivíduos selecionados e indicados por seus elementos de confiança.

A idéia de Segurança Nacional tem como pressuposto a nação constantemente ameaçada. Esta ameaça pode ser externa ou mesmo interna. O surgimento das escolas de guerra decorre dos traumas das duas guerras mundiais e se mantiveram alimentadas pela "guerra fria". no caso da Escola Superior de Guerra (no Brasil), especialmente nos anos 60, o inimigo que se busca combater é o inimigo interno - são os interesses da classe que domina a política nacional que estão ameaçados ⁽⁶⁹⁾. A finalidade da Escola, é desenvolver conceitos que possam servir como fundamento, para a política de segurança nacional e é proposta através da identificação de áreas problema. A análise sistemática dos respectivos fatores geográficos, políticos, econômicos, sociais e militares, dá a localização correta do inimigo temido. Com esta finalidade, a Escola

(69) Sobre as Forças Armadas e a Escola Superior de Guerra no Brasil, ver o trabalho de Oliveira, Eliézer Rizzo, "As Forças Armadas : Política e Ideologia no Brasil (1964-1969), Petrópolis, Vozes, 1976.

procura "capacitar civis e militares para o exercício de função de direção, assessoria e estado-maior em órgãos responsáveis pela formulação e planejamento de uma política de segurança nacional." (69)

O Rotary também tem como meta preparar os homens que devem ocupar funções de mando ou de direção, seja na política ou na economia, seja nos órgãos públicos ou nas empresas privadas. Assim, a educação ou formação dos rotarianos se serve de instituições extra-clubes como, no caso, dos cursos da Escola Superior de Guerra, mas, é também garantida dentro dos clubes e tem caráter obrigatório.

Esta meta de preparar a camada dirigente da sociedade não aparece explicitamente na documentação escrita pelos rotarianos; todavia, em entrevistas é reiterada de forma constante. Tal propósito se explicita já no processo de seleção dos futuros sócios: trazer para o clube aquele "grupo de pessoas que podem fazer contatos com autoridades federais, estaduais ou municipais e ajudar na solução de problemas da comunidade." (70) Em entrevista já mencionada, o ex-Presidente do Rotary Club de São Paulo afirma que Rotary faz e deve fazer política, tanto assim que tem como objetivo a formação de grupos dirigentes para a sociedade. Estas palavras são reforçadas em entrevista feita com o rotariano Paschoal Ricciardelli que reconhece ser grande o número de rotarianos na política brasileira, mas lamenta que o mesmo não seja maior. "Se nós tivéssemos (mais) deputados e

(69) Conforme: Birkholz, Lauro Bastos, "A Escola Superior de Guerra", in Brasil Rotário, fevereiro 1972, p. 58.

(70) Camargo, Nelson de Barros, entrevista feita no Rotary Club de São Paulo em 26/7/88.

senadores, nós teríamos levado para esses órgãos públicos a filosofia de servir". (71)

A realidade da formação do rotariano, todavia, deve ser procurada nas próprias instâncias de funcionamento dos clubes. O cuidado com as normas e procedimentos aprovados internamente geram uma ordem disciplinar das mais rigorosas, e é graças ao respeito às normas que o Rotary Club de São Paulo mantém em funcionamento a "Escolinha", desde 1953 cuidando da informação e integração dos novos rotarianos. Estes são obrigados a frequentar doze reuniões mensais para serem considerados diplomados, recebendo como "prêmio" o "Manual de Processo Rotário". Entretanto, a Escolinha não reflete todo o processo formativo do rotariano no clube, pois é a própria vivência das atividades que garante esta formação. Cada clube realiza em média 50 palestras por ano sobre assuntos diversos, sempre considerando o pensamento rotário. Sendo a frequência obrigatória ao longo de 15 anos, pode-se imaginar que um rotariano ao se transformar em sócio com frequência liberada - sócio veterano - assistiu pelo menos 600 preleções rotárias das 750 que devem ter sido realizadas em seu clube. Isto sem contar as palestras que ele mesmo realizou, as reuniões em outros clubes, as Conferências Distritais, os Fóruns rotários e as reuniões de Conselho Diretor.

Além destas atividades, o Rotary Club de São Paulo mantém as chamadas "reuniões domiciliares" que são implemen

(71) Conforme entrevista feita no Escritório Sucursal do Rotary Club, em São Paulo, em 18/1/1989.

tadas com maior ou menor frequência, dependendo da política do presidente em exercício. A pretexto de maior entrosamento entre os sócios e suas famílias, as reuniões domiciliares, envolvendo grupos menores que as reuniões semanais dos clubes, trabalham o componente de solidariedade e concorrem para maior unidade do clube.

O Boletim Semanal, trazendo na íntegra a palestra da reunião anterior, mantém o rotariano faltoso informado sobre o assunto tratado, além de levar para a família do sócio o pensamento do clube, assim também as revistas oficiais. No caso brasileiro, se mantém com regularidade: Brasil Rotário, revista mensal ligada ao Rotary Club do Rio de Janeiro e Vida Rotária, revista bimensal da Fundação de Rotarianos de São Paulo.

Concluindo: Um rotariano com mais de vinte anos de vivência no clube, traduz em síntese fácil a razão pela qual o movimento rotário se dedica à educação. Considera que: um povo educado é como o povo americano, tem vontade de comprar; os dirigentes (governantes, ou dominantes) possuem um dom natural, independem do grau de cultura; e o Rotary é o fermento social (72).

Partindo desta tríplice "verdade", os clubes lutam pela educação dos pobres, priorizando o silêncio e a or-

(72) Dr. Nelson de Barros Camargo, em entrevista, no Rotary Club de São Paulo, em 26/07/88.

dem . Cada um no seu lugar, prontos para receber o apelo da propaganda. Comprar e consumir sem discutir, mas, para isso é preciso trabalhar e trabalhar muito sem perder tempo com coisas inúteis, como a discussão sobre a justa remuneração, pois o tempo é precioso - quem perde tempo deixa de ganhar e de consumir.

Os dirigentes, também chamados líderes, cujo dom de dominar lhes é próprio, precisam apenas ser agrupados para juntos fazerem os contatos com os poderes públicos, estes sim responsáveis pelos serviços sociais. São estes líderes, nos seus ramos de negócios, que, como reserva moral, se mantêm sempre prontos para agir em socorro das autoridades, do governo, todas as vezes em que a ordem estiver ameaçada. Para isso o clube procura garantir a unidade de idéias e formas de ação. Como se vê, nada melhor do que verdades estabelecidas, constantemente reafirmadas, sem mudanças e sem inseguranças, buscando no passado e na religião a legitimidade de suas idéias, a estrutura do clube garante a continuidade do movimento rotário.

ASSISTÊNCIA E FILANTROPIA:UM COMPROMISSO COM A ASSEPSIA SOCIAL

No Brasil, Rotary e Assistencialismo apresentam-se como duas faces da mesma moeda, graças à experiência dos anos de atuação em programas do tipo filantrópico desenvolvidos pelo clube. O Rotary International, no entanto, tem feito todo esforço para desvincular a imagem do clube das atividades filantrópicas, chegando mesmo a criar instituições paralelas para cuidarem especificamente destas atividades. A Fundação Rotária, a Fundação de Rotarianos de São Paulo, as Associações de Famílias de Rotarianos ou os Clubes da Amizade são os exemplos mais expressivos.

A tentativa de separação entre a ação própria do Rotary e a filantropia soa um tanto falsa, uma vez que o discurso rotário é a própria afirmação da assistência dos poderosos aos pobres e necessitados. O discurso idealista e cristão oferece o respaldo necessário à afirmação do altruísmo e do desprendimento como formas nobres de agir, enquanto a miséria se apresenta como uma situação natural própria daqueles menos dotados física e intelectualmente. Os pobres são na realidade os personagens - chave nos discursos religiosos e bíblicos, tão caros aos rotarianos.

As obras assistenciais são alvos preferenciais das ações dos clubes. A grande maioria deles mantém pelo menos uma instituição filantrópica sob a sua responsabilidade.

A filantropia tal como a conhecemos hoje, ou como é praticada pelos rotarianos foi a seara própria da igreja, especialmente da igreja católica. A formação de centros urbanos que ocorre paralelamente à organização fabril do trabalho concentra populações e desagrega as antigas famílias rurais ampliadas, tem como resultado uma soma considerável de indivíduos não adequados ao novo tipo de trabalho—o assalariado—que passa a depender da caridade alheia. A filantropia, portanto, se amplia com as necessidades geradas pelo capitalismo e pela divisão social do trabalho.

A antiga caridade, patrocinada pela igreja e assumida como responsabilidade pelos coronéis e pelos senhores das fazendas, desloca-se logo após a abolição, para os grandes centros urbanos, e carece de patrocinador.

Não é pois, de surpreender que encontremos no Brasil do Século XX o mesmo movimento que Inglaterra, França e Alemanha desenvolvem dois séculos mais cedo. O Brasil do século XX vai se defrontar com a necessidade de mão-de-obra para a indústria, de um tipo especial de trabalhador, o dócil e ordeiro, aquele que tenha como razão de sua vida, o trabalho. Em consequência desta ordem todos os que não se enquadram são marginalizados e tratados por métodos semelhantes. Os marginalizados são os excluídos do processo de trabalho por qualquer razão. A sociedade de mercado não absorve velhos, crianças, doentes ou loucos, ela precisa de homens e mulheres saudáveis e jovens para produzir mais em menos tempo e por menor custo.

E, nos períodos em que o mercado de trabalho não se amplia na mesma proporção do crescimento urbano, mesmo os homens e mulheres jovens e saudáveis, porém desempregados, são marginalizados sob o rótulo de vagabundos.

Os setores marginais são portanto grupos que, pela sua própria condição, podem facilmente conturbar a ordem pública imprescindível à produção e ao trabalho. Por não terem nada a perder, os grupos marginais, quando desassistidos.

podem formar bandos de pequenos desordeiros, levas de pedintes e arruaceiros, capazes de assim expor as chagas próprias de uma sociedade que deliberadamente os exclui. Neste caso a assistência configurada através de asilamento, ou outro confinamento qualquer, é a forma mais eficaz de contornar o problema (1).

A ação do Rotary na área da filantropia tem sido no sentido de criar ou apoiar os diversos tipos de instituições encarregadas de confinar ou reeducar os marginalizados. Assim a filantropia desempenha sua dupla função na sociedade capitalista: busca "normalizar" a situação dos marginalizados, frutos da exploração e das desigualdades sociais, confinando-os a pretexto de assistí-los. Retirando-os das ruas e espaços livres para não só esconder os efeitos da nova ordem social como também para preservar esta mesma ordem. Paralelamente, para as camadas mais poderosas que fazem a filantropia, esta serve como mecanismo para legitimar o lucro e a exploração da atividade empresarial e acrescenta ao empresário a característica de protetor dos menos privilegiados.

A expansão da filantropia coincide, pois, com o avanço da industrialização e urbanização: A falta de uma po-

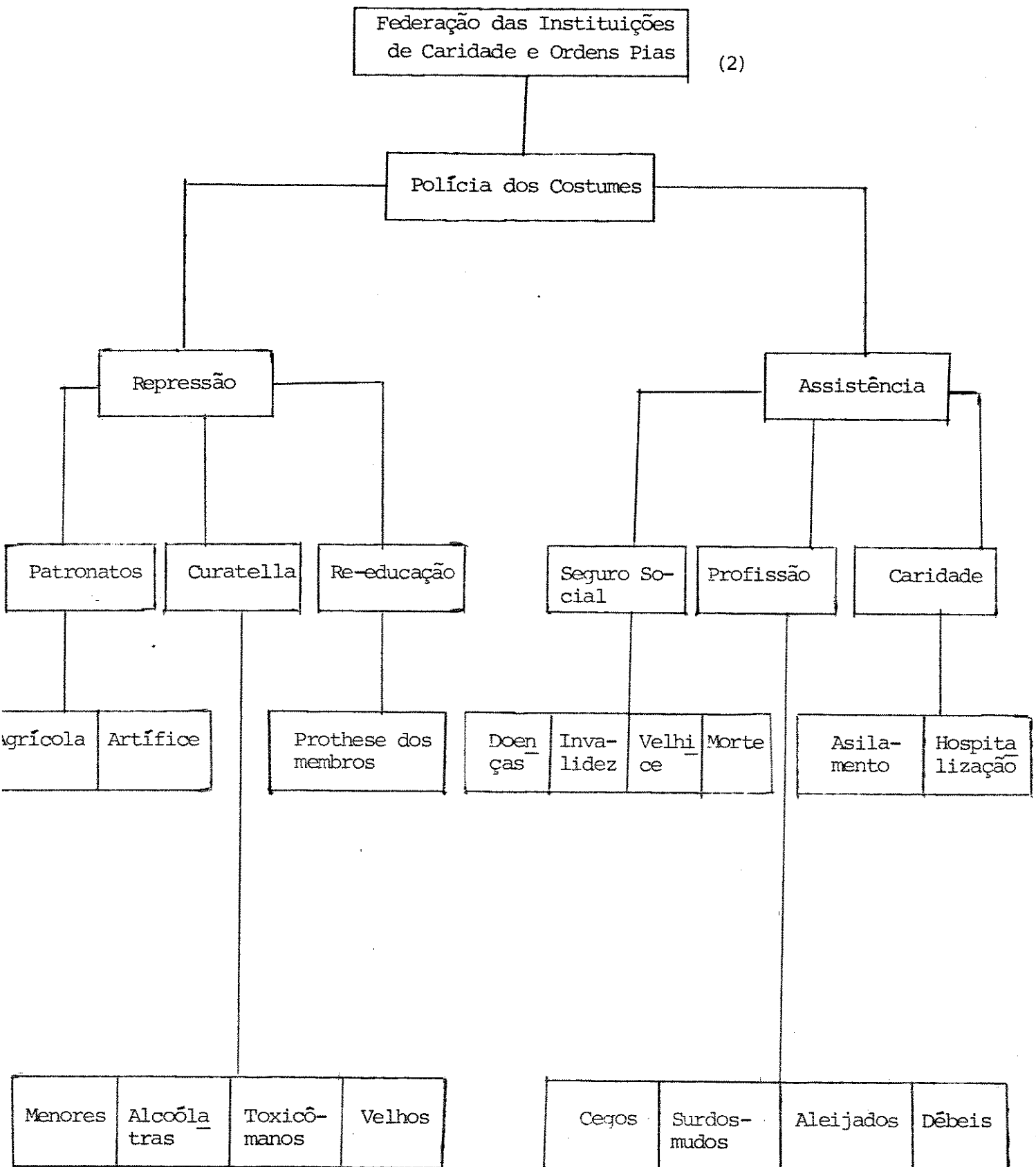
(1) Dörner, tratando da história da Psiquiatria vê nos hospitais para loucos "La institución, casi autónoma e inatacable, enganchaba por um lado com la policía y por outro com el poder judicial: era um tercer instrumento del poder político, del absolutismo, útil tanto para el dominio y para el trabajo asistencial, como para el castigo y aun para la educación en el orden, trabajo, moral y razón". Dörner, Klaus, "ciudadanos y locos", História Social de la Psiquiatria, trad. Fernando Riaza, Madrid, Taurus, 1974, pág. 146.

lítica de industrialização voltada para os interesses da população agrava o problema da marginalidade, assim como um Estado despreparado e resistente a uma política social adequada ocasiona a ação de grupos privados no tratamento das questões sociais. Assim é que no Brasil, o Rotary encontra um campo fértil às suas investidas na área filantrópica.

Nos primeiros tempos de funcionamento do clube, os rotarianos demonstravam vontade de tratar os problemas dos setores marginalizados, no seu conjunto, o que se concretiza em propostas dos clubes de São Paulo, Santos e do Rio de Janeiro.

Possivelmente estas propostas que não se efetivaram completamente sob o patrocínio do Rotary acabaram por inspirar os poderes públicos que passaram mais tarde a cuidar de questões de mesma ordem, em instituições como a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar) ou FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor).

A proposta feita pelo Rotary Club do Rio de Janeiro previa uma Federação das Instituições de Caridade e Ordens Pias do Distrito Federal. Esta deveria ter o patrocínio do Rotary Club e a seguinte estrutura:



(2) Amarantes, Alberto Pires, "Contribuição à História do Rotary no Brasil", Rio de Janeiro, Cooperativa Editora Brasil Rotário Ltda., 1973, p. 31.

Por esta proposta se pode perceber como primeiro ponto a subordinação de todo trabalho de assistência social à polícia dos costumes. Doentes, velhos ou deficientes, objetos de assistencialismo, passam necessariamente por uma triagem policial. Igualmente interessante são os setores objetos de repressão. Por exemplo são colocados sob tratamento quatro segmentos: menores, alcoólatras, toxicômanos e velhos, o que nos leva a pensar que a infância e a velhice, dado ao fato de não se incluírem nas faixas de idades próprias do homem produtivo, são considerados enfermos ou mais propriamente "doentes sociais", e portanto submetido à curatela.

Embora esta proposta se situe nos anos 20, podemos encontrar no noticiário dos anos seguintes, até hoje, tratamento de mesma natureza aos chamados problemas sociais. A revista Brasil Rotário publica mensalmente uma seção chamada "O que vai pelos clubes", onde se encontram os relatos das ações mais significativas dos clubes brasileiros. A grande maioria dos relatos cita campanhas feitas junto à comunidade para angariar fundos e ajudar famílias ou instituições que abrigam velhos, crianças ou deficientes. As doações vão desde numerário até, móveis, cobertores ou gêneros alimentícios.

A maioria dos clubes de cidades do interior mantém um tipo, pelo menos, de instituição assistencial. Seja uma casa da criança ou um asilo de velhos, uma escola para cegos,

surdos-mudos ou outra qualquer. Outra forma comum de atuação é a campanha para a fundação de uma instituição, hospital, escola ou asilo que em seguida à sua inauguração é entregue aos poderes públicos para sua manutenção.

O Rotary Club de São Paulo - empreendeu em 1951 uma Campanha da Mendicância que vale a pena aqui analisarmos, pela forma como foi desenvolvida e especialmente pela sua semelhança com a proposta do Rotary Club do Rio de Janeiro da década de 20.

José Eugênio de Paula Assis, relata em uma publicação recente a Campanha, apresentando-a como uma boa idéia que, como uma semente jogada em solo adequado teria dado bons frutos⁽³⁾.

A Campanha se inicia sob a presidência de Nicolau Filizola e a primeira proposta é para que os empresários rotarianos empreguem em suas empresas homens de mais de 60 anos, para serviços leves, com o fim de readaptá-los a uma vida útil. A idéia de dar emprego aos velhos parecia não ser suficiente para a solução do desagradável problema de se encontrar, em São Paulo, a cada passo "mendigos repugnantes e mulheres sujas, com crianças que nem d'elas são, procurando convencer os transeuntes com suas lamúrias e peditórios"⁽⁴⁾. Empreendem então os rotarianos uma campanha junto aos poderes públicos responsáveis pelo problema. Outro órgão não era, senão a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. A solução surge, pois, através da visão policial, e juntos, rotarianos e delegados de polícia, além de filantropos

(3) Assis, José Eugênio de Paula, "Campanha da Mendicância", in Vida Rotária, edição nº 251, Comemorativa do Cinquentenário do Rotary Club de São Paulo, S.P., S.D.

(4) Idem, p. 135

locais, põem-se a trabalhar para a viabilização de dois grandes abrigos para tirar das ruas os fétidos mendigos.

Em março de 1952, Nicolau Filizola entrega a obra concluída, graças à dedicação do rotariano Marcos Gasparian, do Secretário de Segurança Dr. Elpídio Reale e dos muitos rotarianos que fizeram doações para que o empreendimento chegasse ao seu bom termo. O resultado foram dois pavilhões, um feminino e um masculino, com capacidade para asilar 700 pessoas.

Considerando o problema da mendicância resolvido na cidade de São Paulo o Secretário de Segurança Pública "houve por bem expedir uma circular aos delegados de polícia, convocando-os a entrar em contacto com os prefeitos e demais autoridades locais, cívico e religiosas a fim de que estas iniciem a solução a cada problema circunscricional"⁽⁵⁾.

Este exemplo da década de 50 demonstra bem que as idéias apresentadas trinta anos antes permanecem vivas e atuais na ação rotária mais recente.

Concomitante a esta campanha o mesmo Rotary Club empreendeu outras como A Escola para Débeis Mentais que funcionou no "Grupo Escolar Prudente de Moraes", a Campanha de Vacinação B.C.G. tendo como patrocinador o Rotariano (médico) Eduardo Vaz.

Fugindo um pouco às realizações que envolvem diretamente o confinamento de marginalizados de qualquer ordem,

(5) Idem, p. 136

o Rotary realizou duas campanhas no sentido de colaborar diretamente com os poderes públicos no cumprimento de seu papel.

A primeira, "São Paulo precisa ser uma cidade limpa", através da qual os rotarianos individualmente fazem doações de cestos de lixo para as ruas da cidade.⁽⁶⁾ O esforço é coordenado por uma comissão formada no Rotary e os cestos são entregues à administração municipal. Este tipo de campanha possui finalidade dupla. Pregar a necessidade da limpeza e embelezamento da cidade, porque não se pode esquecer, que a limpeza pública se insere no discurso moralizante, como ponto de partida para a limpeza e preservação das boas relações numa sociedade moralmente sadia. O comportamento asséptico deve perpassar todos os espaços da vida coletiva para poder assim penetrar na vida individual.

Ao mesmo tempo em que busca educar a população para seguir normas de higiene pública o Rotary ao distribuir os cestos com a mensagem "São Paulo precisa ser uma cidade limpa", e o emblema do clube aproveita para fazer propaganda da instituição. Associar o nome da organização aos serviços à comunidade é uma operação fundamental para o clube.

De mesma natureza, é a campanha pela "Sinalização do Trânsito Urbano", realizada no final da década de 40 em São Paulo. Uma comissão formada no clube consegue de rotarianos e empresários a doação de "sinais semafóricos" que são entregues ao D.S.T. (Divisão de Serviço de Trânsito) para assim organizar melhor o trânsito da capital.

(6) Gomes, José Pereira, "Primeiras Atividades do Clube em serviços à Comunidade", Vida Rotária, nº 251, SP, SD., p. 126/127.

Esta campanha consegue arrecadar mais de uma centena de sinais semáforos e com isso obtém sucesso mais uma vez em suas propostas. Colabora para a preservação da ordem pública, através da regulamentação do trânsito, assim como divulga a instituição seja pela solenidade de entrega do equipamento, seja durante a própria campanha que contou com o apoio da imprensa escrita e falada de São Paulo, além da Associação Comercial, Associação dos Motoristas e Sociedade Amigos da Cidade⁽⁷⁾. Cabe lembrarmos que esta campanha ocorre em 1949 quando ainda não havia indústria automobilística no Brasil e a posse do veículo motorizado era privilégio das camadas mais abastadas da população. Daí o serviço prestado pelo Rotary ser de interesse direto dos próprios rotarianos e seus aliados, os proprietários de automóveis.

Estas realizações que sobrevivem até hoje em clubes rotários brasileiros somam-se, porém, a outras que praticamente se institucionalizaram nos clubes e fazem parte dos seus calendários oficiais. São exemplos: bailes de debutantes, festas de rainha da cidade, festas desta ou daquela colheita em épocas específicas do ano, nas diferentes cidades do interior. São sempre festas beneficentes que proporcionam o lazer de rotarianos e seus convidados.

São Paulo, como outros clubes, institucionalizou, a mais de meio século, a Festa de Natal. Trata-se de um evento de grande porte, destinado às crianças asiladas da cidade. Para a concretização da festa, os rotarianos e suas famílias através da ASFAR (Associação das Famílias de Rota-

(7) Moraes Filho, José Ermírio, "A Sinalização do Trânsito Urbano", in Vida Rotária, nº 251, Op.cit., p. 134/135.

rianos de São Paulo), trabalham de três a quatro meses fazendo grande alarido. Em geral a comissão encarregada da festa, junto ao Conselho Diretor, define data, local, e a forma pela qual será comemorado o natal das crianças. A execução dos preparativos fica por conta das instituições paralelas, além da ASFAR, o Rotaract e Interact. A escolha e embalagem dos presentes, se transforma em ocupação para as Senhoras dos Rotarianos em longas tardes de chá que dão oportunidade ao exercício da caridade agradável.

O dia da festa de natal já teve sessões de cinema, shows infantís com palhaços e outros artistas do gênero, mas, hoje pode ser chamada "Um dia no parque". Tem sido realizada no Play-Center, onde as crianças convidadas, em número de 5 a 6000, chegam em ônibus fretados, recebem sua cota de alimentação (lanche e refrigerantes), e sua cota de alegria, depois de enfrentar longas filas, o prazer dos brinquedos mais excitantes e modernos. São muitos os ônibus que despejam na porta do parque os dólceis alvos da caridade rotária.

Nos dias que se seguem, vem o balanço, que invariavelmente afirma mais uma realização de sucesso de um clube de homens bons, que podem agora sossegadamente colocar a cabeça sobre o travesseiro e dormir em paz, com a certeza de que com esta festa tiveram redimidos os pecados cometidos durante todo o ano. A festa de natal é uma atividade recomendada pelo Rotary International, todavia, sua efetivação é de inteira responsabilidade dos clubes.

O Rotary International assume algumas de suas reco-

mendações, coordenando, através da Fundação Rotária, a sua execução. Nesta perspectiva entram as atividades educacionais, já vistas em capítulo anterior e algumas atividades relativas à saúde. A própria fundação da Organização Mundial da Saúde (O.M.S.) ligada à O.N.U. - Organização das Nações Unidas, contou com a participação do Rotary Internacional. Segundo relato de José Eugênio de Paula Assis, esta teria sido idealizada pelo rotariano paulista Geraldo Horácio de Paula Souza, cuja sugestão encampada pela Conferência Internacional de 1945, veio a ser concretizada em 1948. Deste ano em diante o Rotary que já era reconhecido como Conselheiro da O.N.U. passa a ser também integrante da O.M.S. Pelo menos, até 1951, enquanto viveu, Paula Souza foi o presidente da organização, dando ao Rotary uma presença forte dentro desta instituição.

Se por um lado, o Rotary aparece fazendo parte de organizações com o peso da O.N.U. e O.M.S., por outro mantém suas propostas de trabalho e assistências locais e diferenciadas. As reuniões anuais obrigatórias (Conferências e Convenções) levam necessariamente à troca de experiências e à comunicação dos empreendimentos bem sucedidos. As próprias revistas oficiais formam uma coleção de relatos de boas obras. Talvez isto tenha feito com que grande número de clubes, do mundo inteiro, compartilhassem de preocupações semelhantes. Uma destas preocupações chegou à quase unanimidade dos clubes: a assistência às vítimas da Poliomielite. No Brasil, muitos clubes fazem doação de aparelhos, cadeiras de roda e similares, especialmente para crianças, vítimas da paralisia infantil. Em outros países, fundaram-se

sob o patrocínio dos clubes, Sociedades das Crianças Aleijadas até se chegar à "Sociedade Internacional para o Bem-Estar das Crianças Aleijadas".

Com o desenvolvimento da pesquisa e a descoberta da Vacina Sabin o Rotary International altera sua política de atuação na área, não excluindo a assistência esporádica, feita pelos clubes ou rotarianos individualmente, mas acrescentando a estas um programa internacional destinado a comemorar o centenário da organização. O programa coordenado pelo Rotary International chama-se Polio Plus.

A importância do programa Polio Plus está no fato de ser dirigido a todos os países do mundo.

Rotary International se propôs, e vem cumprindo a promessa de distribuir vacinas antipólio aos governos, durante cinco anos e com isso garantir a extinção da moléstia. A distribuição simultânea da vacina em todas as partes do mundo facilita a erradicação.

A notável capacidade de arrecadar recursos fica com provada nesta campanha.

"Dos 120 milhões de dólares que se precisava no início do movimento, o Rotary, surpreendentemente, arrecadou 161 milhões de dólares, ultrapassando a expectativa. Desse total, repassaram 93.611.210 dólares para todo mundo. Para o Brasil a meta de vacinação objetivava atingir 25 milhões de crianças. Assim, repassaram para o governo brasileiro

6.137.000 dólares. A perspectiva, no entanto, são 454.894.000 crianças em todos os países, das quais até agora, 168.108.000 foram vacinadas" (8), (abril de 1990).

Estes números atestam não apenas a capacidade de arrecadação, visto que é feita pela rede de clubes espalhados por todo mundo, mas sobre tudo o poder desta organização - Fundação Rotária, classificada como a 2a. Instituição, em volume de recursos, entre aquelas sem fins lucrativos. A primeira no "Ranking" internacional é a Cruz Vermelha.

Por estes dados verificamos a necessidade de um estudo específico sobre a Fundação Rotária que todavia não será feito neste trabalho.

Quanto à Campanha Polio-Plus, indiscutível o seu mérito. A exploração política da campanha, porém, deve ser impedida. Neste sentido cabe questionar as queixas e reclamações dos patrocinadores, como esta: "É preciso que as autoridades valorizem esse trabalho que busca a solução de problema tão grave como o da poliomielite e divulguem através da televisão, por ocasião das Campanhas pró-vacinação, a ajuda que o governo recebe do Rotary International sob forma de doação, ficando apenas a coordenação da distribuição com o governo brasileiro. Atualmente, o mérito tem como único autor o nosso governo, mas isso não traduz exatamente a verdade" (9).

Os exemplos de uso político de campanhas filantrópicas internacionais em nossa história são muito recentes para

(8) Bender, Osvaldo, A. "Rotary e o Bem-Estar da Humanidade", in Brasil Rotário, nº 814, ano 66, R.J., abril 1990. p. 31

(9) Idem, p. 31

que se possa esquecer e não temer sua reedição. A Aliança para o Progresso⁽¹⁰⁾ realizada nos anos 50/60 é um bom exemplo de programa que acabou sendo usado conforme os interesses políticos dominantes na época. É bom lembrar também que este programa foi apoiado pelo Rotary Internacional e divulgado pelos Rotary Clubs no Brasil.

(10) Ver o discurso pronunciado por Stuart H. Van Dyke na reunião do Rotary Club do Rio de Janeiro, em 17/08/1966, "Aliança para o Progresso após 5 anos", Brasil Rotário, Rio, set./66, p. 28

" Sou médico, e como tal, interesse-me com maior razão, pela contribuição que a medicina pode trazer, para a defesa do operário e de sua capacidade de trabalho, vigiando-o, conservando-o são, defendendo-o das moléstias, e assim cooperando na sua continuidade produtiva, e no andamento econômico e prosperidade da indústria que o empregou. "

Durval Rosa Borges - Médico e Rotariano

" Capital Humano - Meios de Preservá-los "
in Boletim Servir, S.P., 05/2/1943

Relações de Trabalho : A Ordem pela Harmonia

Relações de trabalho ou relações entre patrões e empregados, tema oficialmente proposto pelo Rotary International, deve ter espaço garantido na organização que defende a paz entre os homens e as nações. Tal a importância atribuída ao assunto, que os clubes mantêm durante muitos anos uma Comissão ou Sub-comissão chamada de Relações entre Empregados e Empregadores.

No Rotary Club de São Paulo, apesar da preocupação internacional ou mais especificamente americana com o tema, este só ganha tratamento sistemático a partir da década de 40. Até então, apenas algumas palestras tratavam diretamente das relações entre patrões e empregados. Aí os trabalhadores são sempre mencionados, quando se discute assistência, saúde ou educação; no entanto, as relações entre Capital e Trabalho chegam ao palco com um espaço quase ilimitado nas décadas de 40/50. Como no caso da educação, o trabalho é discutido, são feitas gestões junto aos poderes públicos, quanto à legislação específica, além de dedicar-se, o clube, a projetos próprios para a solução do que os rotarianos consideram os principais problemas na área.

O fim da IIª Guerra Mundial marca os anos 40 com uma palavra-chave : produtividade. Esta palavra, que já compõe o repertório americano desde a década de 10, graças aos trabalhos de Taylor, Fayol e seus colaboradores, chega ao Brasil

como a grande "coqueluche". Todos os esforços devem ser dirigidos ao aumento da produção, objetivo comum de empregados e patrões interessados no progresso da pátria.

Se na educação o parceiro mais próximo foi e continua sendo a Associação Cristã dos Moços, nas questões relativas ao trabalho o parceiro, especialmente na década de 40, foi o "IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho" (1). As primeiras idéias discutidas e os projetos propostos se configuram no que se pode chamar de propostas "científico-assistenciais" que englobam temas como : férias, alimentação, moradia e saúde do trabalhador.

O ponto de partida, próprio do pensamento maniqueísta rotário, é a sociedade dividida entre bons e maus, trabalhadores e vadios, sábios e ignorantes ... Além do IDORT, subsidiam as ações rotárias, o pensamento jurídico, médico e as postulações teóricas das diferentes áreas da engenharia. Com tal volume de saber, os rotarianos acreditam estar credenciados a administrar não sô as suas vidas e de suas empresas, mas também a vida dos trabalhadores e de suas famílias, dentro e fora dos locais de trabalho.

(1) O IDORT estudado por Álvaro Tenca aparece assim configurado : "De todos os atores políticos que estiveram em cena nos anos 30 no Brasil, nenhum outro marcou melhor sua presença que o Instituto de Organização Racional do Trabalho - IDORT. Eficiência semelhante a de um árbitro de futebol que por conduzir tão bem uma partida consegue passar despercebido durante os noventa minutos do jogo. Tal é a proeza deste Instituto que permaneceu longas décadas ausente das histórias contadas sobre o período. Falando em nome de uma "razão universal", "neutra" e "atemporal", atuando fora dos lugares consagrados ao político, foi impondo, meio que sorrateiramente, a vontade da grande indústria na sociedade como um todo, vontade esta fundada no sólido binômio acumulação e controle". Conforme Tenca, Álvaro, "Razão e Vontade Política, o IDORT e a Grande Indústria nos anos 30" - Dissertação de Mestrado, IFCH, UNICAMP, 1987.

Aliás, quanto à administração de suas empresas, dois pontos destacam-se como sendo da maior importância : primeiro, o exemplo a ser seguido, o dos companheiros norte-americanos , símbolos máximos do sucesso; e segundo, a necessidade de uma política protecionista às empresas nacionais.

Para justificar tal política, a ser garantida pelo Estado, Caio Luiz Pereira de Souza argumenta através do exemplo americano. "A industrialização americana começou depois da Guerra de Secessão, quando foi adotada a política protecionista para permitir o aperfeiçoamento da então incipiente atividade manufatureira"⁽²⁾. Segundo o autor, o sucesso americano se deve a esta proteção alfandegária e assim justifica para o Brasil , a defesa da indústria como imperativo nacional. Mais uma razão ressalta a necessidade do protecionismo, no pensamento de Pereira de Souza : trata-se do papel social dos lucros empresariais. "É fora de dúvida que os lucros agora auferidos. irão beneficiar, em última análise, a própria comunidade nacional, melhorando-lhes as condições de vida, a capacidade de proteção e consumo, porque ninguém os quer amearhar no fundo das arcas, mas, pelo contrário, todos os aplicarão como capitais, em novas e benéficas atividades"⁽³⁾.

É já a idéia de empresa como um serviço social que começa a ser divulgada, aliada à idéia de interesse comum de todos os membros da "família empresarial", em busca do progresso econômico como solução para as lutas políticas.

(2) Pereira de Souza, Caio Luiz, "As Classes Produtoras e o Após-Guerra", in Boletim Servir, SP., 22/2/1945, p. 2.

(3) Idem, p. 2.

Neste quadro, embora os interesses sejam "comuns", os papéis a serem desempenhados por patrões e empregados são diferenciados. As primeiras prescrições aos trabalhadores são : Férias Obrigatórias, Habitação Econômica, Alimentação Balanceada.

Férias Obrigatórias, Habitação Econômica, Alimentação Balanceada

A questão das férias para os trabalhadores vem à baila, quando os rotarianos descobrem que através do descanso é possível extrair mais trabalho de sua mão-de-obra. Assim, o clube assume a campanha pela viabilização do gozo de férias, controladas pelos patrões.

O médico e cientista, professor da USP, Carlo Foá defende a necessidade de férias para todos os trabalhadores, demonstrando que para a fadiga física existe o alerta do cansaço que deve ser observado para que o trabalhador não chegue ao desfalecimento e até à morte. Fatos pouco prováveis, pois o "operário-gorila" de Taylor não é mais um elemento comum na indústria, diz o orador. A grande preocupação fica por conta do trabalhador intelectual, em quem os sintomas de fadiga são mais difíceis de serem identificados. E para quem o descanso significa o gozo de férias.

Carlo Foá vê o ócio como alguma coisa muito benéfica para o revigorar das forças e do espírito. A mudança de clima e de paisagem aparecem como a melhor opção. O mar e o campo apresentam-se como convenientes locais para o repouso

do organismo fatigado pelo trabalho. O Brasil é um país pródigo em opções de férias, dada a sua diversidade climática e de relevo e o autor conclui pela necessidade de estudos sobre o assunto. "Não resta dúvida de que um estudo problemático das vastas regiões do país sob o ponto de vista bioclimático trará uma contribuição de grande utilidade também ao problema das férias, permitindo escolher os lugares mais adequados ao repouso completo para a coletividade escolar e para todos os que necessitam interromper suas atividades de trabalho."⁽⁴⁾

Maciel de Castro vai mais longe, tratando as férias não como um direito, mas sim como um dever. As férias obrigatórias são, na sua concepção, um "preceito religioso, uma prescrição higiênica e um problema de ordem social." Esta afirmação é decorrente das concepções de homem, trabalho e sociedade que norteiam as propostas do Rotary sobre o assunto.

"O organismo humano é uma máquina e, como tal, necessita de repouso."⁽⁵⁾ Os higienistas já demonstraram exaustivamente que a produtividade do trabalho decresce na razão direta do cansaço. O repouso traz a saúde física e esta a saúde moral, pois um corpo descansado exala alegria e disposição para o trabalho, vontade de colaborar, esperança de progredir na vida. Mais que isso, acredita Maciel, que as lutas de classes são agravadas pela falta de férias e pelo cansaço físico e mental. Mas, como garantir o gozo das férias, dentro dos padrões morais e higiênicos, como ocorrem nos países mais adiantados? Sim, porque as férias têm um padrão de qua

(4) Foá, Carlo, "A Necessidade de Férias", in Boletim Servir, Nº 503, SP, 20/6/1941, p. 3.

(5) Castro, Maciel de, "Férias Obrigatórias", in Boletim Servir, Nº 462, SP, 16/8/1940, p. 1.

lidade a ser atingido. Maciel concorda com Foá a respeito da necessidade de se mudar de ambiente nas férias. Para ele, os trabalhadores que exercem atividades urbanas devem procurar "os recantos amenos da fazenda, as regiões praianas, as estações climatéricas ou hydromineraes, os sítios agrestes e montanhosos em que se respiram ares puríssimos ..." (6)

Com esta justificativa, o Rotary espera conseguir a colaboração dos órgãos públicos, sindicais e privados ao seu projeto, que é de utilização racional dos aparelhos de lazer para assim viabilizar as férias obrigatórias aos operários e funcionários. Assim o clube convidou para ouvir a palestra e participar da reunião um representante do poder público que, todavia, não compareceu.

É curiosa a proposta rotária que prevê uma coordenação inteligente dos diversos setores envolvidos na questão. Diz Maciel, "Intensifique-se a propaganda em torno das vantagens que resultam do aproveitamento das férias periódicas; proporcionem-se as excursões collectivas aos lugares amenos e agradáveis, no intuito de baratearem-se os meios de transporte; promovam-se reuniões das directorias das estradas de ferro, para que se tornem mais accessíveis os preços das passagens; reúnam-se os proprietários dos hotéis e das pensões das cidades hydro-climatéricas, em convênios, para que se reduzam os preços das diárias, porque, desse modo, as suas casas serão abarrotadas em todos os mezes do anno; coordenem-se, por fim, os poderes públicos e as instituições particula

(6) Idem, p. 2.

res num escopo commum de dar ao homem do trabalho os meios fáceis e simples de gozar o descanso obrigatório, sem complicações enervantes e protelatórias." (7)

A proposta, pode-se observar, guarda coerência com o pensamento do empresariado nacional, para quem os benefícios ao trabalhador devem ser garantidos pelo Estado. A preocupação com as férias, nem de longe, se liga com os baixos salários que inviabilizam por si só o gozo do benefício assegurado em lei. As empresas esperam contar com corpos repousados e sadios, cabendo, porém, ao Estado o custo da reposição da força-de-trabalho. É interessante ver que os rotarianos-empresários propõem intensificação da propaganda quanto às vantagens de bem gozar férias, como se novamente o problema estivesse localizado na ignorância do trabalhador e não no seu baixo poder aquisitivo, resultante dos pèssimos salários.

Esta proposta, ao que pudemos verificar, não saiu do papel, a não ser para uma parte do funcionalismo público que dispõe até hoje de convênios com hotéis em regiões de águas, praia e campo. Mas o Rotary volta à carga, logo depois, sugerindo a realização de colônias de férias, estas sim implementadas mais tarde pelo Serviço Social da Indústria - SESI e Serviço Social do Comércio - SESC. Todavia, muito longe de atingir a massa de trabalhadores, sobretudo pela falta de vagas. (Como convém a uma proposta de peso, esta foi defendida, com a legi-

(7) Idem, p. 3

timidade própria do orador - Dr. Edmundo de Carvalho, mais um médico-rotariano) . A primeira recomendação é para que as colônias proporcionem vida adequada sob todos os aspectos e para tanto devem ser separados por sexo os integrantes, com programações diferentes para homens, mulheres ou jovens. A primeira preocupação quanto às colônias de férias é o regulamento a ser elaborado e formas de fazer segui-los. Quanto à localização, as propostas preferenciais são para colônias em montanhas e à beira-mar. E seguindo o pensamento higienista a parece a preocupação para que não sejam admitidas pessoas doentes, tendo, portanto, todos os candidatos que submeter-se a exame médico e ao preenchimento de uma ficha "morpho-psicológica". "Uma vez admitido, o operário deverá submeter-se inteiramente ao regulamento interno, cujo fim único é beneficiá-lo, não só durante o tempo da colônia como educando-o para continuar uma vida sã, tanto em sua própria casa como na fábrica."

(8)

Sendo as colônias separadas por sexo, um preceito higiênico de saúde, as atividades propostas estão de acordo com os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. Para os homens, além da preocupação com o respeito ao regulamento, que parece indicar serem estes mais rebeldes, o orador propõe que : "em qualquer gênero de colônia haverá o

(8) Carvalho, Edmundo de, "Colônia de Férias para Adultos", in Boletim Servir, nº 469, SP, 04/10/1940, p. 2.

padrão de vida, com fundamentos em hygiene, com bons hábitos de saúde, na educação social com diffusão de princípios de moral e de desenvolvimento intellectual, por meio de pales - tras, bibliotheca, cinema educativos, teatro, etc. cuja resultante será evidentemente a elevação do nível do operário fora e dentro da própria fábrica." (9)

Quando a colônia se destinar às mulheres, aqui trata das por "mães de família", o eixo das atividades está na educação doméstica, familiar, "em que os cuidados para com os filhos ocupará lugar de preferência, sem entretanto ser desprezada a parte recreativa, compensadora das preocupações naturaes de uma dona de casa por mais modesta que seja." (10)

Assim, toda a preocupação do Rotary com as férias dos trabalhadores é mais uma forma de administração da vida do trabalhador, procurando garantir a elevação da produtividade, seja de forma direta com a reprodução da própria força de trabalho do operário, seja pela educação da mulher visando a saúde, alimentação e educação dos filhos, futuros trabalhadores.

Neste período, a atenção dos patrões-rotarianos se expande por todos os setores da vida operária, como se pode observar nas campanhas conjuntas IDORT-Rotary Club de São Paulo, como a Jornada sobre Alimentação em 1940 e a Jornada da Habitação Econômica em 1941.

(9) Idem, p. 1.

(10) Idem.

Nas campanhas promovidas pelo IDORT, o Rotary entra como colaborador, auxiliando na divulgação das propostas idorteanas. Como é comum o fato de que muitos rotarianos participem, ao mesmo tempo, como técnicos ou sócios do IDORT, a programação pode ser considerada conjunta.

A jornada sobre Alimentação foi introduzida no Rotary por Geraldo de Paula Souza, que em 1940 era também vice-presidente do IDORT. Fala, o médico higienista, sobre a necessidade de um povo ser bem alimentado e sadio, pois, só assim é possível resistir à luta pela vida. Considerando o número de horas que o trabalhador precisa trabalhar para garantir o sustento seu e de sua família, não se pode desconsiderar o valor de sua alimentação para recompor suas forças.

Paula Souza dá exemplo de outros países : "Dentre os povos que sabem realmente se alimentar, (...) a Dinamarca, onde a mesa bem conduzida proporciona ao país dois milhões de indivíduos sadios, cuja existência se reveste num lucro para a humanidade." (11)

Alimentação do trabalhador - contrapartida em lucro para as empresas : esta é a idéia-chave. Razões da má alimentação são a ignorância dos princípios de alimentação racional e má administração da "renda" dos trabalhadores pelas donas de casa.

(11) Paula Souza, Geraldo H. de, "Jornada sobre Alimentação", in Boletim Servir, nº 468, SP 27/9/1940, p. 1.

Estas mesmas idéias voltam em 1944 através do discurso de outro médico, Dr. Pompêo do Amaral, médico-chefe da Superintendência do Ensino Profissional, que não só aponta como causa da má alimentação o problema da ignorância dos trabalhadores, como procura comprovar sua tese.

Pompeo do Amaral chama a atenção dos rotarianos para a ineficácia de refeitórios populares na solução do problema alimentar do operário. Primeiro por considerar que a alimentação feita fora do "lar" contribui para a desintegração da família, o que não interessa aos defensores da ordem, uma vez que a família é núcleo constitutivo desta sociedade. " A hora das refeições é a hora do lar, o motivo de reunião da família, de sua integração espiritual. A assistência alimentar não deve desintegrá-la, nem ser parcial, com sua limitação. Cada lar deve bastar-se a si mesmo, deve ser auxiliado por todos os meios no sentido de ter seu orçamento equilibrado, respeitando a unidade moral e material da família, fundamento da sociedade. A assistência alimentar, livre de todo controle técnico e social, favorece a comunização. " (12)

A razão mais forte, porém, para contra-indicar os refeitórios populares, está no fato de que estes não solucionam o problema que é sobretudo educacional, e isto o orador comprova com dados obtidos em um almoço oferecido a operários durante a Jornada sobre Alimentação, do IDORT, em 1940, quando os operários demonstraram sua preferência pela alimentação habitual,

(12) Amaral, Pompêo do, "Os Refeitórios Populares e a Alimentação do Operário", in Boletim Servir, nº 629, SP, 21/1/44, p. 1.

pouco nutritiva, em detrimento de uma alimentação saudável e balanceada por técnicas modernas de nutrição.

A proposta de Pompêo do Amaral contempla a educação das moças, através da formação em economia doméstica. O autor vê aí uma série de vantagens. Primeiro, as jovens teriam mais facilidade de aceitar uma alimentação diferente, por serem jovens, portanto, mais susceptíveis à mudança; segundo, seriam uma forma de penetração das novas idéias nos lares dos quais participam como filhas e mais tarde no novo lar que vierem a constituir como esposas.

Os cursos de educação das moças, que nesta época são garantidos pela Superintendência do Ensino Profissional do Estado, devem ser ampliados, pois neles as alunas aprendem "bem técnica culinária, recebem noções de higiene, são suficientemente exercitadas em contabilidade e trabalhos domésticos e bastante preparadas em puericultura e dietética. Tornam-se, assim, capazes de manter a felicidade em seus lares, não apenas bordando, costurando e lavando roupa, (...) mas principalmente zelando pela economia e aprendendo a empregar os ganhos, muitas vezes escassos, com sabedoria, na defesa da saúde e capacidade de trabalho dos seus." (13)

A proposta parece perfeita, resolve o problema da alimentação e reprodução da força-de-trabalho, apesar dos míseros salários, pois a mulher será a "fada-madrinha" capaz de transformar abóbora em bife, espinafre em macarronada à bo

(13) Idem, p. 3.

lonhosa, e banana amassada em sorvete de chocolate.

Além das férias e da alimentação, percebem os patrões outro foco de esperança dos trabalhadores, a casa própria. Prontamente aparece a Jornada da Habitação Econômica, IDORT/Rotary Club/SP. A idéia é a divulgação de um estudo "científico" que permita ao trabalhador adquirir sua casa própria, livrando-se dos porões e cortiços imundos, mal ventilados e promíscuos. A casa unifamiliar, símbolo do aconchego da família, do bem-estar e da doçura do lar.

Novamente a família, esta poderosa instituição que deve ser preservada a qualquer custo. Sua ameaça significa a própria ameaça à paz social, ao equilíbrio e ao funcionamento do sistema produtivo. (14)

Ricardo Capote Valente, Diretor Secretário do IDORT, comparece ao Rotary Club de São Paulo para com os rotarianos discutir a idéia. Como engenheiro, apresenta uma proposta que engloba os diferentes aspectos do problema. Do ponto de vista social, trata das vantagens da "casa isolada, higiênica e própria para manter os moradores num nível moral elevado, em contraposição à sujeira e a degradação provocada pela promiscuidade da vida nos cortiços e nos porões." (15) O que está em jogo nesta observação a respeito da moral é basicamente a questão da solidariedade, que acaba por unir aqueles que moram mal em decorrência da exploração a que estão submetidos no trabalho.

(14) Sobre a questão da família ver : Donzelot, Jacques, A Polícia das Famílias, 2ª ed., Graal, RJ 1986 e Rago, Margareth, "Do Cabaré ao Lar, A Utopia da Cidade Disciplinar." Brasil, 1890/1930, 2ª ed., Paz e Terra, RJ, 1987.

(15) Valente, Ricardo Capote, "A Jornada da Habitação Econômica", in Boletim Servir, nº 516, SP, 19/9/41, p. 1-2.

A moral aqui deve ser traduzida por ordem e passividade. O trabalhador que depois do trabalho se recolhe ao aconchego do lar, não dispõe de tempo ou espaço para o bate-papo com seus companheiros na bodega da esquina ou na porta do cortiço com seu vizinho e possível companheiro de luta. Para garantir que o isolamento seja saudável, o engenheiro pensa no aspecto urbanístico, com todos os equipamentos de infra-estrutura no local da construção, água, esgoto, luz, transporte, sem esquecer do espaço reservado para a "recreação higiênica". As casas dos trabalhadores devem ser ainda dotadas de beleza, formando um ambiente agradável, uma vez que "uma casa não é somente a máquina de morar" (16). Mas o grande problema é de ordem financeira. Como garantir que o trabalhador com salários sempre menores do que o valor de suas necessidades consiga realizar o sonho da casa própria. Aqui novamente o "grande pai" é invocado e chamado à sua responsabilidade. O Estado, os poderes públicos, institutos de previdências, organizações financeiras oficiais comparam ao discurso como os possíveis provedores do projeto, fechando o quadro. Os patrões estudam e planejam as melhores formas do viver do trabalhador, o Estado garante a viabilidade do projeto pagando a conta, e o trabalhador "beneficiado" retribuirá com gratidão e lealdade aos seus "benfeitores". E assim se comprova a tese de que patrões e empregados têm os mesmos interesses e que a contradição entre as classes é coisa de agitadores.

(16) Idem, p. 2.

Nem só de assistência e filantropia, porém, vive o empresariado rotariano. Os caminhos para a solução do problema da desarmonia social aparecem apontando no rumo da educação através do "bom-exemplo" ou da legislação do trabalho. O final da década de 30 mostra os discursos que apelam para o empenho dos empresários na manutenção do saudável clima pacífico nas relações de trabalho.

Eduardo Vaz compara o empresário ao maestro que, em busca da boa afinação, deve apoiar e incentivar o desenvolvimento intelectual e o apuro técnico dos seus comandados, além de selecionar capacidades. "Instruir e criar no dirigido a obrigação do contínuo aperfeiçoamento, é provar o interesse pelo seu futuro. A escola para seus filhos, a assistência médico-social, a aproximação de uns e outros, incutindo o sentimento de cooperativismo, exaltam o dirigente a um grau de superioridade pelas suas ações e não pela simples posição ocupada. É o grande maestro e um punhado de músicos, que num conjunto harmônico executam as obras mais difíceis arrancando aplausos de quem compreende o que isso representa." (17)

A imagem do patrão associada à do maestro demonstra o auto-conceito do empresariado, pois, como interpreta Elias Canetti (18), o maestro é o símbolo máximo do poder. É sagrado com o poder da glória, própria às figuras especiais. A alusão à orquestra prova a unidade de comando e a superioridade de "natural" do dirigente. Ao maestro cabe o poder legítimo

(17) Vaz, Eduardo, "A Ação dos Dirigentes, Proporcionando Bem-Estar Material e Evolução Intelectual, Sem Sacrifício Econômico, in Boletim Servir, SP, 10/9/37.

(18) Canetti, Elias, "Massa e Poder", UNB/Melhoramentos, Brasília, 1983, p.439...

e inquestionável atribuído pelo público e aceito pelos músicos. O maestro funciona também como modelo para os músicos, é a figura que mais se aproxima da perfeição, portanto, deve ser imitada. Assim, também Saldanha de Oliveira, ao tratar da Ética no trabalho, destaca a influência moral do patrão sobre o empregado. "A vida no trabalho é uma seqüência da vida de casa. A bagagem moral que desta trazemos aí medra ou se deforma. Da convivência, dos esforços comuns, das realizações mútuas, surgem hábitos de pensamento, ação e caráter. Virtudes e vícios se adquirem pelos bons ou maus exemplos. Patrão honesto e assíduo ao trabalho, empregado honesto e trabalhador." (19)

O padrão de convivência é sempre o da harmonia, a luta, acidente de percurso, um perigo a ameaçar a segurança da pátria.

Em paralelo ao bom cristão, filantropo e caridoso aparece o homem público preocupado com o Estado e sua ordem legal. Como membro da elite responsável, o rotariano se dedica a discutir e propor o ordenamento capaz de produzir e assegurar as boas relações no trabalho.

Ainda no final da década de 30, numa conferência distrital na Bahia, os rotarianos anteciparam o que viria a ser uma acalorada discussão entre os setores mais organizados da sociedade, dez anos mais tarde. Falamos da distribuição dos lucros das empresas entre os empregados. Por decisão do Rotary Club do Rio de Janeiro, seu representante defendeu na Conferência que as empresas deveriam reservar uma quota do lucro de balanço pa-

(19) Oliveira, Felipe Saldanha de, "Ética - O patrão influi sobre a moral dos Empregados, in Boletim Servir, SP, 19/5/1938.

ra distribuir entre seus empregados. A proposta causou certo tumulto, alterando os ânimos dos empresários presentes que prontamente fizeram a devida correção na proposta.

Azevedo, rotariano de São Paulo, argumentou mostrando as desvantagens de tal medida. Afirmava então, o rotariano paulista, que uma quota dos lucros de balanço a ser distribuída aos empregados iria transformá-los em sócios de indústria e, portanto, em elementos interessados em fiscalizar a alta administração das empresas. Assim, chamou a atenção da assembleia para este fato que iria dar legítimo direito ao empregado de criticar a orientação administrativa do patrão. Como consequência, a harmonia visada entre patrões e empregados redundaria em maior desarmonia, pelo interesse despertado no empregado, aflorando um possível antagonismo com o interesse do patrão.

O representante paulista concluiu que a discussão teve um final feliz, pois "chegamos a um meio termo, modificamos de comum acordo a primeira conclusão, de modo a remunerar o empregador com uma quota adicional sobre os lucros e os empregados com uma quota em função da produção." (20)

A questão da distribuição dos lucros entre os trabalhadores, discutida em foruns privados como o Rotary, os partidos políticos ou sindicatos, entretanto, ganhou espaço privilegiado na Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Carta de 1946.

(20) Relato da Conferência da Bahia, Uma das Teses Defendidas sobre o Capital e o Trabalho, in Boletim Servir, SP, 30/4/1937.

Enquanto as discussões ocorriam no Congresso, os rotarianos retomavam as discussões e elaboravam propostas até com certa sofisticação matemática. O importante era demonstrar que a distribuição devia ser parcial e que a igualdade é nefasta ao desenvolvimento individual e nacional. Afinal, não se pode esquecer que acima de tudo deve estar a utilidade. Não parecia útil, aos rotarianos, uma distribuição igualitária dos lucros, uma vez que esta dilapidaria a acumulação de capital. Todavia, o argumento apresentado por M. Vieira Martins, empresário paulista, se fixa no desestímulo ao trabalhador que esta medida poderia gerar. "Se considerássemos a distribuição de lucros "comunísticamente", isto é, igualitariamente para todos, chegaríamos a um resultado desinteressante também para todos, como deseja o comunismo, sem caráter de estímulo."⁽²¹⁾ O orador criou um exemplo fictício para demonstrar que o lucro dividido igualmente não permitiria a nenhum trabalhador mudar o seu nível de vida, já que as quotas seriam quase insignificantes. Sua proposta é que se siga o exemplo americano, no qual a distribuição dos lucros tem como critério, tempo de serviço do beneficiado, cargo de direção, além de uma avaliação de merecimento. Neste caso, chega-se a uma distribuição de lucros equitativa e estimulante.

O lucro a ser distribuído, também recebeu tratamento cuidadoso pelo orador, para não permitir uma distribuição exagerada. Propõe, pois: " A) Do lucro verificado seriam deduzidas verbas razoáveis para amortização de máquinas, imposto de renda, despesas gerais, etc; B) Obtido o lucro líquido, dele seriam deduzidos 10% do capital invertido na empresa, como ju-

(21) Martins, Moacir Vieira, "Sugestão para a Distribuição dos Lucros das Empresas", in Boletim Servir, Nº 755, SP, 13/9/46, p.53.

ros a favor do dono; C) Do lucro restante, seriam tomados 25% como quota a ser distribuída na forma sugerida, entre operários e chefes de serviço, até condutores técnicos. "(22) Mais algumas reflexões e, Vieira Martins, ressalta que dos 75% restante do lucro que cabe aos proprietários, estes podem destinar uma parte aos seus auxiliares diretos. Mas, ainda lembra o autor da proposta, a necessidade de se fazer um fundo de reservas para períodos de "vacas magras", embora não exclua a distribuição dos prejuízos dentro dos critérios anunciados para a distribuição dos lucros.

Em caso de prejuízo "não haveria, evidentemente, distribuição e seria esse mesmo prejuízo, na base do critério anterior, levado a débito dos interessados, para acerto no próximo exercício, tendo em vista ainda a reserva prevista para esse fim." (23)

Com uma proposta tão cuidadosa pode-se imaginar que a participação dos empregados deve chegar mais próxima da direção do empreendimento, pelo menos, na proporção dos riscos que passam a correr os trabalhadores. Martins esteve atento à questão prevenindo-a prontamente. Pergunta a si mesmo, "ficariam os auxiliares da organização com direito a intervir no seu balanço? (e responde) se assim fosse, se estabeleceria uma verdadeira confusão". (24) A validade do balanço seria conferida pelos fiscais do imposto de renda. Algo mais seguro para o empresariado acostumado a lidar com os fiscais do Estado prontos

(22) Idem, p. 53/54

(23) Idem, p. 54

(24) Idem, p. 55

a negociar os acertos necessários. Todavia, um encargo de fiscal é antevisto para os operários e funcionários das empresas. "Um operário ou empregado fiscalizará o trabalho do seu companheiro, pois ele tem interesse em que a sua organização alcance o maior valor para a sua unidade." (25)

O ideal do auto-controle da força-de-trabalho que as teorias japonesas de organização do trabalho (CCQ, Teoria Z...) têm demonstrado com êxito em nossos dias, parece não ter sido desconhecido dos empresários brasileiros da década de 40.

Mas, a força dos empresários não foi contemplada, pelo menos nesta questão, pela Constituição aprovada em setembro/46, e a distribuição dos lucros foi aprovada no princípio constitucional. No Brasil, porém, entre a lei, sua regulamentação e execução existe um longo caminho a ser percorrido e o empresário não desconhece o fato. Um mês após a aprovação da Carta Constitucional o Rotary retomou a discussão do tema, agora com a presença de uma das mais fortes lideranças do período, o empresário e rotariano Morvan Figueiredo, um dos companheiros de Roberto Simonsen nas lutas dos industriais.

Morvan lamenta o resultado da constituinte e conclama os rotarianos a retomarem a luta, neste momento contra a regulamentação do preceito constitucional. Afirma o industrial que todo o esforço foi feito pelos órgãos de classe da indústria para evitar a aprovação da distribuição direta dos lucros das empresas. Seu pensamento, como o dos seus aliados, é em favor

(25) Figueiredo, Morvan, "Participação Direta Nos Lucros", in Boletim Servir, Nº 760, SP, 18/10/46.

da participação indireta dos empregados no lucro das empresas. Ressalta como fórmula adequada para esta participação as obras sociais do SESC - Serviço Social do Comércio e SESI - Serviço Social da Indústria. (26)

Os debates em torno da regulamentação do princípio constitucional se estenderam por dois anos, com vários projetos, de diferentes partidos políticos e de parlamentares, individualmente sendo estudados. É de se supor que os setores organizados da sociedade estiveram presentes pressionando o legislador no sentido dos seus interesses. Como afirmou Morvan Figueiredo, as associações de industriais e comerciantes seriam incansáveis nesta batalha. O resultado não poderia ser outro, senão uma regulamentação legal que limitasse ao máximo o preceito constitucional da participação dos empregados no lucro das empresas.

João Di Pietro, empresário rotariano, fez uma avaliação dos resultados obtidos demonstrando que, embora a legislação não fosse a melhor para as empresas, foi conseguido um grande avanço. O melhor, na sua maneira de pensar, seria a participação indireta que "poderia proporcionar um desenvolvimento impressionante das obras de assistência social já realizadas graças aos esforços das classes produtoras através de organismos como SESC e SESI, SENAC e SENAI". (27) Embora o auge do populismo do período getulista já tivesse sido superado, percebemos que setores do empresariado persistem na busca de soluções do tipo "pais dos pobres".

(26) Idem.

(27) Di Pietro, "Participação dos Empregados nos Lucros das Empresas", in Boletim Servir, nº 1061, SP, 05/12/52, p. 353/354.

A assistência, arma segura contra a emancipação e autonomia do trabalhador, segue sendo acalentada pelos patrões como a fórmula privilegiada para o exercício da harmonia nas relações de trabalho.

A crítica à legislação aponta para o seu caráter demagógico, de palavra fácil e exequibilidade duvidosa. Qualquer tentativa de mudança da norma constitucional é vista pelo orador como uma estratégia perigosa, capaz de fornecer argumento aos eternos agitadores ávidos por um novo "slogan" a ser usado para incendiar as massas. Portanto, a melhor solução para o momento é descobrir e explorar o que a lei tem de melhor. "De início destaca-se maior nitidez na fixação dos conceitos de capital e de lucros distribuendos, concedendo às empresas a faculdade de organizar seus planos de participação com relativa elasticidade no tocante ao critério de distribuição de lucros (...) faculdade concedida às empresas com capital inferior ou igual a Cr\$100.000,00 e empregados, até 20, de optar pelo pagamento de um duodécimo do salário recebido durante o exercício." (28) Ressalta-se como vantagem ainda a participação do capital e a proporção da contribuição do trabalho na geração do lucro. "A percentagem do lucro a ser distribuída corresponderá a uma fração cujo numerador será o total dos salários pagos durante o ano e cujo denominador será esse total acrescido do capital da empresa, definido em lei, sendo o máximo absoluto da participação 40% sobre os lucros distribuendos, e individualmente, metade dos salários recebidos durante o ano." (29) O orador reconhece que esta fórmula contém muitos problemas e destaca em primeiro lugar o fato de que não

(28) Idem, p. 354.

(29) Idem, p. 354.

leva em consideração a contribuição dos esforços do empreendedor na geração dos lucros e o segundo, o fato de que 40% é um percentual elevado para distribuição, uma vez que, segundo lhe parece os lucros das empresas não são facilmente realizáveis em moeda corrente, no final do exercício.

Mas, para concluir sua análise, o orador reafirma que, embora a Câmara dos Deputados já tenha aprovado o citado projeto, "nem por isso os estudiosos e as associações interessadas deixaram de prosseguir nos estudos destinados a encontrar fórmulas mais aperfeiçoadas que possibilitem uma regulamentação justa e razoável do mandamento constitucional." (30). A grande aspiração do empresariado, segundo Di Pietro, não é outra senão a de que se concretizem os desejos do trabalhador, pela melhoria de seu nível de vida, incentivando a sua natural ambição, mas sem que se coloquem obstáculos capazes de estagnar o desenvolvimento ou acender a luta de classes.

Quanto à legislação trabalhista, a discussão feita pelos rotarianos expressa o papel atribuído ao Estado na mediação das relações capital e trabalho. São os mesmos empresários que defendem a livre iniciativa que a todo momento reivindicam a intervenção do Estado na solução dos conflitos. É curioso, por exemplo, como durante o período Vargas, conhecido como um dos governos mais intervencionistas, na economia, aparece como o período de maior satisfação também para o empresariado. A exaltação à política trabalhista de Vargas feita por Marcos Gasparian, industrial do setor têxtil, dá a me-

(30) Idem, p. 354.

dida e a razão desta comunhão governo/empresariado e Rotary Club.

Merecem destaques inicialmente alguns conceitos que subsidiam o pensamento do industrial - "o trabalho é a aplicação de forças e faculdades do homem para o alcance da produção como função primordial à existência e bem-estar da collectividade humana - (...)

Hoje, harmoniosa e magnificamente combinados, Homem e Machina estão a serviço da produção - (...)

Como consequência lógica do progresso, a necessidade de organização se impoz e ainda como primeiros fructos da maior capacidade seleccionada começou o trabalho a ser regido e controllado por outro factor lógico da organização, o Capital." (31)

Partindo destes fundamentos, imaginava Gasparian que os períodos de má compreensão vividos pelas forças do Capital e do trabalho só poderiam ser fruto de influências externas, estranhas ao ambiente do trabalho e que buscavam fazer de pequenas dificuldades graves problemas sociais. Os decretos presidenciais dos primeiros anos do governo Vargas (1930/32) que regulamentam jornada de trabalho, trabalho da mulher e trabalho do menor, além da criação das Juntas de Conciliação e Julgamento, são, aos olhos do empresário, a prova de um governo comprometido com a produção e com os trabalhadores e a garantia da possibilidade de relações harmônicas.

(31) Gasparian, Marcos, "Trabalho e Legislação", in Boletim Servir nº497, SP, 09/5/41, p. 1.

Vê-se, portanto, que depois de enaltecer a produção, glorificar o governo, resta ao empresário uma citação que encerre com chave de ouro o seu discurso. Outra não é, se não a frase famosa de Rui Barbosa : "Tudo o que nasce do trabalho é bom; tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo; tudo o que se assenta no trabalho é útil." (32)

Querer a intervenção do Estado nas relações de trabalho não significa apenas enaltecer as atitudes do governo - pode traduzir-se em crítica por falta de iniciativa especialmente quando os empresários sentem a força das reivindicações dos trabalhadores, o poder de suas organizações sindicais.

Quando Vargas regulamentou os sindicatos com claro atrelamento ao Estado, Gasparian não poupou aplausos. Toda - via, em meados da década de 50 a voz do empresariado se voltou contra o Estado que se mostrava frágil no controle dos sindicatos dos trabalhadores, e investia na internacionalização da economia diminuindo o protecionismo ao empresariado nacional. Denunciam, o Rotary e seus empresários, através das palavras de F. C. de Castro Neves, que o Estado não cumpre o seu papel.

"Não se procura salvar o empreendimento para amparar o executor; não se cuida de estabelecer bases racionais e firmes para que se industrialize o País, para que se fortifi que o seu comércio, para que se amplie, se solidifique e possa florescer enfim, a sua lavoura. Esquece-se e deixa-se sem

(32) Idem, p. 2

amparo o empreendedor; por isso mesmo a origem do provento, a fonte de onde tem que sair o salário, essa é completamente de samparada, entregue a sua própria sorte e, às vezes, ainda é colocada em condições adversas, como no presente momento, com a retração completa do crédito, denotando uma política econômica absolutamente ininteligível." (33)

Compreendiam assim os empresários-rotarianos que a luta dos trabalhadores por melhores salários ocorria por falta de política salarial (oficial), da mesma forma que acreditavam ser as empresas incapazes de garantir níveis salariais satisfatórios por estarem sem apoio também oficial. Ora, por aí se pode perceber a natureza do capitalismo defendido pelos "Liberais da Casa" : protecionismo alfandegário e apoio creditício às empresas, e controle do sindicalismo e da força de trabalho. Com estas duas linhas de ação do Estado ficariam nossos empresários livres do risco, próprio de uma economia capitalista regida pelas leis de mercado, assim como, estariam a salvo da luta com os trabalhadores também essencial numa economia capitalista e teriam, pois, garantida a harmonia ditada pela lei e pela polícia do Estado.

Na avaliação feita por Castro Neves, aparece o empresário desamparado, em busca de soluções que acalmem os trabalhadores, parem as greves e evitem uma revolução eminente. "Estão nos ombros dos empreendedores e, por isso mesmo, nos quadros das suas respectivas associações, as soluções para a política salarial no país." (34) E o orador não se abstém de apresentar o que considera uma solução plausível. "A idéia

(33) Castro Neves, F.C. de, "A Política Salarial no Brasil", in Boletim Servir, Nº 1241, SP, 27/7/56, p. 23.

(34) Idem, p. 24.

central é de se dar um salário real, um salário que possa adquirir alguma coisa, salário que, como em outros países - e eu cito Portugal dentre tantos - permita ganhar pouco e comer muito, e não o do país em que estamos, que obriga a ganhar muito e comer pouco." (35)

O essencial desta discussão é a crítica aos salários profissionais que teriam rebaixado o salário mínimo em favor de alguns poucos trabalhadores especializados.

Trata-se de uma discussão invertida na qual não se procura saber qual o padrão de salário aceitável para que o trabalhador tenha um padrão de vida digno, mas sim qual é o mínimo que permita ao trabalhador refazer as suas forças para retornar ao trabalho, como ficou explícito na proposta - ganhar pouco e comer muito. A imagem do trabalhador aqui, não é do ideal cristão tantas vezes defendido, mas a do animal de carga que deve ser mantido vivo, forte e preso.

Existe uma unidade significativa no pensamento rotário sobre as relações de trabalho durante toda a década de 50. Falávamos do ideal cristão de homem e é justamente no pensamento cristão que o Rotary procura se apoiar para a doutrinação que tomou conta de sua tribuna no período.

Se na década de 40 se processaram várias ações de cunho assistencial e repressivo direto, no período subsequente a pauta passou a ser a formação de consciência. Os programas de Informa-

(35) Idem, p. 24.

ção Rotária , cujo tema se liga às relações patrão-empregado, a-
parecem com mais freqüência e a culminância do período é marca
da pela Campanha Herbert Taylor de serviços profissionais, que
promoveu Círculos de Estudos das Relações Profissionais.

Toda a programação de caráter doutrinário joga com a
sombra ameaçadora da desordem e da subversão que estaria a ron
dar os passos dos trabalhadores bem comportados, porém, sujei-
tos à tentação.

Já em dezembro de 1948, Luiz Ferreira Pires alude ao
"preceito filosófico" que reconhece o mérito de toda ocupação
útil. Fala de sublimação do trabalho construtivo e profícuo,
produção honesta, trabalho pertinaz "do esforço diuturno em
busca do ideal da perfeição em todos os setores da atividade
útil e benéfica à coletividade." (36)

Ressalta, porém, que esta concepção de trabalho não é
a do trabalhador, mas a dos "grandes", porque o trabalhador de
um modo geral admite o trabalho apenas como um meio de ganhar
o seu sustento. "Ele próprio, sem o perceber, avilta o seu me-
recimento e reduz sua capacidade técnica ou profissional ao va
lor de um punhado de dinheiro." (37)

O dinheiro como mola mestra da vida é um equívoco, fru
to de lamentável confusão de valores, confusão esta que se ex-
pressa também nas discussões sobre a propriedade, se deve fi-

(36) Pires, Luiz Ferreira, "Informações Rotárias, Relações entre Empregados
e Empregadores" in Boletim Servir, nº 865, SP, 17/12/48, p. 107/108.

(37) Idem, p. 108.

car na mão de particulares ou do Estado. Para Ferreira Pires, a propriedade dos meios de produção na mão do Estado é a própria concentração da propriedade. Converte-se no regime político de dependência absoluta e drástica. O que a seu ver se faz necessário é o reconhecimento, por parte do trabalhador, que "na escola da vida há diferenciações inelutáveis que nenhum regime político pode modificar." (38)

Acredita o orador, na medida em que o trabalhador compreenda tal realidade e assuma a sua responsabilidade, fruto do papel social da produção, não faltará empregador a reconhecer seus méritos, pois, para bom trabalhador nunca falta a poio de um bom empreendedor. Portanto, mais uma vez vemos a atribuição de responsabilidades sociais ao indivíduo isolado, principal figura social reconhecida pelo pensamento rotário.

É, pois, neste mesmo ponto que se assenta o pensamento de Ariston Azevedo, para propor soluções aos problemas sociais gerados pelas condições precárias de vida do trabalhador brasileiro. Embora reconheça que as mínimas condições de conforto e segurança estão fora do alcance do trabalhador, cita casa, alimentação, vestuário, instrução, diversão, seguro e amparo aos infortúnios e na velhice, reconhecendo ainda que estas condições são necessárias para o bem da produção, destaca a boa vontade e o nobre espírito do empresariado brasileiro, preocupado com seus colaboradores e com a grandeza da Pátria.

(38) Idem, p. 108.

Como em quase todos os discursos depois dos anos 40, o exemplo dessa nobreza patronal concretiza-se nas obras SESI e SESC. Sem poupar farpas, a legislação paternalista do trabalho, que obriga ao empresário uma série de deveres sem a contrapartida do trabalhador, legislação esta que inibe a ação protetora do empreendedor aos seus empregados, ações como a de Jorge Street, são citadas pelo orador, como o exemplo da postura do empreendedor avançado (39). A tônica deste discurso mais uma vez transparece na afirmação das diferenças naturais entre os homens, razão de ser de uma sociedade livre onde a iniciativa e trabalho dos bons garante a soberania da pátria e a justiça para todos.

"O trabalho é o criador de riquezas, e aquele que tiver bom senso desenvolverá as suas aptidões, conservará o seu patrimônio e multiplicará os seus bens.

O apático, o indiferente, o vadio contumaz, fica à retaguarda, comendo as migalhas que sobram daqueles que agem, daqueles que produzem.

O absente ao trabalho, o faltoso às comessinhas obrigações da vida, não pode merecer os mesmos gozos das coisas terrenas, nem pretender manter o mesmo padrão de vida daqueles que cumprem o seu dever, dos que forjam com o seu esforço o seu suor o alicerce do seu bem estar que, em síntese, está também forjando a grandeza da sua Pátria e assim, enriquecen-

(39) Sobre a atuação política de Jorge Street, Nicolau Filizola, Morvan Dias de Figueiredo e outros industriais rotarianos, ver o interessante trabalho de Dean, Warren, "Industrialização de São Paulo", 3ª edição, DIFEL, Tradução de Octávio Mendes Cajado, SP, RJ

do a coletividade." (40)

Para comprovação das diferenças naturais os discursos trazem os exemplos de imigrantes, sem vintém, que enriqueceram graças ao seu trabalho. Todavia, a necessidade de legitimação do discurso fica mais evidente quando os oradores buscam apoiar suas palavras nas verdades divinas.

Tanto Azevedo faz referência à encíclica "Rerun Novarum" como fonte de inspiração privilegiada, como mais tarde Monteiro da Cruz vai buscar nas palavras do apóstolo Paulo "quem não trabalha, não coma", a legitimidade do seu discurso.

Para este, as afirmações de princípio são o cristianismo e a democracia, para quem a luta de classes representa uma aberração. A democracia e o cristianismo não condenam o capital, antes prevêm uma sociedade regulada, na qual todos trabalham para o bem-comum, cada um na sua medida, pois a igualdade não existe. O maior ou menor sucesso depende não das oportunidades - estas são garantidas a todos - mas, sim, da vontade, iniciativa, perseverança ou capacidade de trabalho de cada um.

Monteiro da Cruz lamenta que a época (década de 50) seja de escassez de mão-de-obra propiciando, por parte dos trabalhadores, a corrida por melhores salários e menor volume de trabalho. Situação desfavorável para a pregação do valor moral do trabalho. "Está se generalizando uma tendência peri-

(40) Azevedo, Ariston, "Harmonia entre os Homens", in Boletim Servir, nº 968, SP, 5/1/1951, p. 116.

gosa. A de buscar o melhor salário pelo mínimo de trabalho. A corrida aos empregos públicos é uma prova disso. A consequência é um déficit enorme na produção. Horas e horas de trabalho são gastas em serviços inúteis ou malbaratadas em nada fazer e roubadas à comunidade, agravando a situação de todos." (41)

Neste momento, os serviços públicos são o vilão da história, cabendo à produção o status de serviço social em função do bem comum. Deus é novamente invocado como o poder supremo a quem deveremos prestar conta do uso do tempo. Não só a Deus, mas à Pátria e à família deve o trabalhador prestar contas, não do que recebeu, do que ganhou, mas, de como gastou seu tempo, do que foi capaz de produzir.

Nesta democracia, de oportunidades iguais para homens diferentes, regida pelas leis disciplinadas de Deus, vai se constituindo o que o autor chamou de monumentos de trabalho no maior centro industrial da América do Sul - São Paulo.

Como a palavra de ordem do momento era a doutrinação, o Rotary foi buscar seus interlocutores também entre os trabalhadores. Foi assim que o sindicalista Ângelo Parmigiani, Presidente da Federação dos Empregados do Comércio do Estado de São Paulo, ganhou assento e voz na reunião de confraternização entre Capital e Trabalho. Seguramente, a escolha do sindicalista não foi aleatória, mas buscou-se um aliado.

(41) Cruz, Monteiro da, "Confraternização entre Empregadores e Empregados, in Boletim Servir, Nº 1065, SP, 2/1/53, p. 378.

O representante dos trabalhadores enalteceu a organização patronal, declarando-se invejoso da união representada pelo Rotary Club, união que não se verificava nas organizações dos trabalhadores. Falou sobre a divisão do movimento sindical e do perigo vermelho rondando os trabalhadores brasileiros. Para Parmigiani, Capital e Trabalho são forças iguais e precisam andar irmanadas para a construção da paz social. Para tanto fez um apelo aos empresários "no sentido de olharem com simpatia os sindicatos de trabalhadores, porque representam eles o maior baluarte de garantia e segurança das instituições democráticas. Sim, senhores, fiquem certos de que uma vez que os sindicatos caíam nas mãos dos que rezam pela cartilha de Moscou, adeus iniciativa privada ou capitais particulares." (42) Vai mais longe, colocando os sindicatos ocidentais de trabalhadores como os verdadeiros baluartes contra a propagação do comunismo no mundo.

Neste sentido, sua análise tem pontos em comum com a crítica do teórico João Bernardo, que demonstrou o lado conservador dos sindicatos que se organizam na forma de empresas capitalistas. (43)

Curioso, porém, foi o papel atribuído pelo sindicalista aos sindicatos, no que concerne ao Capital. "Reveste-se o sindicalismo moderno da função de completar a obra da humanização do capital e através dele assegurar a força paritária indispensável à solução harmoniosa dos problemas políticos e sociais."

(42) Parmigiani, Ângelo, "Confraternização entre Empregadores e Empregados, in Boletim Servir, nº 1065, SP, 2/1/53, p. 379.

(43) Bernardo, João, "Capital, Sindicatos, Gestores", São Paulo, Vértice, 1987.

O esforço doutrinário prosseguiu, nos temas específicos das relações de trabalho mas também foram contemplados problemas mais gerais, tratados na mesma direção.

Na década de 50, alguns discursos refletem uma certa mudança de pensamento por parte dos empresários rotarianos, eles que nos períodos precedentes reclamaram a proteção do Estado na solução de diferentes problemas do setor produtivo, assumem gradativamente uma posição de rejeição à interferência governamental. A posição que ganha adeptos, é uma posição pautada pelo medo de que o Estado venha a açambarcar a iniciativa privada.

Propõem, os Senhores rotarianos, que o Estado continue a prover a sociedade de obras de infra-estrutura, mas que não se inclua no setor produtivo. Assim é que através das palavras de Roberto Taves, pedem ao Estado a construção de estradas de rodagem. Tal é a visão dos empresários, liderados pelo Sr. Benneti, Diretor das Indústrias de Pneumáticos Dunlop, que projetam a construção de estradas como a primeira prioridade nacional.

O Senhor Benneti, autor do convite ao diretor executivo da "Associação Pró Boas Estradas", para fazer a palestra no clube, simboliza diretamente o setor empresarial interessado na construção de Estradas. Neste sentido, a prioridade nacional nada mais é do que o interesse de certo grupo econômico.

Todavia, o Diretor da Associação Prô-Boas Estradas não deixa nada a desejar quanto a sua competente argumentação. "A construção e manutenção de uma rede segura de estradas de rodagem assume indiscutível prioridade entre todos os problemas nacionais. Só por ela poderá trafegar a educação, indispensável a qualquer outra iniciativa. Só por ela poderá ser levada a saúde, os princípios e recursos de higiene, tão necessários às populações primitivas do nosso interior. Só por elas poderão ser distribuídas pelas nossas zonas produtivas essas correntes imigratórias, que, em outras partes do mundo, construíram as grandes nações dos tempos modernos." (44)

Faltou apenas, ao orador, dizer que só por elas poderão rodar os pneus produzidos nas indústrias Dunlop, e as demais peças de automóveis produzidas por outras tantas indústrias ali representadas. Só assim estaria o orador cumprindo com clareza o seu papel de dirigente de uma associação criada e mantida pelas "classes produtivas nacionais", como ele mesmo afirma. (45) A arte de produzir discursos altruístas funciona como máscara desajeitada do servir desinteressado na luta pelos próprios interesses.

O assunto, entretanto, que mais empolga os rotarianos, no período, é a industrialização crescente do país. É também através da discussão da industrialização que se reflete mais claramente a posição do empresariado quanto ao papel do Estado e dos trabalhadores.

(44) Taves, Roberto, "Dêem-nos Estradas que o Resto Nós Faremos", in Boletim Servir, Nº 1012, SP, 07/12/1951, p. 106.

(45) Idem, p. 106.

Acreditam, os rotarianos, espelhando-se no modelo americano, que a industrialização é a única forma de salvação para o país que, sob sua ótica vive na década de 50 um período idêntico ao de 1880 americano. Graças à crença na missão salvadora da indústria, os empresários procuram seus aliados capazes de lutar juntos pela era da industrialização. Claro que o aliado não é o trabalhador, mas, curiosamente, setores do aparelho de Estado, que em tese, rejeitam a intervenção do mesmo na economia.

Numa palestra defendendo a Industrialização do Brasil, o Major Brigadeiro Antonio Guedes Muniz faz a apologia da indústria e da iniciativa privada, solicitando ao governo que não atrapalhe a construção do Brasil. O discurso militar não foge à regra, começa por propor guerra à miséria que asfixia o país. Toma o Estado de São Paulo como exemplo de viabilidade para a industrialização do resto do país. O Estado, no papel de colaborador da iniciativa privada, não de patrão, deve, como um pai, impulsionar e não cercear ou concorrer com as atividades particulares.

A fórmula proposta pelo Major Muniz, em 1951, será posta em prática uma década depois, quando estes mesmos grupos rejeitam o governo mas se aliam aos militares.

"Uma mobilização geral da Nação, preparada pelos Estados Maiores combinados - o dos militares e o dos civis da produção -, numa mobilização para a guerra econômica que precisa ser declarada para a felicidade da Nação, esses problemas seriam abordados concretamente, decisões seriam tomadas em con -

junto, e teríamos, em tempo curto, borracha, barrilha, enxofre, ferro, aço, energia elétrica, e tudo o mais que falta agora para que, no Brasil, funcionem, mais economicamente ainda, as fábricas existentes, e se criem novas indústrias, os transportes melhorem, e a agropecuária seja, finalmente, mecanizada e industrializada." (46)

A linguagem bélica perpassa todo o discurso, que propõe sejam colocadas as armas da felicidade e do progresso nas mãos dos brasileiros. São estas armas, a energia elétrica e a produção de aço. Porque, como diz o Major, o brasileiro é um realizador impaciente e inteligente, tolhido pela pequenez dos recursos financeiros ao seu dispor (47). Quando fala do brasileiro, o orador usa o conceito abstrato que generaliza sem situar realmente de que brasileiro está falando, se do operário, sem instrução, com todas as limitações de uma vida aquém das condições mínimas de dignidade ou se do empresário, assistido pelo Estado e livre para decidir sobre investimentos e empreendimentos. Quanto ao Estado, a alusão concretiza e situa de quem se está falando, qual o papel reservado a tal instância.

"Com a mobilização total da Nação, poderia o governo, rapidamente, fazer, ou mandar proceder a pesquisas limitadas, tornando assim uma realidade o petróleo e o carvão nacional. Faria tão vultosas encomendas de artigos de utilidade, que as fábricas civis proliferariam, a produção de matérias pri-

(46) Muniz, Antonio Guedes, "Industrialização do Brasil", in Boletim Servir, Nº 980, SP 6/4/1951, p. 177/178.

(47) Idem, p. 178.

mas atingiria a cifras jamais imaginadas, haveria enriquecimento geral sem mortes, haveria vitórias sem lágrimas e felicidade social sem lutas, colocando-se o Estado, não como observador inerte ou mero controlador policial, nem como patrão soberano, qual novo deus pagão ao qual se imolam indivíduos semi-escravizados. Mas, simplesmente como um Estado Moderno, paternal e bom, provendo o bem público, procurando dar a todos o máximo de benefícios sem que ele - Estado - procure usufruir direitos especiais ou vantagens diretas e exclusivas." (48)

Aqui fica explícito o medo de um Estado que assuma para si o controle da economia, contudo espera-se que este Estado seja o principal provedor e o principal consumidor. O Major Muniz, que não é um simples militar, mas um militar-empresário, se assim se pode chamar, aquele que foi o diretor de uma Fábrica de Motores para aviões, traduz a contradição presente no pensamento do empresariado que quer liberdade e espaço para a iniciativa privada somada ao apoio do Estado, mas não de um Estado patrão, sim de um Estado pai.

Os ventos soprados a partir da Constituição de 1946, que empurram a sociedade para uma opção liberalizante com uma fraca brisa socializante parece ter deixado os empresários rotarianos algo inseguros, buscando a afirmação de seus valores nos diferentes setores do poder. É assim que se pode ver o discurso do Ex-Ministro da Justiça Dr. Benedito Costa Neto, sobre a "Intervenção do Estado no Direito de Propriedade". O jurista não poupa esforços para provar a impropriedade de qual

(48) Idem, 178.

quer ação do Estado que limite o direito "sagrado" da propriedade. Não se trata aqui simplesmente de uma discussão a respeito dos direitos civis e portanto terrenos, mas, do direito natural, garantido por Deus. Costa Netto, resolveu, ao receber o convite do Rotary Club de São Paulo "para dissertar sobre a intervenção do Estado no direito de propriedade, fazer uma consulta direta e pessoal ao próprio Deus da nossa crença comum." (49)

Desta consulta vem a revelação e a indicação dos textos de Aristóteles e Santo Tomaz de Aquino contendo as verdades sobre o assunto, tais como : "A propriedade individual é uma superioridade, uma imensa vantagem e o único estimulante eficaz para o trabalho criador" (50) . Ou "a propriedade privada é um poder outorgado por Deus ao homem para utilizar as riquezas que venham a ser criadas sobre a face desse imenso domínio" (51).

Pode parécer extemporânea a discussão do direito de propriedade, num país onde este direito é garantido pela constituição e aceito pela sociedade em sua maioria. Todavia, mais adiante o próprio discurso diz a que veio. Novamente o medo das "ideologias exóticas" ou de regimes políticos estranhos à nossa tradição aparecem como contrapontos ao orador. A intervenção do Estado no direito de propriedade pode ser traduzido pelo comunismo, embora o orador o trate por intervencionismo . "Democracia e Intervencionismo são dois conceitos que colidem. A democracia fabrica homens e o intervencionismo autômatos; a democracia semeia riquezas o intervencionismo ódios; a democracia educa o povo para a civilização e o intervencionismo para os conflitos internacionais; a democracia espiritualiza a

(49) Costa Netto, Benedito, "A Intervenção do Estado no Direito de Propriedade", in Boletim Servir, Nº 1133, SP, 28/5/54, p. 241.

(50) Idem, p. 242.

(51) Idem.

sociedade e o intervencionismo a embrutece; a democracia trabalha para converter a humanidade numa grande federação e o intervencionismo para dividi-la em feudos hereditários, estanques e confinados, submetidos à vontade dos mais fortes ou dos mais espertos." (52)

A ameaça ao Brasil, na visão de Costa Netto, é eminente, portanto, conclama os rotarianos a "sangrar, suar e chorar" para fazer dos brasileiros de hoje gigantes de amanhã, capazes de esmigalhar as pedras que os inimigos da pátria colocam no caminho do progresso do país. O grande inimigo interno apresentado pelo jurista é o Estado e cabe aos empresários, ao país ou à nação impedir sua ascensão. "O Brasil reduzirá, também, esse espantalho que se chama Estado, espantalho absorvente e onipotente, a uma expressão modesta e benfazeja." (53) Aqui são abstrações lutando contra abstrações.

Os discursos mais especificamente econômicos ou relativos às empresas são os que se apresentam de forma mais concreta. Nestes, as propostas e solução descem ao nível do detalhe e a exequibilidade é sempre comprovada.

Mariano Ferraz, preocupado com a organização da pequena indústria, com vistas ao aumento da produtividade, traz a experiência de sua empresa de construção e manutenção de vagões para mostrar como deve o patrão moderno tratar sua empresa e seus empregados e assim garantir o aumento de produtividade e lucro. Da racionalização dos serviços ao uso do equipa

(52) Idem, p. 243/244

(53) Idem, p. 244.

mento mais avançado acompanhando a evolução da tecnologia até a motivação do trabalhador pela distribuição de prêmios - eis a receita para o sucesso.

A seleção dos empregados é comparada à escolha da matéria-prima, dada a sua importância na produção. Aliás, a seleção é até mais importante, diz Mariano, "quando a matéria-prima não corresponde à expectativa, devolvemo-la ao seu fornecedor, ao passo que o mau empregado, o desidioso, o incapaz, o sabotador, este permanece às vezes por longo tempo dando prejuízos à organização, moral e material sem que ninguém, sobre suas falhas, informe o empregador ..."(54)

Além de uma seleção rigorosa, a mão-de-obra deve ser motivada constantemente com a distribuição de prêmios, pois o homem é diferente da máquina : esta, basta que esteja ajustada e dará o máximo de produtividade; porém, arrancar do homem a máxima produção requer algo mais - sua boa vontade para trabalhar e cooperar. "Embora o pagamento do salário e a ameaça de demissão sirvam para manter os homens no emprego, esses meios não são capazes de cultivar a necessária boa vontade dos trabalhadores. Somente existe um método pelo qual isso pode ser feito e este é a provisão de incentivos adequados ao trabalhador e a todos que colaboram na organização."(55) A fórmula proposta é o prêmio por produtividade, estabelecido um teto mínimo de produção mensal, sobre o que for produzido a mais os empregados recebem um percentual em seus salários. É a teoria de Fayol de Administração Empresarial que chega ao

(54) Ferraz, Mariano, "Organizando a Pequena Indústria", in Boletim Servir, Nº1130, SP, 7/5/54, p. 224.

(55) Idem, p. 224.

Brasil, cinquenta anos depois.

Nesta série de discursos rotários, a imagem do homem se diferencia conforme o propósito do orador. Quando o objetivo é a estabilidade da organização social e política, temos o "brasileiro", bom, honesto, trabalhador, às vezes miserável, porém sempre um espírito ativo e merecedor de consideração. Quando o objetivo é econômico e o objeto de análise é a empresa, o homem ganha outras características, é o trabalhador incapaz, sabotador preguiçoso, sem perspectiva, sem boa vontade e que ao invés de consideração merece controle, supervisão, no máximo merece incentivo para que dê sua colaboração.

A síntese das discussões travadas nas décadas de 40 e 50 sobre as relações entre patrões e empregados aparece num programa especial chamado "Campanha Herbert Taylor de Serviços Profissionais" destinado à pessoa do rotariano. Contou com a participação de outras instituições importantes ligadas ao empresariado, como a Associação Comercial, Federação das Indústrias, Federação do Comércio, Instituto de Engenharia e do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados. A Campanha inspirou-se no Círculo de Estudos das Relações Profissionais instituído pelo Rotary Club de São Bernardo do Campo, e alcançou todo o Distrito 461, da Grande São Paulo. Patrocinada pela Governadora de Affonso Vidal, objetiva fornecer esclarecimentos e doutrinação sobre os seguintes pontos :

- " - A atividade profissional constitui serviço à coletividade;

- ela encerra um conteúdo de dignidade que o Rotariano deve ter na mais alta conta;
- a condição de Rotariano impõe ao profissional uma conduta ilibada, através de cujo exemplo se exerça , nos círculos profissionais, aquela influência capaz de contribuir para a "melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na vida pública e privada;
- o Rotariano precisa ver em cada serviço profissional uma oportunidade de servir ainda além dos limites marcados pelo dever e pela obrigação." (56)

Os rotarianos de São Bernardo do Campo produziam através do Círculo de Estudos um padrão para as relações entre patrão e empregado, entre compradores e vendedores e entre competidores segundo o qual a paz social seria garantida. Este padrão foi assimilado pela Governadoria do Distrito 461 e distribuída como sugestão de orientação da Campanha nos demais clubes.

Os três códigos de conduta (Anexo I) expressam a vontade dos rotarianos de garantir o equilíbrio das relações básicas que compõem o jogo capitalista.

Esta campanha marca o fim de uma fase cuja preocupação central foi tratar das relações de trabalho e que se estendeu por duas décadas. O desenvolvimento da industrialização brasileira no período é, sem dúvida, uma das razões que geraram tal preocupação. Mas, não só o processo de industria-

(56) Conforme "Circular aos Presidentes de Clubes do Distrito 461", assinada por Edmar L.A. Rabello, SP 6/8/58.

lização foi determinante na escolha do tema de aglutinação dos rotarianos. Os lances da guerra fria alimentaram o medo do perigo vermelho, como também a necessidade de afirmação das vantagens do capitalismo e da democracia como corolário de uma sociedade avançada.

No período que se segue à década de 50, poucos discursos ou mesmo propostas de ação foram feitas no que se refere às relações de trabalho.

Um breve artigo publicado na revista Brasil Rotário trata do movimento sindical brasileiro e dá a tônica das décadas 60/70. O articulista, um padre católico, vê a história do sindicalismo como fruto da ação do Estado que permitiu a partir de 1903 a organização dos sindicatos de trabalhadores. Os movimentos da década de 1910 são desconhecidos no artigo. As greves quando citadas aparecem como a expressão do trabalho dos inimigos da classe obreira, infiltrados nos sindicatos. Afirma o Padre Alberto, que "em boa hora veio a Revolução de 64 e intervêm na vida sindical do país. E tenta em nossos dias dar a imagem verdadeira do sindicalismo, que havia se transformado em foco de doutrinação comunista."⁽⁵⁷⁾ Não só ressalta a "bendita" intervenção do Estado no sindicalismo, como defende, dentro do mais puro espírito religioso, que "os inimigos devem ser expulsos e os culpados punidos, para que haja paz no seio de todas as classes do Brasil."⁽⁵⁸⁾

(57) Santos, Alberto Pereira, "Linhas Históricas do Movimento Sindical Brasileiro", in Brasil Rotário, Rio de Janeiro, Novembro de 1970, p. 231

(58) Idem.

Buscando na mente do Criador o seu projeto para o homem na terra, Padre Alberto estimula os rotarianos a trabalharem pela formação de bons líderes sindicais e autênticos sindicalistas, a fim de que todos unidos possam esclarecer seus companheiros e assim chegar a melhores dias para a Pátria e para os trabalhadores.

As manifestações que esporadicamente aparecem até hoje sobre o tema das relações de trabalho são exaltações à paz e à amizade, o valor do trabalho e do mérito mostrando com isso que a ameaça ficou para trás ou mudou de lugar.

ROTARY CLUB, ESTADO E GOVERNO

Um club que reúne homens de boa vontade, prega a harmonia, a ordem, a liberdade de iniciativa, o direito de propriedade, espera eliminar a miséria pela filantropia, des_{de} conhece a luta de classes e apregoa as boas relações entre patrões e empregados, colaboradores entre si para a consecus_{ão} são de objetivo comum - o progresso da empresa e o engrande- cimento da nação - defende o respeito às leis e às autorida- des constituídas, sintetiza seu pensamento na fórmula : a fe- licidade dos homens só se alcança pela paz na democracia. Sob tal máxima, forjou o Rotary Club sua ação política ao longo de quatro décadas (1920/1960).

A democracia da paz e da ordem, idealizada ou mal definida, foi identificada pelo clube nos diferentes perío - dos da história brasileira, seja no período pós 1930, no Es- tado Novo liderado por Getúlio Vargas, ou no chamado período liberal de 1946 a 1960. A democracia reconhecida pelo Rotary Club do Brasil, não implica necessariamente em garantia de igualdade ou liberdade de expressão, em ausência de censura ou repressão política, embora seus registros e documentos o- ficiais afirmem o contrário. Se assim não fosse, como se po- deria entender a aprovação explícita do Rotary aos diferen - tes governos que se sucederam no período. Especialmente no caso de Getúlio Vargas, que por ocasião da repres- são à intentona comunista obteve total apoio do Rotary Club do Rio de Janeiro, conforme já menciona- mos. Mesmo após o golpe de Estado de 1937, Rotary e Getúlio

continuam concordes quanto à política governamental, apesar da ferocidade da repressão política e do desrespeito aos direitos humanos exercido pelo governo.

Tendo como valor maior a preservação da ordem o Rotary desenvolve seu trabalho em sintonia com o poder público, seja no campo da educação, da filantropia ou das relações de trabalho, a ordem é pacificar, acalmar, em síntese nada mudar. As ações do poder público devem ser conseguidas através das boas relações. O trabalho de sedução de políticos e militares deve ser permanente. Nada se negará amanhã aos amigos de ontem e de hoje. De modo geral, as relações Rotary x Governo nas quatro primeiras décadas foram as mais cordiais.

As intervenções políticas do clube se limitaram a questões setoriais de interesses específicos dos grupos representados na agremiação. Um bom exemplo está na atitude do rotariano Mariano Ferraz que, durante a IIa. Guerra Mundial, exercendo o cargo público de Diretor do Serviço de Licenciamento de Despachos de produtos importados em São Paulo, trabalha no sentido de atender os anseios de seus companheiros quanto à política estatal consernente à importação e exportação.

As funções no clube e no Estado parecem completar-se mutuamente. É assim que Mariano Ferraz viaja para o Canadá (Toronto) a fim de participar da Convenção de Rotary International e segue para Washington onde se avista com autoridades americanas como representante do governo brasileiro

ro.

Ao retornar de sua viagem faz palestra no seu clube fornecendo as indicações da política para o setor: "permaneci quasi dois meses, estudei o sistema de prioridades, quotas, controle de exportação, regulamento de preços, racionamento e conservação de materiais. Fui muito bem recebido por todos, e agora de regresso ao Brasil, com o conhecimento e a compreensão que alí adquirí poderei auxiliar muito a Carteira de Importação e Exportação do Banco do Brasil e também à Indústria, Comércio e Lavoura.

Sei que não há mais dúvidas acerca do desejo dos E.U.A. de auxiliarem as repúblicas Latino Americanas, especialmente o nosso país, como tem sido evidenciado muito frequentemente pelo presidente dos E.U.A., pelo seu secretário de Estado e pelos outros Departamentos do Governo, como o Banco de Exportação, a Junta da Produção de Guerra (W.P.B.), a Junta de Guerras Econômicas (B.E.W.), o Coordenador dos Negócios Interamericanos, a Comissão dos Negócios Interamericanos, etc"⁽¹⁾.

Em um momento seguinte (04/06/43) volta Mariano Ferraz ao Rotary para novamente dar notícias aos seus companheiros, quanto às suas gestões junto ao governo para facilitar as importações de produtos e equipamentos necessários ao empresariado. A intervenção do Rotary na política governamental se dá, pois, através de seus associados atuando em cargos públicos.

(1) Ferraz, Mariano, in Boletim Servir, SP, 28/08/42.

Paralelamente à intervenção direta na defesa de interesses específicos, o Rotary exerce um certo acompanhamento às políticas governamentais via palestras de esclarecimento feitas pelos membros ou técnicos do governo em seus clubes.

Na década de 50, além da "prestação de contas" do próprio presidente da República ⁽²⁾ encontramos em 1953 uma palestra proferida por Plínio Catanhede sobre a Exploração do Petróleo. A palestra de caráter elucidativo e até técnico, evidencia o mútuo respeito que as duas instâncias de poder mantêm entre si. O empresariado rotariano convida os representantes do Estado para, em seu clube, relatarem as políticas de maior vulto. Os representantes do Estado, por entenderem o grau de poder que o clube detém não se furtam ao convite, conforme afirma Catanhede já no início de seu discurso : "aqui estou para corresponder à gentileza do convite e ocupar a preciosa atenção dos rotarianos, nos poucos minutos que a praxe da casa reserva aos que aqui vêm trazer o fruto de sua experiência e dos seus estudos no trato dos grandes problemas nacionais." ⁽³⁾ Segue-se eloquente exposição das possibilidades de desenvolvimento e enriquecimento nacional via a exploração do petróleo. Os rotarianos por sua vez aplaudem o orador.

Na mesma perspectiva de acompanhamento das políticas públicas, os rotarianos recebem um representante do governo federal encarregado de informar-lhes sobre as vanta-

(2) Ver 1º capítulo deste trabalho.

(3) Catanhede, Plínio, "A Exploração do Petróleo do Ponto de Vista Estatal", in Boletim Servir, nº 1081, SP, 08/05/1953, p. 467.

gens da transferência da capital federal para o interior do país. O engenheiro Jerônimo Coimbra Bueno, não poupa argumentos para convencer os preciosos aliados. Diz o orador: "Mais de mil quilômetros de solo pátrio, se estendendo em todos os quadrantes, constituirão uma cinta de proteção para os nossos estadistas e administradores, exercerão sobre eles uma grande influência brasílica e os imunizarão contra as importações improvizadas, muitas vezes atiradas pelo mar diretamente sobre nossas mentes, tornando estranhos, os mais sagrados impulsos e anseios de uma grande nação em gestão"⁽⁴⁾.

Expostas todas as vantagens do empreendimento, Coimbra Bueno, exalta os capitães de indústrias paulistas e solicita a sua compreensão e colaboração para o êxito da iniciativa.

Ao mesmo tempo que exerce a função de vigilante das ações governamentais Rotary também impulsiona algumas ações, fazendo uso de sua rede orgânica espalhada pelo país. Uma prática comum nos anos 30/40 e até a década de 50 era os clubes do interior solicitarem a interferência dos companheiros das principais capitais, mais próximas e mais influentes aos poderes públicos centrais, para conseguirem o atendimento de reivindicações locais. As solicitações, todavia, se inscrevem no campo dos interesses empresariais, na sua grande maioria.

O Rotary Club de Recife, por exemplo, solicita o envolvimento do Rotary Club de São Paulo na campanha em favor da institui-

(4) Bueno, Jerônimo Coimbra, "A Mudança da Capital Federal", in Boletim Servir, nº 1082, S.P., 15/05/53, p. 473.

ção do crédito agrícola em todo o país. O rotariano José Rubião é escalado para encaminhar o assunto por São Paulo. Mais específica é a solicitação feita pelo Rotary Club de Franca ao Rotary Club de São Paulo para que este fizesse gestões junto ao governo do Estado para a criação de uma Delegacia de Polícia naquela cidade. De maior peso foi o trabalho do Rotary Club de São Paulo junto ao presidente da República, através da Associação Comercial de São Paulo, visando a solução do problema de um laboratório de análises, para garantir o fornecimento de óleo combustível à indústria paulista.

Com esta prática o Rotary Club vai cumprindo a sua função de grupo de pressão junto aos poderes públicos. Função assumida oficialmente, mais tarde, como deixa claro a fala do presidente do Rotary Club de Recife, Djalma de Oliveira. "Não podemos legislar, mas podemos inspirar. Não podemos nos haver com a política, mas temos de motivar o poder público. Não temos como realizar obras, mas devemos lutar para que estas sejam feitas.

Não nos cabe a intromissão nas decisões dos governantes, mas temos o dever cívico de inspirá-los e motivá-los dentro do que julgarmos necessário e justo. Temos que nos colocar numa posição avançada de vigilância e na defesa dos anseios da nossa comunidade. Rotary em nossa concepção, senhoras e senhores, é uma tribuna livre, representa um traba

lho conjugado e inseparável, junto ao poder público, colaborando com ele no equacionamento de problemas, oferecendo sugestões e até mesmo utilizando a crítica construtiva, pois, esta é a arma inseparável com que deve se munir a personalidade obstinada do homem do nordeste"⁽⁵⁾.

As boas relações Rotary Club x Estado democrático como afirmam constantemente seus dirigentes não significa necessariamente boas relações Rotary x Governo, caso este assumisse qualquer compromisso com outra classe que não a dos empresários e seus aliados. Isto foi o que se evidenciou com a ação política do Rotary Club nos anos 60.

A primeira demonstração de que a vigilância dos empresários rotarianos em relação ao governo poderia não ser pacífica, caso seus interesses não fossem contemplados, aparece no discurso de João Batista L. Figueiredo em maio de 1961. O orador usa toda a sua retórica para convencer os empresários rotarianos de que as medidas de ajuste econômico promovidas pelo governo Jânio Quadros e especialmente as medidas relativas ao ajuste cambial são as mais acertadas e necessárias no momento. Os rotarianos, que durante o período J.K. aplaudiram as grandes realizações do governo, passam agora à posição de críticos do antigo governo, apontando-o como responsável pela política suicida e de alto conteúdo demagógico que atolou o país em dívidas interna e externa. Os aplausos são agora para a política moralizadora de Jânio Quadros, todavia, não faltam referências aos inimigos da democracia, que agem na calada da noite e que precisam ser controlados.

(5) Oliveira, Djalma de, "Rotary e Governo", in Brasil Rotário, Rio de Janeiro, outubro/73, p. 27.

Criticando os opositores de Jânio Quadros, Figueiredo, procura pela esperança e pelo medo atingir a sensibilidade de seus companheiros. "Assim, a providência indispensável, moralizadora, saneadora, de reformulação cambial, passou a ser apresentada como causa única de uma agravação inflacionária explosiva, cujas origens tem raízes nas medidas, decisões, desmandos e situações tomadas e criadas pelo governo anterior.

E não faltou a inconsciência e a ganância de muitos, como não faltou a eficiente máquina montada de há muito pelos inimigos do regime democrático, que se aproveitam das oportunidades mais propícias para a consecução de seus intentos, tentando abalar a autoridade e a popularidade dos governos, levando o povo ao desespero, envenenando-o com mentiras, abrindo caminhos para a anarquia e o caos" (6).

O discurso de Figueiredo parece querer indicar que há insatisfação no seio da sociedade, há movimento, o que contraria a tão falada paz, própria da sociedade democrática dos rotarianos. O orador chama a atenção de seus companheiros para que não se furtem em apoiar o governo cujos compromissos moralizantes estão diretamente em sintonia com o discurso rotário e mais que isso lembra a presença do inimigo.

A veemência do discurso faz crer que os sensores do empresário rotariano indicam a profundidade da crise que se avizinha. Conclui o orador, conclamando os rotarianos a

(6) Figueiredo, João Batista Leopoldo, "A Instrução nº 204 e a Política Governamental", in Vida Rotária, S.P., junho/61, p. 14.

darem uma demonstração de maturidade equivalente à que deram ao eleger o presidente Jânio Quadros.

O que explica o desassossego dos empresários é o próprio quadro político-econômico da época⁽⁷⁾.

A década de 60 será marcada, no Brasil, pela mais grave crise política da história da República. Desde os primeiros anos, com a troca de governo, e com ele a mudança na política governamental.

A eleição de Janio Quadros se apresenta como a possibilidade da política de moralização. É o candidato por excelência da anti-corrupção. Com sua vassoura promete varrer do Brasil toda sorte de desonestidade nos poderes públicos. Trata-se do presidente ligado às forças conservadoras e antipopulistas. Sua eleição se dá por ampla margem de votos, colocando a UDN no poder depois de muitos anos de derrotas consecutivas.

A bandeira de campanha, da UDN de Janio, se mostra insuficiente para governar um país com problemas cruciais, a pedir soluções imediatas.

O Brasil vinha de um período marcado pelo que se chamou "modelo desenvolvimentista", forte inversão de capital estrangeiro na industrialização do país; grande concentração de trabalhadores nas áreas urbanas; inflação crescente; e sobretudo pela discussão que dividia a sociedade brasileira;

(7) Conforme dados do artigo publicado na revista Rotary Club de S. Paulo 55 anos servindo, SP, 1924/1979, p. 25/26.

A opção política que devia ser feita quanto ao modelo de desenvolvimento a ser garantido ao país : "favorecer a expansão do capitalismo nacional ou acelerar a internacionalização como meio de promover os investimentos indispensáveis a uma nova expansão econômica" (8) .

No plano político uma forte polarização entre o Congresso Nacional e a Presidência da República, marcam os acontecimentos dos dois primeiros governos da década. Como fruto da Constituição de 1946, elaborada logo após a ditadura do Estado Novo, os poderes da república se acham divididos entre o Congresso e o Executivo. Tal divisão faz com que as soluções para os problemas da nação tenham que ser negociadas.

Jânio, apoiado na sua expressiva votação, tenta se sobrepor ao Congresso, mas vê frustrada sua tentativa e acaba por deixar a presidência sete meses após a posse.

A renúncia do presidente explicita ainda mais a crise política em que está mergulhado o país. As contradições se acirram e as forças políticas e econômicas conservadoras, que apoiaram Jânio Quadros tentam impedir a posse do vice-presidente João Goulart. As forças ligadas a este, as massas urbanas e os trabalhadores rurais, lutam pela legalidade constitucional e pela posse de Goulart.

Com a renúncia de Jânio, assume o poder provisória-

(8) Ver Ianni, Octávio, "Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 192.

mente Ranieri Mazzilli e em seguida submete-se o sistema de governo a um plebiscito, na tentativa de se reduzir o poder do presidente da república via governo parlamentarista. Jango assume a presidência e o plebiscito dá vitória ao presidencialismo. Estes fatos não resolvem a crise política enquanto a crise econômica se agrava.

O novo presidente herdou de seu antecessor os mesmos problemas com certo agravamento. Por ser um político ligado ao "populismo de esquerda", Jango encontrará um Congresso mais fortemente opositor ao Executivo. A necessidade de fazer com que a economia continue crescendo exige a definição básica sobre o modelo econômico: com expansão do capitalismo nacional ou aceleração do processo de internacionalização. A inflação que corrói os salários pede combate urgente. O crescimento acelerado da população pede mais empregos. Os grandes contingentes urbanos se politizam graças às mobilizações e greves constantes por melhorias salariais. No campo, especialmente no nordeste, organizam-se as ligas camponesas que reivindicam condições de trabalho e terra.

Nos setores de esquerda, ligados ao partido comunista que apóia o presidente, a discussão contra o imperialismo e o latifúndio se aprofunda. A ala conservadora defende a continuidade do crescimento econômico pela reelaboração das relações e estruturas de dependência.

João Goulart, elabora seu Plano Trienal, que em síntese, buscava:

"a) Manutenção de uma elevada taxa de crescimento do produ-

to;

- b) redução progressiva da pressão inflacionária;
- c) redução do custo social presente ao desenvolvimento e melhor distribuição de seus frutos;
- d) redução das desigualdades regionais de níveis de vida"⁽⁹⁾

No decorrer dos seus dois anos de governo, João Goulart defendeu as reformas de base que deveriam eliminar os entraves institucionais à utilização ótima dos fatores de produção. Estas reformas eram basicamente a reforma fiscal e a reforma agrária e a elas se juntava ainda a reforma educacional reivindicada por estudantes e professores.

Neste contexto de experiência política, lutas econômicas e atuação de grupos organizados o Rotary Club vai fazer o mais importante trabalho político de sua história, no Brasil.

Poucas vezes, até o início dos anos 60, se viu os rotarianos tomando partido, tão ostensivamente, em questões políticas. A mencionada palestra de João Batista Leopoldo Figueiredo abre, pois, a nova fase.

Alguns meses mais tarde a renúncia do Presidente Jânio Quadros expõe a amplitude da crise econômica, social e política em que vive o país. O desassossego dos empresários rotarianos cresce à medida que o tempo vai passando e a ordem pública não parece

(9) Idem, p. 207.

garantida pelas autoridades constituídas.

No mes de dezembro de 1961 foi desencadeada pelo então presidente do Rotary Club de São Paulo, aquela que seria a mais poderosa articulação política de setores civís e militares da história do Brasil. Adalberto Bueno Netto, convida para trocar idéias em sua casa alguns dos mais destacados líderes do clube, o governador do distrito Rotário 461, Ernesto Reis Rodrigues, os ex governadores do mesmo distrito, Herbert Arruda Pereira, Nicolau Filizola e Affonso Vidal. Desta reunião nasceu a Campanha de Atividades Cívicas e que atingiu a maioria dos clubes brasileiros. (10)

Campanha de Atividades Cívicas foi o nome encontrado pelos rotarianos paulistas para a sua participação na preparação do golpe militar de 31 de Março de 1964, que derubou o governo João Goulart.

O lançamento oficial da Campanha deu-se no dia 29/12/61, na reunião de confraternização dos Rotary Clubs da capital paulista, com a presença de aproximadamente 700 pessoas entre rotarianos, seus familiares e convidados⁽¹¹⁾. Tal lançamento, por uma estranha coincidência, se deu exatamente um mês depois, do lançamento oficial do IPES - Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, instituição que coordenou as articulações civís e militares para o golpe de 64, e que tinha em sua liderança, já nos primeiros tempos, dois rotarianos ilustres do Rio de Janeiro e São Paulo, Paulo Ayres Filho e João Batis-

(10) Vidal, Affonso, "Novo Ano - Novos Rumos" in Vida Rotária, nº 142, São Paulo, fevereiro/1962, p. 12.

(11) Vidal Affonso, "Campanha de Atividades Cívicas", in Vida Rotária, S.P., S. D., p.56.

ta Leopoldo de Figueiredo⁽¹²⁾.

A decisão da elite rotariana por uma atuação política direta, mais do que partidária, conspiratória, cercou-se de todos os cuidados necessários para a preservação do clube e garantia da legitimidade da ação.

A legitimidade de uma atitude de tal natureza só se explica pela "legítima defesa" e é exatamente este o argumento usado sucessivamente nos documentos da Campanha. Na primeira carta de Adalberto Bueno Netto aos presidentes e ex governadores do Rotary Club o momento político é descrito como de alta periculosidade. "Todos estamos sentindo que os acontecimentos deste ano que está no seu término, nos conduziram a uma situação de tal gravidade que precisa ser encarada com objetividade e com coragem por todos quantos têm o que perder e que aspiram continuar a viver em liberdade" (13). Mais adiante a mesma carta reforça o sentido de legítima defesa, "concluí que temos não só o dever de participar individual e ativamente dessa luta, bem como de levá-los a encetar uma campanha cívica, sem qualquer colorido partidário, de estímulo à participação do rotariano e de todas as pessoas capazes na vida pública da nação, a fim de preservar a nossa civilização. Isto constitui auto-defesa porque, destruídos seus fundamentos, deixarã de haver liberdade, desaparecerã a democracia e conseqüentemente o Rotary" (14)

Três são os valores que os rotarianos sentem estar

(12) Dreifuss, René Armand, "1964, A Conquista do Poder, Ação Política, Poder e Golpe de Classe", Petrópolis, Vozes, 1986, p. 162/163.

(13) Carta do companheiro Adalberto, in Vida Rotária, nº 142, São Paulo fevereiro/62, p. 06.

(14) Idem, p. 06.

sob ameaça, a liberdade, a propriedade privada e o próprio Rotary Club. A Campanha, portanto, convoca todos para uma batalha. O inimigo, descrito nos discursos ideologizados, transparece na imagem hedionda do demônio vermelho, são as forças do mal que pretendem "destruir a liberdade, ameaçando e coagindo os poderes constituídos, organizando-se greves e planejando marchas para acovardar as instituições democráticas.

O sonho dos energúmenos é o da inversão dos valores.

Querem silenciar a voz dos sábios para fazer prevalecer o estrépito das multidões ignaras.

Querem impor-nos uma forma de governo que se abeira da idolatria e da insensatez esquecendo que a supressão da liberdade é o sacrifício da própria pátria" (15).

Este discurso de Nicolau Filizola, proferido em dezembro de 1961, com o objetivo de conclamar os rotarianos de São Paulo para a campanha, faz referência a um leque amplo de instituições e setores sociais que estariam, como o Rotary, mobilizados para resistir às manobras esquerdistas de elementos infiltrados nos sindicatos, de políticos, estudantes e professores irresponsáveis.

São aliados aos rotarianos, a Igreja Católica, especialmente o episcopado mineiro, as forças armadas, as classes produto-

(15) Filizola, Nicolau, "O Dever Cívico dos Rotarianos", in Vida Rotária, nº 141, SP, janeiro/62, p. 03.

ras, as mães de família e os estudantes anti-extremistas⁽¹⁶⁾.

Graças à natureza de "legítima defesa" e ao amplo espectro dos grupos aliados estava garantida a legitimidade do envolvimento rotário na luta que se iniciava, porém, restava o problema estatutário do clube que proibia o uso da instituição para fins políticos. Neste particular o governador do Distrito Rotário 461, Ernesto Reis Rodrigues se encarregou de consultar seus superiores do Rotary International em carta endereçada ao Presidente Abey. A carta faz referência à orientação mais geral do Rotary International contra a difusão do materialismo no mundo ocidental, oficializada em discursos proferidos na última Assembléia Internacional. Destaca o perigo eminente que ronda a democracia brasileira e a ansiedade das "classes conservadoras (cuja compreensão aponta para a certeza) de que algo deveria ser feito no sentido de proteger o sistema democrático e que era necessária a participação de todas as pessoas responsáveis, nesse sentido"⁽¹⁷⁾.

Submete, por fim, ao julgamento do presidente internacional a iniciativa da Campanha Cívica, já com uma comissão formada no distrito para encaminhar a questão. Pede, o governador, que Rotary International se manifeste imediatamente, pois, a questão é da máxima urgência em razão da gravidade da situação.

A resposta não se faz esperar, já no mes de março chega uma carta assinada pelo Secretário Geral, George R.

(16) Idem, p. 01.

(17) Carta do Governador Ernesto Reis Rodrigues, in Vida Rotária, nº 143, S.P., março/62, p. 07/08.

Means, que embora cautelosa dá o aval necessário à investida política dos rotarianos. Diz o secretário:

"A ênfase que você está dando à ação individual a respeito dos importantes assuntos que você discute em sua carta, está em perfeita harmonia com as orientações e princípios que foram estabelecidos como guia para os Rotary Clubs e para os rotarianos. (...)

De conformidade com as normas estabelecidas, os Rotary Clubs não devem participar de qualquer esforço coletivo para influenciar os governos, mas devem devotar todas as suas energias no sentido de informar o rotariano, como indivíduo, a respeito de assuntos importantes, de tal forma que ele possa assumir uma atitude mental esclarecida e construtiva e, como um cidadão leal servidor de seu próprio país, dê os passos que lhe pareçam adequados em relação aos problemas nos quais está interessado"⁽¹⁸⁾.

Esta troca de correspondência reforça o aspecto doutrinário do Rotary International, sua opção anti-comunista e o compromisso dos rotarianos com o não envolvimento público do clube em questões políticas. A continuidade e expansão do movimento rotário depende de seu aparente apoliticismo. A não exposição pública do clube não significa porém que a organização não se preste às atividades políticas. Apenas o que se espera é que os rotarianos assumam individualmente as ações decorrentes da doutrinação ideológica feita pelo clube.

(18) Carta de George R. Means", in Vida Rotária nº 143, S.P., março/1962 p. 09. Ver a íntegra desta carta e outros documentos no anexo III.

No caso da articulação do golpe de 1964, o Rotary Club de São Paulo foi o palco dos principais acontecimentos, manteve-se, contudo, graças à habilidade de seus associados, desconhecida a sua participação. A própria pesquisa de René A. Dreifuss⁽¹⁹⁾, um dos trabalhos mais minuciosos sobre o golpe de 1964 não destaca o papel do Rotary Club, a não ser em rápidas referências, embora os rotarianos representem o centro do empresariado envolvido.

Diante do esclarecimento oficial feito pelo Rotary International, a Governadoria do Distrito 461 (São Paulo), o Rotary Club de São Paulo e especialmente a Comissão Distrital da Campanha de Atividades Cívicas partem para a programação e ação. O papel assumido por este grupo foi o de disseminar o terror entre as classes médias e altas e entre as instituições conservadoras, usando a instituição para cumprir suas finalidades. Dizem os estatutos que os clubes devem informar os rotarianos. Entendeu o Rotary Club de São Paulo, que poderia criar uma "verdade" e divulgá-la entre seus associados e aliados. A primeira providência tomada foi conclamar todos os Rotary Clubs do Brasil a aderirem à Campanha Cívica. Para isso foram convocados os Governadores de Distrito e os Ex-governadores que se encarregaram de fazer chegar a mensagem a todos os clubes brasileiros, já no início de 1962. Concomitantemente a Comissão presidida por Adalberto Bueno Netto começou a produzir uma série de textos e discursos proferidos nos clubes da capital e do interior e publicados pela grande imprensa e imprensa rotária.

(19) Op. Cit.

A argumentação dos textos foi toda pautada na esperança e medo, terror e idealismo, mesclados em chavões moralistas e religiosos.

Quando o Governador Ernesto Reis Rodrigues falou aos seus companheiros sobre o papel do rotariano no mundo moderno, destacou como tarefa essencial do movimento rotário educar e inspirar a população, assumindo assim seu compromisso de elite esclarecida. São suas palavras:

"Um dos mais sérios problemas com que a humanidade hoje se defronta é o falso patriotismo. A defesa dos nossos direitos são é legítima quando não fere os direitos alheios. Isto é tão velho quanto a própria humanidade, mas está sendo deliberadamente ignorada em muitos lugares. A execução de marchas militares e a irradiação de discursos inflamados mal orientados, são capazes de legitimar, em poucos instantes, os mais ilegítimos direitos. E as populações eletrizadas pela verborragia fácil se deixam levar aos campos de batalha e se deixam morrer em holocaustos à mentira. Num mundo interdependente como o nosso, eu chamo a isso falso patriotismo.

Nós, os rotarianos, cujos compromissos assumimos primeiramente com nossa pátria e com nossa religião, reconhecemos esta interdependência e os legítimos direitos alheios. Estamos convencidos de sermos depositários do verdadeiro sentimento de justiça e solidariedade internacionais. Como dirigentes, é nosso dever precípuo divulgar estes sentimentos para que se tornem universais" (20).

(20) Rodrigues, E.R., "O Papel Reservado aos Rotarianos no Mundo Moderno", in Vida Rotária, nº 142, S.P., fevereiro/62, p. 08. Mo-

A pregação moral neste trexo deixa clara a posição do autor quanto à questão da política-econômica que perpassa o debate do momento.

Reconhecer a interdependência e os legítimos direitos alheios significa simplesmente defender a expansão do capital internacional na economia brasileira, criticando o nacionalismo do presidente João Goulart e especialmente dos partidos que o apoiam como o Partido Trabalhista Brasileiro-PTB e o Partido Comunista Brasileiro-PCB.

Os discursos objetivam convencer os seus leitores e portanto tocam insistentemente nas mesmas teclas, o perigoso avanço dos artífices do mal, o bem supremo já conquistado pelo povo brasileiro, a liberdade. Todavia, estes discursos possuem uma característica de complementaridade. Cada orador acrescenta um ponto original de análise. Assim é que Nicolau Filizola, ao chamar seus companheiros para a luta, destacou o valor do trabalho, apontando negativamente para os agitadores políticos.

"Estimulemos os que trabalham dignificando a vida, e combatamos os que vivem a sugar, a manobrar, a velhaquear e a imposturar, parasitando a sociedade.

Esforcemo-nos para, em nossa vida pública e privada, obedecermos a justiça, às leis, aos princípios e aos dogmas de nossa religião, defendermos a ordem, a disciplina e a moral, paradigmando com nossa atuação o cidadão merece-

dor do respeito e da consideração da sociedade. (...)

Nossa indiferença seria criminosa, nossa apatia condenável porque é dessa ausência que se prevalecem os artífices do mal" (21).

Filizola conclama empresários e profissionais liberais, para assumirem seu lugar na condução política da nação. Os que trabalham, nesta concepção, são os empresários, empreendedores, e os operários que disciplinados e ordeiros cumprem com seu dever nas fábricas e oficinas. Aos empresários, "elite cultural", cabe assumir a política destituindo os impostores e parasitas que compõem os quadros da política brasileira. Seu discurso reflete o desapontamento do empresariado que não se sente representado, e, ao invés de democraticamente disputar com as outras forças que se organizam na sociedade, sai em desespero, para através da força, retomar o poder do Estado.

Os empresários que até então haviam relegado ao segundo plano a política partidária, porque dispunham dos privilégios de acesso fácil aos altos dirigentes da nação, pela via do capital de relações humanas próprios de sua classe, se vêm em diante da contingência de apelar a esta instância de atuação.

A militância partidária, atitude própria das democracias mais avançadas é prática desconhecida do empresariado, como se pode depreender da proposição constante no dis-

(21) Filizola, N., Op. Cit., p. 12.

curso de Affonso Vidal aos rotarianos do Rotary Club São Paulo/Norte:

"Precisamos demonstrar o nosso completo amadurecimento integrando partidos políticos e influenciando de forma decisiva para que esses partidos só registrem candidatos a cargos eletivos que sejam e tenham sido cidadãos prestantes e probos e que, no seu "curriculum vitae" constem: ética profissional irrepreensível; perfeito senso de responsabilidade; moral inatacável; correção; altruísmo; passado incorruptível e inteligência lúcida para compreender os nossos problemas e resolvê-los com isenção de ânimo e com equidade e justiça⁽²²⁾. (...)

Mais adiante o mesmo discurso alerta para a necessidade de militância nas associações de classe e para a importância de aproximação com os trabalhadores, que neste período apresentam-se organizados em seus sindicatos e militando nos partidos políticos.

"Precisamos integrar com todo entusiasmo e dinamismo as nossas associações de classe, levando para elas o espírito altruísta do Rotary. Precisamos, também, fazer ruir, imediatamente, o muro que, porventura, ainda possa existir e que esteja interrompendo uma aproximação mais plena e convincente entre empregado e empregadores, para que essas duas facções possam, num terreno de completa harmonia, falar com a máxima franqueza e lealdade e, assim, num ambiente tão favorável, possa o empregador esperar dos seus colaboradores uma dedicação espontânea, baseada na lealdade e identificação na própria empresa e uma cooperação traduzida na elevada

(22) Vidal, Affonso, "Novos Anos - Novos Rumos in Vida Rotária, nº 142, S.P., Fevereiro/62, p. 14/15.

conduta de disciplina, não só para com a direção da própria empresa, como também, para com os próprios companheiros de trabalho. É claro que, em troca desse ambiente salutar de trabalho e produção, é mister uma remuneração adequada aos empregados, não só para atender as necessidades mais prementes, como algo mais que represente o prêmio na medida do esforço dispendido pela atuação de cada um no engrandecimento da empresa" (23).

O reconhecimento da capacidade de organização e mobilização dos trabalhadores despertou nos empresários o interesse pela cooptação, prática conhecida dos rotarianos que fazem da filantropia e assistência mecanismos eficientes de convencimento dos poderes públicos e da sociedade.

Da argumentação à apelação emocional são construídos os discursos rotários que seguem espalhando-se pelos clubes e pela imprensa. Deus, pátria e família são valores indefesos e ameaçados, constantemente aludidos pelos rotarianos em sua cruzada cívica.

O cenário que desenham possui apenas duas faces claras e distintas, o mal e o bem, o sagrado e o demoníaco, como bem expressa Gutierrez Durán, "Temos que enfrentar com coragem e desassombro o caminho que a sorte nos depara. Não há para nós, nesta estrada, um único passo fácil. Diante de nós há dois rumos a escolher: um leva à vida e à liberdade, e o outro à morte e à ignomínia. Entre os dois não há atalho que atenuo nosso destino.

(23) Idem, p. 15.

E jamais seremos perdoados se tomarmos o caminho er
rado" (24).

A liberdade e a vida a que Durán se refere diz respeito à liberdade de sua classe, aquela que goza dos privilégios de ir e vir que detém a propriedade e, que, pelo acesso que o capital lhe garante, pode manter sua família com assistência médica e educação oferecidas pelas instituições privadas. São os interesses de sua classe que se escondem sob as palavras de ordem, liberdade, ordem, democracia e disciplina. A extensão de tais privilégios, em forma de direitos, era a bandeira empunhada pelos inimigos que aterrorizaram os empresários rotarianos.

Mas, nem só de discursos se fez a participação do Rotary na preparação do golpe militar. O insistente apelo para que cada rotariano assumisse individualmente seu compromisso com a causa, indica que, paralelamente à doutrinação "ingênua" feita nos clubes, em reuniões bem comportadas, desenvolviam-se medidas mais agressivas que os discursos afirmavam como necessárias.

Alceu Martins Parreira, falando aos rotarianos de Santos diz, de forma clara e precisa, quais os caminhos a serem trilhados, uma vez que não resta nenhuma dúvida quanto à disposição de luta daqueles que foram chamados pela liderança rotária.

São suas palavras:

(24) Durán, Gutierrez M., "Por Causa de um Cravo...", in Vida Rotária, nº 142, fevereiro/62, S.P., p. 18.

"A ninguém escapou, mesmo aos próprios generais que estão planejando essa estratégia defensiva, os cuidados compreensíveis que devem cercar a ação dos Rotary Clubs, na movimentação das suas comissões e subcomissões especializadas, quanto à parte que caberá aos clubes no desenvolvimento, nas suas comunidades, de uma campanha de atividades cívicas que corresponda, realmente, à preservação daqueles direitos essenciais à própria dignidade humana...

Figuramos entre os que, reconhecendo essas sutilezas, não temem, antes a defendem, uma ação mais positiva da parte de todos e de cada um dos Rotary Clubs deste nosso imenso país, a começar pelo estudo e pelo debate, à luz de um critério verdadeiramente patriótico, de alguns dos magnos problemas nacionais, principalmente os sócio-econômicos. (...)

(...)É na ênfase deste sentimento pátrio que se ajunta, na hora presente, o brado de alerta aos rotarianos brasileiros, para que, através, principalmente, da sua ação pessoal - que pode ter limites os mais dilatados - na sociedade que vive, no meio profissional em que atua, na sua família - para que, por todos os meios ao seu alcance, se devote a essa causa suprema - a defesa dos postulados democráticos"⁽²⁵⁾.

Encobrir a participação do Rotary Club nas manobras efetivadas antes e depois do golpe fez parte dos acordos estabelecidos entre empresários e militares, ao que se pode deduzir destas palavras de Parreira.

(25) Parreira, Alceu Martins, "Atividades Cívicas", in Vida Rotária nº 144, S.P., abril/62, p. 12.

A dignidade e a ética, o altruísmo e a defesa de liberdades e direitos humanos, precioso recheio do discurso rotário não poderia ser maculado com a responsabilidade da im-plantação a golpes de baionetas de um governo autoritário e cruel, capaz de levar à morte sob tortura os seus opositores políticos.

Ao Rotary Club cabia a parte "limpa" da operação, preparar através do discurso, da palavra, o terreno para que a sociedade aterrorizada aceitasse pacificamente as ações militares que viriam. Em nome da democracia, os rotarianos pregavam a necessidade do braço forte da ordem e da disciplina. Porém, se ao Rotary cabia a doutrinação, dos rotarianos era exigido muito mais do que isto, como enfatiza Parreira. Para a ação individual o limite é mais elástico. O rotariano deve fazer aquilo que ao clube, enquanto tal, não é permiti-do.

Onde e como agiram, afinal, os rotarianos para não permitirem que seu clube fosse maculado?

Além do expediente das reuniões domiciliares, vamos encontrar as principais lideranças paulistas e cariocas fazendo parte da direção do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais-IPES. Dificilmente se poderia afirmar quantos rotarianos participaram diretamente da preparação do golpe militar, mesmo que fosse limitado o universo aos rotarianos do Rio de Janeiro e São Paulo, palco da articulação golpista. Só um único clube, o "Rotary Club de São Paulo" contava na

época com aproximadamente 300 associados e já funcionavam na capital outros 5 ou 6 clubes⁽²⁶⁾. Por ocasião da homenagem a Adalberto Bueno Netto, por trabalhos prestados à causa da "revolução", o Boletim Servir traz a seguinte afirmação:

"Não acreditamos que haja um só rotariano consciente, que nos últimos tempos não tenha, de um modo ou de outro, de acordo com as suas possibilidades, lutado para por termo à transformação que, rapidamente, se processava para a bolchevização do Brasil.

No Rotary Club de São Paulo houve um grupo incomparável que, pondo em risco a sua saúde, a sua família e a própria vida, pois o paredão já estava sendo prometido, não exitou, um só minuto em sua luta pela defesa da liberdade democrática deste nosso querido Brasil"⁽²⁷⁾.

Podemos, pois, deduzir que a participação, de uma forma ou de outra, foi maciça pelo menos em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, e outros centros de maior influência política.

O IPES, um Instituto considerado como a peça chave das articulações políticas que levaram ao golpe de 64, foi fundado com a finalidade explícita de realizar pesquisas sócio-econômicas e fazer estudos de acompanhamento das principais políticas propostas pelo governo brasileiro. Congregava empresários, técnicos, intelectuais e militares para, com

(26) Durante nossa pesquisa solicitamos na Secretaria e ao próprio presidente do Rotary Club de São Paulo, Nelson Camargo de Barros, a lista nominal dos associados do clube na década de 60, esta porém não nos foi entregue por ser facultada somente a sócios do clube.

(27) O Patriota Adalberto, in Boletim Servir, nº 1612, São Paulo, 17/04/64, p. 395.

base nos estudos efetuados, promover a educação cultural, moral e cívica dos indivíduos. Estes objetivos de fachada propostos nos documentos do IPES eram reforçados por ações filantrópicas voltadas para a causa do analfabetismo das crianças pobres brasileiras⁽²⁸⁾.

Os objetivos explícitos serviram apenas para garantir a existência do Instituto, dando a ele legalidade e legitimidade, sua atuação porém, esteve centrada na coordenação das forças anti-governistas, anti-comunistas e anti-trabalhistas, no planejamento das ações políticas, na estruturação do aparato civil e militar capaz de derrubar o governo João Goulart e dominar a sociedade.

"O IPES devia facilmente funcionar como um guarda-chuva político de organização de classe. Como observou o seu líder Abelardo Coimbra Bueno, o IPES, tinha de planejar a articulação muito mais do que executar. O IPES tinha de ser o "estado maior"⁽²⁹⁾.

Como estado-maior deveria o IPES, chegar a todos os segmentos organizados capazes de agregar forças aos movimentos de resistência ao governo. Para tanto o Rotary, uma instituição de âmbito nacional e que congrega as lideranças políticas e econômicas, já tinha meio caminho andado.

Uma das principais funções do IPES junto aos empresários era levantar fundos para as operações militares e de doutrinação ideológica, financiamento de candidatos e parti-

(28) Ver Dreifuss op. cit., p. 162 e seguintes.

(29) Idem, p. 181.

dos políticos comprometidos com a reação.

Em meados de 1962 a liderança do IPES procurava os empresários que já contribuíam com a campanha eleitoral de seus candidatos ao Congresso Nacional para que se tornassem também contribuintes permanentes do Instituto. Isto nos levava a crer que os Ipesianos não estavam convencidos das vantagens da luta política dentro das regras democráticas. Pois mesmo derramando recursos na campanha de seus representantes continuavam a busca de reforço à instituição que clandestinamente procurava inverter os rumos da política brasileira. Logo após as eleições, João Batista L. de Figueiredo, rotariano de São Paulo sugere no IPES que se mantenham "dois discretos encontros semanais com grupos de vinte ou trinta pessoas, definidas como grandes contribuintes em potencial. Tais pessoas seriam convidadas a comparecer às casas de selecionados membros do IPES em grupos menores, para reuniões mais íntimas e de maior profundidade"⁽³⁰⁾. Entre os empresários que ofereceram suas casas para tais reuniões estão os rotarianos: João Batista L. de Figueiredo, Adalberto Bueno Netto, Nivaldo Ulhoa Cintra, Nicolau Filizola, Geraldo Quartim Barbosa e Paulo Ayres Filho. Certamente não por mera coincidência dois deles são os membros da Comissão de Atividades Cívicas da Governadoria do Distrito 461. Outro ponto importante é a prática de reuniões domiciliares para tratar de assuntos sigilosos já vigente no Rotary Club e que passa a ser usada também no IPES. ⁽³¹⁾

À medida que se encaminham as articulações Ipesia-

(30) Dreifuss Op. Cit., p. 202

(31) Idem, p. 202.

nas cresce a necessidade de recursos financeiros e os grandes empresários são chamados a aumentar suas doações ao Instituto. Os rotarianos comparecem em número significativo nessas listas de contribuintes, seja como contribuintes individuais ou através de suas organizações.

Mais do que contribuir para uma operação ilegal e que lutava contra o Estado de Direito, os rotarianos envolveram-se em situações comprometedoras. Este é o caso de José da Costa Boucinhas, rotariano e contador público que preparava prestações de conta padrão para a operação de "limpeza das contribuições financeiras" do IPES. Isto porque muitas das despesas não poderiam constar na contabilidade de uma organização que usava seus recursos para "ação secreta no Congresso, nas Forças Armadas, sindicatos, mídias e movimento estudantil" (32).

Compunham a estrutura formal de poder do IPES, por São Paulo os seguintes rotarianos: Humberto Monteiro, membro do Conselho Orientador e Comitê Diretor; José Ermírio de Moraes Filho, também no Conselho Orientador e Comitê Diretor; Luiz Dumont Villares, no Conselho Orientador; Rafael Noschese, Conselho Orientador e do Grupo de Estudos e Ação; Theodoro Quartim Barbosa, Conselho Orientador; e os mais atuantes no Instituto: João Batista Leopoldo de Figueiredo, participando do Conselho Orientador, Comitê Diretor, Comitê Executivo e do Comitê Executivo Nacional;- Paulo Ayres Filho, Conselho Orientador, Comitê Diretor, Comitê Executivo Nacional e Grupo de Estudos e Ação;- Paulo Reis Magalhães, Conselho O

(32) Dreifuss Op. Cit., p. 203.

orientador, Comitê Executivo, Comitê Diretor, Conselho Orientador Nacional, Conselho Executivo Nacional e Grupo de Estudos e Ação;- Adalberto Bueno Netto, Conselho Orientador, Comitê Diretor, Conselho Orientador Nacional e Comitê Executivo Nacional; e Nivaldo de Ulhoa Cintra do Conselho Orientador, Grupo de Estudos e Ação e Comitê Diretor.

O IPES se estruturou em vários estados, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Paraná, mas a Coordenação Nacional ficava centralizada no Rio de Janeiro e São Paulo, e desta coordenação emanavam as diretrizes de ação. "A principal unidade política ficava nas duas seções mais importantes, do Rio de Janeiro e de São Paulo, com um reduzido Comitê Executivo (quatro a oito membros no máximo) se reunindo pelo menos uma vez ao dia e frequentemente em caráter extraordinário, sempre que exigências políticas ou organizacionais assim o ditassem. Formalmente o Conselho tinha como seu principal papel a "suprema direção administrativa" e a "execução das decisões tomadas pelos Conselho Orientador e Conselho Diretor". (Grifos do autor)"⁽³³⁾.

Pode-se, pois, perceber que na alta cúpula das decisões IPESIANAS estão os mais destacados nomes do rotarismo paulista e brasileiro. São rotarianos que se dedicam quase que em tempo integral à causa.

Enquanto a preparação corria por conta do IPES e dos rotarianos individualmente, pois, o Rotary Club não aparece como protagonista desta história, seus aliados assumiam cla-

(33) Dreifuss Op. cit., p. 172.

ra e publicamente uma posição favorável à derrubada do governo reformista de João Goulart. Estão unidos na luta : Fiesp, Ciesp, Clube dos Diretores Lojistas, A.C.M., Lions Club, entre outras organizações. O Rotary Club, porém, não se expõe.

Todavia, é possível avaliar o grau de participação do clube pelos artigos, discursos e campanhas realizadas nos anos de 1962 a 1964, e dentro da Campanha de Atividades Cívicas, iniciada em 1961, palestras feitas em clubes e associações das diversas cidades brasileiras e publicadas na imprensa.

A Comissão Distrital distribuiu, através de circular mensal a todos os clubes do distrito, instruções precisas sobre como proceder em sua família, empresa, associação de classe, junto a filhos, vizinhos ou parentes que estivessem convivendo com qualquer setor estudantil. A ordem era exaltar o dever de vigilância para a preservação da democracia.

As datas magnas da nossa nacionalidade deveriam ser exaltadas nos clubes, empresas e colégios. Os rotarianos deveriam colaborar na preparação de atos cívicos. Cada industrial ou comerciante deveria, no dia da pátria, hastear o Pavilhão Nacional e na véspera proferir exortação aos seus colaboradores para que permanecessem atentos na defesa do regime de liberdade e justiça (34).

A própria Comissão Distrital, em comemoração ao 07

(34) Conforme Vidal, Affonso - "Comissão de Atividades Cívicas", in Vida Rotária, São Paulo, S.D., p. 55 a 57.

de setembro de 1962, programou uma cerimônia no Monumento do Ipiranga, com desfiles de escoteiros e colégios e a presença de autoridades civis, militares e religiosos. A cerimônia do ano seguinte reflete os efeitos do trabalho da Comissão, que já não está sozinha, mas divide com colégios particulares, outros clubes de serviço e associações de classe, a promoção cívica. "E assim o 07 de setembro de 1963, naquele local histórico, considerado o Altar da Pátria, foi teatro da mais vibrante e comovedora cerimônia, com desfiles memoráveis de estudantes, escoteiros, etc., contando com a presença do Governador do Estado, do Prefeito Municipal e demais autoridades militares, civis e eclesiásticas e grande massa de povo" (35).

Ainda no ano de 1962, no período que antecedeu as eleições para o Congresso Nacional, o Rotary fez coro, com as vozes unidas pela reação às reformas do Governo João Goulart e distribuiu em todo o Estado de São Paulo cartões de orientação no uso da sagrada arma do voto. Sem mencionar nomes, mas, usando o mesmo discurso de seus partidos e candidatos aliados, o Rotary divulgou a sua "Prova Quádrupla Eleitoral", com os seguintes dizeres: "Cidadão, o voto é arma sagrada.

Antes de votar medite e vote conscientemente num candidato:

- 1º - Que seja honesto;
- 2º - Que tenha um passado limpo como cidadão e profissional;
- 3º - Que seja capaz de trabalhar desinteressadamente pelo bem comum;

(35) Idem, p. 56.

49 - Que seja incapaz de trair amanhã as nossas tradições de povo livre e democrático.

Da observação destes princípios resultará o acerto de teu voto e dele depende tua liberdade, a tranquilidade e segurança de tua família e o futuro da Pátria"⁽³⁶⁾.

Com certa sutileza aí estão colocados os dois pontos principais da reação: o perigo da traição que representam os comunistas, o governo, e seus aliados e por outro lado a segurança da família e a liberdade da pátria simbolizada pelos cidadãos honestos e trabalhadores quais sejam os profissionais e os empresários.

A Campanha Cívica seguia seu curso, mostrando que o Rotary não perdia de vista os seus objetivos, levar a doutrinação dentro e fora do clube. Externamente, uma nova Campanha se inicia e o alvo são os estudantes. Parar os protestos dos estudantes era uma questão vital para os empresários rotarianos. A ousadia e a liberdade com que se expressavam os setores mais jovens da população, fez com que os rotarianos dirigissem seus esforços para essa categoria.

A forma de chegar aos estudantes foi a Campanha da Bandeira. Fizeram, os rotarianos de São Paulo, um levantamento das Bandeiras Nacionais existentes nos colégios de seu distrito e a partir daí conseguiram, através de doações de seus companheiros, 1200 bandeiras para serem colocadas em todas as salas de aula do seu território. Esta campanha, po-

(36) Idem, p. 57.

rêm, não tem a menor originalidade, uma vez que, o mesmo clube já havia feito a campanha pelo embandeiramento escolar, na década de 40. A novidade desta campanha é que as bandeiras são entregues, pessoalmente pelos doadores ou membros da sub-comissão de Atividades Cívicas do clube, que no momento da entrega fazem palestras de exaltação à pátria, a liberdade e a democracia.

Mais do que distribuir bandeiras, o que interessa aos rotarianos é falar aos estudantes e professores disseminando a sua mensagem. Trata-se, pois, de mais uma tática na guerra ideológica que se trava no período.

No plano interno dos clubes, a Revista Vida Rotária, foi o veículo por excelência para divulgação do terror anti-comunista, que deveria justificar o uso da força, no cenário político. De janeiro de 1963 à junho/64, a Revista reservou de dez a trinta páginas em cada número (16Ns ao todo) para uma matéria intitulada: "O que é o Comunismo?". Os textos mensais são capítulos de um livro organizado por Richard M. Ketchum, traduzido para o português e publicado em 1957 pela Editora Saraiva S.A.

Os textos se referem basicamente ao regime comunista na U.R.S.S. Com farta ilustração mostram a tristeza e a miséria de um povo que teria sido dominado pela força e pela ambição de líderes sem escrúpulos. Acusa-se o regime comunista de ser ditatorial, de negar as liberdades individuais, mas sobretudo é o expansionismo atribuído ao comunismo que parece mais inquietar o autor. No primeiro capítulo, nos

breves textos que se intercalam às ilustrações chocantes, já vem o alerta: "No início, o comunismo foi apenas uma entre muitas tendências extremistas. No princípio deste século era praticamente desconhecido do público em geral. Contudo, em menos de três gerações o movimento comunista domina vasta porção do Hemisfério Oriental. Seu império se estende do Estreito de Bering até a Alemanha Central e do Oceano Ártico até o mar da China, as fronteiras da Índia, do Sul da Turquia. Dentro dessa área vivem mais de 900.000.000 de almas mais de um terço da população do mundo" (37).

Além da expansão e do regime totalitário, boa parte dos textos se fixa na exposição de casos de traição, de militantes históricos dos partidos comunistas, da China e da URSS. Longe de ser um trabalho histórico, filosófico ou mesmo político, trata-se de exploração moralista de fatos isolados da história política dos países em questão.

As últimas três seções (abril/maio e junho/64) da Revista, tratando do tema, constituem-se de questionários destinados a auferir o grau de aprendizado dos leitores em relação ao assunto. Organizados como textos de instrução programada as perguntas trazem em seguida, as respostas para que o leitor possa se auto-avaliar e decidir se já está pronto ou se ainda necessita de mais instruções.

Enquanto a doutrinação interna se fazia através das palestras e publicações e os rotarianos individualmente desempenhavam tarefas programadas pelo IPES, o Rotary Club de

(37) Ketchum, Richard M., "Que é Comunismo", in Vida Rotária, nº 153, São Paulo, janeiro/63, p. 35. Ver um capítulo deste livro no a nexa III.

São Paulo participava do Centro de Atividades Democráticas, presidido por André Faria Pereira e secretariado pelo rotariano Affonso Vidal.

Todavia, com a finalidade de não expor o clube, os rotarianos participavam do movimento através da Associação das Senhoras de Rotarianos de São Paulo. O Centro de Atividades Democráticas ligava-se ao Centro de Engenharia e tinha como função congregar todas as entidades democráticas de São Paulo na luta pela Democracia no País⁽³⁸⁾. Tratava-se, pois, de mais uma das organizações civís que serviam de instrumento de propaganda e mobilização conduzidas pelos homens do IPES para difundir o terror à "ameaça vermelha".

Quanto às entidades femininas destinadas às donas-de-casa de classe média e alta, o IPES dispendeu esforço, recursos financeiros e tempo suficientes para organizá-las em número significativo, tornando-as capazes de funcionar como caixa de ressonância, o mais poderoso apoio no sentido de aglutinar e colocar na rua uma massa que superasse o apoio exibido pelo presidente João Goulart.

O IPES subsidiava as instituições femininas e religiosas com seus panfletos, com dinheiro e assessoria.

Em São Paulo, destacou-se a União Cívica Feminina-U.C.F. pela sua prática de produzir tumultos e ataques violentos a líderes da esquerda como Leonel Brizola, Almino Afonso, Paulo de Tarso, entre outros⁽³⁹⁾.

(38) Conforme, Vidal, Affonso, in Vida Rotária, nº 251, São Paulo, S.D., p. 57.

(39) Conforme Dreifuss, Op. Cit., p. 294 e seguintes.

A U.C.F. organizava cursos e palestras, representava a face de propaganda da máquina liderada pelo IPES, a outra face sendo constituída de atividades paramilitares organizadas. (...) Ela irrompia nas estações de televisão com o intuito de levar a sua mensagem e mandava ônibus lotados de "estudantes" (aspas do autor) e intimidadores anticomunistas para participarem das eleições de diretórios estudantis" (40).

De 1962 à 1964 a U.C.F. atuou não só em São Paulo, mas estendeu-se às cidades do interior e outros estados, aliando-se ainda à Campanha da Mulher pela Democracia- CAMDE, que, entre outras atividades, se dedicava à apreensão e combate de material de alfabetização supostamente subversivo.

Contudo, entre as atividades levadas a efeito pelas organizações femininas ditas democráticas e cristãs, no período, alcançaram maior repercussão as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, feitas em protesto ao comício de João Goulart, de 13 de março de 1964, no qual, o presidente proferiu um inflamado discurso pelas reformas de base e assinou, em público, decretos que regulamentavam tais reformas. Em São Paulo, a Marcha colocou na rua aproximadamente 500.000 pessoas, o que demonstrou a eficiência da preparação do evento. Segundo relato de Vidal, as duas últimas reuniões-comícios, preparatórios da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", nas noites dos dias 17 e 18 de março de 1964, foram realizadas no auditório do Colégio Rio Branco, edifício Rotary, graças à colaboração dos rotarianos Álvaro Machado e

(40) Idem, p. 295.

Norton Severo Batista além dos membros da Fundação Rotária⁽⁴¹⁾.

A Marcha, além de protesto, formulou explicitamente o pedido das classes médias e altas às Forças Armadas para que intervissem no governo, destituindo o presidente e "salvando" o Brasil.

Os "slogans" constantes nos cartazes e bandeiras lã estavam, "Renúncia ou Inpeachment", "Abaixo o Império Vermelho", ou "Reformas Sim, com Russos não". Os militares que acordados com o empresariado aguardavam o sinal verde para entrar em ação, sentiram haver chegado a hora, para dentro de suas funções, usar as armas em "defesa do povo brasileiro". Na noite de 31 de março, as Forças Armadas depuseram o presidente e assumiram o poder para atender aos reclamos daqueles que conseguiram falar mais alto.

Três dias depois, o Rotary Club de São Paulo realizou uma reunião festiva e comemorou o grande feito dos defensores mãximos da Democracia no país. Os discursos traduzem o clima de euforia pela vitória, agradecem os aliados e exigem a continuidade do movimento. Adalberto Bueno Netto faz um discurso de agradecimento à mulher, cuja militância teria sido decisiva para o desfecho a que se chegou. O orador faz questão de ignorar toda a articulação de dois anos por parte de militares, técnicos, empresários, intelectuais e políticos, para enaltecer apenas a ação das mulheres, como que, querendo ver nas manifestações por elas promovidas o apelo espontâneo do povo ao socorro dos militares.

(41) Vital, Affonso, Op. Cit., p. 57.

"Muitos fatos de passaram, mas dois últimos deles, a bravura indômita da mulher mineira, enfrentando de terço na mão, os mazorqueiros que iam procurar agitar e incendiar a sua capital, e a constância da mulher paulista, dessas mulheres valentes da União Cívica Feminina de São Paulo, fizeram com que nós pudéssemos estar neste momento dizendo: O Brasil ainda é livre, nós ainda temos liberdade. Bendita Mulher do Brasil! Bendita Mulher de São Paulo! Bendita Marcha da Família com Deus pela Liberdade! Abençoado 19 de março!"⁽⁴²⁾

A homenagem é recebida pela convidada de honra do clube para a reunião a Sra. Regina Figueiredo Silveira presidente da União Cívica Feminina.

Toda esta alegria, diz Adalberto, justifica-se porque a primeira batalha foi vencida, porém, a guerra apenas começou. A primeira etapa da luta foi a mais fácil, segundo o orador, a consolidação desta vitória "é uma tarefa que todos nós temos a obrigação de continuar nos dedicando de corpo e alma"⁽⁴³⁾.

Aliás quanto a isso, assegura o orador, nossos amigos, João Batista Leopoldo de Figueiredo, Paulo Ayres Filho e Paulo Reis de Magalhães, que não estão hoje nesta reunião festiva, encontram-se "como diretores do IPES, (no Rio de Janeiro) a serviço da nossa causa"⁽⁴⁴⁾.

Realmente neste período os citados rotarianos encontram-se em reunião da liderança do IPES de São Paulo e do

(42) Bueno Netto, Adalberto, "Bendita Mulher do Brasil", in Boletim Servir, nº 1611, São Paulo, 10/04/64, p. 391.

(43) Idem, p. 391.

(44) Idem, p. 391.

Rio de Janeiro, da qual participam além dos três , Harold C. Polland, José Rubens Fonseca, José Roberto Wita-ker Penteado, Gilberto Huber Junior, General Heitor Herrera, José Duvivier Goulart, General Golbery do Couto e Silva, Glycon de Paiva, General João José Batista Tubino, Joviano Jardim, General Liberato da Cunha Friedrich, Hélio Gomide, Osvaldo Tavares, Augusto Trajano de Azevedo Antunes, Dênio Nogueira e José Garrido Torres. A reunião visava cumprir os militares pela vitória, mas, mais do que isso, os IPESIANOS procuravam demonstrar a necessidade de continuidade das atividades do IPES para a segurança do governo. Em última instância o que propunham e o que ficou decidido foi a direção do IPES, na formulação das diretrizes básicas do novo governo, bem como a deliberação sobre os nomes indicados para ocupar os postos-chave na nova administração (45).

A este grupo de empresários deve-se ainda a proposta formulada por João Batista Leopoldo de Figueiredo de um regime discricionário de pelo menos 05 anos, bem como a escolha dos nomes que vieram a compor o 1º escalão do governo Castelo Branco.

Na reunião do Rotary anteriormente citada, a homenageada Regina F. Silveira faz seu discurso assumindo o compromisso de continuar, agora mais agressivamente, na luta que abraçou. O radicalismo do discurso atesta o efeito da doutrinação grosseira e emocional ao longo dos dois anos de atividades coordenadas pelo IPES e implementadas pelo Rotary Club. A representante da União Cívica Feminina fala com a ferocidade dos brutos.

(45) Conforme Dreifüss, Op. Cit., p. 420 e seguintes.

"Exigimos o punimento, a cassação de mandatos de todos aqueles homens que ocupavam cargos públicos e que nos queriam levar para o comunismo. O exílio é o prêmio. Eles não merecem o exílio. Eles merecem ter todos os direitos caçados neste momento.

Exigimos a extinção do fundo sindical e vamos todos nós aqui presentes pedir a prestação de contas da U.N.E., vamos continuar a revolução. Vencemos a primeira batalha mas não ainda a guerra.

Em nome da União Cívica Feminina nós vamos pedir o extermínio dessas entidades culturais comunistas, que se dizem "culturais" mas que de culturais não tem nada. Exigimos o fechamento das editoras comunistas, vamos apreender os livros comunistas e os jornais" (46).

Com toda essa disposição, não é de se estranhar que o período que se seguiu ao março/64 tenha sido o de maior desrespeito aos direitos básicos da pessoa humana. Da invasão de residências, às prisões feitas na calada da noite, do sequestro de bens pessoais, expurgo das Universidades às mortes sob tortura, tudo parece ter sido permitido em nome da defesa da moralidade cristã, da salvação do Brasil, da democracia das classes aliadas no poder (47).

Entre as instituições que se expandiram no período, duas merecem especial destaque pela importância que alcançaram suas atuações, a Escola Superior de Guerra-E.S.G., e suas

(46) Silveira, Regina Figueiredo, "Discípulas de Anita (Garibaldi)", in Boletim Servir, nº 1611, São Paulo, 10/04/64, p. 391.

(47) Sobre a política do período, ver : Alves, Maria Helena Moreira, Estado e Oposição no Brasil (1964-1984), 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985 e Skidmore, Thomas, Brasil de Castelo a Tancredo, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

instituições agregadas como a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra-ADESG e os grupos terroristas para-militares como Comando de Caça Comunistas-C.C.C., Movimento Anti Comunista-M.A.C., Frente Anti-Comunista-F.A.C., entre outros.

A Escola Superior de Guerra, com seus cursos e Círculos de Estudos, serviu como instituição de doutrinação de civís e militares objetivando um comportamento afinado entre as forças de resistência ao governo reformista de João Goulart e para demonstrar a natureza do novo governo (pós-revolução) - este que não seria um governo político, mas sim técnico. Os problemas do Brasil a partir de 64 teriam um tratamento científico o que de ante-mão já garantiria também a moralidade que a verdade científica expressa. A formação dos quadros civís e militares dentro da doutrina de segurança nacional devia ser expandida e aprofundada após o golpe, pois, a liderança dos grandes empresários temia pela segurança de um governo comprometido com uma política claramente impopular e autoritária.

Neste ponto, o Rotary Club, não só incentivou seus associados a participarem como estagiários dos cursos da E.S.G. como ofereceu espaço físico e infra-estrutura para tais atividades. O 1º Ciclo de Estudos Nacionais da Escola Superior de Guerra realizado em São Paulo, ocorreu no Edifício Rotary em 1964, segundo afirma Barelo, que se orgulha de ter permanecido, durante dez anos, como coordenador de Debates da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra-ADESG, entre 1969 e 1979⁽⁴⁸⁾. Além da doutrinação de um grupo forte de apoio ao novo governo, a ADESG forma também quadros para os es

(48) Conforme entrevista concedida para esta pesquisa em 24/01/89.
Barelo era nesta data o presidente do Rotary Club São Paulo-Sul.

calões intermediários do governo.

A lista de rotarianos - adesguianos que participaram do poder, no período autoritário, dificilmente poderá ser precisada, todavia, pode-se afirmar com segurança que o Rotary Club estará presente através de seus associados, em todos os níveis dos governos que se seguirem.

De Paschoal Ranieri Mazzilli - rotariano fundador do Rotary Club de Sorocaba a Paulo Ayres Filho, João Batista L. de Figueiredo do Rotary Club de São Paulo, Murilo Macedo do Rotary Club de Porto Alegre, Mauro Ribeiro Viegas do Rotary Club do Rio de Janeiro aos sócios honorários, título de reconhecimento à personalidades fornecido pelo clube, a Filinto Müller, Presidente Emílio Garrastazu Médici e José Sarney⁽⁴⁹⁾.

O novo governo produz uma série de organismos e instâncias cuja função é a segurança nacional e a sua melhor expressão está no Serviço Nacional de Informação-S.N.I., órgão encarregado de coletar as informações sobre pessoas e instituições de importância política para a conjuntura nacional. Seu fundador e primeiro chefe nacional Golbery do Couto e Silva, sai dos quadros mais expressivos do IPES e leva deste, extenso material compilado pelo seu próprio setor de informações. O S.N.I., se encarregará de fornecer as informações que justifiquem a repressão que atinge a sociedade.

Se o S.N.I. é um órgão oficial, o C.C.C., M.A.C.,

(49) Ver "Sobre o grau de participação de rotarianos em cargos públicos" uma pequena amostra que consta do Anexo II deste trabalho.

F.A.C. e o O.BAN.-Operação Bandeirantes, jamais foram assumidos pelos seus inspiradores ou financiadores, neste período, exercendo o poder no Estado.

Apenas, no caso da OBAN, ficou conhecido na época como seu inspirador e financiador o empresário e ipesiano Henning Boillessen, o qual, reunia um grupo de empresários que apoiava financeiramente o aparelho repressivo das Forças Armadas e da Polícia⁽⁵⁰⁾.

As organizações C.C.C., M.A.C. e F.A.C., agiram contra estudantes, artistas, intelectuais e trabalhadores. Suas atividades também se estendiam à assaltos a bancos para em seguida imputá-los à ação dos grupos de esquerda, especialmente aos comunistas. Teatros e praças públicas em dia de manifestações de esquerda, eram os alvos preferidos destes grupos. Em São Paulo, um dos locais que tornou-se conhecido reduto de tais grupos foi a Universidade Mackenzie situada na rua Maria Antonia em frente à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP., considerada espaço da esquerda. As duas instituições da rua Maria Antonia foram os atores principais dos episódios violentos que marcaram o ano de 1968, ano do Ato Institucional nº 5 e de uma guinada ainda mais à direita do governo militar.

"A Maria Antonia (rua) representava para o movimento estudantil um "território livre" (aspas do autor), embora ela fosse também a rua da reação, isto é, do Mackenzie, onde se concentravam representantes das sinistras siglas C.C.C., M.A.C.

F.A.C. - da direita extremada. Mas a Maria Antonia, como se dizia mitologicamente, significava o avanço. "Era o símbolo das barricadas, o símbolo da rebeldia, da revolução sexual, das idéias socialistas"⁽⁵¹⁾.

Os atritos entre os estudantes das duas instituições ao longo dos anos 60 foram uma constante, dado à intensidade das mobilizações tanto da direita quanto da esquerda no movimento estudantil. O episódio culminante desta "guerra de posições", ocorre em outubro de 1968 quando a mitológica Maria Antonia converte-se em praça de guerra entre os Mackenzistas e Uspeanos, com um saldo de um morto, o estudante secundarista José Guimarães. Este episódio marcou o começo do desmoronamento do movimento estudantil, já desgastado por permanentes ataques da imprensa e dos grupos organizados de doutrinação e apoio às forças armadas.

Sobretudo, o que vale destacar neste ponto é o uso dos estudantes para fins políticos que ultrapassavam em muito as lutas próprias daqueles grupos.

Ventura, traduz o cenário : "Aproveitando uma antiga rivalidade entre os alunos do Mackenzie e da Filosofia (USP), o Comando de Caça aos Comunistas-C.C.C., a Frente Anti-Comunista-F.A.C. e o Movimento Anti-Comunista-M.A.C., todos infiltrados entre os Mackenzistas, obrigaram a esquerda a aceitar sua forma de luta: a violência pela violência.

A principal vítima daqueles combates foi a concepção esquerdista de que era possível existir uma violência ruim

(51) Ventura, Zuenir, "1968 O Ano que não Terminou", A Aventura de uma Geração, 7a. edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 228.

e outra válida" (52).

Dos relatos da época ainda se extrai uma percepção de que do lado da turma do Mackenzie haviam, além das armas caseiras (coquetel Molotov, fogos, garrafas e pedras) bombas de gás lacrimogênio e armas de vários calibres (de carabinas a metralhadoras) (53).

Os Uspeanos defendiam-se com as armas caseiras e realizavam assembléias.

Os fatos levam à conclusão obrigatória de que alguém armava os estudantes da Universidade Mackenzie. Provavelmente os mais extremados militantes da direita IPESIANA, ou as senhoras da União Cívica Feminina-U.C.F. que afirmaram suas exigências de extermínio às organizações de esquerda e comunistas.

Por uma estranha coincidência exatamente no conturbado ano de 1968, um rotariano de São Paulo, Eurico Branco Ribeiro, leva aos E.U.A., ao Rotary International a proposta de criação de clubes de jovens adultos em idade universitária. A proposta foi aceita e oficialmente anunciada em julho do mesmo ano e para todo o mundo rotário. É importante não nos esquecermos que 68 foi um ano marcado pela luta estudantil não apenas no Brasil, mas na Europa, Estados Unidos...

O Rotary Club de São Paulo, eficiente e atento à

(52) Idem, p. 224.

(53) Idem, p. 223.

orientação internacional dá início à mais este programa rotário, como relata Marcos Paulo de Almeida Salles. "No cumprimento deste programa, em nossa área, no ano de 1968, sob a condenação do companheiro Eduardo Florsheim, então presidente do Rotary, foi fundado o Rotaract Club Mackenzie, que veio a ser o segundo clube do Distrito 461, somente antecedido pelo Rotaract Club de Ribeirão Preto"⁽⁵⁴⁾.

Junto à recomendação de patrocínio a clubes de jovens-adultos, Rotary International sugere que os clubes participem mais ativamente da vida universitária, nos campus estudantis, dentro de seus territórios. Por esta razão o clube de São Paulo, que tem dentro de seu território a rua Maria Antonia deve escolher uma ou as duas Universidades rivais. Designa, o clube, para este trabalho os rotarianos Cláudio Pereira Jorge, Alberto Arroyo e Carlos Alberto Bueno Netto que vão buscar na Universidade Mackenzie "naquele manancial de bons jovens, o terreno propício para o desenvolvimento do Rotaract"⁽⁵⁵⁾. (...) Três anos mais tarde em 1971 já os presidentes de Rotaract Clubs elegiam seu primeiro governador também saído dos quadros do Mackenzie, o universitário Carlos Del Neto.

Estes clubes de jovens nascem sob o signo da filantropia como o próprio Rotary a mantém até hoje; todavia, o objetivo mais forte é sem dúvida a disseminação do pensamento dominante no Rotary e que nesta época se expressa no mais ferrenho anticomunismo.

(54) Salles, Marcos Paulo de Almeida, "Os Futuros Clubes de Jovens", in Vida Rotária, nº 251, São Paulo, S.D., p. 83.

(55) Idem, p. 83/84.

No período pós 68, a situação política brasileira se traduz por um quadro de violência institucional e exacerbada atuação dos grupos para-militares elevando a limites não imaginados o chamado regime de excessão. A tal nível chega o desrespeito aos direitos elementares de cidadania que desperta a reação de grupos internacionais defensores dos direitos humanos e dos valores democráticos. Estas manifestações internacionais causam desconforto aos rotarianos, cujo discurso expõe seus compromissos com a democracia e com os direitos humanos. Imediatamente a ilimitada "criatividade" do Rotary Club de São Paulo se põe a campo em mais uma campanha, esta a campanha pelo restabelecimento da verdade. Novamente Eduardo Florshein acompanhado por Thouras Romanach, Nelson Barros Camargo, Osvaldo Balarim e Alberto Frioli formam uma comissão encarregada de tratar da questão⁽⁵⁶⁾. Esta Comissão recebeu o apoio da governadoria do Distrito 461 e ao consultar os demais clubes da área metropolitana conseguiu total adesão.

O objetivo da Comissão é demonstrar aos governos e setores importantes no plano internacional, a legitimidade da revolução de 64, e principalmente o saldo positivo que já se expressaria no plano econômico-social e político nacional. Segundo os rotarianos, fazia-se necessário uma campanha que desmentisse os irresponsáveis, os inimigos da pátria que ao fugirem para outros países conseguiram que lá se publicassem inverdades sobre o Brasil e o governo militar.

Usando a mesma estratégia da Campanha Cívica, o Rotary Club de São Paulo procura envolver os demais clubes bra-

(56) Conforme, Burlamaqui de Andrade, José, "A Imagem Internacional do Brasil", in Vida Rotária, nº 251, São Paulo, S.D., p. 58/59.

sileiros bem como outras instituições que abraçam a mesma fé. Aderiram, além dos clubes da área metropolitana de São Paulo, o Rotary Club do Rio de Janeiro e o da Tijuca. Com a aceitação demonstrada por outros clubes e rotarianos, a comissão decidiu pela elaboração de um "documento a ser distribuído a todo o mundo rotário e que chamou-se "Brasil uma Nação que progride a todo vapor". Impresso em 07 idiomas: português, espanhol, francês, Inglês, Alemão, Italiano e Japonês, foram 19.500 exemplares espalhados pelo Brasil e no Exterior.

Isto ocorreu em 1970, em pleno clima de "Brasil ame-o ou deixe-o", Brasil tri-campeão, o mais negro período de torturas e arbitrariedades.

Financiaram o projeto, os rotarianos do Rotary Club de São Paulo com Cr\$ 16.700,00; os demais clubes da área metropolitana com Cr\$ 14.150,00; o rotariano José Ferraz de Carmargo com Cr\$ 5.000,00 e a União Cultural Brasil-Estados Unidos com Cr\$ 10.000,00⁽⁵⁷⁾.

Quanto a União Cultural, já se encontrava em campanha, pois havia feito uma carta ao "Time" dos Estados Unidos, em 10/08/70 contestando matéria daquele órgão de imprensa que condenava o governo brasileiro pela censura e repressão. Segundo a citada carta o "Time" teria se deixado influenciar por "aqueles que por todas as maneiras, procuram incitar a desconfiança e o ódio entre os brasileiros e americanos"⁽⁵⁸⁾. Além da contribuição financeira, a União Cultural Brasil-Estados Unidos forneceu ao Rotary Club fotografias que ilustram o docu-

(57) Conforme, Burlamaqui de Andrade, J., Op.Cit., p. 59.

(58) Idem, p. 59.

mento.

Os rotarianos serviram-se também de um episódio ocorrido em Porto Alegre, quando do cancelamento da V Assembléia Geral da Federação Mundial Luterana a realizar-se naquela cidade. O cancelamento se deu porque a cúpula da igreja com sede em Genebra não via com bons olhos o Governo Brasileiro. Este fato foi relatado na Assembléia Internacional do Rotary em Lake Placid e ocasionou a reação dos rotarianos brasileiros. Daí decorreu a vinda do Pastor Dr. Hans Martin Helbich, de Berlim, para uma viagem de informação pelo Brasil de onde saiu plenamente convencido de que o país vivia dias de paz e desenvolvimento, e comprometeu-se a divulgar lá fora o que viu aqui. Rotary, através de seus órgãos de imprensa publica as impressões do Pastor Helbich.

O documento do Rotary Club de São Paulo, fruto da maior expressão de ufanismo, contempla chavões já gastos a respeito da natureza pacífica e hospitaleira de um povo alegre e gentil, mas, vai mais longe. Expõe os acontecimentos de 1964 como a parte culminante de "uma história impressionante de restauração moral, política e econômica de um País-Chave por sua localização geográfica, por ser o quinto do mundo em superfície e o oitavo em população, e por situar-se, face a seu índice atual de progresso, no estágio de "take-off", rumo ao desenvolvimento" (59).

Com impressionante cinismo o documento segue rebatendo, uma por uma, as críticas feitas à política brasileira. Quanto à violência, vem a afirmação das tradições pacíficas herda-

(59) "Nossa Realidade", in Brasil Rotário, Rio de Janeiro, agosto de 1971, p. 34. Ver a íntegra deste documento no anexo III.

das dos portugueses e o enaltecimento das sempre respeitadas liberdades individuais. "Assassinatos políticos são raridade no Brasil. (...) Mas somos apontados como cruéis e torturadores, exatamente porque estamos derrotando os arautos da violência com a arma poderosa do progresso sob a Democracia"⁽⁶⁰⁾.

Segue-se um canto à proteção, assistência e liberdade garantidas à população indígena, pelo governo federal. Mas, não é só isso. O Brasil aparece no documento como o paraíso, onde se congregam representantes de todas as nacionalidades, os imigrantes irmanados pela busca do progresso, sob a competente condução do presidente Emílio Garrastazu Médici. Todo este progresso, os rotarianos o vêm estampado na imensa vida cultural e artística, estimulada pelos instrumentos criados pelo governo. "Os meios de comunicação - como TV, Rádio, Jornais, Revistas e publicações de toda espécie - cobrem o País. É prova eloquente de que não há no Brasil, restrições à liberdade de expressão, pois, sem essa liberdade a cultura e a arte não poderiam se expandir"⁽⁶¹⁾.

No aspecto do trabalho, enaltece-se a legislação trabalhista que além de garantir ao trabalhador e sua família um serviço social médico e hospitalar completo, chega agora ao limite da modernidade com a participação dos trabalhadores no lucro das empresas, medida apoiada espontaneamente pelos empresários. Os índices que provam os avanços do crescimento econômico são abundantes. Cresce o PIB, cai o Déficit e a renda "per capita" se aproxima de US\$400,00.

(60) Idem, p. 34.

(61) Idem, p. 34.

As obras faraônicas também se dizem presentes, e a Transamazônica é o símbolo maior.

Mais impressionante, porém, são os dados apresentados sobre a política educacional dos seis anos de governo militar.

Os números falam sobre a expansão das matrículas e da aplicação de verbas na educação. E o Estado de São Paulo recebe destaque especial por estar aplicando 31% das verbas orçamentárias na educação.

O Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização, reconhecido como um dos programas de propaganda do governo militar também é destacado pelo seu importante papel na política educacional. E não poderia ser de outra forma, uma vez que, o Rotary Club, reivindicou para si a paternidade da idéia (62). Diz o documento :

"Com a adesão entusiástica dos Rotary Clubs está em andamento em todo o País um programa gigantesco que prevê a alfabetização de 5 milhões de adultos entre 14 e 35 anos de idade nos próximos 4 anos. E esse esforço educacional está sendo compreendido pela juventude universitária brasileira que, ao invés de fomentar agitações estereis se lança com entusiasmo em um programa de estabelecimento de "campi" avançados na hinterlândia, com a participação do governo e da iniciativa privada, para capacitar-se dos problemas e da

(62) Conforme nota publicada em Brasil Rotário, Rio de Janeiro, agosto/1974, "Notícias do Rotary Club de Santos/SP", p.17, "Você sabia? Que o patriotismo, o extraordinário MOBREAL, a Metropolização da Baixada Santista, a Campanha 'Uma Bandeira em Cada Classe' e a ADESG nasceram em nosso clube?"

potencialidade dessas regiões, contribuindo para o seu desenvolvimento. É o "Projeto Rondon", que já está servindo de modelo a projetos semelhantes em outros países" (63).

Da política educacional vigente no país, no início dos anos 70, esqueceram os rotarianos, de destacar os programas de formação de torturadores, em larga expansão, na época. Deixaram de citar não por desconhecê-los, certamente, uma vez que, como constatamos, estavam envolvidos em todas as instâncias do poder (64).

O quadro pintado pelos rotarianos, a fim de vender a imagem do Brasil no exterior, para oferecer segurança ao capital internacional para que continue investindo no País, demonstra coerência com o esforço do governo militar em calar as vozes da oposição, fechando o Congresso Nacional, expurgando as principais Universidades, censurando e reprimindo a imprensa e aos grupos artísticos.

Pacificou-se o país, calando o seu povo, mutilando as suas manifestações, destruindo suas instituições, matando os ideais de toda uma geração.

O compromisso do Rotary Club não foi com a verdade como eles afirmam, mas sim, com seus próprios interesses, independente do custo pago pelos seus opositores. A vida, neste período, teve valor menor que os interesses econômicos dos grandes grupos empresariais e de seus aliados.

(63) Nossa Realidade, Op. Cit., p. 36.

(64) Ver sobre o assunto, Um Relato para a história "Brasil Nunca Mais", 21a. edição, Petrópolis, Vozes, 1988 e "Dos Presos Políticos Brasileiros", Portugal, Edições Maria da Fonte, 1976.

CONCLUSÃO

O clube de homens de negócios norte americanos, surgido no início do século ganha o mundo, atinge quase duzentos países, padroniza a organização e mantém princípios unificados de conduta. Carregando a bandeira da liberdade, ordem e justiça seguem os homens do Rotary em busca do progresso tendo como referências: a nação, o trabalho e os homens de boa vontade.

A meta maior não se modificou ao longo dos oitenta e cinco anos da agremiação: a garantia das condições de reprodução e aprofundamento das relações capitalistas, e, a moralização permanecem produzindo ressonância nos discursos sobre os temas mais variados.

Suas ações, como ficou demonstrado, atestam que, a liberdade de iniciativa (livre empresa) está acima da liberdade como direito de cada um. A preservação da pátria, da família e da democracia converte-se em bandeira capaz de legitimar a destruição de organizações como sindicatos, partidos políticos e universidades, em momentos específicos, como se estas últimas não fossem ao mesmo tempo compostas por membros de famílias, cidadãos da pátria e frutos da própria democracia.

A democracia dos rotarianos não contempla a a igualdade, sequer a igualdade burguesa simbolizada pela igualdade jurídica. O aval, emprestado às ações militares que

geraram todo tipo de violência no país, põe por terra qualquer compromisso com a democracia, por mais limitado que possa ser tal conceito.

A natureza internacional da organização, cuja meta é a expansão, permite ações rápidas e significa um aparato sempre pronto a entrar em cena, bastando para isso que se acionem os sinais. Movidos pelo medo, próprio de quem detém privilégios às custas da exploração, os rotarianos encontram -se organizados a serviço de seus aliados.

O apoliticismo da associação e a sua natureza de clube de serviço mostram-se como mera fachada para encobrir o papel político que mobiliza a organização. Uma estrutura hierárquica rigorosa contribui para a efetivação de ações dirigidas por um grupo reduzido que, legitimado pela experiência e antiguidade no clube, coordena as investidas rotárias contra a sociedade.

Nos quatro temas que destacamos para análise do comportamento do clube comprova-se o exercício da dominação em seus diferentes estágios. Uma educação, voltada para a segregação e para o enquadramento dos diferentes segmentos na estrutura social vigente, prepara os indivíduos para a aceitação dócil da exploração capitalista e da injustiça social.

A ilusão da paz e da harmonia no mundo do trabalho aliada às soluções assistenciais e filantrópicas neutra-

lizam o sabor da desigualdade própria da exploração.

Todas as ações implementadas convergem para a defesa dos interesses das empresas e do capital. Seja educação ou assistência, tratando-se de menores, trabalhadores, pobres, velhos ou doentes, o que está em jogo são sempre dois fatores: a permanência no poder e a defesa da ordem capitalista. Qualquer outro interesse é considerado em plano menor e subjugado a estes.

O Rotary se mostrou uma poderosa organização da classe dominante, permanentemente estruturada e disposta a agir em projetos específicos ou em pequenas causas, como também em momentos cruciais quando a ação necessária é radical. Sua trajetória demonstra uma permanente participação nas questões políticas, nos aparatos do Estado. Se os discursos proferidos até a década de sessenta priorizaram as questões econômicas, de relações de trabalho, as questões de educação e assistência, isto não significou que o Rotary esteve ausente, fora dos aparatos do Estado, ou sem representantes no Congresso Nacional e Assembleias Legislativas. Foi possível verificar neste estudo que a política de atuação do Rotary não se modificou ao longo do tempo, apenas as táticas políticas foram ajustadas às diferentes situações conjunturais.

O apoio ao anti-comunismo de Getúlio, respalda a defesa da ordem, as propostas de assistências aos trabalhadores justificam a política trabalhista que amarra as organiza -

ções sindicais ao Estado. Há uma colaboração recíproca entre o governo Vargas e os empresários rotarianos como demonstramos em vários momentos neste trabalho. Todavia, a abertura política que se segue ao Estado Novo encontra novamente os rotarianos envolvidos no jogo político, na definição da nova ordem social. Do executivo ao Congresso as práticas podem se modificar, entretanto a interferência permanece.

O poder dos empresários rotarianos aparece nas lutas da Assembléia Nacional Constituinte de 1946 quando está em jogo a questão dos lucros das empresas e da remuneração do trabalho.

Organizações como o Rotary Club exercem uma função de vigilância e tutela em relação aos poderes públicos. Suas ações são facilitadas por dois fatores: primeiro porque estão permanentemente organizados para "colaborar" com os poderes públicos com suas campanhas e seus serviços filantrópicos, o que garante o acesso fácil às diferentes instâncias de poder; por outro lado, o Rotary mantém seus quadros nos órgãos governamentais locais e nacionais. A seleção dos associados é feita de forma a garantir esta manutenção dos quadros nos poderes públicos.

A disciplina dos encontros semanais obriga os rotarianos a manterem-se sempre em contato com os temas que polarizam a sociedade. Isto aliado a uma habilidade em adaptar e dar funcionalidade aos seus discursos faz com que

eles aparentemente mudem seu foco de atuação em diferentes momentos. Hoje, por exemplo, os rotarianos estão preocupados com a preservação do meio ambiente, com o controle das drogas e da AIDS, todavia, não se encontra qualquer projeto coletivo envolvendo os empresários industriais no controle à poluição nas suas empresas. O que se tem são campanhas de educação da população quanto ao problema. Com referência à droga, a proposta dos rotarianos se prende aos usuários, não à produção e o tráfico.

Isto só faz demonstrar a maleabilidade da organização que na década de sessenta liderou, ao lado do IPES, as articulações que culminaram no golpe militar contra João Goulart.

Através do Estado ou como um organismo paralelo, o Rotary, segue interferindo nos rumos da política brasileira. O poder econômico, expresso pela soma do capital que representa cada associado, permite ao clube desviar qualquer proposta política comprometida com outra classe social que não a dos empresários. Um bom exemplo disto é a proposta feita por Almeida Salles em agosto de mil novecentos e noventa, para que os rotarianos assumam seu papel na nova conjuntura gerada pela Constituição de 1988.(1) Segundo o orador, o Rotary sendo o maior clube da América Latina e aquele composto pelos melhores

(1) Salles, M. P. de Almeida, "A Consciência Nacional e o Direito", in Boletim Servir, São Paulo, nº 2958, 17/08/90, pág.2

homens não pode se furtar à sua responsabilidade. Deve se conscientizar que os desdobramentos da política recente no Leste Europeu provou que sindicalismo não significou compromisso revolucionário e que, a nova Constituição brasileira desvinculou os sindicatos do ministério do trabalho o que dá margem à novas formas de militância sindical. Assim o orador propõe aos rotarianos a luta pela coordenação dos interesses do fator capital para se equilibrarem as forças em relação à organização dos trabalhadores.

Em paralelo a uma atuação sindical que funciona como grupo de pressão, os rotarianos continuam pressionando individualmente e através de seus quadros os poderes públicos. Como ocorreu recentemente por ocasião da promulgação de uma legislação específica sobre o menor.(2) O próprio Almeida Salles foi destacado pelo Rotary Club de São Paulo para defender os interesses dos rotarianos nesta questão. O que estava em jogo era uma legislação tão flexível que permitisse o aprofundamento e a expansão da atuação do Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro - CAMP.

A formação de opinião, nos diferentes programas educacionais é o alicerce mais sólido para a atuação rotária. Esta garante a legitimidade das ações mais duras que a organização possa tomar. Fatos simples como a comemoração feita no

(2) Assembléia Geral Ordinária do CAMP - Metropolitano in Boletim Servir , São Paulo, nº 2959, 24/08/90, pág. 3.

Rotary Club de São Paulo na reunião que ocorreu logo após a derrota do candidato à Presidência da República Luiz Inácio Lu la da Silva, são importantes alimentos desta formação. A manifestação do clube foi feita no sentido de comemorar o afastamento do perigo representado pelo Partido dos Trabalhadores e de Lula no poder. Um perigo que ainda reflete um anti-comunismo ultrapassado, porém, capaz de impedir qualquer avanço no sentido de uma democracia social ou de se contemplar os anseios mais caros da população, envolvendo o estabelecimento de uma sociedade mais justa.

O peso desta educação que envolve rotarianos, seus aliados e seus assistidos pode ser avaliado pelo discurso de um aluno formado pelo Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro - CAMP, patrocinado por Rotary Clubs da região metropolitana de São Paulo, considerando que o curso tem uma duração de apenas três meses.

"Discurso redigido pelo patrulheiro Marcelo Riquetti:

Ilmo. Sr. Napoleão Moraes Munhos,
 Presidente do CAMP-METROPOLITANO
 Srs. Diretores do Rotary Club, Queridos Pais,
 Professores, Meus Colegas

Bom dia!

CAMP, um virus que deu certo.

A Síndrome CAMP vem de uns tempos para cá atinu

gindo pessoas que buscam um início de atividade profissional.

O contágio é através de outros indivíduos contaminados pelo CAMP ou que soubesse de alguns casos de contaminação.

Os sintomas podem ser sentidos pelos patrulheiros (nome que se dá ao contaminado) ou por seus pais que perderam força no decorrer das semanas. Geralmente as características do sintoma são:

- responsabilidade crônica;
- assiduidade e pontualidade britânica;
- colaboração ativa.

O vírus CAMP penetra no corpo humano onde se instala em uma célula que fica em incubação, em média 3 meses. Daí por diante ele se reproduz e começa então a tomar conta do organismo, do coração, da cabeça do indivíduo.

Logo o vírus faz parte do corpo humano, como a seiva faz parte de uma planta, e tudo isto graças à competência inquestionável e incansável dos guias que fazem do CAMP um vírus inabalável.

O vírus CAMP não surgiu como um mero acontecimento mas foi idealizado por um grupo de cientistas do Rotary Club que dispostos e preocupados com o desempenho dos jovens no mercado, resolveram criá-lo.

No entanto o vírus cresceu atingindo mais e mais pessoas, espalhando sua ideologia de progresso e construção insaciável de conhecimento na cabeça dos patrulheiros.

Neste dia diante de todos que de uma maneira ou de outra nos ajudaram, vai acontecer um momento muito impor

tante em nossa vida pois estamos ingressando em um novo mundo e enxergando o mundo do trabalho de uma maneira diferente, hoje recebemos alta, nós estamos curados, não curados do vírus e sim curados de um receio ou medo da ignorância, falha e rejeição do mercado de trabalho a nós jovens, pois deste momento em diante nós somos um pedaço do CAMP e o CAMP é uma de nossas faces. É esse vírus que nos encaminha a vida, que irá dar a chave da independência, em nossas mãos e só nos cabe a escolha de vivermos a nossa vida ou não.

CAMP um vírus que deu certo, e que sempre continuará dando certo pois tenho certeza de que o homem não vive só de pão, vive dos sonhos e objetivos à conquistar vive de esperança e enquanto ela existir não vai faltar gente humana como estas pessoas que nos estenderam a mão.

DISCURSO FEITO POR: "Marcelo Riquetti"

Sala Montessori" (3)

(3) Boletim Servir, São Paulo, 14/09/90, pág. 2960

BIBLIOGRAFIA

1. ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia, São Paulo, Mestre Jou, 1970.
2. ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon. "Instituição e Poder", Rio de Janeiro. Edições Graal, 1980.
3. BENDIX, R. Trabajo y Autoridad en la Industria, Buenos Aires, Eudeba, 1966.
4. BERTAUX, Daniel. "Destinos Pessoais e Estrutura de Classe", T. Maria José da Silveira Lindoso, Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1979.
5. BOBBIO, N., MATTEUCCI. N., PASQUINO. G., "Dicionário de Política", 2ª edição. Tradução João Ferreira, Carmem C. Variabile e outros. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1986.
6. BOSCHI, Renato Raul. "Elites Industriais e Democracia:", tradução de Patrick Burglin, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
7. BOTTOMORE, T.B.. "As Elites e a Sociedade". 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.
8. BRASIL nunca mais, 21ª edição, Petrópolis, Vozes, 1988.
9. CANETTI, Elias. "Massa e Poder". Tradução Rodolfo Krestan. São Paulo: Melhoramentos; (Brasília): Ed. Universidade de Brasília, 1983.
10. CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia., "O Bravo Matutino", São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1980.
11. CARDOSO, F. Henrique, Ideologias de la Burguesia industrial en la sociedades dependientes, 2ª edição, México, siglo XXI, 1972.
12. CARDOSO, Irene R. . A Universidade da Comunhão Paulista, São Paulo, Cortez Editora Autores Associados, C. 1982.
13. CARVALHO, José Murilo de. "A Construção da Ordem". Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.
14. COCHRAN, Thomas C. . "Estados Unidos en el Siglo XX". Tradução Aníbal C. Leal. Buenos Aires, Editorial Paidós. 1968.
15. COMITÊ Pró-Amnistia Geral dos Presos Políticos no Brasil. "Dos Presos Políticos Brasileiros". Lisboa, Edições Maria do Fonte, 1976.

15. COVRE, Maria de Lourdes M. . "A Fala dos Homens"., São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
16. CRUZ COSTA, "A Filosofia no Brasil". Porto Alegre. Edição da Livraria do Globo. 1945.
17. DA MATTA, Roberto. "Carnavais, Malandros e Heróis". 4ª edição, Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1983.
18. DEAN, Warren. "A Industrialização de São Paulo". Tradução Octávio Mendes Cajado. 3ª edição, S.P., Difel, SD.
19. DEBRUN, M. "A Conciliação e Outras Estratégias." São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
20. DONZELOT, Jacques. "A Polícia das Famílias". Tradução de M. C. da Costa Albuquerque. 2ª edição, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986.
21. DÖRNER, Klaus. "Ciudadanos y Locos" T. Riaza, Madrid, Taurus, 1974.
22. DREIFUSS, René Armand. "1964: A Conquista do Estado". 4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986.
23. ETZIONI, Amitai. "Organizações Complexas". Tradução de João Antonio de C. Medeiros, São Paulo. Atlas, 1973.
24. FAORO, R. . Os donos do poder., 7ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1987.
25. FOUCAULT, Michel. Microfísica Del Poder. Edición e traducción Julia Varela y Fernando Alvarez-Uría. Madrid. La Piqueta, 1978.
26. GALEANO, Eduardo. "As Veias Abertas da América Latina". Tradução de Galeno de Freitas. 16ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
27. GOULDNER, Alvin. "La Crisis de la Sociología Occidental"., Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979.
28. GRAMSCI, Antonio. "Maquiavel, A Política e o Estado Moderno". 5ª edição. Tradução Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
29. IANNI, Octávio. "Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)". 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
30. KEHL, Renato. "Pais, Médicos e Mestres". Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1939.
31. KEHL, Renato. "Porque sou Eugenista ?". Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, s/nº.

32. LEFORT, Claude. "A Invenção Democrática". Tradução Isabel Marva Loureiro, São Paulo, Brasiliense, 1983.
33. LENHARO, Alcir. "Sacralização da Política". 2ª edição, Campinas - São Paulo, Papyrus, 1986.
34. LOSCHIAVO DOS SANTOS, Maria Cecília (org.). "Maria Antonia: Uma Rua na Contramão". São Paulo, Nobel, 1988.
35. MANNHEIM, K. Conservative Thought, in Essays on Sociology And Social Psychology, London, Ed. Routledge & Kegan Paul Ltda., 1959.
36. MARX, K. "A Questão Judaica", São Paulo, Editora Moraes.
37. MELLO, B. Vieira de. "A Higiene na Escola". São Paulo, Typographia do Diário Oficial, 1902.
38. MEYNAUD, Jean. Sidjanski, Duzan. "La Europa de los Negocios". Versión Castellana Juan Antonio Mercado Pilar; Llopert. Barcelona, Instituto de Ciencias Sociales, 1968.
39. MEYNAUD, Jean. "Os Grupos de Pressão". Tradução Pedro Lopes de Azevedo, Lisboa, Publicações Europa-América, 1960.
40. MILLS, C. W. "As Elites do Poder". Tradução Waltensir Dutra, 3ª edição, Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1975.
41. MILLS, W. "Las Classes Médias en Norteamérica". Madrid, Aguilar, 1961.
42. MILLS, C. Wight. "Sociologia y Pragmatismo". Tradução Aníbal Leal, Buenos Aires, Siglo Viente, 1963.
43. MORAES, Fernando. "Olga". A vida de Olga Benário Prestes, Ju- dia, Comunista, Entregue a Hitler pelo Governo Vargas. 4ª edi- ção, São Paulo, Alfa-Omega, 1985.
44. MOTTA, Fernando. "Empresários e Hegemonia Política". São Pau- lo, Editora Brasiliense, 1979.
45. NICHOLS, Roy F. BAGLEY, W.C., BEARD, C.A., "Os Estados Unidos De Ontem e de Hoje". Tradução de Carlos Lacerda e Fernandes Tude de Souza. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941.
46. NISBET, Robert. "História da Idéia de Progresso". Tradução de Leopoldo José Collor Jobim, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985.
47. PAIM, Antonio. "História das Idéias Filosóficas no Brasil". 2ª edição, São Paulo, Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
48. PANTALEONE, Michele. "Máfia 1943-1962". Tradução de Helena Pessôa, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S.A., 1962.

49. PINTO, Luis de Aguiar da Costa. "Lutas de Famílias no Brasil". São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1980.
50. QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. "Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva". São Paulo, CERU e FFLCH/USP. 1983, 2ª edição.
51. RAGO, Margareth. "Do Cabaré ao Lar". 2ª edição, São Paulo, Paz e Terra, 1985.
52. ROCKER, Rudolf. "Nacionalismo y Cultura". 3ª edição, Tradução D.A. de Santillán, Buenos Aires, Editorial Americalee, 1949.
53. ROMANO, Roberto. "Conservadorismo Romântico". São Paulo, Brasiliense, 1981.
54. ROUSSEAU, J.J. . "Do Contrato Social" , Tradução de Lourdes dos Santos Machado, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).
55. SAINT-SIMON, Claude-Henri. "L' Industrie". in oeuvres de Claude-Henri de Saint-Simon. Tome II, Paris, Éditions anthropos. Réimpression anastaltique, 1966.
56. SCHWARTZMAN, Simon. "Bases do Autoritarismo Brasileiro". 3ª edição, Rio de Janeiro, Campus, 1988.
57. SILLS, David L. (comp.) "Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales", Madrid, Aguilar, 1974-1976.
58. TENCA, Alvaro. "Razão e Vontade Política". Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1987.
59. THERBORN, Góran. "Como Domina la Classe Dominante ?". 2ª edição, México, Siglo XXI editores, 1982.
60. TOCQUEVILLE, Alexis C.H.M.C. . "Democracia na America". Edição condensada por Richard D. Heffner. Tradução de João Miguel Pinto de Albuquerque. São Paulo, Editora Nacional, 1969.
61. TRAGTENBERG, Mauricio. "Burocracia e Ideologia". 2ª reimpressão, São Paulo, Ática, 1977.
62. VENTURA, Zuenir. "1968 O Ano Que Não Terminou, A aventura de uma geração". 7ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
63. VIANNA, Oliveira. "Problemas de Política Objectiva", São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930.
64. WEBER, Max. "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". Tradução M. Irene de Q.F. Szmrecsányi e Tomás J.M.K. Szmrecsányi. 5ª edição, São Pulo, Livraria Pioneira Editora, 1987.

65. WEBER, Max. "Economia y Sociedad". Esbozo de Sociologia Comprensiva. Tradução José Medina Echavarría, Juan Roura Parella, Eugenio Ímas, Eduardo García Maynéz y José Ferrater Mora. México, Fondo de Cultura Económica, 1984.
66. WEBER, Max. "Ensaio de Sociologia". 5ª edição, tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

ARTIGOS

1. DE DECCA, Edgar Salvador. "A Ciência da Produção: Fábrica Despolitizada". in Revista Brasileira de História. São Paulo, setembro 1983.
2. FENELON, Déa Ribeiro. "Estado, Poder e Classes Sociais". in Revista Brasileira de História. São Paulo, Março 1984.
3. O'DONNELL, Guilherme . "Anotações Para uma Teoria de Estado "I"". in Revista de Cultura e Política, nº 3. Paz e Terra , Dezembro 1980.
4. _____ . Anotações Para uma Teoria de Estado II". in Revista de Cultura e Política, nº 4. Paz e Terra , abril 1981.
5. SCHWARTZMAN, Simon; REIS, Fábio Wanderley e CARDOSO, Fernando Henrique. "As Eleições e o Problema Institucional". in Dados, nº 14. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1977.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. AMARANTES, Alberto Pires. "Contribuição à História do Rotary no Brasil". Rio de Janeiro. Cooperativa Editora Brasil Rotário Ltda. 1973.
2. BÁRCENA, Felipe Alonso. "Los Rotários", 4ª edición, Madrid, Editorial Razón y Fé. 1929.
3. BRASIL Rotário, Rio de Janeiro, 01 - 67, (1-820), 1923 - 1990.
4. GUELL, José Ros y, & JAMES, Norman J. Cinnamond. "Rotary, Rotarismo e Rotarianos". São Paulo. Graphia Paulista, 1936.
5. HARRIS, Paul P. . "Esta Era Rotária". São Paulo. Rotary International. 1939.
6. HARRIS, Paul P. . "O Fundador do Rotary". Tradução Hermínio Gomes Moreira. São Paulo. Rotary International. 1954.
7. MANUAL de Procedimentos: com informações suplementares, S.L, Rotary International, 1975.
8. MATTOS, Anibal. "O Rotary no Brasil e os Problemas Brasileiros". Belo Horizonte. Edições Apollo.
 _ _ _ _ _ , "Caminhos do Rotary", Belo Horizonte. 1957.
9. MENDONÇA, Gérson. "Conhecer o Rotary". São Paulo. 1947.
10. _ _ _ _ _ , "Dar de Si". São Paulo, Rotary International, 1949.
11. _ _ _ _ _ , "Verdades Rotárias". São Paulo, 1950.
12. MOREIRA, Hermínio Gomes. "Resumo Histórico do Rotary Club de São Paulo, 1924-1955". São Paulo, Gráficas de Saraiva S.A. 1955.
13. PEREIRA, Herbert de Arruda. "Fundação de Rotarianos de São Paulo, 1947 - 1960". S.P. Saraiva S.A. 1961.
14. PORTES, José Silvana. "Cartilha Rotária". 2ª edição, Brasília. Rotary Internal. 1983.
15. RIBEIRO, Eurico Branco. "Assim É Rotary". São Paulo, 1953.
16. _ _ _ _ _ , "Atividades Internacionais do Rotary". São Paulo, 1965.
17. RIBEIRO, Eurico Branco. "Pelas Avenidas do Rotary". São Paulo, 1961.

18. RIBEIRO, Eurico Branco. "O Rotary em Evolução". São Paulo, 1954.
19. RIBEIRO, Eurico Branco. "O Rotary Sexagenário". São Paulo, 1965.
20. _ _ _ _ _ , "Rotary, O Legado de Paul Harris", São Paulo, 1948.
21. _ _ _ _ _ , "25 Anos de Rotary", São Paulo, 1961.
22. ROTARY Club de São Paulo: 1924 - 1979 - 55 anos servindo, São Paulo, 13 de fevereiro 1979. Edição Única comemorativa do aniversário do Rotary Club de São Paulo.
23. ROTARY no Mundo, S.L., Rotary International, 1975.
24. ROTARY sem mestre, São Paulo. Ed. Rotary Club de São Paulo. 1968.
25. SETE Caminhos da Paz, S.L., Rotary International, C 1959.
26. SERVIR Boletim semanário do Rotary Club de São Paulo, 1-23 (1-2963) 1924-1990.
27. VIDA ROTÁRIA, São Paulo, 1-38, (1-332), 1949-1987.
28. VIDA Rotária, São Paulo, (251) s.d., Edição Comemorativa do cinquentenário Mário do Rotary Club de São Paulo.

ANEXO I

Documentos da Campanha Herbert Taylor

CÍRCULO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES PROFISSIONAIS

SÃO BERNARDO DO CAMPO — Est. de S. Paulo

PELA PAZ SOCIAL

RELAÇÕES ENTRE PATRÃO E EMPREGADOS

A Paz Social, indispensável à estabilidade das instituições e essencial ao progresso e à felicidade da Nação, depende, fundamentalmente, da cooperação entre o Capital e o Trabalho.

O QUE O PATRÃO ESPERA DO EMPREGADO

- 1.º) Dedicção, baseada na Honestidade e na Lealdade.
- 2.º) Produtividade máxima, baseada na eficiência e na assiduidade.
- 3.º) Interêsse pelo progresso da empresa, baseado na sua identificação com a mesma.
- 4.º) Compreensão quanto aos problemas com que o Capital se defronta, inerentes às suas responsabilidades de manutenção da continuidade da empresa.
- 5.º) Cooperação, sob tôdas as formas e em todos os sentidos, traduzida por uma elevada conduta de disciplina e boa vontade, não só em relação aos seus superiores, como aos companheiros de trabalho.

O QUE O EMPREGADO ESPERA DO PATRÃO

- 1.º) Remuneração justa e equitativa, com respeito integral aos direitos assegurados pela Legislação Trabalhista e oportunidade de acesso a melhores funções.
- 2.º) Tratamento humano e cordial, baseado na compreensão das deficiências da natureza de cada um e contribuição ao aperfeiçoamento dos seus conhecimentos ou da sua eficiência profissional ou técnica.
- 3.º) Reconhecimento do esforço pessoal e da dignidade das suas funções, por mais modestas que sejam, como parte da própria dignidade da pessoa humana.
- 4.º) Ambiente de trabalho higiênico e condigno.
- 5.º) Respeito aos seus deveres de probidade.
- 6.º) Reconhecimento do direito de, pelo seu esforço em prol da empresa, poder considerar-se integrado na mesma, vinculando a isto suas aspirações com relação ao futuro.

E o Brasil espera que, cômscios dos seus deveres cívicos, patrões e empregados, reconhecendo reciprocamente a legitimidade de tais objetivos, se disponham a dar à causa da Paz Social a mais patriótica das suas contribuições.

ANEXO I

CÍRCULO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES
PROFISSIONAIS

SÃO BERNARDO DO CAMPO — Est. de S. Paulo

PELA PAZ SOCIAL

RELAÇÕES ENTRE VENDEDORES E
COMPRADORES

As boas relações entre vendedores e compradores, que sempre refletem o estado sadio da economia de uma Nação, essencial à estabilidade de suas instituições, constituem, além disto, apreciável contribuição à causa da PAZ SOCIAL.

O QUE O COMPRADOR ESPERA
DO VENDEDOR

- 1.º) Honestidade na venda da mercadoria ou serviço. A propaganda ou a oferta devem basear-se em informações sobre a qualidade ou eficiência da coisa vendida, correspondendo rigorosamente à realidade.
- 2.º) Honestidade na fixação do preço. Este deve basear-se em margem de lucro razoável, não podendo ser alterado senão por força de circunstâncias, realmente imperiosas e justificáveis nos termos da transação.
- 3.º) Honestidade na garantia, que deve sempre amparar a mercadoria ou serviço vendido. Tal garantia, quando não expressa, deve ser sempre considerada como implicitamente vinculada à reputação do vendedor.
- 4.º) Honestidade no cumprimento de todas as demais responsabilidades e obrigações inerentes à operação de venda.
- 5.º) Reconhecimento pela preferência implícita na compra.

O QUE O VENDEDOR ESPERA
DO COMPRADOR

- 1.º) Rigorosa pontualidade no pagamento.
- 2.º) Rigoroso cumprimento de todas as demais responsabilidades e obrigações inerentes à operação de compra.
- 3.º) Reconhecimento da qualidade ou eficácia revelada pela coisa comprada, e honestidade nas eventuais referências a terceiros, a este respeito.
- 4.º) Reconhecimento do serviço à coletividade constituído pelas atividades profissionais do vendedor.

E o Brasil espera que, cónscios das suas responsabilidades cívicas e sociais, vendedores e compradores, reconhecendo a legitimidade dos objetivos acima, se disponham a uma permanente e recíproca atitude de boa vontade e cooperação, em benefício do progresso e da felicidade da Nação.

CÍRCULO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES PROFISSIONAIS

SÃO BERNARDO DO CAMPO — Est. de S. Paulo

PELA PAZ SOCIAL

RELAÇÕES ENTRE COMPETIDORES

As boas relações entre competidores, que sempre refletem o estado sadio do ambiente econômico profissional, contribuem para a estabilidade das instituições e concorrem grandemente em benefício da causa da PAZ SOCIAL.

O QUE ESPERA CADA PROFISSIONAL (INDUSTRIAL, COMERCIANTE OU MEMBRO DE PROFISSÃO LIBERAL) DOS SEUS COMPETIDORES

- 1.º) *O reconhecimento de que a sua atividade, tanto quanto a de seus colegas, constitui serviço prestado à coletividade;*
- 2.º) *Concorrência baseada em rigorosos princípios de ética;*
- 3.º) *O testemunho, que vier a se tornar necessário e tiver fundamento na verdade, abonador de tudo o que se referir à sua probidade profissional;*
- 4.º) *O apoio e solidariedade profissional que se fizerem oportunos ou necessários, por força do espírito de classe.*

E o Brasil espera que, cõscios das suas responsabilidades cívicas e reconhecendo a legitimidade dos objetivos acima, competidores de tãda espécie, tanto nos círculos econômicos, como nos das profissões liberais, se disponham a uma permanente e recíproca atitude de boa vontade e cooperação, em benefício do progresso e da felicidade do País.

ANEXO II

Breve listagens de Rotarianos em
Cargos Públicos - 1966 - 1979

ANEXO IIPresença de Rotarianos em Cargos Públicos1966 a 1979 (Eleitos ou nomeados)

Este levantamento foi feito a partir das informações publicadas na secção "Rotarianos que são Notícia" da Revista Brasil Rotário. Não significa um levantamento completo, uma vez que a informação para tal secção da revista é voluntária e assistemática. Serve apenas para se ter uma pálida idéia da influência exercida pelos rotarianos junto ao poder público em seus diferentes níveis.

1966

- Otto Cyrillo Lehmann - R.C. de Santo Amaro/SP
Nomeado Ministro do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo
- José Milton Bastos - R.C. de Alagoinhas/BA
Nomeado gerente da agência local do Banco da Bahia
- Mário Novaes Soares - R.C. Tijuca/RJ
Nomeado pelo Presidente da República Diretor do Instituto Benjamim Constant (cegos)
- Mário Luiz Ribeiro - R.C. de Santos Dumont
Prefeito Municipal

- Eraldo Gueiros - R.C. de Recife - Boa Vista
Candidato da Arena ao Governo do Estado de Pernambuco
- Martins D'Alvarez
Diretor da Faculdade de Odontologia da Universidade do Brasil

1967

- Manoel Cabraz Machado - R.C. de Aracaju/SE
Vice-governador do Estado de Sergipe
- Waldir Victor Foureaux - R.C. de Barbacena/MG
Tenente Coronel e Comandante do 9º Batalhão de Infantaria
da Polícia Mineira (Medalha de Ouro do Governador do Estado)
- José Eugênio - R.C. de Barbacena
Prefeito Municipal
- Carlos Alberto de Barros Sampaio - R.C. Aracaju/SE
Secretário de Educação do Governo do Estado de Sergipe
- João Batista Vigiano - R.C. de Ponte Nova/MG
Prefeito de Ponte Nova
- Domingos Sávio Teixeira Lanna - R.C. de Ponte Nova/MG
Vice-Prefeito
- Gileno da Silveira Lima - R.C. de Aracaju/SE
Prefeito Municipal
- Damásio Barbosa da Franca - R.C. de João Pessoa/PB
Prefeito Municipal

1968

Não há informações de rotarianos em cargos públicos (políticos).

1969

- Anderson Eloy de Almeida - R.C. Ceará Mirim
Prefeito Municipal
- José Olímpio da Freiria - R.C. de Batatais/SP
Prefeito Municipal
- Joaquim José do Nascimento - R.C. de Batatais/SP
Vice-Prefeito
- Antonio Carlos Prado Batista - R.C. de Batatais/SP
Presidente da Câmara Municipal
- Ancelmo Testa e Alcebiades Alves Tostes - R.C. Batatais
Vereadores
- João Righini - R.C. de Catanduvas/SP X
Prefeito Municipal
- Pedro Nechar - R.C. de Catanduvas/SP X
Vice-Prefeito
- José Marcos Romero - R.C. de Catanduvas/SP
Vereador X
- Massuyuki Kawano - R.C. Tupã/SP
Vice-Prefeito
- Leonir Farina - R.C. Veranópolis
Vice-Prefeito

- Taketoshi Higuchi - R.C. Veranópolis
Presidente da Câmara de Vereadores
- Nelson Pereira - R.C. São Paulo-Norte
Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
- Sérgio Dias Guimarães - R.C. de Goiânia/GO
Diretor Nomeado do Departamento de Educação e Cultura da
Universidade Federal de Goiás
- J. B. Gatto Falcão - R.C. de Maceió/AL
Nomeado Secretário do Planejamento do Governo do Estado de
Alagoas
- Hermírio Gomes da Silva - R.C. Governador Valadares/MG
Prefeito Municipal
- José Resende Ribeiro - R.C. Belo Horizonte/MG
Nomeado Presidente da Caixa Econômica Federal no Estado de
Minas Gerais
- Jacy de Assis - R.C. de Goiânia/GO
Nomeado Procurador Geral do Estado de Goiás

1970

Não há informações.

1971

- Carlos Furtado de Simas - R.C. da Bahia
Presidente da TEBASA - Telecomunicações da Bahia S/A

- Geraldo Dannemann - R.C. da Bahia
Diretor do Banco da Bahia
- Vasco de Azevedo Neto - R.C. da Bahia
Deputado Federal
- Cleriston Andrade - R.C. da Bahia
Prefeito de Salvador
- Gilberto Gordilho Pedreira - R.C. da Bahia
Procurador Geral do Município de Salvador
- Hélio Raimundo de Brito - R.C. da Bahia
Secretário Particular do Governador do Estado
- Luiz Antonio Saúde de Oliveira - R.C. da Bahia
Secretário da Fazenda do Estado da Bahia
- João José de Carvalho Sá - R.C. da Bahia-Leste
Presidente da Associação Comercial da Bahia
- Roberto Santos.- R.C. da Bahia-Leste
Reitor da Universidade Federal da Bahia
- Domingos Pimentel Ulhoa - R.C. de Uberlândia
Reitor da Universidade de Uberlândia
- Álvaro José de Pinho Simões - R.C. de Brasília/DF
Secretário de Saúde do Distrito Federal

1972

- Guido Arzua - R.C. Curitiba-Oeste
Presidente do Conselho Estadual de Educação do Paraná

- Rondon Pacheco - R.C. de Belo Horizonte
Governador do Estado de Minas Gerais
- Abílio Machado Filho - R.C. de Belo Horizonte
Secretário do Governo de Minas Gerais

1973

- Amilcar Henrique Savassi - R.C. de Barbacena/MG
- João Batista Costa Sad - R.C. de Barbacena/MG
- João Lopes da Silva - R.C. de Barbacena/MG
- José Eugênio Dutra Câmara - R.C. de Barbacena/MG
Prefeitos das últimas 5 gestões no município de Barbacena
- Ariston Cardoso - R.C. de Ilhéus/BA
Prefeito Municipal
- Luiz Bispo - R.C. de Aracaju/SE
Reitor da Universidade Federal de Sergipe
- Waldir Filizola - R.C. de Araçatuba/SP
Prefeito Municipal

1974

- José Pinto Alves - R.C. do Rio de Janeiro
Deputado Estadual
- Paulo Mariano Ferraz - R.C. São Paulo-Oeste
Presidente da CMTC - Companhia Metropolitana de Transportes
Coletivos

- Salvador Julianelli - R.C. São Paulo
Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
Secretário de Saúde
- Aloísio da Costa Chaves - R.C. Belém/PA
Governador do Pará
- Tarcísio Maia - R.C. de Mossoró/RN
Governador do Rio Grande do Norte
- Gileno Lima - R.C. de Aracaju/SE
Coordenador da ADESG em Sergipe
- Nivaldo Rodrigues Machado - R.C. de Olinda/PE
Deputado Estadual

1975

- Naldemar Gomes Castro - R.C. Madureira/RJ
Diretor da Polícia Especializada do Estado do Rio de Janeiro
- Roberto da Paixão - R.C. Goiânia-Sul
Chefe da Casa Civil de Sua Excelência o Governador
Irapuan Costa Júnior
- Orlando Feliciano Leão - R.C. do Rio de Janeiro
Secretário de Obras do Rio de Janeiro
- Edgard Pires Sá - R.C. do Rio de Janeiro
Diretor de Polícia Metropolitana do Rio de Janeiro

1976

- Flávio Rudge Ramos - R.C. de Campos do Jordão
Prefeito Municipal

1977

- Antonio Soares Dias - R.C. de Montes Claros/MG
Presidente da Assembléia Legislativa Mineira
- Antonio Lafetá Rebello - R.C. de Montes Claros/MG
Prefeito Municipal
- Rotarianos do Rotary Club de Barbacena/MG
 - . Vicente de Paulo Araújo - Prefeito Municipal
 - . Edson Campos Paolucci
Diretor Geral do Departamento de Água e Esgoto da Prefeitura
- Carlos José da Silva Fortes
Secretário Municipal de Educação e Cultura
- Carlos Henrique Policeni
Secretário Municipal de Viação, Obras e Serviços Públicos
- Paulo da Rocha Camargo - R.C. São Paulo-Perdizes
Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo
nos Governos Abreu Sodré e Paulo Egydio Martins
- Valdomiro de Carvalho - R.C. de Taubaté-Oeste/SP
Prefeito Municipal
- Antonio Carlos Ribas Branco - R.C. de Taubaté-Oeste
Vereador
- Rotarianos do R.C. de Rio Branco-Acre
 - . Fernando de Oliveira Conde
Presidente do Tribunal de Justiça
 - . Fernando Inácio dos Santos
Interventor Federal da Cidade de Rio Branco
 - . Juracy Peres Magalhães
Procurador Geral do Estado

- Edgard Vianna - R.C. de Belém-Norte
Presidente do Tribunal de Justiça do Estado

1978

- Júlio Augusto Magalhães Martins - R.C. Boa Vista
Prefeito Municipal
- Maurício Sandoval Ribeiro - R.C. de Franca-Oeste
Prefeito Municipal
- José Denizard Macedo - R.C. de Fortaleza
Secretário Estadual de Cultura
- José Campomizzi Filho - R.C. de Ubã/MG
Secretário Adjunto da Educação do Estado
- Rotarianos do Rotary Club de Imperatriz-Maranhão
Carlos Gomes de Amorim - Prefeito Municipal
Dorian H.T. Meneses - Chefe de Gabinete do Prefeito
José Carlos Batista - Secretário Municipal de Administração
Joaquim Paulo de Almeida - Presidente da Câmara Municipal
- Neumar Adélio Godoy - R.C. de Maringá/PR
Reitor da Universidade Estadual de Maringá

1979

- José Carlos Pinotti - R.C. de Londrina/PR
Reitor da Universidade de Londrina
- Jorge Augusto Novis - R.C. da Bahia
Secretário de Saúde do Estado

- Hélio Raimundo Brito - R.C. Bahia-Norte
Secretário Particular do Governador do Estado
- Adib Domingos Jatene - R.C. São Paulo
Secretário de Saúde do Estado de São Paulo
- Oscar Alves - R.C. de Londrina
Secretário de Saúde do Estado do Paraná
- Ólberes Pizão - R.C. de São Paulo - Barra Funda
Secretário do Planejamento e Coordenação de Campinas
- Willer da Silva Campos - R.C. de Juiz de Fora
Diretor de Ensino da Polícia Militar de Minas Gerais
- Rotarianos do Rotary Club de Bocaiúva do Sul - SP
Vilares Sartorelli - Prefeito Municipal
Egídio Dorighele - Vice-prefeito municipal
Wanderley Franco - Presidente da Câmara Municipal
José Antonio Nogueira - Vereador
- Francisco de Assis Castilho Moreira - R.C. de Caxambu/MG
Prefeito Municipal
- José Luiz Piva - R.C. de Urussanga/SC
Vice-Prefeito Municipal
- Epaminondas Ramos Silva - R.C. de Jequitinhonha/MG
Chefe de Gabinete do Diretor Geral do Departamento de
Estradas de Rodagem de Minas Gerais
- Caspar Erich Stemmer - R.C. de Florianópolis/SC
Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina

ANEXO III

Alguns documentos referentes à
Campanha Cívica e ao Golpe de 1964,
grifados pela autora.

CARTA DO COMPANHEIRO ADALBERTO

Vida Rotária, Ano XIV
 Nº 142, fev. 1962,

Carta endereçada pelo companheiro ADALBERTO BUENO NETTO aos ex-governadores de todo o Brasil e aos clubes do Distrito 461.

São Paulo, 26 de dezembro de 1961.

Prezado companheiro:

TODOS estamos sentindo que os acontecimentos dêste ano que está no seu término, nos conduziram a uma situação de tal gravidade que precisa ser encarada com objetividade e com coragem por todos quantos têm o que perder e que aspiram continuar a viver em liberdade. Chegamos a esse ponto crítico na tensão social por motivos vários e, principalmente, não haja dúvida, porque a maioria que poderia e ainda pode levar a nação a melhores rumos vem cuidando apenas de seus interesses particulares e, o que é pior, muitas vezes agindo de forma que dá a impressão de que se sente no fim e que por isso mesmo procura aproveitar o pouco que lhe resta. Esse alheamento e ação criminosos estão proporcionando oportunidade aos incapazes, aproveitadores e demagogos e dando lugar a que uma minoria numericamente inexpressiva, porém ativa e audaciosa, lance mão de todos os recursos para se assenhorear da direção do país. Seus sucessos vinham incentivando sua ação, porém os últimos fatos, principalmente o abortamento da greve geral para aqui planejada, evidenciaram que não têm a força que aparentava e que uma reação salutar já se esboça, ou melhor, já se sente em todas as camadas sociais. Não sei se em outras partes do país o mesmo acontece, porém, aqui, em São Paulo e nas regiões que conheço têm mais contato, isto é uma realidade.

Preocupado de longa data com esse alheamento suicida, comeci a promover entendimentos tendo então a satisfação de verificar que se processa, e bem adiantada, a coordenação dessa reação por gente capaz de orientá-la e expandi-la como as circunstâncias impõem.

Pensando como rotariano, estudando as nossas diretrizes e as dos nossos clubes, concluí que temos não só o dever de participar individual e ativamente dessa luta, bem como de levá-los a encetar uma campanha cívica, sem qualquer colorido partidário, de estímulo à participação do rotariano e de todas as pessoas capazes na vida pública da nação, a fim de preservar a nossa civilização. Isto constitui autodefesa porque, destruídos seus fundamentos, deixará de haver liberdade, desaparecerá a democracia e conseqüentemente do Rotary.

Para trocar idéias reuni, sexta-feira última, 22, em minha residência, alguns companheiros, entre eles o governador Ernesto Reis Rodrigues, os ex-governadores Herbert Arruda Pereira, Ni-

colau Filizola e Affonso Vidal e os presidentes dos Rotary Clubs da área metropolitana desta Capital. Exposto o assunto e analisado sob todos os aspectos, ficou evidenciado, desde o início, que todos pensavam do mesmo modo, reconheciam a gravidade da situação e a necessidade de uma ação rápida, enérgica e eficiente, sendo conseqüentemente assentado que:

1) já na tradicional reunião de confraternização dos Rotary Clubs desta Capital, que será realizada a 29 dêste, o governador Ernesto Reis Rodrigues e o ex-governador Nicolau Filizola lançarão mensagens de exortação nesse sentido.

2) na reunião imediata de cada um dêsses clubes, essas mensagens serão comentadas.

3) o governador criará, no conselho consultivo distrital, a comissão de "atividades cívicas", e sugerirá aos clubes a criação, nos "Serviços à Comunidade", de uma sub-comissão com o mesmo nome e finalidade.

4) essa comissão distrital presidida por Adalberto Netto, e integrada por Nicolau Filizola e Affonso Vidal, procurará orientar os clubes e selecionar, quando solicitado, oradores para suas reuniões e para onde fôr julgado conveniente, a fim de evitar que sua ação seja confundida com atividades partidárias.

5) o governador Ernesto Reis Rodrigues comunicará estas resoluções aos demais governadores dos distritos brasileiros, o mesmo fazendo a comissão, à medida que julgar útil, aos demais ex-governadores e Rotary Clubs do Brasil.

É possível que à primeira vista alguém possa considerar esta ação ousada ou infringente das normas rotárias mas é necessário que seja feita uma análise fria e demorada destas e da realidade em que nos achamos para melhor serem apreciadas as medidas que corajosamente vêm a ser adotadas em nosso distrito. Submetendo-as à sua consideração, estou certo de que merecerão seu estudo e opinião expressa de forma inteiramente franca que, seja qual fôr, será por nós recebida como prova de aprêço que antecipadamente agradecemos. Se, no entanto, como esperamos, pensar do mesmo modo que nós, não pedimos que adote nossas diretrizes, mas que, como melhor entender, ingresse nesta Cruzada e se disponha a lutar com fé, entusiasmo e desassombro, mas já, porque se deixar para amanhã, se não fôr tarde, encontrará maiores obstáculos a vencer.

Desejando-lhe e a todos os seus que tenham tido um Natal muito alegre e que o Ano Novo lhes propicie tôdas as felicidades almejadas, sauda-o com muito afeto o amigo

a) ADALBERTO.

Jornada Cívica

NOSSO número anterior foi inteiramente dedicado a JORNADA CÍVICA iniciada por rotarianos de nosso distrito. Tão grande continua sendo sua repercussão que, neste número e possivelmente nos seguintes, tão palpitante assunto continuará a ter nossa preferência. Neste não podemos deixar de dar o merecido realce à carta que o governador *Ernesto Reis Rodrigues* escreveu ao presidente do Rotary International dando conhecimento do que aqui se faz bem como da resposta recebida. Por ela se verifica, mais uma vez, que bem andaram aqueles que se propuseram a fazer com que os ROTARY CLUBS torçassem mais sentida a sua presença em suas comunidades, pelo estímulo e concretização da ação individual de cada um de seus associados. Não era mesmo concebível que os rotarianos e todos os brasileiros que sinceramente desejam o progresso, o bem estar do país, em sua maioria, continuassem a ser apenas espectadores dos acontecimentos, nesta emergência, em que as instituições democráticas estão ameaçadas, não apenas por aqueles que professam ideologia totalitária, mas, sobretudo, pelos que não a esposando por inadverteência ou malícia se prestam a todas as suas manobras. É tempo, portanto, de se pôr fim a essa omissão que vem dando oportunidade a que os menos indicados estejam influenciando ou mesmo ditando a decisão de nossos destinos. O Rotary só pode existir onde haja liberdade de pensamento, de palavra, de ação, daí a imperiosidade do rotariano, qualquer que seja o seu pendor partidário, a sua crença, a sua idade ou nacionalidade, alistar-se e angariar adeptos para as forças que lutam pela preservação do regime de liberdade e justiça em que vivemos.

CARTA DO GOVERNADOR ERNESTO REIS RODRIGUES

Prezado Presidente Abey:

OUVINDO os discursos pronunciados no Plenário da Assembléia Internacional, em Lake Placid, em maio do ano passado, senti da maneira mais clara possível a necessidade de que os rotarianos de todo o mundo participassem pessoal e efetivamente com seus esforços para deter a onda materialista que procura invadir todas as partes da terra em que o homem vive em liberdade. Os pronunciamentos que então ouvi neste sentido, estavam perfeitamente de acordo com o meu modo de pensar, e há muito tempo já eu me perguntava se os rotarianos no meu país não estavam sendo mais espectadores que participantes dos acontecimentos que estão influenciando a vida dos países democráticos.

Voltando ao Brasil, comecei a alertar os meus companheiros de Rotary a este respeito, sempre que visitava os clubes do meu Distrito.

Sentia então que todos estavam de acordo comigo, mas havia um grande receio de que esta ação não estivesse de acordo com as determinações do Rotary International. Em todas as ocasiões possíveis, continuei a demonstrar a necessidade de que os rotarianos, como indivíduos, fossem mais ativos neste setor de atividade. Em todas as ocasiões senti o mesmo interesse e igualmente o mesmo temor de infringir os dispositivos de Rotary International.

Em dezembro passado, entretanto, depois de pouco antes ter havido neste país um movimento operário de grandes proporções, que chegou mesmo a

Vida Rotária,
Ano XIV, No 143,
Março, 1962.

fazer pressão sobre o governo nacional — mas felizmente o governo resistiu enérgicamente — todos nós sentimos que não seria mais possível permanecer-mos à margem das ocorrências. Houve, repentinamente, a compreensão nítida, por parte de tôdas as classes conservadoras, de que algo deveria ser feito no sentido de proteger o sistema democrático e que era necessária a participação de tôdas as pessoas responsáveis, nesse sentido.

No dia 22 de dezembro passado, o ex-Governador Adalberto Bueno Neto promoveu em sua residência uma reunião comigo, com os demais ex-governadores da área de São Paulo, e os presidentes dos Rotary Clubs da mesma região, para estudar o assunto. Diante da gravidade da situação, resolveu-se nessa reunião, que os rotarianos de nosso Distrito deveriam, como indivíduos, participar mais ativamente no movimento de preservação do sistema democrático no nosso país. Para que não houvesse dispersão de energias e para que algo mais concreto pudesse ser alcançado, resolveu-se que uma Comissão Distrital de Atividades Cívicas deveria ser criada. Esta Comissão teria como objetivo estudar os meios pelos quais os rotarianos como indivíduos poderiam agir, e recomendar aos mesmos estes meios.

Naquela mesma noite, nomeei a mencionada Comissão Distrital, que ficou assim constituída: Presidente, Adalberto Bueno Neto; membros, Nicolau Filizola e Afonso Vidal.

No dia 29 de dezembro, promovemos uma reunião interclubes em São Paulo e expusemos nossas idéias a todos os rotarianos presentes. Houve um enorme entusiasmo, pois, todos estavam realmente ansiosos para fazer qualquer coisa no sentido de que o materialismo fosse barrado no seu avanço pelo Brasil. Nesta reunião, eu fiz um discurso demonstrando a necessidade de uma ação mais eficiente por parte de todos nós. O ex-governador Nicolau Filizola fez outro discurso evidenciando os "deveres cívicos dos rotarianos". Na mesma ocasião, o ex-governador Adalberto Bueno Neto expediu uma carta a todos os presidentes dos Rotary Clubs do Distrito, comunicando a criação da Comissão Distrital e fazendo um apêlo dramático no sentido de que os rotarianos, pessoalmente, participassem com seus esforços em prol do fortalecimento da democracia. Para seu conhecimento, estou anexando cópias destes pronunciamentos.

Depois disto, outras reuniões já foram realizadas e estão sendo estudadas as maneiras pelas quais os rotarianos poderão reunir os seus esforços, mas agindo individualmente, contribuir para alcançar os objetivos que temos em mira.

Foi com a maior das alegrias que recebi do Secretário George R. Means, o texto da "declaração" do Board do Rotary International a respeito do "Rotary International, em Serviços Mundiais", na última reunião que o Board realizou de 19 a 27 de janeiro último.

Considero esta declaração como uma verdadeira ratificação do que estamos fazendo aqui e me sinto feliz porque vejo que o nosso pensamento está de acôrdo com o pensamento do Board.

Ainda assim, para tranqüillidade de meu espírito, gostaria de ouvi-lo a respeito deste tão importante assunto.

Trago ainda ao seu conhecimento que a notícia do que estamos fazendo aqui no nosso Distrito teve uma repercussão tão grande nos meios rotários brasileiros e recebemos tantas manifestações de apoio que resolvemos promover uma reunião de Governadores e ex-Governadores nos dias 9 e 10 de março, em São Paulo, pois muitos destes funcionários e ex-funcionários, desejam receber sugestões e também fazê-las, no sentido de que uma ação uniforme, e bem orientada possa produzir os maiores efeitos, no menor espaço de tempo possível.

Como você pode muito bem avaliar, caro Presidente, sua opinião será aguardada com o maior interêsse e ansiedade. Embora o tempo já seja um tanto curto, ficaria imensamente satisfeito se eu pudesse conhecer sua opinião antes do dia 9 de março próximo.

Com um grande e afetuoso abraço, envio as minhas mais cordiais saudações:

Rotariamente,

(a.) E. R. Rodrigues.

CARTA DE GEORGE R. MEANS

Evanston, 5 de março de 1962

Sr.

Ernesto Reis Rodrigues

Governador do Distrito 461 do Rotary International

Caro Ernesto:

NA ausência do Presidente Joseph Abey, sua carta de 20 de fevereiro, recebida hoje, me foi encaminhada, principalmente por causa de seu pedido de uma resposta urgente. Porque verificamos que você estava esperando receber uma resposta do Presidente Abey até o dia 9 do corrente, e desde que isto não é possível, estou tomando a liberdade de fazer alguns comentários.

A ênfase que você está dando à ação individual a respeito dos importantes assuntos que você discute em sua carta, está em perfeita harmonia com as orientações e princípios que foram estabelecidos como guia para os Rotary Clubs e para os Rotarianos.

Você se referiu à declaração, sobre "Rotary Internacional em Serviços Mundiais" formulada pelo Conselho Diretor do Rotary International em sua reunião de janeiro de 1962.

Como você mencionou, ela se refere diretamente à sua pergunta, particularmente o parágrafo que estatui:

Inerente ao Ideal do Rotary é a liberdade e a dignidade do indivíduo. Conseqüentemente, a perpetuação e o fortalecimento deste ideal rotariano, individualmente. A eficiência do Rotary não é institucional e não se lhe dá forma através de expressões coletivas. Só é alcançada na medida em que cada membro de cada Rotary Club desenvolva ação vigorosa e construtiva para promover os meios necessários para a existência do Rotary, e para a preservação de uma sociedade livre — da justiça, da verdade, da santidade da palavra empenhada e do respeito aos direitos humanos.

Orientação segura para os clubes, a respeito de assuntos públicos, está confida no artigo IX dos Estatutos do Clube, que estatui:

O bem estar da comunidade é atribuição dos membros deste clube e os méritos de qualquer assunto público que envolva este bem estar, devem ser imparcial e inteligentemente estudados e discutidos em uma reunião do clube, para o esclarecimento de seus membros na formação de sua opinião pessoal. No entanto, este clube não expressará uma opinião a respeito de qualquer medida pública pendente sujeita a controvérsia.

De conformidade com as normas estabelecidas, os Rotary Clubs não devem participar de qualquer esforço coletivo para influenciar os governos, mas devem devotar tôdas as suas energias no sentido de informar o Rotariano, como indivíduo, a respeito de assuntos importantes, de tal forma que êle possa assumir uma atitude mental esclarecida e construtiva e, como um cidadão leal servidor de seu próprio país, dê os passos que lhe pareçam adequados em relação aos problemas nos quais está interessado.

Apesar de, naturalmente, eu não saber o que o Presidente Abey escreveria a você, se êle estivesse aqui, talvez o que eu disse acima seja de interesse para você.

Sinceramente

(a.) *George R. Means.*

Secretário Geral

Infelizmente não dispomos de espaço para relacionar, apenas, as manifestações de aplauso e solidariedade que vem chegando de toda parte do país, ao governador *Ernesto Reis Rodrigues* e aos companheiros da comissão de ATIVIDADES CÍVICAS, do nosso distrito, como decorrência da decisão por eles e por outros rotarianos tomada. Vamos, no entanto, dar aos nossos leitores conhecimento da carta que *Silvio Azevedo*, rotariano de Tatuí, muito conhecido e justamente admirado, não apenas no nosso distrito, escreveu ao ex-governador *Nicolau Filizola*.

CARTA DE SÍLVIO AZEVEDO

Tatuí, 10 de março de 1962

Caro amigo Nicolau Filizola,
Saúde.

LI há pouco na "Vida Rotária" de janeiro último a sua palestra sobre "O Dever Cívico dos Rotarianos", e não resisto à tentação de escrever-lhe a respeito, para apresentar as mais calorosas felicitações pela coragem e franqueza com que encarou de frente, tanto um problema sério da vida brasileira, como ponto melindroso da organização rotária.

Aquêle cujo entendimento tenha amor dos princípios democráticos e se apresente cioso de sua liberdade, necessariamente não lhe poderá negar inteira e absoluta razão. Não duvido, porém, da existência de quem lhe possa pôr a objeção de haver na palestra, não só recomendação de uma franca atitude política, mas pregação dessa atitude como dever a cumprir "com energia e desassombro", quando é sabido constituir a política um assunto vedado ao Rotary.

Não comungo na suposta objeção. Nada sou nem pretendo ser, mas não abduco de meu direito de raciocinar, adotando, às vezes, algumas idéias que podem parecer revolucionárias, se medidas pela craveira comum. Assim, aceitei sempre com restrições a referida vedação, de que em Rotary não se pode tratar de política. Não sou político, nem ao menos estou filiado a algum partido; de modo que não defendo inclinação ou tendência, com o ponto de vista adotado. Entendo ser desaconselhável, e daí a proibição, tratar de "política partidária" nas reuniões do Rotary. A diferença entre "política" e "política partidária" é perfeitamente visível, não constituindo nenhuma subtilidade sibilina. Afastar-se o Rotary de política partidária é nobre, por transformar-se tal assunto, no geral, em copiosa fonte de desentendimento e inimizade entre os homens, com as conseqüências fatais de intransigência e intolerância, contra todo o desiderato rotário. Alhear-se de "política", porém, como ciência do governo dos povos, seria colocar-se à margem da realidade, desinteressar-se da vida ambiente. Se o Rotary pretende, na verdade, conservar-se estranho à política, mesmo considerada nessa acepção alta e distinta, nesse caso constituiria incongruência a sua aspiração de Paz universal; paz entre as nações só pode existir como fruto da política internacional; seria incoerência ou hipocrisia e fingimento, o que seria muito pior. Com esse raciocínio, sempre acreditei que o vedado em Rotary é a política partidária.

Aliás, dêsse elevado sentido de "política" já Rui Barbosa tratou em luminosas palavras ditas de improviso, "num assomo de leão enfurecido", em 12/7/1907, na Conferência da Paz, em Haia.

Já que lhe estou tomando o tempo, vale a pena transcrever um trecho do notável brasileiro, segundo William Stead, "O Brasil em Haia", pág. 100:

"Não nos esqueçamos de que Sua Majestade o Imperador da Rússia, no seu ato convocatório da Conferência da Paz, expungiu formalmente do nosso programa as questões políticas. Mas essa interdição, obviamente, só visara a política militante, a política de ação e combate, a que revolve, agita e desune os povos nas suas relações internas ou nas suas relações internacionais; nunca a política encarada como ciência, a política estudada como histórica,

a política explorada como regra moral. Porquanto, desde o momento em que se cogita de elaborar leis, domésticas ou internacionais, para as nações, o que antes de mais nada releva inquirir, no que respeita a cada projeto, é a possibilidade, a necessidade, a utilidade do alvitre, diante da tradição, do estado atual dos sentimentos, das idéias e dos interesses, que animam os povos, que senhoreiam os governos. Ora bem: que é senão política isso tudo?"

Política, portanto, no bom sentido do vocábulo, é o que recomenda a sua palestra com louvável destemor: como brasileiro, v. dá um grito de alerta contra a pretensão de implantar ideologias temerárias em nosso país; como rotariano, previne a própria sobrevivência da instituição rotária em nossa pátria, desprezando o tabu que se formava, da vedação de política no Rotary.

Nem se diga que, reconhecendo embora, ser o "sonho dos energúmenos" "destruir a liberdade, ameaçando e coagindo os poderes constituídos, organizando greves e planejando marchas para acovardar as instituições democráticas", nem se diga que a atitude mais conveniente ao Rotary seria a da neutralidade, pois a resposta nós teríamos no mesmo Rui, mas em outra passagem culminante de sua vida, na memorável conferência pronunciada na Faculdade de Direito de Buenos Aires, a 10 de julho de 1918. Nessa peça oratória o grande brasileiro analisa a primeira guerra mundial, sob todos os seus aspectos, e estabelece regras novas de neutralidade, declarando, entre outras coisas, que "entre os que destroem a lei e os que a observam não há neutralidade admissível... Desde que a violência pisa aos pés arrogantemente o código escrito, cruzar os braços é servi-la. Os tribunais, a opinião pública, a consciência não são neutros entre a lei e o crime". E propõe então, ao invés de uma "neutralidade inerte", uma "neutralidade vigilante e judicativa".

Essa mesma resposta do genial patricio lá está com outras palavras na sua oportuníssima palestra: "Nossa indiferença seria criminosa, nossa apatia condenável porque é dessa ausência que se prevalecem os artifícios do mal".

Parabéns, pois, pela sua atitude desassombrada.

Como brasileiro e como rotariano, num gesto imperativo de entusiasmo, vem testemunhar-lhe o seu aprêço e hipotecar-lhe solidariedade o seu humilde companheiro e amigo

(a.) P. Silvio Azeredo.

ATIVIDADES CÍVICAS

Palestra proferida pelo companheiro ALCEU MARTINS PARRA, no Rotary Club de Santos, em 15 de março de 1962.

NOS meios rotários da capital paulista — procurando encontrar eco que transpusesse o ruído da gigantesca máquina de trabalho da metrópole-oficina — uma clarinada soou no planalto de Piratininga. Pela palavra oracular de Nicolau Fillzola ouviram os rotarianos, em particular, e (pela divulgação dada) a própria opinião pública, em geral, — um toque de reunir, conclamando para uma tomada de consciência, frente aos ataques que — ora às escâncaras, ora sutilmente — estão sendo tramados contra as nossas instituições livres.

Ao lado daquela exemplar figura de rotariano e de cidadão, sob a inspiração do governador Ernesto Reis Rodrigues, outros líderes, dentre os quais Afonso Vidal e Adalberto Bueno Neto (que veio abordar o mesmo assunto entre nós) — cuidaram logo de alargar os debates da magna questão, nos círculos rotários, em busca de um roteiro de ação das atividades cívicas que melhor atendam aos interesses pátrios, nesta fase nebulosa da nossa trajetória política.

Daf a idéia da convocação da reunião dos governadores e ex-governadores dos vários distritos rotários brasileiros, a qual se realizou nos dias 9 e 10 deste mês, em São Paulo, seguida da reunião interclubes, dia 11, promovida pelo Rotary Clube de São Paulo Centro.

Da, assim chamada, REGOEX participaram os atuais governadores e ex-governadores de distritos próximos e longínquos. Todos os itens da agenda foram amplamente debatidos e aprovadas as conclusões, merecendo, entretanto,

especial atenção dos participantes a fórmula mais consentânea (face aos princípios rotários) de levar-se a todos os clubes brasileiros, e através deles, a todos os rotarianos patriotas, uma mensagem de alerta e de clamamento à cruzada, imposta pelo dever cívico e pelo amor a um justo conceito de liberdades públicas, — na defesa intransigente da manutenção e do aperfeiçoamento do nosso regime democrático.

Não menos entusiastas, sendo, evidentemente, muito mais concorrida, — foi a reunião interclubes, programada sob o lema de "Atividades Cívicas". Duas teses, versando aspectos diversos da mesma problemática político-sócio-econômica, foram relatadas e discutidas com entusiasmo inusitado. "Ação, comunicação e liderança", por Adalberto Bueno Neto. "Relações entre empregados e empregadores", por Paulo Ayres Filho.

Basta o enunciado dessas teses e os nomes dos seus autorizados relatores para se avaliar a forte impressão que causaram ao numeroso plenário, do qual partiram intervenções que não deixaram dúvida alguma quanto ao estado de espírito de todos os que reconhecem haver chegado a hora da opção — entre desertar ou engajar-se no combate, com armas lícitas, aos contrabandistas de exóticas ideologias...

- A ninguém escapou, mesmo aos próprios generais que estão planejando essa estratégia defensiva, os cuidados compreensíveis que devem cercar a ação dos Rotary Clubes, na movimentação das suas comissões e subcomissões especializadas. — quanto à parte que caberá aos clubes no desenvolvimento, nas suas comunidades, de uma campanha de Atividades Cívicas que corresponda, realmente, à preservação daqueles direitos essenciais à própria dignidade humana...

Figuramos entre os que, reconhecendo essas sutilezas, não temem, antes a defendem, uma ação mais positiva da parte de todos e de cada um dos Rotary Clubes deste nosso imenso país, a começar pelo estudo e pelo debate, à luz de um critério verdadeiramente patriótico, de alguns dos magnos problemas nacionais, principalmente os sócio-econômicos. Que outra organização, como os Rotary Clubes brasileiros, refletindo, cada unidade, a realidade do seu meio ambiente, poderia mais colaborar para um melhor conhecimento mútuo entre as diferentes e até contrastantes regiões geo-econômicas do Brasil, e transmitir seus justos reclamos?

Sendo basicamente uma composição eclética de profissionais, Rotary — tal como as diferentes organizações de classe — não cogita da filiação política ou religiosa de cada sócio. Mas, talvez mais do que naquelas entidades classistas, induz ao rotariano que seja fiel à sua religião e leal ao seu país. É na ênfase deste sentimento pátrio que se ajusta, na hora presente, o brado de alerta aos rotarianos brasileiros, para que, através, principalmente, da sua ação pessoal — que pode ter limites os mais dilatados — na sociedade em que vive, no meio profissional em que atua, na sua família — para que, por todos os meios ao seu alcance, se devote a essa causa suprema — a defesa dos postulados democráticos.

- Esse pensamento, aliás, já foi exposto, de forma brilhante, por um eminentemente brasileiro, o saudoso e autêntico democrata que foi o dr. Odilon Braga, o qual, não pertencendo ao Rotary, mas falando, em 29 de dezembro de 1953, perante o Rotary Clube do Rio de Janeiro, — disse, a certo trecho da sua formosa oração:

"A propósito da tolerância, iludem-se os que a confundem com a indiferença. No Rotary, sobretudo em matéria de crença religiosa, filosófica ou política, ela é o oposto da indiferença. Nêle não se exige ou insinua que cada um abandone a sua fé, para que todos se confraternizem na neutralidade da mesma abstenção malsã. Pelo contrário, requer-se que cada um a guarde com o mais fervente zelo e que, no exercício dos seus deveres cívicos, proceda com perfeita integridade".

Fazendo, neste Clube, em 20 de julho de 1951, um paralelo entre a Imprensa e o Rotary, na homenagem prestada àquela, — avançamos, na pequena palestra, êstes conceitos, que podem ser repetidos, na ordem de idéias hoje expandidas:

"Da mesma forma que o jornalismo independente só pode medrar nos regimes de franquias constitucionais, também o Rotary se atrofia, tem de desaparecer, ou não se instala naquelas regiões onde a lei é substituída pelo

despotismo. Quando o totalitarismo avassalou países europeus antes da última guerra, assistiu-se, nelas, a um duplo funeral — da imprensa livre e do Rotary. Reverdecendo, depois, nesses países (em alguns, somente em parte) a árvore da liberdade — de novo brotaram os jornais independentes, e de novo floresceram os Rotary Clubs. Esse destino comum se explica justamente pelo fato de que, sendo o Rotary, em si um organismo apolítico, não renunciaram seus componentes às próprias convicções pessoais, e encontram, mesmo, na instituição rotária, um clima propício às expansões cívicas; tal como os periódicos e as emissoras, que, podendo, embora, manter equidistância nas controvérsias partidárias, são um reflexo das idéias e dos anseios mais perceptíveis da opinião pública".

Com êsse relato e êsses comentários, breves e singelos como no-lo permitiram a surpresa da designação e a escassez do tempo para redigi-los, pensamos ter feito para os prezados companheiros apenas um esboço, uma espécie de preâmbulo, do programa de Atividades Cívicas que o movimento iniciado em São Paulo pretende dinamizar através dos Rotary Clubs brasileiros, da maneira mais aconselhável; e pela convocação do esforço de cada um, numa grande campanha de trabalho pessoal ou coletivo — servindo às nossas mais caras tradições de Nação cuja independência está amalgamada no sangue dos seus heróis e no indomável espírito de liberdade do seu povo.

Servindo, afinal, a um só tempo, a Deus e à Pátria, que não há de permitir, sequer, tentem cobrir, com o importado manto rubro de apostasia da fé em que foi batizada a nacionalidade — a estátua do Redentor, que, do alto do Corcovado, vela pelo destino cristão do Brasil...

ATIVIDADES ROTÁRIAS EM DESTAQUE

DUAS grandes iniciativas salientaram o Rotary Club de São Paulo: o patrocínio da Primeira Reunião Regional de Governadores e Ex-governadores (REGOEX) e a organização de magnífica reunião interclubes.

Convocada pelo Governador Ernesto Reis Rodrigues, a 1.ª REGOEX regional realizou-se no transcorrer dos dias 9 e 10 de março e congregou Governadores e Ex-Governadores dos Distritos 451, 453, 459 e 461, além de Ex-Governadores de Outros Distritos que vieram trazer sua palavra de apoio e de cooperação.

Estiveram presentes os companheiros Eracy Pereira Lima, Ultimatum Fava e Ernesto Reis Rodrigues, respectivamente Governadores dos Distritos 451, 453 e 461 e os Ex-Governadores Duarte Ferreira Canha e José Gonçalves de Oliveira, do Distrito 451; Gerson de Mendonça, Olivier Heiland, Antônio Zaccaro e Bonaventura Gravina, do 453; Cleso de Castro Mendes, Bento do Amaral Gurgel, Osvaldo Galotti, Rowilson Flora, Arthur Poyoa e José Pacheco Netto Júnior, do 459; Aiceu Martins Parreira, Herbert de Arruda Pereira, Nicolau Pillzola, Domingos de Luca, José Arouche de Toledo, Múcio Gomes Pinto e Manoel Gutierrez Durán, do 461; Almyr Novais Corrêa, do 449; Genebaldo Rojas, do 457 e Cleones V. C. Bastos, do 465, e, ainda, o companheiro Amílcar Mendes Gonçalves, Candidato único do Distrito 461 à Governadoria no ano rotário 1962-63.

O temário, muito bem organizado, contava com assuntos variados e de grande interesse rotário, tais como: problemas da Agência Fiscal, Reuniões Regionais de Governadores e Ex-Governadores, Almanaque dos Ex-Governadores, Missões, Comissões e Representações do Presidente de Rotary International em Conferências, Uniformização de Nomenclatura e Terminologia Rotária, Colaboração dos Ex-Governadores na Informação e Extensão Rotárias, Conferências Nacionais, Emendas e Resoluções a serem discutidas na Convenção e principalmente, a criação da Comissão de Atividades Cívicas, iniciativa do Distrito 461 e cuja atuação em face do momento presente merece aprovação.

e simpatia do secretário geral de Rotary International, em Carta enviada ao Governador Ernesto Reis Rodrigues.

O programa organizado foi cumprido à risca e dentro do horário previsto, com invulgar entusiasmo e, por vèzes, até veemência dos participantes.

O ponto alto, como dissemos, foi a necessidade da criação da Comissão de Atividades Cívicas e sua atuação. Foi o tema que mais empoçou e mais tempo tomou nos debates. As conclusões a que se chegou foram, sobretudo, animadoras.

Para encerrar houve um jantar de confraternização dividindo-se os participantes entre as residências dos companheiros Filizola e Adalberto.

Presidiu esta 1.ª "REGOEX" Regional, com invulgar brilho o Ex-Governador Adalberto Bueno Netto e Secretariou com a eficiência que todos lhe conhecem, o Ex-Governador Affonso Vidal.

Estão, pois, de parabéns, o Governador Ernesto Reis Rodrigues, os componentes da Comissão Distrital de Atividades Cívicas, Ex-Governadores Adalberto Bueno Netto, Nicolau Filizola e Affonso Vidal e, indiretamente, todo o Distrito 461.

REUNIÃO INTERCLUBES

No domingo, 11 de março, em seqüência à reunião dos Governadores e Ex-Governadores (1.ª REGOEX Regional), o Rotary Club de São Paulo organizou uma Reunião Interclubes que se revestiu do mais completo êxito.

O local escolhido para a parte rotária foi o auditório do Liceu Rio Branco, no Edifício Rotary. Excluindo-se os companheiros do Club Anfitrião, inscreveram-se 180 rotarianos, muitos deles acompanhados de suas respectivas esposas, pertencentes a 48 clubes.

O tema em torno do qual girou a parte rotária foi, como era de se esperar, o setor de Atividades Cívicas. O Presidente José Eugênio de Paulo Assis, após abrir a sessão, saudou o Governador Ernesto Reis Rodrigues que, em seguida, em brilhantes palavras, fez a exposição de motivos que determinaram a realização daquele Interclubes. Em seguida foi dada a palavra ao Ex-Governador Adalberto Bueno Netto para expor seu tema: "Ação, Comunicação, Liderança". As palavras do Ex-Governador Adalberto foram um poema de fé e de esperança no futuro. Com arroubo e entusiasmo, com aquela maneira especial que fez com que suas palavras vão de coração a coração, de alma para alma, verdadeiro "Sursum corda" rotário, Adalberto empoçou o auditório. Disse da necessidade de todos se unirem contra a desordem e o caos que nos ameaçam; de nossa responsabilidade pela situação atual em face de nossa própria omissão por comodismo ou por receio; da necessidade de tomarmos a iniciativa de novo, de nos inscrevermos entre os que realmente agem, de pensarmos seriamente em nossa família, nos que nos são caros, naqueles que, confiando em nós, como nossos filhos e nossos netos, tem o direito de esperar que não atraçemos nosso dever, de atuarmos e tomarmos parte ativa nas atividades políticas da nação, junto ou dentro dos partidos, cada qual em suas convicções pessoais.

As palavras de Adalberto foram ouvidas com unção religiosa. Ao terminar, empoçado, o auditório, de pé, aplaudiu o querido Ex-Governador por longos e longos minutos.

Coube ao Companheiro Paulo Ayres Filho expor o segundo tema: "Relação entre empregados e empregadores" e o fez com rara felicidade demonstrando sua erudição e profundo conhecimento do assunto.

Foram travados interessantes debates demonstrando o auditório grande interesse pelos temas apresentados.

Seguiu-se um almôço de companheirismo, no salão de festas do Edifício Rotary, muito animado e concorrido.

O Rotary Club de São Paulo lavrou um tento! Parabéns.

M. Gutierrez Durán.

"BENDITA MULHER DO BRASIL"

Palavras do Companheiro ADALBERTO BUENO NETTO na reunião do dia 3-4-1964.

Quando me dirigia para este recanto fui chamado ao telefone e os nossos queridos companheiros João Baptista Leopoldo Figueiredo, Paulo Ayres Filho e Paulo Rola de Magalhães me pediram, do Illo, que justificasse meus discursos a esta reunião festiva porque eles lá estavam como o diretores do IPES, a serviço da nossa causa.



Não sei bem se meu estado de saúde, as emoções vividas nestes últimos dias, a necessária contenção de linguagem e que, sobretudo, o impacto com que me brindou o nosso querido Presidente, possam permitir que eu desempenhe, a contento, como é meu desejo, a incumbência que me traz ao microfone.

Conta uma velha lenda, bastante conhecida, mas que pode ser repetida neste momento, que índios perversos, não podendo alcançar os ninhos que pássaros haviam colocado no cume das árvores, por vingança lançaram fogo à floresta. Enquanto milhares de espécies desesperadas e aturdidas voavam para todos os lados, um la ao córrego perto, mergulhava suas asas na água e voltava pingando as gotas sobre o ninho que com tanto carinho construíra. Passado algum tempo, os outros perguntaram a este pássaro: "Porque está fazendo isto? Pensa que apagará o fogo?" E ele respondeu: "Eu sei que não apagarei o fogo, mas estou cumprindo o meu dever e tenho a certeza de que na hora em que vocês todos fizerem o mesmo, este incêndio será apagado". Voaram os pássaros, mergulharam as suas asas na água molhando-o e, neste constante vai-e-vém, o incêndio foi desaparecendo, o fogo foi apagado. Idêntico incêndio, minhas senhoras e meus senhores, cuja primeira centelha foi lançada por ocasião, não sei bem como me exprimir, se inoportuna, se inconcebível ou mesmo se diante entrega de uma dedicatória que o lufão de agosto incrementou e que guano nos destruiu graças a rigidez da nossa formação moral e cristã, a bravura de dois esportadores, o de São Paulo e da Guanabara e a ação inestimável de um grupo de parlamentares decididos e patrióticos ganharam assim tempo para que, enquanto nós homens ficávamos cuidando dos nossos negócios, do nosso bem-estar e de aumentar as nossas posses, as mulheres da nossa terra se organizassem e nos substituísem na trincheira da defesa da legalidade e da liberdade. Cruzamos os braços, inconscientes de que, numa hora como a que estávamos vivendo, cada um de nós deveria ser aquele pássaro que iniciou a extinção do incêndio. Mas, felizmente, a pertinácia, a inteligência e, sobretudo, a argúcia da mulher do Brasil e, especialmente, da mulher paulista, foram pouco a pouco, tecendo uma tela imensa que viria afogar um dia, para que os nossos bravos soldados que esperavam uma manifestação dessa ordem, saíssem à rua e puzessem para fora os impostores.

Muitos fatos se passaram, mas dois últimos deles, a bravura indômita da mulher mineira, enfrentando de largo na mão, os mazurqueiros que bem procuram agitar e incendiar a sua Capital, e a constância da mulher paulista, dessas mulheres valentes da União Cívica Feminina de São Paulo, fizeram com que nós pudéssemos estar neste momento dizendo: O Brasil ainda é livre, nós ainda temos liberdade. Bendita mulher do Brasil! Bendita mulher de São Paulo! Bendita marcha da família, com Deus pela liberdade! Abençoado 10 de Março!

Agora, graças a Deus, já podemos voltar a alçar o mundo de fora sem o constrangimento que tanto nos acobanhava. Temos a primeira e grande vitória que foi apenas o início da ingente jornada que nos espera. Realizamos a parte mais fácil e mais perigosa é certo, mas a consolidação desta vitória é uma tarefa a que todos nós temos a obrigação de continuar nos dedicando de corpo e alma. É neste momento, em que, em nome do Rotary Club de São Paulo, venho trazer à mulher paulista, aqui tão bem representada pela União Cívica Feminina, os seus aplausos e a sua gratidão pelo que fizeram, que preciso reafirmar aos homens que aqui estão e a elas também, que a luta apenas começou. Que portanto nenhum de nós tem o direito de ficar à beira do caminho. Temos que ir para a frente, para salvar o Brasil, para salvar a nós próprios, porque os inimigos, aqueles que se diziam "nacionalistas" e do "muro da vergonha", ainda procurarão destruir a nossa obra.

Mas, mais perigosos do que eles são aqueles que procuram usar, o que o patriotismo e a abnegação das nossas mulheres realizaram, para proveito próprio, das suas ambições pessoais, dos seus partidos políticos. Não é possível. Não permitiremos jamais que esta vitória alcançada com tanto vigor, com tanto sacrifício, que devemos à mulher e ao soldado, seja deturpada por quem quer que seja.

É por isso, meus amigos e minhas senhoras, que, ao saudar carinhosamente, efusivamente, a mulher paulista, eu vos concito, homens e mulheres, para que cada um de nós seja aquele pássaro bendito que apagou o incêndio. Não podemos ficar assistindo, indiferentes, que a vitória alcançada seja deturpada e tomada por outros. Ela não tem dono. Vamos continuar a cumprir o nosso dever e eu me permito, em nome de todos os rotarianos aqui presentes, abraçar a presidente dessa grande União Cívica, Regina Figueiredo Silveira, como prova da gratidão e do nosso carinho.

Em 3-4-1964

QUADRO SOCIAL

Honorários	4
Com freq. facultativa.	20
Com freq. obrigatória.	278
	302

FREQÜÊNCIA

Honorários	1
Com freq. facultativa.	14
Com freq. obrigatória.	216
Recuperações (provs.).	15
Percent. provisória ..	33,09%
Rotarianos visitantes .	41
Convidados	108

DISCIPULAS DE ANITA (GARIBALDI)

(Continuação da pág. 392)

psudônimos, opinando a nossa Pátria e que agora, muitos deles nos aplaudem, nos cumprimentam e fazem parte dessa vitória que não é deles, porque eles estão derrotados.

Temos recebido adesões de última hora, temos recebido adesões de palmas de última hora, mas eles não lutaram conosco. Muitos deles estavam covardes dentro das suas casas e agora, estão vitoriosos, porque este é o sistema da infiltração. Neste momento da vitória da democracia eles silenciam, eles não falam. Pelo contrário, eles sorriem e aplaudem. Não vão receber esses aplausos.

E vamos lembrar a todos os civis que foram chamados para exercerem o governo nesta hora que todas aquelas antigas manipulações todos aqueles conchavos de política viciada, hoje em dia não tem mais vez.

Exigimos o punimento, a cassação de mandatos de todos aqueles homens que ocupavam cargos públicos e que nos queriam levar para o comunismo. O exílio é o prêmio. Eles não merecem o exílio. Eles merecem ter todos os direitos caçados neste momento.

Exigimos a extinção do fundo sindical e vamos todos nós aqui presentes pedir a prestação de contas da UNE. Vamos continuar a revolução. Vencemos a primeira batalha mas não ainda a guerra.

Em nome da União Cívica Feminina nós vamos pedir o extermínio dessas entidades culturais comunistas, que se diziam "culturais" mas que de culturais não tinham nada. Exigimos o fechamento das editoras comunistas, vamos apiercer os livros comunistas e os jornais.

E para terminar quero dizer que ninguém leve impunemente a consciência da Nação.

Muito obrigada.

COMISSÃO DE RELATORES DE BOLETINS

"Receita para rotarianos"

Tome 12 meses bem maduros, veja que estejam completamente limpos de amargos recordações, de rancor, de ódio, ou ciúmes; limpe-os cuidadosamente de pegajosa malevolência e de qualquer mancha de mesquinhez. Em resumo, veja que nestes meses não fique nada do passado e tenha-os em mãos tão frescos como se tivessem saído do grande armazém do tempo.

Corte estes 12 meses em 30 ou 31 partes iguais. Essa quantidade é para um ano somente. Não queira cozinhá-lo todo de uma vez, prepare dia por dia da forma seguinte:

Ponha em cada um deles:

- 12 partes de fé;
- 11 partes de paciência;
- 10 partes de entusiasmo;
- 9 partes de trabalho (há quem omita esse ingrediente, dizendo que tira o sabor dos demais);
- 8 partes de esperança;
- 7 partes de fidelidade;
- 6 partes de liberdade;
- 5 partes de amabilidade;
- 4 partes de consciência;
- 3 partes de oração;
- 2 partes de meditação;
- 1 parte de resolução bem intencionada.

Junta uma colherinha de boa vontade, um pouco de diversão, um tico de simplicidade, uma taça bem cheia de bom humor (as-libitum) e misture com energia. Cozinhe-o em bom fogo. Enfeite-o com um sorriso e um pouco de júbilo, e sirva-se com calma, altruísmo e alegria.

RAYMUNDO PEREIRA
R. C. de Penadura - Colôa.

(transcrito do Boletim n.º 24, de 27-12-63, do R. C. do Rio de Janeiro).

Participe de uma Memável Experiência Compartilhada

55ª Convenção Anual do ROTARY

de 7 a 11 de Junho de 1964

TORONTO, ONTARIO, CANADA

O PATRIOTA ADALBERTO

Na reunião do dia 3 último, o companheiro Adalberto Bueno Neto foi alvo de cariícosa homenagem por parte de todo o quadro social pela atuação destempera dos últimos meses, quando foi um dos organizadores do setor civil na resistência ao assalto comunista que esteve iminente.



O Presidente Jair foi o intérprete do sentimento de todo o clube, quando disse: "Senhoras, senhoritas, senhores convidados, caros companheiros. Como está sendo dito e repetido, nova era se abre para o Brasil. Não acreditamos

que haja um só rotariano consciente, que nos últimos tempos não tenha, de um modo ou de outro, de acordo com as suas possibilidades, lutado para pôr termo à transformação que, rapidamente, se processava para a bolchevização do Brasil.

No Rotary Club de São Paulo houve um grupo incomparável que, pondo em risco a sua saúde, a sua família e a própria vida, pois o partido já estava sendo prometido, não existiu um só minuto em sua luta pela defesa da liberdade democrática deste nosso querido Brasil.

Entre esses companheiros há um que, com as bandeiras do Brasil e do Rotary em punho, argumentando que sem liberdade não há Rotary, mandou às urtigas as cautelosas recomendações pelos regulamentos do nosso clube e partiu para a luta. Lutou com verdadeira obsessão, sem tréguas, sem descanso, até ver garantida a vitória. Com as energias esgotadas, mas com a consciência tranquila de quem cumpriu o seu dever, teve que ser recolhido ao leito, acometido que foi de uma forte gripe. Ontem, porém, quando lhe disse que havia mais uma pequena missão a cumprir hoje, aqui no Rotary, levantou-se imediatamente e veio aqui.

Viva o nosso estimado companheiro Adalberto Bueno Neto!"

O agradecimento de Adalberto foi publicado no boletim do dia 10, sob o título "Brodita Mulher do Brasil" devendo ser corrigido o trecho a partir da 31.ª linha da 2.ª coluna. O certo é: "Temos de ir para a frente, para salvar o Brasil, para salvar a nós mesmos, porque os inimigos, aqueles que se dizem nacionalistas e reformistas mas que aqui estavam apenas a serviço dos homens do partido e do muro da vergonha, ainda procurarão destruir a nossa obra".

"TOLERANCIA"

"Perdoemo-nos reciprocamente nossas tolices, — esta é a primeira lei da natureza", afirmou a pensador francês Voltaire, no seu Dicionário Filosófico.

Ela fazia o elogio da tolerância. Que tipo de tolerância? Aquela de perdoar sempre o mesmo erro cometido sempre pelo mesmo irresponsável?

É evidente que não. Mas há uma tolerância que nasce do cupenho de se compreender aqueles que são diferentes de nós", disse outro pensador, chamado Bertrand Russel.

Então aqui um elemento novo, no conceito da tolerância, a compreensão. Entre Nações e raças. Entre poderosos e humildes. Entre líderes e liderados.

Foi um poeta quem pregou o sistema de Governo mais humano que se conhece: Rodó. Ele imaginou a DEMOCRACIA TOLERANTE, que respeita acima de tudo os homens e suas opiniões.

Dentro de uma empresa, os problemas, em escala menor, são os mesmos.

Porque, na sua essência, o homem não muda. É o mesmo como cidadão de um país, como membro de uma agremiação religiosa ou como funcionário de uma firma.

Dai a base da moderna técnica de Relações Humanas no Trabalho: a tolerância.

Aceitando que cada homem tenha sua individualidade, respeitando a formação e a personalidade de cada um, busca o entendimento sem humilhações para qualquer dos lados.

Nem todos tiveram o mesmo bérço. Nem todos receberam a mesma formação moral. Dai os atritos que podem surgir numa coletividade. Dai as arestas que precisam ser aparadas.

A grande responsabilidade do líder nesses momentos, está em dar, não apenas atendimento aos problemas, mas principalmente entendimento.

Atender é apenas um ato de cortesia. Entender é um gesto que reflete calor humano, nobreza de atitudes, tolerância.

Mas, entra aqui também a grande responsabilidade do liderado.

Este precisa saber que tolerância não é fraqueza, que possa levar a novos abusos. Não é compaixão, que coloque o beneficiado em situação de inferioridade perante si próprio e perante os colegas.

Tolerar é respeitar aquilo que há de bom dentro dos seres humanos.

(Transcrito do Boletim N.º 1442, de 4-12-1963, do R. C. de Porto Alegre). Colaboração da Comissão de Relatores de Boletins.

"OS 10 MANDAMENTOS DOS ROTARIANOS"

1.º — Procura compreender o próximo como queres que te compreendam. Seja a tua compreensão um campo aberto, em que teus semelhantes descubram a claridade de uma alma livre.

2.º — Não te vanglories do bem que fizeste, nem do que te propões a fazer. Serve silenciosamente como a folha e a árvore que, celebrando a volta da primavera, florescem para cobrirem de ervas.

3.º — Tudo será harmonia quando o homem esquecer o egoísmo e perdoar cordialmente os mal-entendidos. Exalta o que é bom e olvida o mal e será prematuramente exaltado mais tarde.

4.º — Se nada fores na vida, nada exijas nem censures. Se desconheces todo o esforço, não compreenderás nunca o esforço alheio.

5.º — Faz da fidelidade, do sentimento, da honradez de teus atos, a parte íntima e sagrada de tua vida. Por elas tua palavra terá a força da lei.

6.º — Se não podes arrancar do teu campo interior a seiva daninha do ressentimento, lembra-te que, quando chegar o dia da solidão

e abandonares, há de pedir indulgência a ti mesmo.

7.º — Não peças a ninguém a moeda da estima, se não sabes levar em tua consciência a moeda da dos envaidecidos. Se dirão da vida para que tua obra de bem seja valorizada.

8.º — Procura fazer da amizade tua segunda religião. Se o conseguires, terás apreciado a beleza majestosa do homem.

9.º — Se no jardim do teu inimigo cantam a águia e as crianças, podes crer que na casa dele reina a bondade. Vá buscar a concórdia e o desejo de ser bom.

10.º — Não te entristeças pela ventura alheia nem te alegres com o infortúnio do teu rival. Se queres a luz do interior, abre tua alma ao júbilo dos outros e leva tua fé consoladora para os tristes.

(Transcrito do Boletim 82 a 84 de Outubro a Dezembro de 1963 do R. C. de Porto Alegre Sul).

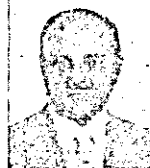
Colaboração da Comissão de Relatores de Boletins.

Aniversariantes

Dia 20:

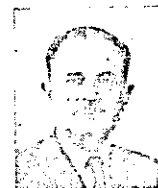
Celso Dário Q. Guimarães

Res.: Praça Ernani Braga, 97 (zp 10) Fone: 8-7737



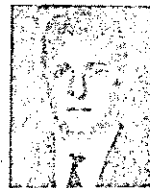
Jules Ottmann

Res.: Rua Martins Fontes, 248 - 8.º apto. 82 (zp 3)



Lauro da Costa Lima

Res.: Rua Maestro Elias Lobo, 729 (zp 3) Fone: 8-8204



Dia 21:

Iris Miguel Rotundo

Res.: Av. 9 de Julho, 4575 (zp 5) Fone: 80-2309



Dia 22:

Eraldo Asbahr Res.: Rua Alagoas, 515 - apto. 91 (zp 4) Fone: 51-8217

Senhoras Aniversariantes

Hoje:

Sra. Fabio de Azevedo Oliveira — D. Lúcia.

Dia 20:

Sra. Paulo de Toledo Artigas — D. Maria.

Dia 22:

Sra. Aristides de Arruda Camargo — D. Hilda.

Em 10-4-1964

QUADRO SOCIAL

Table with 2 columns: Category and Value. Honorários: 4; Com freq. facultativa: 20; Com freq. obrigatória: 277; Total: 302.

FREQUENCIA

Table with 2 columns: Category and Value. Honorários: —; Com freq. facultativa: 3; Com freq. obrigatória: 188; Recuperações (provs.): 40; Percent. provisória: 82,31%; Rotarianos visitantes: 23; Convidados: 10.

Bendita do Mulher do Brasil - Servir, Nº 1611

Vida Rotária, Ano XV, Jan 1963, Nº 153
 Revista Mensal editada pela Fundação de Rotarianos de S. Paul

Que é Comunismo

Organizado por

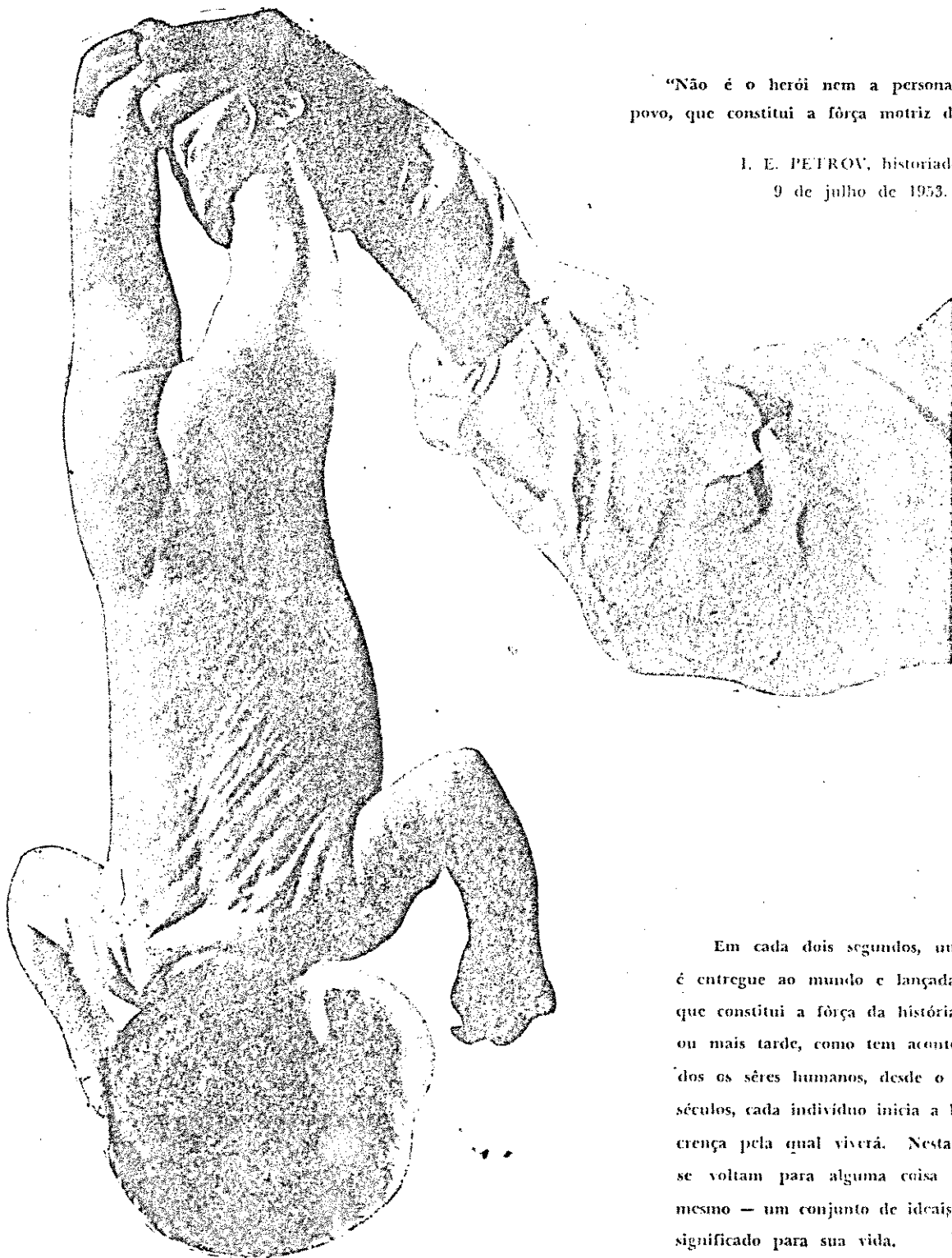
RICHARD M. KETCHUM

Direção Artística de

WILL ANDERSON

Organização fotográfica de

RUTH TRAUIG



“Não é o herói nem a personalidade, mas o povo, que constitui a força motriz da história.”

I. E. PETROV, historiador soviético -
 9 de julho de 1953.

Em cada dois segundos, uma nova vida é entregue ao mundo e lançada na corrente que constitui a força da história. Mais cedo ou mais tarde, como tem acontecido em todos os seres humanos, desde o princípio dos séculos, cada indivíduo inicia a busca de uma crença pela qual viverá. Nesta busca, todos se voltam para alguma coisa superior a si mesmo — um conjunto de ideais que prometa significado para sua vida.

GRAYSON KIRK
 da Universidade de Columbia

Introdução

Ha cinquenta anos passados, quase todos os norte-americanos acreditavam que a tendência geral da história fosse a aceitação gradativa, pelos outros povos, dos princípios políticos sôbre os quais se baseara a própria sociedade. Justamente porque acreditávamos quase apaixonadamente na inevitabilidade do progresso, acreditávamos também que, em tôda parte do mundo, o progresso seria alcançado pelo caminho que havíamos percorrido, uma estrada que esperávamos conduzir à liberdade, às instituições democráticas e a uma civilização progressiva e próspera. A proporção que milhões de imigrantes chegavam a essas praias, a vida melhor e mais livre que encontravam dava-nos redobrada confiança em nossa crença de que os Estados Unidos eram mais do que a Terra da Oportunidade; eram também uma sociedade cujos princípios econômicos e políticos haviam avançado muito para a solução do velho problema da reconciliação da liberdade com a autoridade, em tôdas as esferas da atividade humana.

Hoje, defrontamo-nos com o maior desafio de nossa história. O comunismo e o imperialismo comunista subjugaram corpos e mentes de centenas de milhões de pessoas. Sob o guante de ferro de uma ditadura impiedosa, surgiram sociedades que rejeitam na prática, senão também em teoria, quase todos os princípios básicos de nosso modo de vida ocidental. Nesses Estados, os homens foram forçados a trocar os próprios rudimentos de liberdade pela arregimentação, que só com a maior dificuldade pode ser distinguida da escravidão abjeta. É uma das supremas ironias da história moderna que os homens originalmente atraídos pelo "slogan" do Manifesto Comunista, segundo o qual eles só tinham a perder os grilhões que os prendiam, estejam agora sujeitos a cadeias mais pesadas do que quaisquer outras inventadas pelos reis absolutos monarcas do passado. Marx teria sido muito mais verdadeiro se tivesse declarado: "Trabalhadores do mundo, uni-vos. Nada tendes a perder senão vossa liberdade."

De igual ironia é a audácia com que os líderes comunistas continuam a denunciar o Ocidente como "imperialista". O quadro continuamente apresentado aos povos comunistas retrata nossas sociedades sob o domínio de "imperialistas" sanguinários e belicistas,

que procuram sempre esmagar as massas com a escravidão econômica. Mas a verdade clara e simples é que os líderes comunistas são, êles próprios, os maiores imperialistas da história da humanidade. Nenhum império do passado foi tão impressionante quanto o que é dominado, hoje em dia, por um punhado de homens que vivem entre as muralhas do Kremlin.

Os truques desses novos imperialistas são muitos e sutis. Acima de tudo, êles exploram as susceptibilidades de milhões de seres humanos cuja vida é dura, que pouco ou nada tiveram de experiência com as instituições democráticas nem com a liberdade e que não possuem recursos intelectuais para pesar objetivamente a viva fascinação que lhes é posta diante dos olhos. Mesmo assim, os fatos mostram que nenhum país, voluntariamente e por livre escolha de seus cidadãos, tenha optado pelo regime comunista. A força impiedosa é a arma da ditadura.

Para contrabalançar essa eclosão maciça de poder, os povos livres puseram de lado, em grande parte, suas diferenças históricas e suas pequenas animosidades, a fim de cooperar no desenvolvimento de seu poderio militar. Assim fizeram não para preparar a chacina do inimigo declarado, mas para protegerem-se contra os futuros avanços do novo imperialismo. Procuram sua própria segurança e procuram evitar a escravidão de outros povos, incapazes, se não tiverem ajuda, de levar a cabo sua defesa. Ao contrário do que afirmam os demagogos comunistas, esta é uma política anti-imperialista.

Mas a força, somente embora indispensável, não é suficiente. Quem se dedica à conquista, quer por meios políticos ou militares, não se detém, em suas tentativas, diante de velhas concepções como a verdade e a ética. Estas são vistas como sedições noções burguesas. Mas a longo prazo, a menos que estejam erradas tôdas as lições da história, serão elas precisamente nossa mais poderosa arma de resistência. Hoje, como no futuro, só a verdade fará o homem livre. Por todos os meios possíveis, precisamos saber a verdade sôbre a natureza, os princípios e as realizações de nossa sociedade, do mesmo modo que devemos saber a verdade clara sôbre o que significa para o mundo o imperialismo comunista. E a isto, de forma simples, que este trabalho ilustrado se destina.



1 — A MÁSCARA DO COMUNISMO

NUM mundo em que existem males sociais e econômicos, é natural que certas teorias atraiam as vítimas de injustiça. Com freqüência, tais pessoas empenham sua lealdade às idéias que parecem oferecer, em dado momento, melhores esperanças. Num período de poucos anos, relativamente, as promessas do comunismo conseguiram prender a imaginação de muitas pessoas de diferentes origens nacionais e raciais. Este trabalho mostrará a maneira como essas pessoas são atraídas e como o comunismo cumpre suas promessas.

Embora tenha havido sociedades coletivistas desde os primórdios da civilização, a forma de comunismo que hoje observamos é nova. Há apenas meio século passado, era pouco mais do que uma idéia na mente de alguns homens. Hoje, é uma das mais poderosas forças do mundo. Por isso, parece difícil acreditar que só um número reduzido de pessoas compreenda realmente o que existe por trás da filosofia, do sis-

tema político e do sistema econômico que constituem o comunismo.

Antes, porém, de examinarmos esses aspectos, olhemos primeiro a máscara do comunismo. Porque em sua máscara podemos perceber alguma coisa de sua atração, de suas promessas e das esperanças e temores daqueles que o apóiam.

• A máscara do comunismo aparece em quase todos os países do mundo. Em alguns lugares, o tipo de govêrno que chamamos comunista é fato consumado — um sistema de trabalho que se tornou realidade para todos os cidadãos do país. Em outros lugares, é força interior, ainda fora do poder — contudo, tão poderosa que os governos precisam pesar cada decisão, grande ou pequena, à luz de seus efeitos sôbre a oposição comunista. Em outros lugares, ainda, é minoria ruidosa — desprezada ou temida pelos que a ela se opõem, mas aceita por seus adeptos como causa sagrada.

Quem são as pessoas a quem o comunismo
dirige seus apelos?
E que esperanças lhes oferece?
Algumas das respostas podem ser encontradas
nas fisionomias destas páginas,
porque o comunismo tem muitas atrações,
para pessoas de espécies diferentes.

É sempre uma promessa —
de terra, onde poucos possuem terra —
de pão, onde há pouco pão —
de paz, onde não há paz.

É tais pessoas ele dá sempre esperanças...



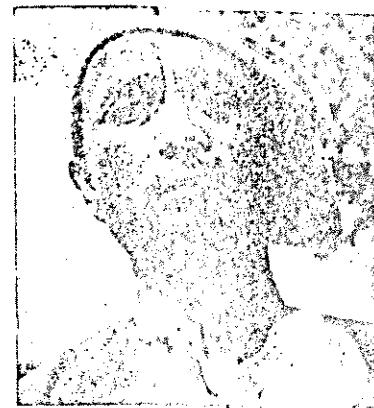
... aos que conheceram a guerra
e só pedem paz



... ao invejoso,
que diz ter tido oportunidade



... aos que procuram para seus filhos
a oportunidade que nunca tiveram



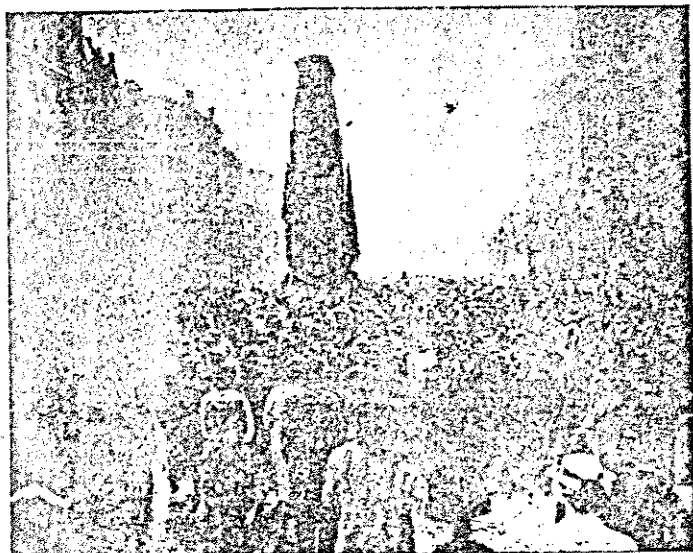
O COMUNISMO DE DOIS PONTOS DE VISTA

Como sempre acontece, a questão do comunismo tem dois lados.

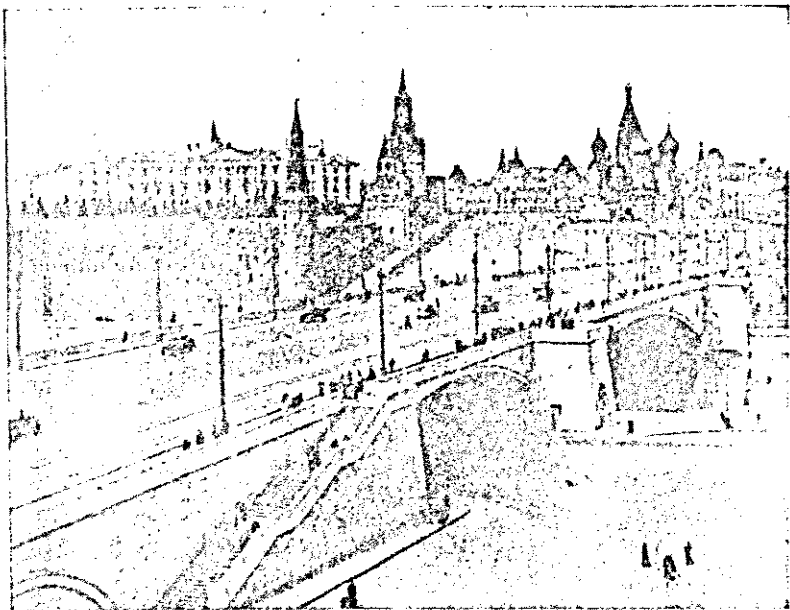
Para o crente no partido, o comunismo tem todos os atributos de uma religião. Para este êle é a salvação da humanidade.

Para quem não o aceita, o comunismo é um mal como jamais o mundo conheceu – um inimigo que obriga todos os homens a estar em guarda como nunca antes estiveram.

Por um momento, olhemos a máscara do comunismo dêsse dois pontos de vista...



Para uns, é um movimento pacífico ... para outros, força que divide



Para alguns é modo de vida normal



... para outros é sistema em que todos são vigiados de perto



Para alguns é vida melhor



... outros o conhecem como o fim da vida

Nas últimas páginas que vimos, demos um olhar de relance à máscara do comunismo. Para alguns — aqueles que já se decidiram com relação a ela —

só podemos ter confirmado o que era há muito sus-
peitado.

Mas para aqueles que conhecem mais sobre o

comunismo, é necessário ir mais além — porque o comunismo nada tem de superficial. Precisamos ver, não atrás da máscara, a filosofia, e os sistemas políticos e econômico do comunismo, para começar a conhecê-lo e entendê-lo.

No início, o comunismo foi apenas uma entre muitas tendências extremistas. No princípio deste século era praticamente desconhecido do público em geral. Contudo, em menos de três gerações, o movimento comunista domina vasta porção do Hemisfério Oriental. Seu império se estende do Estreito de Beríng até a Alemanha central e do Oceano Árabe até o Mar da China, as fronteiras da Índia, do Irã e da Turquia. Dentro dessa área vivem mais de 1.000.000.000 de almas — mais de um terço da população do mundo.

Este trabalho não é para os que vivem nos países comunistas. Aquêles povos sabem o que se passa dentro da superfície. Este trabalho é para os que estão fora — porque quantos destes sabem o que é realmente o comunismo? Quem pode saber o que é o governo ou um sistema, a menos que já tenha estado sob seu domínio? No caso do comunismo, in-

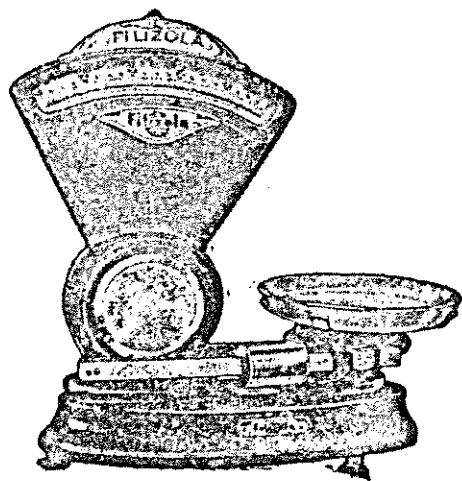


felizmente, há duas barreiras que impedem os curiosos de ver o que lá se passa.

Talvez, se tomarmos o que pode ser visto sobre o comunismo e o que sobre êle é conhecido — se falarmos com algumas pessoas que já estiveram “de dentro” — então começaremos a conhecê-lo melhor.

(Continua)

DESDE 1886
BALANÇAS
FILIZOLA



Rua Consolação, 65 — S. PAULO
Fone: 35-0164 (R. I.)



BANCO LOWNDES
S. A.

servindo há 14 anos o distinto público
de
São Paulo

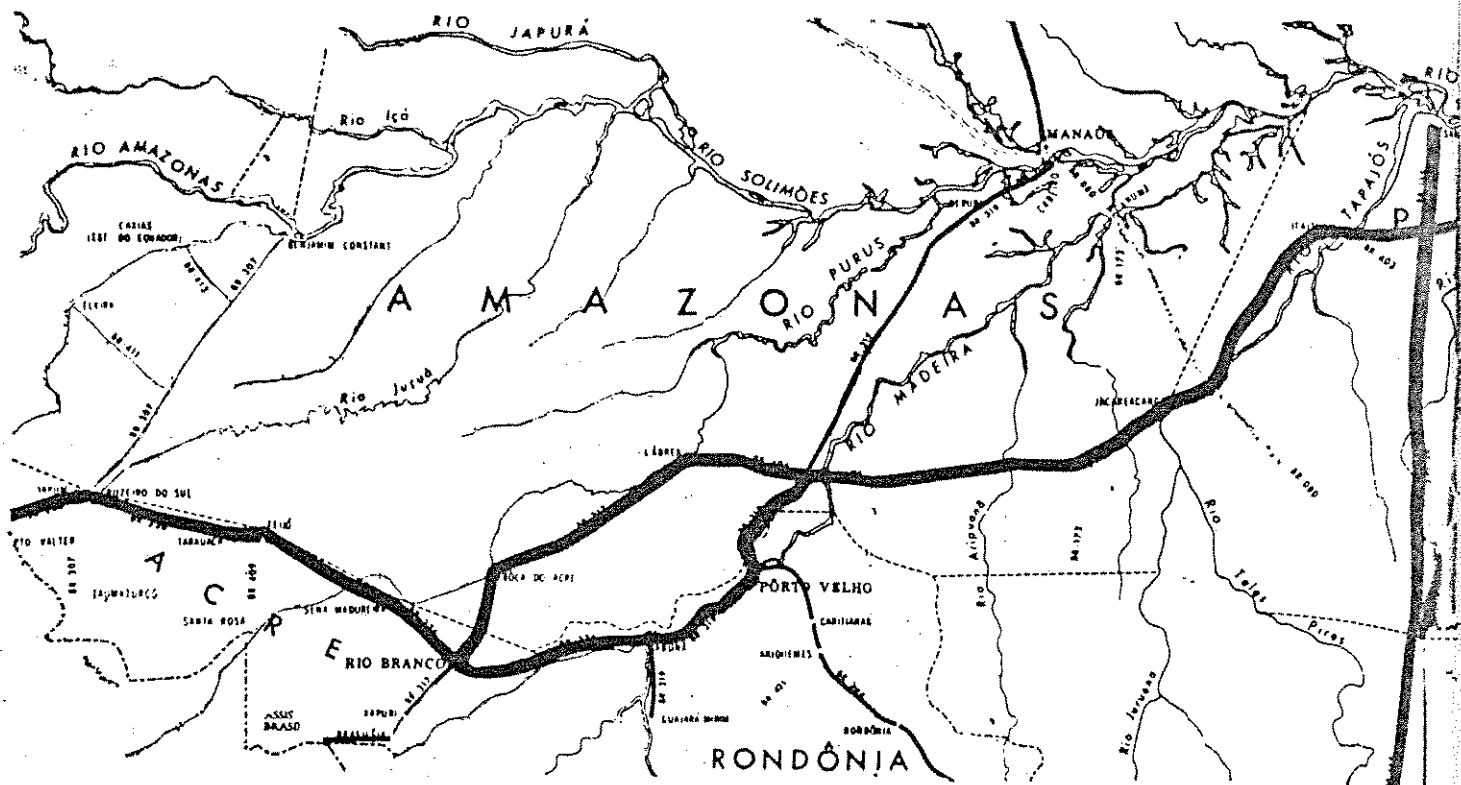
através de suas carteiras de:

COBRANÇA
CAMBIO
CONTAS CORRENTES
CRÉDITO
ADMINISTRAÇÃO DE VALORES.

agora em dois endereços:

SUCURSAL
RUA DA QUITANDA, 144
Tel.: 36-71-74 (rede interna)

AGÊNCIA BELA VISTA
RUA MARIA PAULA, 29
Tel.: 36-4545



NOSSA REALIDADE

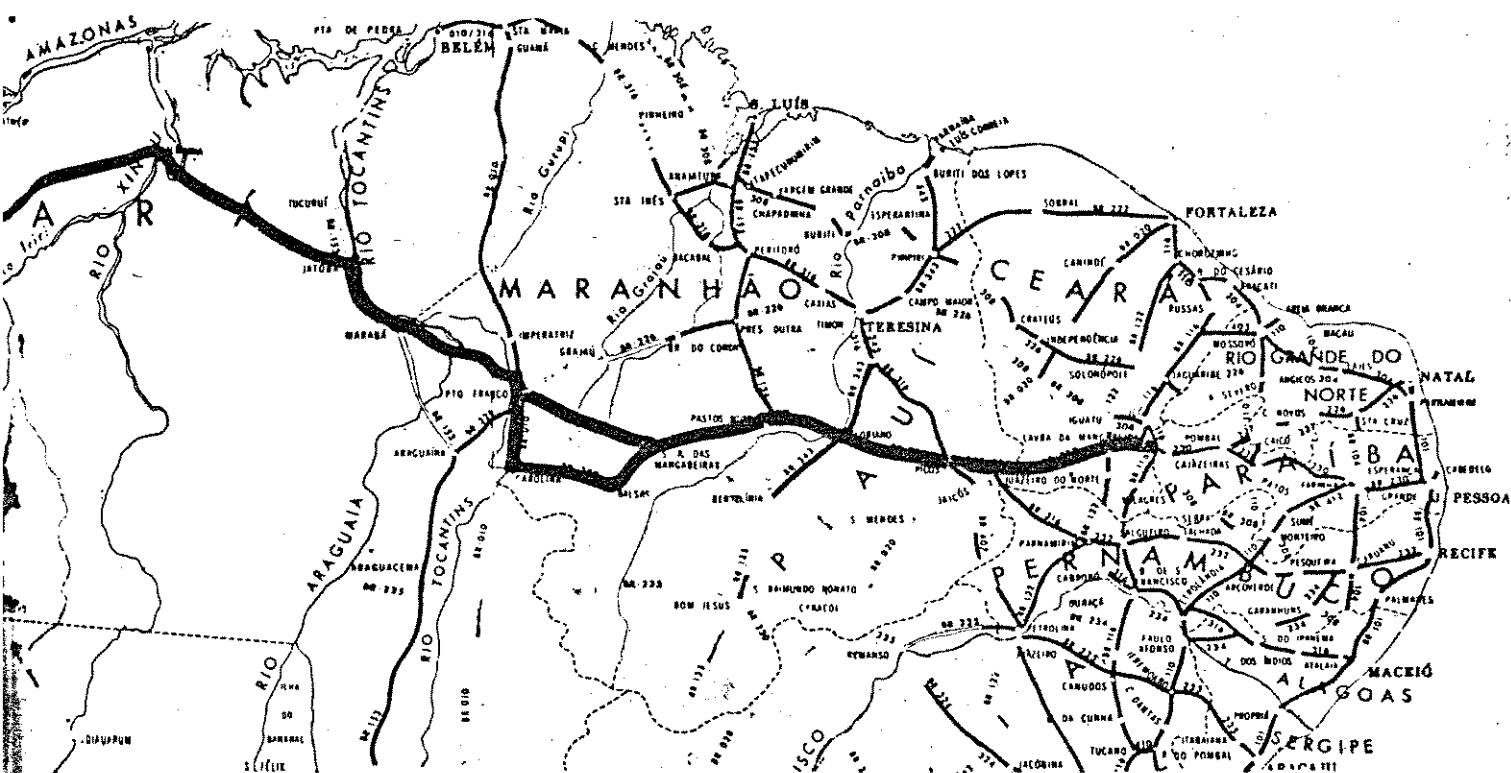
TEMOS PUBLICADO reações e esclarecimentos partidos de clubes e rotarianos de nosso País, à campanha difamatória contra ele no estrangeiro. Estão nesta revista, em setembro, 1970, pág. 5 e dezembro, 1970, pág. 17. A duas outras dessas manifestações damos guarida agora, só lamentando não as poder transcrever na íntegra o que, entretanto, se justifica até mesmo porque, evidente e naturalmente, divulgam verdades e como não há duas verdades, verdades diferentes sobre o mesmo assunto, em muitos pontos se repetem para só se diferenciarem certos aspectos particularmente cuidados como é o caso da PRIMEIRA por nós recebida e oriunda dos ex-Governadores dos Distritos 467 e 468 (Estado do Rio Grande do Sul) de Rotary International e dirigida aos seus companheiros de governadoria, oriundos de todos os países e regiões geográficas alcançadas pelo Rotary e com ela reunidos, em anos sucessivos, na Assembléia Internacional realizada anualmente em Lake Placid.

Iniciada com referência à situação do Brasil, em quarto lugar no número de Rotary Clubs e que, o coloca em conceituada posição relativa as liberdades e ao culto a pessoa humana, cita prova irrefutável dos efeitos da campanha de difamação, em fato que vale recapitular porque termina em consagração da verdade. Refere-se a realização da V. Assembléia Geral da Federação Mundial Luterana, em Porto Alegre, assim contando o que ocorreu:

"Desde há muito estavam em curso os preparativos para a realização desta V. ASSEMBLEIA na cidade de PORTO ALEGRE, com aproximadamente UM MILHÃO DE HABITANTES, Capital do Rio Grande do Sul, o Estado mais meridional do Brasil. O local fôra escolhido tomando em consideração que no sul do Brasil existem descendentes germânicos, em excepcional proporção, fazendo cerca de 25% da população e compostos tanto de católicos como também, em proporção bem elevada, de protestantes.

Por ocasião dessa Assembléia Mundial Luterana devia ser inaugurado o novo Templo Evangélico em Porto Alegre, um dos mais lindos e modernos do Brasil. Com dedicação, muito trabalho e consideráveis gastos tinham sido feitos todos os preparativos para garantir o perfeito desenrolar de tão importante evento, quando, no último instante, só seis semanas antes da data aprazada, a Federação Luterana Mundial com sede em Genebra, resolveu CANCELAR a reunião na Capital riograndense, transferindo-a para a cidade de Evian, sob o argumento mais do que estranhável, de que não se via com bons olhos o Governo Brasileiro, sem que alguém se tivesse interessado em informar-se com exatidão sobre a situação verdadeira de nosso País, ao invés de dar ouvidos a uma campanha difamatória irresponsável.

Naturalmente, foi geral a justa revolta aqui, trazendo como resultado a decisão do Pastor Dr. HANS MARTIN HELBICH, de Berlim, no sentido de empreender uma viagem informativa de quatro semanas pelo Brasil, após cujo encerramento ele publicamente declarou, como tinha colhido as impressões mais favoráveis de tudo que lhe fôra dado ver e concluir.



Disse então, que preferira ver o GRANDE BRASIL, em vez da pequena cidade de Evian. Disse mais, que chegado a Berlim iria dar uma entrevista coletiva à imprensa, "transmitindo a boa impressão que colhera de todos os setores com que mantivera contato, inclusive com a Igreja Católica".

"PREFERI CONHECER O GRANDE BRASIL..."
Por certo que o Dr. Helbich ao fazer esta declaração, não quis se referir à grande extensão territorial do Brasil, de 8.500.000 quilômetros quadrados, nem à sua população, de quase 100.000.000 de habitantes. Para isso não precisaria vir ao Brasil.

O Sr. Pastor DR. MARTIN HELBICH, quis dizer por certo, que visitara Brasília, nossa moderna capital, construída na mais moderna arquitetura urbanística, no centro de uma rede de cidades satélites e que apesar de ter apenas DEZ ANOS, conta com mais de 500.000 habitantes.

O Sr. HANS HELBICH quis dizer que viu São Paulo que, com seus 6.000.000 de habitantes e o maior centro industrial da América do Sul.

O Sr. HANS HELBICH de certo quis dizer que tomou conhecimento de que o Brasil, em 1968, produziu 8.000.000.000 de dólares americanos, dos quais exportou cerca de 2.000.000.000 de dólares. E em 1970 a nossa exportação atingirá a 3.000.000.000 de dólares.

A seguir, a mensagem enuncia feitos e recapitula números que não transcrevemos aqui porque constantes do segundo documento noticiado mais adiante. Mas, por não se lerem ali, ainda citaremos a referência ao crescimento de novas reservas em

dólares... Com um total de cerca de 1.000.000.000 dólares em disponibilidade no FUNDO MONETÁRIO das Américas do Sul e Central, pela primeira vez, colocando-nos em primeiro lugar nesse Organismo Internacional e bem assim, à estrada transamazônica nele mais minuciosamente apresentada, verbis:

"TRANSAMAZÔNICA. Esta estrada cujo clichê publicamos acima, pelo arrojado de seu traçado e de sua iniciativa, está empolgando, não apenas a nós brasileiros, mas a todos que dela tomaram conhecimento. Ligará os dois grandes oceanos, ATLÂNTICO e PACÍFICO, numa extensão de 7.000 quilômetros, sendo que 5.000 no Brasil e 2.000 no Peru. Há dias, o nosso Presidente GARRASTAZU MÉDICI deu início à parte brasileira, a qual foi começada em quatro frentes. De CEM em CEM quilômetros será construído um núcleo residencial a fim de favorecer a colonização".

"Companheiros da Europa, amigos de LAKE PLACID, este foi, em linhas gerais, o GRANDE BRASIL que o Sr. Pastor HANS MARTIN HELBICH veio conhecer. E é possível que, após a sua partida, ele já tivesse conhecimento de que o nosso Congresso havia decretado uma lei a qual havia sido remetida pelo Presidente MÉDICI que a sancionou, permitindo a participação dos empregados nos lucros das empresas onde trabalham. Esta medida constava na Constituição de 1946, mas até agora não havia sido regulamentada. A ideia era antiga, mas só agora entrou em vigor, sob um caráter mais humano, e mais social, portanto".

DO SEGUNDO DOCUMENTO, elaborado este pelos Rotary Clubs de São Paulo e ora em divulgação para melhor conhecimento interno, porque exter-

AGOSTO, 1971

namente foi amplamente difundido em 7 idiomas, por todos os Rotary Clubs existentes, destacamos os trechos a seguir:

"A HISTÓRIA DO BRASIL contemporâneo é a história de um sucesso. De um sucesso sem precedentes nesta parte do mundo e claramente discernível no último triênio, baseado nas grandes transformações sócio-econômicas ocorridas no Brasil desde 1964, embora o seu impacto não tenha ainda sido devidamente equacionado no exterior. É uma história impressionante de restauração moral, política e econômica de um País-chave por sua localização geográfica, por ser o quinto do mundo em superfície e o oitavo em população, e por situar-se, face ao seu índice atual de progresso, no estágio de "take-off" rumo ao desenvolvimento.

Os rotarianos brasileiros julgam seu dever levar esses fatos ao conhecimento de seus companheiros em todo o mundo, apresentando aqui uma exposição sucinta do que ocorre em seu País. Quanto à sua veracidade, os rotarianos do Brasil, homens responsáveis, líderes em suas profissões, idealistas e sem outro compromisso que o de respeitar a verdade e zelar pelo progresso da Pátria, outorgam o seu endosso total".

"Em um mundo onde a violência se manifesta e se intensifica, não só entre nações subdesenvolvidas, pobres ou sem tradição de paz e de respeito às leis, mas também entre povos líderes do desenvolvimento social e econômico, o BRASIL é um País que sempre primou por sua índole pacífica e seu respeito às liberdades individuais. Atestam-no os estrangeiros que aqui vivem e prosperam. É uma característica que remonta aos nossos ancestrais portugueses, os primeiros europeus que aqui aportaram, de quem herdamos a tolerância racial, religiosa e política. São princípios que o Brasil sempre defendeu perante as Nações Unidas.

Nossa independência política, a abolição da escravatura, a queda do regime monárquico e o estabelecimento da República, e até mesmo os nossos movimentos revolucionários de nacionalidade em formação, concretizaram-se praticamente sem derramamento de sangue. Assassinatos políticos são raridade no Brasil. E todas as disputas territoriais que tivemos na nossa extensa fronteira têm sido resolvidas por acordos e arbitramentos, não pela espada. Mas somos apontados como cruéis e torturadores, exatamente porque estamos derrotando os arautos da violência com a arma poderosa do progresso sob a Democracia.

Espalhados na hinterlândia brasileira vivem cerca de 170.000 índios — 100.000 aculturados e pacificados e 70.000 nômades. — 0,18% da população brasileira. Devido a seu nível cultural baixíssimo e à sua pouca resistência às enfermidades dos brancos, vivem separados, porém livres, em suas extensas e férteis reservas tropicais, recebendo ajuda especial da Fundação Nacional do Índio. Como aconteceu, e acontece, em todos os países do novo mundo por eles habitados, esporadicamente entram em choque com desbravadores de terras, mas a política nacional sobre o índio é de proteção e assistência, jamais de perseguição.



Jovens índias aprendem a costurar.
(Colaboração da União Cultural Brasil-Estados Unidos-São Paulo)

Recebemos mais de cinco milhões de imigrantes europeus, africanos e asiáticos. Com seus descendentes, aqui vivem pacificamente, gozando dos mesmos direitos e cumprindo seus deveres em ambiente isento de preconceitos. Muitos deles aqui desenvolveram suas habilidades artesanais, e se transformaram em grandes chefes de indústrias. O nosso Presidente EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI, é descendente de espanhóis e italianos. O Prefeito de São Paulo, filho de imigrantes libaneses, conta entre seus assistentes diretos uma imigrante israelita procedente da Alemanha. Temos a maior colônia japonesa fora do Japão, uma das maiores populações negras fora da África e na cidade de São Paulo existem 80 nacionalidades diferentes, todas convivendo sem ódio racial, porque ali não há clima para isso.

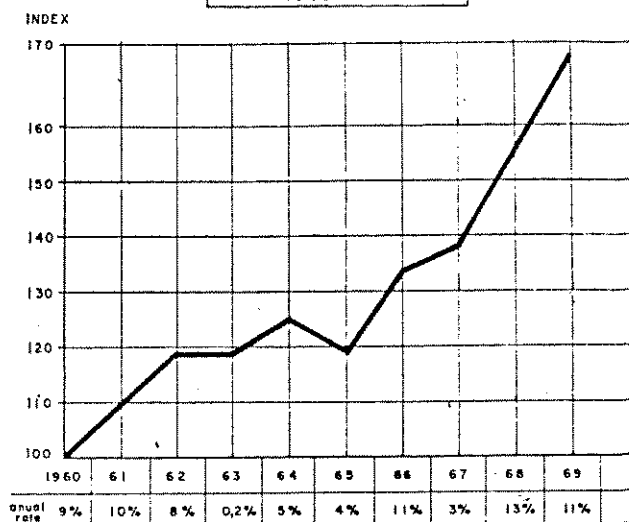
O Brasil dá testemunho, hoje, de uma intensa vida cultural e artística. Não só multiplicaram-se as universidades e escolas, como o Governo criou instrumentos eficazes de estímulo à difusão da cultura. O movimento editorial nunca atingiu índices tão marcantes. A produção cinematográfica (90 a 100 filmes por ano) e a montagem teatral, equiparam-se em qualidade e número ao que se faz nos grandes centros do mundo. Os meios de comunicação — como TV, Rádio, Jornais, Revistas e publicações de toda a espécie — cobrem o País. E prova eloquente de que não há no Brasil restrições à liberdade de expressão, pois sem essa liberdade a cultura e a arte não poderiam se expandir.

"É intenso em todo o País o programa de construção de pontes e rodovias, tendo sido pavimentados em 1969, 4.500 km (2.800 milhas), total superado por poucos países. Após a construção de uma rodovia central, ligando Belém, na Amazônia, ao Sul industrializado, iniciam-se agora, em ritmo acelerado, outras obras rodoviárias cortando a hinterlândia e desbravando terras novas. Os programas de construção e reaparelhamento de portos não têm precedentes na História do Brasil. O mesmo se pode afirmar com relação ao progresso das comunicações telegráficas e telefônicas, e à construção de casas populares.

A expansão do ensino é espetacular. Em apenas seis anos houve um aumento de 40% nas matrículas do curso primário, de 120% nos cursos de nível médio e de 160% no nível universitário, e os programas previstos para os próximos anos garantem a continuação desse ritmo. Atualmente o Brasil investe 5% do seu PIB na Educação. No Estado de São Paulo 31% das verbas orçamentárias têm o mesmo destino. Com a adesão entusiástica dos Rotary Clubs está em andamento em todo o País um programa gigantesco que prevê a alfabetização de 5 milhões de adultos entre 14 e 35 anos de idade nos próximos quatro anos. É esse esforço educacional está sendo compreendido pela juventude universitária brasileira que, ao invés de fomentar agitações estéreis se lança com entusiasmo em um programa de estabelecimento de "campi" avançados na hinterlândia, com a participação do governo e da iniciativa privada, para capacitar-se dos problemas e da potencialidade dessas regiões, contribuindo para o seu desenvolvimento. É o "Projeto Rondon", que já está servindo de modelo a projetos semelhantes em outros Países.

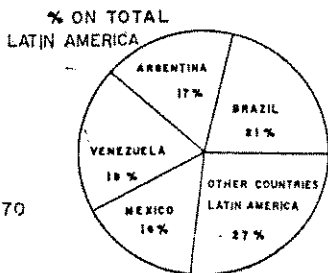
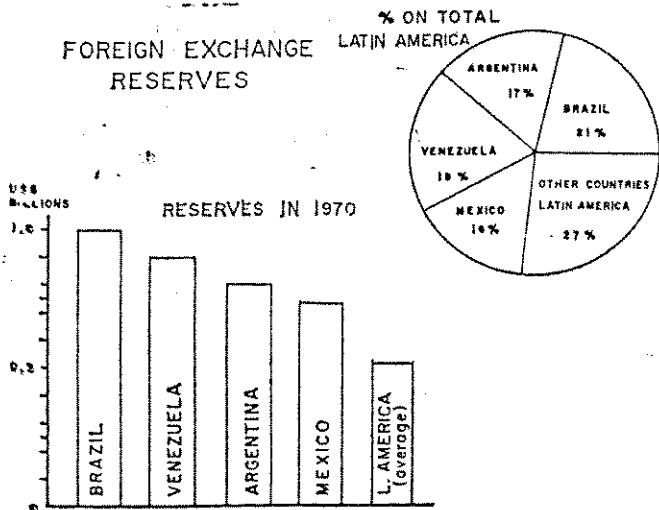
A coordenação dos nossos projetos hidrelétricos, a interligação crescente dos sistemas e uma correta política nacional de tarifas resultaram numa grande expansão dessa indústria. A capacidade instalada no País já supera os 11 milhões de KW. O consumo "per-capita" eleva-se a 430 KWH, alcançando cerca de 940 KWH, no Estado de São Paulo, onde apenas um conjunto hidrelétrico, em funcionamento parcial, terá uma capacidade final de mais do dobro da famosa usina egípcia de Assuan.

BRAZIL
INDUSTRIAL DEVELOPMENT
1960 / 69

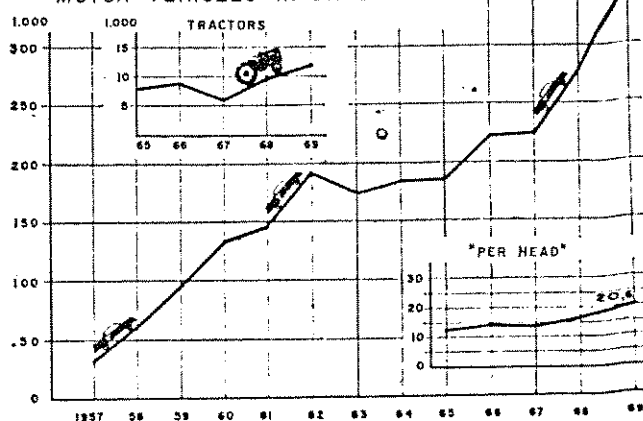


É também impressionante o progresso de outras indústrias. Este ano o Brasil exportará cerca de 24 milhões de toneladas de minério de ferro, a produção anual de aço já é superior a 5 milhões de toneladas e grandes investimentos estão programados nesse setor. No último quinquênio a produção de petróleo aumentou 76% e no refino o País já é praticamente autosuficiente. A produção de cimento este ano será superior a 9 milhões de toneladas, colocando o Brasil como o segundo maior produtor do Hemisfério, logo após os Estados Unidos.

FOREIGN EXCHANGE RESERVES



EVOLUTION OF THE PRODUCTION OF MOTOR-VEHICLES IN BRAZIL



Este ano sairão das fábricas brasileiras 400.000 veículos a motor, com índices de nacionalização que se aproximam de 100% e que irão aumentar a frota já existente de 3,5 milhões de veículos. O Brasil começa agora a fabricar aviões bi-motores em escala comercial e os seus estaleiros navais trabalham a todo vapor. As encomendas de navios, no Brasil e em estaleiros estrangeiros, alcançam 1.200.000 DWT, inclusive duas unidades de 130.000 DWT. E a participação da frota nacional nos fretes relativos ao comércio exterior do País aumentou de 22% em 1963 para 34,3% em 1969".

"As últimas estimativas de safras são alvissareiras, com aumentos pronunciados sobre as anteriores, especialmente quanto ao soja (35,1%); trigo (30%); milho (29,2%); arroz (26,3% e cana-de-açúcar (23,4%). O trigo tem sido tradicionalmente o segundo item da pauta de importação, mas a próxima safra será recorde, cobrindo a metade do consumo nacional. O crescimento da produção agrícola este ano é calculada em 9%.

"Devido a acertada campanha promocional, verificou-se uma grande expansão das exportações. De um total de US\$ 1.400 milhões em 1963 alcançaram a cifra recorde de US\$ 2.250 milhões em 1969, esperando-se que em 1970 se atinja o nível de US\$ 2.900 milhões.

Essa expansão reflete não apenas maiores vendas de produtos tradicionais, como também maior diversificação nas categorias de produtos exportados. Assim, o café, que até há alguns anos atrás correspondia a dois terços das exportações,

contribuiu em 1969 com apenas 35,8%. Os produtos manufaturados já são o segundo item da pauta de exportações, com US\$ 283 milhões, ou 12,4% do total, em 1969, esperando-se que em 1970 as vendas, nesta categoria ultrapassem US\$ 400 milhões. Com esse ritmo de expansão, as reservas cambiais atingem agora US\$ 1.300 milhões, nível alcançado por poucos países".

Finalizamos a transcrição com o convite formulado, nos trechos finais a seguir, pelos companheiros de São Paulo, para que venham constatar a veracidade do que afirmaram:

"Hospitalidade é uma qualidade reivindicada por muitas nações. Filho de um País onde a xenofobia e os preconceitos de raça e religião não têm guarida, onde o sangue de dezenas de nacionalidades diferentes se mistura harmoniosamente para a formação de uma raça nova, extrovertida e alegre, como a sua própria música e folclore o demonstram, o brasileiro recebe o estrangeiro de braços abertos, seja o visitante, seja aquele que imigra para o Brasil elegendo-o sua segunda Pátria. É devido a essa sinceridade e espontaneidade que alguns autores já o qualificam como o "homem cordial" por excelência.

Os rotarianos de todo o mundo são cordialmente convidados a testemunhar, pessoalmente, aqui no Brasil, a veracidade dessas nossas palavras".

Que nos venham ver os que, pessoalmente, desejarem conhecer a verdade, como fez o Pastor Dr. HANS MARTIN HELBICH, de Berlim, mencionado no início do trabalho elaborado pelos ex-Governadores dos Distritos 467 e 468 de Rotary Internacional.



Autoridades eclesiásticas e militares assistem solenidades entre índios.

(Colaboração da União Cultural Brasil-Estados Unidos-São Paulo). Foto do Jornal "O Estado de São Paulo".